

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

PLÍNIO, O VELHO, E A GENEALOGIA DAS ARTES

Ana Carolina Aquarolli Martins
Orientador: Prof. Dr. Paulo Martins

Versão Corrigida

São Paulo
2023

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

PLÍNIO, O VELHO, E A GENEALOGIA DAS ARTES

Ana Carolina Aquarolli Martins

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Martins

Versão Corrigida

São Paulo

2023

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Anuência do (a) orientador (a)

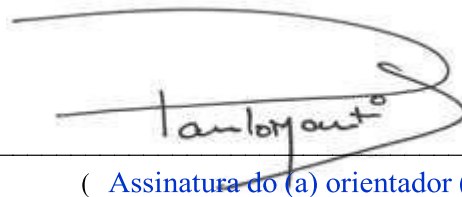
Nome do (a) aluno (a): Ana Carolina Aquarolli Martins

Data da defesa: 14/07/23

Nome do Prof. (a) orientador (a): Paulo Martins

Nos termos da legislação vigente, declaro ESTAR CIENTE do conteúdo deste EXEMPLAR CORRIGIDO elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me plenamente favorável ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no Portal Digital de Teses da USP.

São Paulo, 22/09/23



(Assinatura do (a) orientador (a)

*Para os meus avós, por todo o amor, carinho e cuidado.
Gratias ago maximas.*

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, a FAPESP, pela bolsa de mestrado concedida, sem a qual a realização da pesquisa aqui apresentada não seria possível¹.

A todos aqueles que fizeram parte da minha trajetória acadêmica até então: aos professores João Angelo Oliva Neto e Marcelo Vieira Fernandes, pelos tantos e tão ricos semestres de Língua Latina; a Alexandre Pinheiro Hasegawa e Marcos Martinho dos Santos, pela presença e auxílio durante a graduação em Latim; a Christian Werner, por me apresentar aos Estudos Clássicos, no primeiro ano de faculdade, e pelo apoio sempre.

Aos colegas do grupo Imagens da Antiguidade Clássica - IAC/USP - PROAERA/UFRJ, em especial àqueles que acompanharam o desenvolvimento desta pesquisa: Bruna Dourado Frasci, Letícia Rodrigues Ferreira, Luciana Mourão Maio, Lya Valéria Grizzo Serignolli, Henrique Verri Fiebig, Maria Ozana Lima de Arruda e Pedro Zanetta Brener.

Aos amigos, por quem tenho tanto carinho: Augusto Sarmento, Helio Pimentel Neto, Isabel Lopez, Mariana Marchini Leite Rodrigues e Victor Moraes.

Às minhas mais novas amigas bailarinas, pelo companheirismo e por me lembrarem de sonhos antigos, ora realizados: Anna Beatriz Simões de Almeida Idogava, Camila Moraes Guerrero e Maria Beatriz Almeida.

À minha família, pelo amor incondicional e pelo apoio constante, em especial aos meus pais, Maria Cristina e Eduardo Martins, e à minha irmã, Ana Beatriz Aquarolli Martins. Também é incondicional o amor que sinto por vocês. Muito obrigada por tudo, sempre.

Ao meu companheiro, Maurício Paschoareli de Jesus, pelo amor, respeito, horas de estudos compartilhadas e por plantar a semente da vida acadêmica tantos anos atrás. Também graças a você, os anos de pesquisa renderam este fruto, que aqui apresento.

Por fim, ao meu orientador, Paulo Martins, pelo carinho e paciência, pelas risadas e aprendizados dos últimos oito anos e por ter sugerido, desde o começo, que eu estudasse Plínio, o Velho, tema deste trabalho.

¹ Processo nº 2020/02722-7, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

RESUMO

A pesquisa em questão tem como objetivo a investigação dos volumes XXXIV, XXXV e XXXVI da *Historia Naturalis* de Plínio, o Velho, a partir de questões ligadas às histórias das artes. Assim, são apresentadas aqui a tradução dos livros mencionados e um glossário de termos indicativos dos nomes das peças artísticas, de procedimentos, técnicas e efeitos empreendidos sobre elas. Foi feito também um elenco de artífices (*auctoritates*) citados por Plínio, identificando seus critérios de seleção. Algumas características comuns entre os três livros – lugares comuns e procedimentos argumentativos e elocutivos – foram também analisadas, em especial a presença de anedotas, acerca das quais buscamos comentar questões como funcionalidade, estrutura e fontes.

PALAVRAS-CHAVE: *Historia Naturalis*; arte pictórica; arte plástica; doutrina das artes; enciclopédia.

ABSTRACT

This research examines the volumes XXXIV, XXXV e XXXVI of the *Natural History* by Pliny the Elder from the perspective of the stories about the arts. Therefore we present a translation of those volumes and a glossary of terms that indicate the name of the artistic pieces and works, procedures, techniques and impressions related to them. A catalogue of artists mentioned by Pliny and the identification of the criteria for this selection was also made. Some common characteristics between the books such as common topics and procedures of argumentation and style were analysed, especially the presence of anecdotes, about which we comment on matters of functionality, structure and sources.

KEYWORDS: *Natural History*; pictorial art; plastic art; arts doctrines; encyclopedia.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	8
1. PROCEDIMENTOS ARTÍSTICOS E EFEITOS	10
2. OS ARTÍFICES E SEUS CRITÉRIOS DE SELEÇÃO.....	15
3. AS ANEDOTAS COMO PROCEDIMENTO ARGUMENTATIVO	20
4. TRADUÇÃO	35
4.1. Livro XXXIV	35
4.2. Livro XXXV	69
4.3. Livro XXXVI	111
BIBLIOGRAFIA.....	154
ÍNDICE DE ARTÍFICES	161
ÍNDICE DE TERMOS REFERENTES A OBRAS, TEMPLOS, LOCAIS E CONSTRUÇÕES RELEVANTES.....	165

APRESENTAÇÃO

A *Naturalis Historia* foi a única obra de Plínio, o Velho, a chegar até nós; dedicada a Tito, filho do então imperador Vespasiano, foi terminada em 77 d.C., dois anos antes de sua morte durante a erupção do Vesúvio em Pompeia.

Originalmente composto por trinta e seis volumes, é referido por muitos como uma “enciclopédia”, embora seja anacrônico o termo², e engloba diferentes assuntos que hoje conhecemos por astronomia, geografia, zoologia, botânica, mineralogia etc.

Apresentaremos aqui uma tradução integral de três desses volumes – os livros XXXIV, XXXV e XXXVI. Interessa-nos, em particular, o conjunto formado por esses três livros, uma vez que entendemos que eles compõem um grupo coeso, centrado no estudo dos minerais e nas possíveis aplicações desses pigmentos, pedras e metais nos campos da medicina e das artes.

Ao mesmo tempo, ainda que este trabalho tenha as artes e suas origens como enfoque, a tradução aqui apresentada não se limita aos trechos ditos “sobre as artes”, uma vez que esses não devem ser vistos isoladamente ou como um propósito único dos livros aqui examinados; o título mesmo da obra já revela seu objetivo – o estudo sobre a natureza, seus elementos, processos de funcionamento, e como se dá a interação entre ela e os homens. A disjunção entre a medicina e as artes não atenderia às concepções antigas de natureza e de *techné* que as unem.

Uma vez que a relação entre esses conceitos e o campo das artes será examinado mais adiante³, visto que é o foco mesmo deste trabalho, ressalto aqui sua relação com a medicina, apresentada por Cairus:

A natureza tem, segundo esses princípios aqui apresentados, uma predisposição à saúde, uma tendência ao equilíbrio, que, se rompido, deve ser retomado por meio de algo a que os gregos chamavam de *tékhne*, ou seja, um conjunto de saberes direcionado a uma aplicação com praticidade funcional. A medicina é uma *tékhne*. Ela é um conjunto de saberes que se dedica ao restabelecimento da saúde, do estado natural de equilíbrio. Para isso, a *iatrikè tékhne*, nome que os gregos davam à medicina, dispunha de um instrumental com o qual dialogava com a natureza, e esse instrumental era formado pelo fármaco, pela dieta e mais raramente pelas manobras físicas. A medicina é, assim, um elemento da cultura que dialoga com a natureza, através de seus instrumentos próprios, e procura restituir à natureza o que lhe foi tirado pelos excessos inerentes à cultura⁴.

² Para uma explicação sobre o conceito de *enkyklios paideia* (ἐγκύκλιος παιδεία), cf. Naas, pp. 18-20.

³ Sobre a relação entre as artes, *techné* e natureza cf. item 1.3, “*Veri similitudo*”.

⁴ Cairus, 2008, p. 23.

Além disso, precederá a tradução um comentário introdutório muito breve, cujo intuito é elucidar algumas questões importantes à compreensão desses volumes. Assim, neste primeiro capítulo, elencaremos, primeiro, alguns termos indicativos de técnicas e efeitos empreendidos sobre peças artísticas (item 1). Num segundo momento, trataremos dos artífices mencionados pelo autor e dos critérios para a seleção deles (item 2).

Por fim, abordaremos as anedotas, principal procedimento argumentativo, comum aos três livros aqui trabalhados, a fim de observar sua funcionalidade, estrutura e fontes (item 3). Após essa curta introdução, será apresentada a tradução (item 4) seguida de um índice reunindo os nomes desses artífices bem como suas obras.

As edições utilizadas para a tradução são a de H. Rackham para os livros XXXIV e XXXV e a de Eichholz para o livro XXXVI (Harvard University Press, 1984 e 1989, respectivamente), cotejadas com a de Silvio Ferri (BUR Rizzoli, 2018) e as de H. le Bonniec do livro XXXIV, Jean-Michel Croisille do livro XXXV e de R. Bloch do livro XXXVI (Les Belles Lettres, 1953, 1997 e 1981, respectivamente). Foram também consultadas as próprias traduções das edições mencionadas acima bem como os trechos selecionados do livro XXXV traduzidos por Antonio da Silveira Mendonça (*Revista de História da Arte e Arqueologia*, 1996).

Apresentamos também uma pequena tabela de unidades de medida utilizadas e suas equivalências com o Sistema Internacional de Unidades. As equivalências entre as datas apresentadas em Olimpíadas ou em anos desde a fundação de Roma e os anos da Era Comum são apresentadas em nota.

1. PROCEDIMENTOS ARTÍSTICOS E EFEITOS

Em relação aos volumes que tratam, dentre outras assuntos, das histórias das artes, é preciso destacar alguns dos termos que se referem a determinadas técnicas e efeitos dos quais os artífices lançam mão durante a elaboração de suas obras. Embora alguns deles sejam nominalmente mencionados e até explicados, e não seja o intuito desta seção nos estendermos sobre cada um deles, parece-nos proveitoso expô-los de antemão de modo a auxiliar o entendimento deles e da obra.

A começar pela arte escultórica, em seu livro *Statues in Roman Society*, Peter Stewart busca definir *Statua*, *effigies* e *simulacrum* além de outros termos relativos à estatuária. As esculturas, aos romanos, embora exercessem diferentes funções em muitos contextos, eram vistas todas como um tipo particular de objeto⁵. Contudo, diferentes palavras eram usadas para designar os diferentes tipos de estátuas, três das quais conceitualizaremos aqui. *Statua* refere-se comumente a estátuas de mortais cuja função não seja especificada ou relevante⁶. Já a diferença entre *effigies* e *simulacrum* é extensamente explorada tanto no que concerne às *imagines* verbais como às plásticas por Martins⁷. *Effigies*, em sua etimologia, relaciona-se a *effingere*, que, por sua vez, diz respeito ao ato de modelar a partir de algo, manipular; segundo Martins,

Effingere é mais do que mera representação, é construção da imagem – que contém características específicas do representado, sem as quais é impossível discernir se alguém é “A” ou “B”. É justamente a partir da ação desse verbo que se obtém a *euidentia*, descrição acumulativa de características físicas e anímicas próprias do objeto modelo [...].⁸

Esse verbo refere-se, em especial, à modelagem que utiliza a cera⁹ e à confecção de retratos, embora a prática também se sirva de outros suportes, como a argila¹⁰. Quanto à materialidade plástica das *effigies*, ela “é verificada pelas marcas de expressão fisionômica e pelos ‘defeitos e imperfeições’, por assim dizer, que estão decalcados à natureza absolutamente imperfeita de homens tal qual os encontramos cotidianamente”¹¹, embora também seja usado o termo, de modo amplo, em referência a estátuas de homens ou deuses¹². Ao contrário, o *simulacrum*,

⁵ Stewart, 2003, p. 20.

⁶ *Idem*, p. 22.

⁷ Martins, 2021.

⁸ Martins, 2011, p. 120.

⁹ Martins, 2021, p. 229.

¹⁰ *HN*, XXXV, 151.

¹¹ Martins, 2021, p. 229.

¹² Stewart, 2003, p. 24.

termo latino que corresponde ao sentido de *εἶδωλον*, em grego, associa-se à imagem divina ou, como no caso da pintura de Helena feita por Zêuxis¹³, à imagem *divinizante* que “distancia-se da realidade e ganha contornos ideais, já que não ocorre no mundo sensível”¹⁴: a beleza da Helena de Zêuxis se aproximaria, portanto, de uma beleza divina¹⁵, caracterizando a imagem também como um *simulacrum*. Cognato do verbo *simulare*, também definido por Martins¹⁶ como “representar uma coisa como inexistente, assumir a aparência de, simular”, ressaltamos aqui o “caráter imitativo e inverídico do resultado da representação”. Ainda segundo Martins¹⁷, esse verbo “impõe certo juízo de que o objeto representado não seja verdadeiro [...], e ainda, dada a impossibilidade de confronto entre aquilo que dá origem e aquilo que é originado a partir de algo, obtêm-se representações de coisas inexistentes e ‘inventadas’”.

Em se tratando de estátuas, é preciso mencionar ainda um tipo específico de estátuas. São elas as *statae iconicae*. O termo *iconicus*, também em português, apresenta o sentido de uma imagem reproduzida com exatidão, mas, embora apareça apenas duas vezes, é importante explicá-lo em mais detalhes. A primeira ocorrência em XXXIV,16 refere-se às estátuas erigidas aos vencedores em Olímpia, e é seguida da definição “semelhante aos próprios membros”. Já em XXXV, 57, o termo é relacionado à pintura feita por Paneno da batalha entre atenienses e persas ocorrida em Maratona, caracterizando as representações dos comandantes como também icônicas. Em nenhum dos casos trata-se de uma reprodução exata dos rostos: no primeiro, o termo “icônicas” seguido de sua definição diz respeito a estátuas em tamanho natural ou fisicamente semelhantes; no segundo, a uma “representação total” dos indivíduos retratados, não mais uma imagem padronizada, mas um personagem reconhecível por seus atributos¹⁸.

Uma vez abordados conceitos relativos à estatuária, tratemos agora daqueles referentes a todas as artes descritas por Plínio de modo geral. A imitação executada à semelhança da realidade ou mais próxima possível dela – a *veri similitudo* – é um dos principais critérios empregados pelo autor ao classificar as peças artísticas bem como os artífices e remonta a concepção antiga e a teoria aristotélica de “arte” como *techné* e como resultado da mimese, do processo de imitação da natureza¹⁹. Mas para além dessa conceituação, a noção de *similitudo* é especialmente importante, uma vez que se relaciona às concepções de *diligentia* e *gratia*.

¹³ HN, XXXV, 64, retomada mais adiante ainda nesta Introdução.

¹⁴ Martins, 2008, p. 93.

¹⁵ Martins, 2021, p. 238.

¹⁶ Martins, 2011, p. 124.

¹⁷ *Idem, ibidem*.

¹⁸ Cf. nota 16 (p. 70) e nota 57 (p. 176) em Plínio il Vecchio, 2018.

¹⁹ Martins; Amato, 2012, p.126.

A diligência e precisão em relação aos detalhes é também um dos critérios de avaliação em relação aos artífices e suas obras e muitas vezes refere-se ao cuidado com o processo de imitação e ao esforço em aproximar-se da natureza. Embora diga respeito à execução por parte do artífice, isto é, o cuidado associado a um exame mais detido do modelo observado, a *diligentia* tem um efeito sobre as obras; tal qual o artífice faz com que uma representação se aproxime ao máximo da imagem captada pelos seus olhos, essa imagem será também captada pelos outros indivíduos que a observam. A *diligentia* para se obter a maior semelhança com a realidade é necessária à mimese, uma vez que o prazer associado a esta é duplo, conforme lembra Martins, ao retomar Aristóteles, “ora está ligado ao intelecto, ora à sensibilidade”; a forma intrínseca obtida pelo artista seria responsável por provocar o prazer sensível, já a semelhança com o modelo “propicia prazer intelectual, pois verifica a habilidade do construtor da imagem no construir”²⁰.

A *diligentia* relaciona-se também à *charis* uma vez que pode ser excessiva; neste caso, o resultado da diligência em demasia, como ocorre com Apolodoro ou Protógenes, mencionados adiante, seria a obra desprovida de *gratia*²¹.

Esta é uma das possíveis qualidades atribuídas por Plínio a uma obra, também chamada *charis* (χάρις) e mencionada em XXXV, 79. De modo geral, o termo faz referência à aparência exterior e a uma certa beleza²².

A *charis* também se relaciona a *rhythmos* – medida, proporção, arranjo, ordem – ao compor a noção de *eurythmia*, presente em Vitruvius. Esta, por sua vez, seria a “a forma exterior elegante [*venustas species*] e o aspecto agradável na adequação das diferentes porções”²³. Percebe-se que, no que concerne à arquitetura, o conceito de *eurythmia* diz respeito não apenas a uma beleza das linhas, mas a uma harmonia, um movimento que seja agradável ou gracioso, que também transparece ao pensarmos na *charis*. Visualmente, e particularmente nas artes, ela pode ser tida, enquanto qualidade da representação, como um movimento do corpo ou dos membros compondo linhas sinuosas.

Embora não seja empregado nos livros de Plínio, o termo que caracteriza essa beleza exterior ou a aparência atraente, *venustas*, é. E em uma dessas ocorrências, o adjetivo é empregado como caracterizando a maneira segundo a qual passaram a ser feitas as bocas (“*venustatem oris*”) por Parrásio (XXXV, 67). Quintiliano também menciona Parrásio e seu

²⁰ Martins, 2011, p. 89.

²¹ Perry, 2000, p. 452.

²² LS, p. 1978.

²³ *De Arch.*, 1, 2, 3. Tradução de M. Justino Maciel.

tratamento preciso das linhas²⁴. Em se tratando da representação da boca e de suas linhas, é possível relacionar também a noção de *venustas*, tal como a de *charis*, à sinuosidade dos traços, às curvas e ao movimento.

Eurythmia é, também em Vitruvius, relacionada à *symmetria* como um dos elementos que compõem a arquitetura.

O atributo da *symmetria* diz respeito não a uma simetria bilateral, mas às proporções em uma figura cujas partes são comensuráveis. No que concerne à arquitetura, trata-se do equilíbrio entre as partes que compõem uma obra, sua comensurabilidade. Vitruvius toma como base para a *symmetria* que atribui a edificações a *symmetria*, as proporções, entre os diferentes membros do corpo. A estátua feita por Policleto chamada “Cânone” (*HN*, XXXIV, 55) seria algo como a materialização dessas proporções no campo das artes²⁵.

Rythmos e *symmetria* são ainda mencionados por Diógenes Laércio sobre a produção do escultor Pitágoras de Régio²⁶. A aproximação entre esses dois conceitos remete também às noções apresentadas acima e é explicitada por Vitruvius: a *eurythmia* é observada quando todos os elementos correspondem às proporções²⁷, promovendo um arranjo harmonioso. Como exposto por Thomas, a *eurythmia* do corpo humano, sujeita à ideia de “graça” (*charis*) e de movimento, tornou-se o fator determinante de uma arquitetura bela²⁸.

Outro aspecto também inspira a percepção de uma obra como detentora de graça e admiração. Embora não seja propriamente mencionada como técnica, a noção de *poikilia* pode ser observada em diferentes momentos ao longo dos volumes aqui estudados, uma vez que o termo se aplica a diferentes artes, da pintura à torêutica, e contextos, podendo-se referir ainda à poesia, à medicina, à retórica²⁹. A variação, ou variedade, como pode ser traduzida, é o efeito produzido pela reunião de diferentes cores, materiais, padrões ou ornamentações em uma obra, mas de maneira harmônica e organizada, de modo que os elementos não se fundam, mas se reúnam de modo ordenado sem que ocorra uma dissolução, e, sim, uma justaposição, capaz de provocar contrastes e uma certa complexidade visual³⁰. Essa variação contribui para a vividez

²⁴ Quint., *Instit.*, 12, 10, 5.

²⁵ D. Stansbury-O'Donnell, 2015, p. 243.

²⁶ D. L. 8, 1, 47.

²⁷ *De Arch.*, 1, 2, 3. Tradução de M. Justino Maciel.

²⁸ Thomas, “The Beauties of Architecture”, em Destrée; Murray, 2015, p. 276. Edmund Thomas faz uso desses conceitos também para entender o trecho em que Plínio trata de quais seriam “as mais belas obras que o mundo já viu” (*HN*, XXXVI, 102).

²⁹ Grand-Clément, “Poikilia”, em Destrée; Murray, 2015, pp. 406-407.

³⁰ Grand-Clément, “Poikilia”, em Destrée; Murray, 2015, p. 409.

dos objetos artísticos, tornando-os animados, seja pelo reflexo da luz, pelo brilho ou pelos contrastes³¹.

A colocação de um tubo de ouro sob as junções de mármore em um templo, relatada em XXXVI, 98³², é um exemplo do efeito de reavivamento provocado nas e pelas estátuas; tanto a variedade de materiais – marfim, mármore e ouro – como os reflexos e contrastes provocados pela luz promovem o que Grand-Clément afirma ser um “truque visual”, que desperta o fascínio e intriga os observadores³³. Em se tratando de estátuas dedicadas a deuses, o processo de reavivamento se torna parte essencial do culto, revelando a própria presença e poder do deus em questão no momento de epifania divina³⁴.

Outro exemplo relevante, que também contribui para o entendimento do conceito de variedade, são os mosaicos³⁵, formados por pequenas pastilhas – ora pedras coloridas, ora revestidas, folheadas ou tingidas em diferentes cores (*tinctis in varios colores*) – dispostas ordenadamente de tal modo a formar uma nova imagem inteligível; as sombras e reflexos criados pela luz quando em contato com as pastilhas pintadas e justapostas de modo pré-determinado promovem também o efeito de vividez produzido pelo contraste e pela modulação (método de composição a partir de unidades independentes³⁶).

³¹ Grand-Clément, “Poikilia”, em Destrée; Murray, 2015, p. 409.

³² “Também perdura um templo, em Cízico, no interior do qual foi dedicado um Júpiter em marfim com um Apolo de mármore coroando-o, obra na qual o artífice posicionou um tubo de ouro sob todas as junções de mármore polido. Assim, elas reluzem por meio dos tênues filamentos e, com uma brisa suave, revivem as estátuas” (HN, XXXVI, 98).

³³ Grand-Clément, “Poikilia”, em Destrée; Murray, p. 412.

³⁴ Chaniotis, 2017, p. 99.

³⁵ “Os pavimentos têm sua origem entre os gregos como uma arte elaborada, primeiro utilizando o método da pintura, até que as coberturas de mosaico o substituíram. O mais célebre nessa arte foi Sosus, que propagou por Pérgamo o que chamam “cômodo não varrido”, já que havia reconstruído, a partir de pequenos quadrados pintados em várias cores, como se tivessem sido deixadas, sujeiras da refeição no piso e outras que costumam ser varridas. Algo extraordinário no espaço é um pombo bebendo e também encobrendo a água com a sombra de sua cabeça; outros também se aquecem sob o sol enquanto se esfregam com o bico na beira de um cântaro” (HN, XXXVI, 184).

³⁶ Melo, 2019, p. 75.

2. OS ARTÍFICES E SEUS CRITÉRIOS DE SELEÇÃO

Ao elaborar seu elenco de artífices, ou *auctoritates*, Plínio baseia-se em critérios específicos, sejam eles aspectos relativos às obras, sejam características do “fazer artístico” dos próprios artífices; essas últimas, muitas vezes semelhanças ou diferenças entre um artífice e seu antecessor ou sucessor são, na verdade, critérios de emulação, e essenciais também à marca de autoridade do próprio autor, como será visto.

Mas é preciso, antes, retomar o conceito de *mimese/imitatio* e explicitar seus dois possíveis sentidos, que podem ser apreendidos em XXXIV, 61. No trecho, é mencionada uma fala do pintor Eupompo: quando questionado sobre qual de seus antecessores imitava, respondeu que a natureza deveria ser imitada, não um outro artífice³⁷.

Logo, em relação às atividades ditas artísticas, *imitatio* diz respeito tanto à imitação da natureza pelo engenho humano, como à imitação realizada por artífices de outros artífices, prática também, e principalmente, declamatória, em que o estudante de retórica propriamente imita, ou emula, o rétor ou os modelos (obras ou artífices exemplares de uma geração anterior) apresentados por ele³⁸.

A recolha feita por Plínio diz respeito, em grande parte, ao segundo sentido de imitação, em que um artífice emula outros anteriores ou contemporâneos a ele, e, ao longo desse processo, as artes transformam-se ao longo do tempo, tornando-se mais elaboradas. Tomando como base o exposto por Kennedy, segundo Veleio Patérculo, o processo de emulação estimularia o engenho dos artífices e desenvolvimento das artes rumo à perfeição³⁹; essa concepção é importante para entendermos a ordenação e a caracterização dos principais artífices mencionados por Plínio e, em especial, as anedotas voltadas a disputas ou competições entre eles e a constante menção a discípulos e preceptores.

A comparação de determinados artífices com outros anteriores, bem como comparações entre as respectivas obras de cada um, pode ser vista em XXXIV, 47, em que Zenodoro emula tão bem dois cálices originalmente cinzelados por Cálamis, que dificilmente se percebia alguma

³⁷ *Eum enim interrogatum, quem sequeretur antecedentium, dixisse monstrata hominum multitudine, naturam ipsam imitandam esse, non artificem (HN, XXXIV, 61).*

³⁸ Kennedy, 1972, p. 347. Fantham, 1978, p. 1.

³⁹ Kennedy, 1972, pp. 456-459.

diferença entre as obras⁴⁰. Também Tisícates, embora discípulo de Eutícates, aproximou-se do método de Lisipo a tal ponto que muitas de suas obras não se distinguiam das dele⁴¹.

Contudo, há também anedotas que aludem ao primeiro sentido de imitação apresentado acima; o esforço em imitar e assemelhar-se ao máximo à natureza é também um dos critérios segundo os quais são avaliados os artífices, como se pode ver no livro XXIV, em que são exprimidos, a cada vez, mais detalhes na representação de corpos humanos, por exemplo. Míron não foi bem-sucedido em sua representação dos cabelos e do púbis, mais próxima de como faziam os antigos⁴²; já Pitágoras, de Régio, foi quem primeiro representou nervos, veias e cabelos com maior cuidado⁴³, e Lisipo, quem representou bem os cabelos e fez as cabeças menores do que os antigos e mais delgados e vigorosos os corpos⁴⁴. E o mesmo gênero de comparações também pode ser observado entre os pintores, como Êumaro, de Atenas, quem primeiro distinguiu os sexos masculino e feminino na pintura⁴⁵ ou Apeles, que fez retratos tão semelhantes aos modelos que foi dito por Ápio que pessoas capazes de fazer previsões com base nas faces conseguiam fazê-las a partir desses retratos⁴⁶. E a semelhança com a natureza foi também mantida em representações de animais e outros objetos, como frutos; na anedota em XXXV, 66, por exemplo, Zêuxis representa melhor as uvas do que o menino em sua pintura⁴⁷.

Em relação a aspectos corpóreos das representações, destaca-se ainda o cuidado com as proporções (*symmetria*), atribuído a Míron, que bem as exprimiu⁴⁸, e a Lisipo, que também as preservou, mas por meio de um esquema diferente da estrutura quadrada mantida pelos antigos

⁴⁰ “Quando fazia a estátua aos Arvernos, momento em que Dúbio Avito era o governador da província, emulou dois cálices cinzelados, originalmente feitos por Cálamis, muito estimados por Germânico César, que os deu de presente a Cássio Salano – tio de Avito e seu preceptor; emulou-as tão bem, que dificilmente se notava alguma diferença entre as obras” (HN, XXXIV, 47).

⁴¹ “Além disso, Tisícates, também de Sícion, foi seu discípulo, mas mais próximo ao método de Lisipo, de modo que muitas de suas obras mal se distinguem das dele, como o Velho tebano, seu Rei Demétrio e seu Peucestes, o homem que salvou Alexandre, o Grande – digno de tamanha honra” (HN, XXXIV, 67).

⁴² “[. . .] também fez os cabelos e o púbis com tantos defeitos quanto se fazia na antiguidade, ainda rudimentar” (HN, XXXIV, 58).

⁴³ “Ele quem primeiro representou nervos e veias além de cabelos com maior cuidado” (HN, XXXIV, 59).

⁴⁴ “Diz-se que Lisipo beneficiou imensamente a arte da estatuária, reproduzindo os cabelos, esculpindo menores as cabeças do que faziam os antigos, e mais delgados e vigorosos os corpos, por meio dos quais parecia maior a altura das estátuas” (HN, XXXIV, 65).

⁴⁵ “São eles Higienon, Dínias, Cármadas, e quem primeiro teria discernido o sexo masculino do feminino na pintura, Êumaro de Atenas, tendo ousado reproduzir todas as figuras, além daquele que teria aperfeiçoado suas descobertas – Címon de Cleona” (HN, XXXV, 56).

⁴⁶ “Pintou retratos a tal ponto indistinguíveis da realidade, que – o que é extraordinário – o gramático Ápio registrou que uma pessoa capaz de fazer previsões a partir da face, a qual é chamada *metoposcopus*, havia dito, a partir desses retratos, quantos anos de vida ainda restavam a alguém ou quantos já tinha vivido” (HN, XXXV, 88).

⁴⁷ “É dito também que, depois, Zêuxis pintou um Menino levando uvas, em direção às quais as aves haviam voado; nesse momento, com a mesma franqueza avançou, revoltado com a obra, e disse: ‘pinte melhor as uvas que o menino, pois se o tivesse feito a tal ponto perfeito, as aves deveriam tê-lo temido’” (HN, XXXV, 66).

⁴⁸ “Ele parece ter sido o primeiro a multiplicar o alcance do realismo, sendo mais prolífero em sua arte do que Policleto e mais cuidadoso quanto às proporções, embora ele próprio, apesar de atento até em relação aos corpos, não tenha expressado bem as inclinações do ânimo” (HN, XXXIV, 58).

(XXXIV, 65), bem como a Parrásio, quem primeiro conferiu-as às pinturas⁴⁹, a Asclepiodoro, admirado por Apeles por suas noções de proporções⁵⁰, e a Eufranos, de Istmo, possivelmente o primeiro a empregá-las adequadamente⁵¹.

Além de aspectos físicos, há também a menção à representação das disposições de ânimo, como no caso de Míron⁵². Muitas das imagens descritas nas obras também são caracterizadas vividamente e mencionadas suas sensações e sentimentos, como em XXXIV, 93, em que a estátua de Hércules, cujo autor não se conhece, é descrita como possuindo um semblante austero e exprimindo a sensação de agonia provocada pela túnica envenenada⁵³.

Há ainda exemplos desse primeiro sentido de imitação que enfatizam o engenho conferido aos artífices pela natureza, como nos casos de Lisipo e Protógenes⁵⁴, que não possuíram mestres.

O esforço por obter representações mais próximas da natureza quanto possível é elucidado pelos inúmeros exemplos de *diligentia* entre os artífices, tanto os que por meio dela obtiveram sucesso nessas representações, e, portanto, foram reconhecidos por ela, como os que a possuíram em demasia. Pasíteles, ao estar nos estaleiros, em meio a animais selvagens, para que pudesse gravar um leão observando presencialmente o animal, expôs-se ao risco por sua *diligentia* em querer representá-lo o mais semelhante possível ao leão verdadeiro (XXXVI, 40). Já Apolodoro, ao destruir estátuas terminadas por não se contentar com elas, foi apelidado “insano”⁵⁵, assim como o pintor Protógenes, sobre o qual Apeles teria dito não saber quando

⁴⁹ “Ele quem primeiro lhe conferiu proporções, vivacidade à expressão, a elegância do cabelo e o encanto da boca, e, por reconhecimento de outros artífices, foi considerado o melhor pelo traçado de seus contornos” (HN, XXXV, 67).

⁵⁰ “Foi dessa mesma época Asclepiodoro, admirado por Apeles por suas noções de proporção” (HN, XXXV, 107).

⁵¹ “Parece ter sido o primeiro a exprimir a nobreza dos heróis e a empregar adequadamente as proporções, mas foi demasiado fraco quanto ao aspecto de inteireza dos corpos e excessivo quanto ao tamanho das cabeças e membros menores” (HN, XXXV, 128).

⁵² “Não há palavra em latim para “*symmetria*”, a qual preservou diligentemente por meio de um novo e nunca tentado esquema de substituir a estatura quadrada dos antigos” (HN, XXXIV, 58).

⁵³ “Em se tratando de estátuas, há também uma que não deve ser omitida, embora seja desconhecido seu autor: próxima ao rosto, o Hércules de túnica, o único em Roma com esta veste, de aspecto austero e sentindo a agonia causada pela túnica envenenada de Nesso” (HN, XXXIV, 93).

⁵⁴ “Dúris diz que Lisipo de Sícion não foi discípulo de ninguém, mas, antes, um caldeireiro e que teria tomado a decisão de aventurar-se na arte após a resposta dada pelo pintor Eupompo quando interrogado sobre qual de seus antecessores tinha como modelo: disse, apontando à multidão, que a própria natureza deveria ser imitada, não um ou outro artífice” (HN, XXXIV, 61) e “Acreditam não constar registro algum sobre quem o teria ensinado” (HN, XXXV, 101) respectivamente.

⁵⁵ “Silânion fundiu uma imagem de Apolodoro, ele próprio também modelador, o mais dedicado à arte e juiz implacável de seu próprio trabalho, destruindo, inúmeras vezes, estátuas já terminadas, incapaz de contentar-se dada sua paixão pela arte; por esse motivo, (82.) foi apelidado “insano”, e exprimiu essa sua característica em uma estátua representando não um homem em bronze, mas a própria cólera” (HN, XXXIV, 81-2).

tirar as mãos da pintura⁵⁶. Segundo Apeles, ainda que soubesse ser inferior a outros artífices em certos aspectos, afirmava que sua arte seria superior por sua graça (*charis*)⁵⁷, a qual também é atribuída a Nicófanos⁵⁸.

Outros aspectos do processo de representação são também destacados e tidos como critérios no elenco de artífices, como a pintura de retratos feitos em um ângulo de três quartos, os *catagrapha*, mostrando apenas parcialmente a face, inventados por Címon de Cleona⁵⁹; ou o traçado dos contornos, os quais devem arredondar-se e terminar de tal forma que criem a expectativa de uma continuação do corpo atrás de si, realização difícil e rara por parte de Parrásio⁶⁰; ou a representação do boi, feita por Páusias, em que exercita uma espécie de *skiagraphia*, técnica de empregar luzes e sombras para criar volumes e sugerir tridimensionalidade a uma imagem pintada⁶¹, para conferir profundidade à sua ainda que esta seja feita inteira da mesma cor e de frente⁶².

Além disso, artífices são também comparados pela rapidez de sua produção, como Páusias⁶³, por serem mais ou menos prolíferos, como no caso de Xenócrates⁶⁴ bem como pelos temas de suas obras, como Piraico⁶⁵.

⁵⁶ “[...] disse que, em todos os aspectos, Protógenes era semelhante ou melhor do que ele, mas que o superava em algo: sabia quando tirar as mãos da pintura, preceito digno de lembrança sobre como o cuidado excessivo pode ser nocivo” (HN, XXXV, 80).

⁵⁷ “Sua arte distinguiu-se pelo charme, embora também houvesse em sua época outros excelentes pintores; embora admirasse as obras deles, elogiando-as todas, dizia faltar a elas aquela beleza sua, a que os gregos chamam *charis*, graça; dizia que haviam alcançado todas as outras qualidades, mas, quanto a essa, especificamente, ninguém seria igual a ele” (HN, XXXV, 79).

⁵⁸ “Entre eles, há ainda Nicófanos, elegante e adequado de tal forma, que poucos se comparam a ele em graça, mas, quanto à tragicidade de estilo e seriedade da arte, muito se afasta de Zêuxis e Apeles” (HN, XXXV, 111).

⁵⁹ “Este inventou os *catagrapha*, isto é, retratos em um ângulo de três quartos⁵⁹, e como exprimir as feições de diferentes modos – olhando para trás, para cima ou para baixo” (HN, XXXV, 56).

⁶⁰ “Pois pintar os volumes e os centros das figuras é de fato qualidade de uma grande obra, mas muitos alcançaram a glória nesse aspecto; mas fazer os contornos dos corpos e limitar a borda onde para a pintura é algo raro de ser encontrado até em meio a uma arte bem-sucedida” (HN, XXXV, 67).

⁶¹ D. Stansbury-O'Donnell, 2015, p. 255.

⁶² “Foi ele o primeiro a inventar uma técnica de pintura que muitos imitaram depois, ninguém igualando-se a ele. O principal é que, embora quisesse mostrar o comprimento do boi, pintou-o de frente, não de lado, e sua extensão é plenamente percebida. Em seguida, enquanto todos os pintores fazem tudo que querem que seja visto em projeção com uma cor mais branca e tudo que querem suprimir com uma cor preta, ele fez todo o boi em preto e conferiu dimensão à sombra a partir dela mesma, com uma habilidade absolutamente formidável, ao destacar o relevo em apenas um plano do quadro e mostrar toda a massa sólida ao confrangê-lo” (HN, XXXV, 126-127).

⁶³ “Costumava pintar pequenos quadrinhos e especialmente crianças, e seus êmulos acreditavam que ele fazia isso porque era lento seu processo de pintura. Por esse motivo, foi concedida a ele a fama por sua rapidez após completar, em um dia, um pequeno quadro em que foi pintado um menino, o qual foi chamado *hemeresios*, ‘de um dia’” (HN, XXXV, 124).

⁶⁴ “Xenócrates, discípulo de Tisícates, ou de Eutícates, segundo alguns, superou-os ambos pela quantidade de imagens” (HN, XXXIV, 83).

⁶⁵ “Pois é apropriado que sejam acrescentados também artífices célebres na prática de uma pintura menor, entre os quais houve Piraico, inferior a poucos quanto a talento artístico, mas não sei se quis diferenciar-se propositalmente por seu estilo: adotou temas baixos, mas alcançou sumo sucesso neste gênero de pintura. Pintou barbearias e sapatarias, pequenos asnos, alimentos e coisas semelhantes, graças às quais foi chamado *rhyparographus*, ‘pintor

Assim, uma vez compreendidos os critérios para a elaboração do elenco de artífices, é preciso que nos voltemos às anedotas, maneira por meio da qual muitos desses critérios são também apresentados.

de temas baixos”, casos esses em que foram levadas ao mais alto grau de deleite e, de fato, chegaram a um valor mais alto do que as maiores obras de muitos artífices” (*HN*, XXXV, 112).

3. AS ANEDOTAS COMO PROCEDIMENTO ARGUMENTATIVO

Presentes nos três volumes aqui apresentados, é preciso tecer algumas considerações sobre as anedotas – pequenos relatos ou curiosidades etiológicas –, sobre como se dá sua aplicação, a que fins são empregadas, como seriam estruturadas e quais seriam suas fontes, dado que a presença delas como recurso argumentativo é não apenas um dos aspectos centrais desta pesquisa, mas também um dos principais elementos que conferem à obra uma de suas principais características – sua diversidade (*varietas*) – tanto no que concerne à temática “enciclopédica”, como à sua estrutura e à elocução do autor⁶⁶.

Contudo, deve-se, antes, mencionar rapidamente as fontes de Plínio em relação a essas anedotas. Não é o objetivo dessa exposição tentar reconstituir individualmente quais seriam essas fontes, mas apenas apresentar as autoridades a partir das quais Plínio recolhe algumas das informações apresentadas, sejam eles nominalmente referidos no curso da obra ou não⁶⁷. Segundo Harari, a fonte grega mais importante nos livros sobre a arte é Xénocrates de Atenas, escultor em bronze do século III a.C. que também escreveu volumes sobre as artes, de onde Plínio também depreende os parâmetros que caracterizam a proximidade com a natureza enquanto qualidade das obras⁶⁸. Também Antígono de Caristo, escultor em bronze, e Dúris são fontes helenísticas utilizadas. Contudo, muita da recepção de fontes gregas utilizadas por Plínio se deu por meio de citações e menções e, em especial, por meio dos escritos de Marco Varrão mencionado inúmeras vezes ao longo da obra⁶⁹.

Tematicamente, as anedotas presentes nos três livros sobre as artes tratam de diferentes aspectos sobre elas⁷⁰. Como já mencionado, muitas revelam os próprios critérios de emulação entre os artífices, em especial, a aproximação com a natureza, já examinada; esse esforço por atingi-la é observado, por exemplo, em anedotas sobre certames, como a apresentadas em XXXV, 65.

Descendisse hic in certamen cum Zeuxide traditur et, cum ille detulisset uvas pictas tanto successu, ut in scaenam aves advolarent, ipse detulisse linteum

Diz-se que Parrásio entrou em uma disputa com Zêuxis, que ofereceu uvas pintadas com tamanho sucesso a ponto de pássaros voarem em direção ao

⁶⁶ Darab, 2014, p. 206.

⁶⁷ Quanto às fontes, tanto a edição de E. Sellers e K. Jex Blake como a de Silvio Ferri foram muito úteis à nossa exposição e tratam mais detalhadamente do assunto.

⁶⁸ Harari, p. 12 in Plinio il Vecchio, 2018. Harari emprega em sua exposição os termos “realista” e “naturalista” (“qualità realistica o naturalistica di un’opera di scultura”) ainda que sejam anacrônicos, motivo pelo qual optamos por exprimir essa característica por meio da expressão “semelhança com a natureza”.

⁶⁹ Harari, p. 16 in Plinio il Vecchio, 2018.

⁷⁰ A divisão temática feita por Darab no artigo citado acima foi de grande auxílio à exposição feita nesta seção, e, em parte, fizemos uso dela por entendê-la como apropriada. Contudo, concentramo-nos no conteúdo tratado em cada uma das anedotas mais do que em uma “compartmentalização” delas.

pictum ita veritate repraesentata, ut Zeuxis alitum iudicio tumens flagitaret tandem remoto lintheo ostendi picturam atque intellecto errore concederet palmam ingenuo pudore, quoniam ipse volucres fefellisset, Parrhasius autem se artificem. fertur et postea Zeuxis pinxisse puerum uvas ferentem, ad quas cum advolassent aves, eadem ingenuitate processit iratus operi et dixit: ‘uvas melius pinxi quam puerum, nam si et hoc consummassent, aves timere debuerant’ (*Nat. hist.* XXXV, 65-66).

palco. Já Parrásio havia oferecido a pintura de uma cortina de linho representada de modo tão realista, que Zêuxis, orgulhando-se do julgamento das aves, após pedir insistentemente para que fosse, afinal, removida a cortina e exibida sua pintura, percebeu o engano e concedeu o prêmio com nobre modéstia, pois ele próprio havia enganado as aves, mas Parrásio havia enganado um artífice. É dito também que, depois, Zêuxis pintou um Menino levando uvas, em direção às quais as aves haviam voado; nesse momento, com a mesma franqueza avançou, revoltado com a obra, e disse: “pintei melhor as uvas que o menino, pois se o tivesse feito a tal ponto perfeito, as aves deveriam tê-lo temido”.

Na anedota acima, a semelhança com a verdade é avaliada, primeiro, pelo julgamento das aves, enganadas pela imagem pintada, tamanha a semelhança com uvas de verdade; a aferição realizada por animais aparece também em outros momentos como um fator que comprovaria essa verossimilitude, como na anedota abaixo.

Non est omittenda in pictura mentione celebris circa Lepidum fabula, siquidem in triumviratu quodam loco deductus a magistratibus in nemorosum hospitium minaciter cum iis postero die expostulavit somnum ademptum sibi volucrum concentu; at illi craconem in longissima membrana depictum circumdedere luco, eoque terrore aves tunc siluisse narratur et postea posse compesci (*Nat. hist.* XXXV, 121).

Não se deve deixar de mencionar, na pintura, a famosa história sobre Lépidio, uma vez que, durante o triunvirato, após ser conduzido pelos magistrados de um determinado local, a um alojamento coberto por florestas, discutiu com eles em tom ameaçador no dia seguinte por ter sido privado de seu sono pela sinfonia dos pássaros; mas eles posicionaram ao redor de um tronco, um longuíssimo papiro com uma serpente pintada, e conta-se que as aves se mantiveram em silêncio pelo pavor provocado, podendo, então, ser controladas.

Outro exemplo que deve ser mencionado e que revela a aproximação com a natureza por meio dos efeitos provocados pela obra envolve pessoas que se apaixonam por estátuas, como no caso da Vênus de Cnido de Praxíteles.

ferunt amore captum quendam, cum delituisset noctu, simulacro cohaesisse, eiusque cupiditatis esse indicem maculam (*Nat. hist.* XXXVI, 21).

Dizem que um homem, tomado de amor pelo simulacro, escondido durante a noite, uniu-se a ela, e que há uma mancha – o indício de seu ato de luxúria.

A menção à mancha da ejaculação confere verossimilhança à anedota relatada acima. Ao alcançar um patamar tão próximo da natureza, a estátua seria capaz de provocar, inclusive, desejo sexual⁷¹.

Essa aproximação entre as artes e natureza mediada pela mimese revela uma certa tensão entre o aspecto criador da natureza e o mimético dos homens, observada, por exemplo, em

⁷¹ Barrow, “The body, Human and Divine in Greek Sculpture”, em Destrée; Murray, 2015, pp. 97-99.

anedotas como a de Protógenes, em XXXV, 102, que ilustra o efeito do acaso na pintura quando o artífice não mais consegue se aproximar da verdade em sua representação.

est in ea canis mire factus, ut quem pariter et casus pinxerit. non iudicabat se in eo exprimere spumam anhelantis, cum in reliqua parte omni, quod difficillimum erat, sibi ipse satisfacisset.

displicebat autem ars ipsa: nec minuit poterat et videbatur nimia ac longius a veritate discedere, spumaque pingi, non ex ore nasci. anxio animi cruciati, cum in pictura verum esse, non verisimile vellet, absterserat saepius mutaveratque penicillum, nullo modo sibi adprobans. postremo iratus arati, quod intellegeretur, spongeam inpegit in viso loco tabulae. et illa reposuit ablatos colores qualiter cura optaverat, fecitque in pictura fortuna naturam (*Nat. hist.* XXXV, 102-103).

Nela, foi feito um cão extraordinariamente, como se a habilidade artística e a sorte o tivessem executado em igual medida, pois Protógenes pensava não ter bem exprimido a espuma do cão ofegante, embora, em todo o restante, o que era difícilimo, tivesse ficado satisfeito consigo mesmo.

Mas a própria arte desagradava-lhe: não podia ser diminuída e julgava ser excessiva e ainda muito distante da verdade, como se a espuma fosse pintada, não surgida da própria boca. Angustiado pelo tormento de seu espírito, uma vez que queria que houvesse, em sua pintura, a verdade, não apenas verossimilhança, havia esfregado a pintura muitas vezes e mudado o pincel, nunca se contentando com seu trabalho. Finalmente, enraivecido com sua arte, pois ela seria entendida apenas pela inferência, lançou uma esponja contra a tela no local tão detestado. Ela, então, repôs as cores que haviam sido removidas exatamente como sua angústia o havia preferido, e o acaso reproduziu a natureza na pintura.

No caso acima, a pintura, uma vez concluída pelo acaso, foi completada pela natureza, não pelo artífice. Particularmente interessante é o fato de que Protógenes, segundo dito, parece não ter tido um mestre, tendo aprendido com a própria natureza, a qual também corrigiu sua diligência ao finalizar a obra. Aqui, é possível perceber o caráter tríplice da natureza; é objeto da imitação, aquela que fornece os meios e materiais (pigmentos, pedras, minérios) que permitem o desenvolvimento das artes e mestre, uma vez que fornece os parâmetros segundo os quais deve se dar a imitação.

Além da relação mediada pela imitação e pelas artes, a *HN* tem por objetivo tratar dos materiais e recursos fornecidos pela natureza, dos quais os homens fazem uso por meio de seu engenho (*ingenium*). Nos livros aqui estudados, duas das anedotas apresentadas são de cunho etiológico e explicam a descoberta de substâncias ou materiais. Embora distintas das que tratam dos artífices, essas histórias são importantes, uma vez que revelam uma concepção providencial – divina – de natureza: ela que provê o homem de todas as coisas, inclusive da inspiração inventiva⁷².

sideritim ob id alio nomine vocant, quidam Heraclian. magnes appellatus est ab inventore, ut auctor est Nicander – in Ida repertus, namque et

Por isso, chamam-no um outro nome, siderita⁷³, e alguns até “pedra de Hércules”. Foi chamado ímã por seu descobridor, segundo o autor Nicandro,

⁷² Isager, 1991, p. 32.

⁷³ *Sideritim*: (gr. σιδηρίτης, significando “de ferro”). Trata-se provavelmente da siderita, mineral composto de carbonato de ferro, também conhecido como calibita (OLD, p. 1756).

passim invenitur, in Hispania quoque; invenisse autem fertur clavis crepidarum, baculi cuspidis haerentibus, cum armenta pasceret (*Nat. hist.* XXXVI, 127).

fama est adpulsa nave mercatorum nitri, cum sparsi per litus epulas pararent nec esset cortinis attollendis lapidum occasio, glaebas nitri ex nave subdividisse, quibus accensis, permixta harena litoris, translucens novi liquoris fluxisse rivis, et hanc fuisse originem vitri (*Nat. hist.* XXXVI, 191).

que a encontrou no monte Ida, mas, na verdade, elas são vistas em diferentes lugares e também na Hispânia. Conta-se, contudo, que ele a teria descoberto devido aos pinos de suas sandálias e à ponta de seu cajado, que grudaram nela enquanto alimentava seu rebanho.

A história é que, certa vez, atracado um barco de comerciantes de natro, como preparavam as comidas espalhados ao longo da costa e não havia um suporte de pedras para que os caldeirões fossem levantados, teriam colocado embaixo deles os torrões de natro do barco, os quais, uma vez em chamas, misturados à areia da praia, fluíram nascentes translúcidas de um líquido desconhecido, e essa teria sido a origem do vidro.

Retomando as anedotas sobre certames, a disputa entre artífices, ainda que não em uma competição formal, pode também ser vista em XXXV, 81, centrada no traçado de uma linha tão fina quanto possível, e na precisão e perícia por parte do artífice ligada a esse procedimento técnico. São louvados aqui tanto a habilidade do artífice como a perfeição da obra.

Scitum inter Protogenen et eum quod accidit. ille Rhodi vivebat, quo cum Apelles adnavigasset, avidus cognoscendi opera eius fama tantum sibi cogniti, continuo officinam petiit. aberat ipse, sed tabulam amplae magnitudinis in machina aptatam una custodiebat anus. haec foris esse Protogenen respondit interrogavitque, a quo quaesitum diceret. 'ab hoc', inquit Apelles adreptoque penicillo lineam ex colore duxit summae tenuitatis per tabulam. et reverso Protogeni quae gesta erant anus indicavit. ferunt artificem protinus contemplatum subtilitatem dixisse Apellen venisse, non cadere in alium tam absolutum opus; ipsumque alio colore tenuiorem lineam in ipsa illa duxisse abeuntemque praecepisse, si redisset ille, ostenderet adiceretque hunc esse quem quaereret. atque ita evenit. revertit enim Apelles et vinci erubescens tertio colore lineas secuit nullum relinquens amplius subtilitati locum. at Protogenes victum se confessus in portum devolvit hospitem quaerens, placuitque sic eam tabulam posteris tradi omnium quidem, sed artificum praecipuo miraculo (*Nat. hist.* XXXV, 81-83).

Um caso espirituoso ocorreu entre Protógenes e ele. Aquele vivia em Rodes, e, quando Apeles se dirigiu para lá, ávido por conhecer suas obras, conhecidas por ele apenas por sua fama, buscou imediatamente sua oficina. Ele não estava lá, mas uma velha senhora guardava um grande quadro, preso ao cavalete; ela respondeu-lhe que Protógenes estava ausente e perguntou por quem ela diria ter sido ele procurado. "Por este aqui", disse Apeles após apanhar o pincel, e, com a tinta, traçou pela tela uma linha extremamente fina.

Após ter retornado, a senhora mostrou a Protógenes o que havia se passado. Dizem que, após observar continuamente sua finura, o artífice disse que era Apeles que tinha vindo, que não recaía a outro obra tão perfeita; traçou, então, sobre ela, uma linha ainda mais fina em outra cor e, ausentando-se, instruiu a senhora a mostrar o quadro, caso Apeles retornasse, e a acrescentar que "este aqui" era quem ele buscava. E assim foi. Ele retornou e, enrubescendo por ter sido derrotado, atravessou as linhas com uma terceira cor, não deixando nenhum espaço para maior finura.

Protógenes, tendo-se considerado vencido, apressou-se em direção ao porto em busca do visitante e, assim, decidiu que essa tela deveria ser transmitida à posteridade – obra extraordinária a todos, mas, em particular, a artífices.

E há também outras anedotas em torno de aspectos técnicos sobre as artes, como XXXV, 151, que relata como se deu a invenção da arte plástica.

Fingere ex argilla similitudines Butades Sicyonius figulus primus invenit Corinthi filiae opera, quae

O oleiro Butades de Sícion, ao trabalhar também a terra, foi quem primeiro inventou a prática de

capta amore iuventis, abeunte illo peregre, umbram ex facie eius ad lucernam in pariete lineis circumscripsit, quibus pater eius impressa argilla typum fecit et cum ceteris fictilibus induratum igni proposuit, eumque servatum in Nymphaeo, donec Mummius Corinthum everterit, tradunt (*Nat. hist.* XXXV, 151).

moldar imagens a partir da argila, em Corinto, graças à sua filha, que, apaixonada por um jovem, depois que ele partiu para o exterior, delineou, a partir dos contornos, a sombra da face de seu amado em uma parede com o auxílio de uma lamparina, a partir da qual seu pai moldou um baixo-relevo ao pressionar argila por cima e expôs a peça ao fogo, junto com suas outras cerâmicas, endurecendo-a; dizem que ela foi mantida no Ninfeu até a destruição de Corinto por Múmio.

A *diligentia* nas artes, já mencionada, pode também ser observada em anedotas como a sobre Apeles, em XXXV, 84, na qual cuidado por parte do artífice é lido pelo espectador.

idem perfecta opera proponebat in pergula transeuntibus atque, ipse post tabulam latens, vitia quae notarentur auscultabat, vulgum diligentiore iudicem quam se praeferebat; feruntque reprehensum a sutore, quod in crepidis una pauciores intus fecisset ansas, eodem postero die superbo emendatione pristinae admonitionis cavillante circa crus, indignatum prospexisse denuntiantem, ne supra crepidam sutor iudicaret, quod et ipsum in proverbium abiit (*Nat. hist.* XXXV, 84-85).

Ele também expunha suas obras terminadas em uma galeria aos passantes e, escondido atrás dos quadros, escutava os defeitos que eram apontados, considerando o povo um juiz mais diligente do que ele mesmo.

Dizem que foi repreendido por um sapateiro, pois teria feito uma a menos as alças nas sandálias; o sapateiro, no dia seguinte, orgulhoso pela correção da sugestão anterior, fazia críticas à perna, mas Apeles, indignado, ao vê-lo, retrucou-lhe para que ele, um sapateiro, nada apontasse além da sandália, o que também se transformou num provérbio.

A sugestão aceita pelo artífice em relação à correção de uma sandália, apontada por um sapateiro, demonstra o entendimento do fato de que a pessoa capaz de representar do modo mais verossímil possível uma sandália seria aquele mesmo que a faz. Essa construção tripartite (sandália-sapateiro-pintor) remonta à demonstração dada por Sócrates no livro décimo da *República* ao explicar o conceito de mimese, em que toma como exemplo o leito, um carpinteiro e um pintor, destrinchando o objeto leito em três formas distintas: aquela feita por deus, que seria propriamente a ideia única de leito, a feita pelo carpinteiro e a feita pelo pintor; são atribuídos a cada um respectivamente os nomes “criador” (*phutourgós/φντουργός*), “fabricante” (*demiourgós/δημιουργός*) e “imitador” (*mimetés/μιμητής*) – aquele que se encontra “três pontos afastado da natureza”⁷⁴. Assim, o pintor não imita a ideia, mas o objeto, que já seria, por si só, uma aparência da ideia. Para que Apeles estivesse o mais próximo possível da verdadeira ideia de sandália, deveria se aproximar ao máximo daquele que seria o intermédio entre a ideia e o próprio objeto, aquele que se encontra, naturalmente, um degrau mais próximo da própria natureza do que ele mesmo: o sapateiro.

⁷⁴ Platão, *A República*, 597b-598b.

Além disso, há ainda anedotas que demonstram a interação entre governantes e artífices – ou entre governantes e as artes –, como a relação entre Apeles e Alexandre, o Grande em XXXV, 85, pautada pela *benignitas*.

fuit enim et comitas illi, propter quam gratior Alexandro Magno frequenter in officinam ventitanti – nam, ut diximus, ab alio se pingi vetuerat edicto –, sed in officina imperite multa disserenti silentium comiter suadebat, rideri eum dicens a pueris, qui colores tererent. tantum erat auctoritati iuris in regem alioqui iracundum. quamquam Alexander honorem ei clarissimo perhibuit exemplo. namque cum dilectam sibi e pallacis suis praecipue, nomine Pancaspen, nudam pingi ob admirationem formae ab Apelle iussisset eumque, dum paret, captum amore sensisset, dono dedit ei, magnus animo, maior imperio sui nec minor hoc facto quam victoria alia, quia ipse se vicit, nec torum tantum suum, sed etiam adfectum donavit artífici, ne dilectae quidem respectu motus, cum modo regis ea fuisset, modo pictoris esset (*Nat. hist.* XXXV, 85-86).

Apeles era muito afável, motivo pelo qual era muito caro a Alexandre, o Grande, que com frequência costumava ir à sua oficina, pois, como dissemos, por meio de um decreto, proibiu que fosse pintado por qualquer outro; lá, costumava falar muitas coisas sobre pintura, as quais não sabia com propriedade, e Apeles clamava gentilmente por silêncio, dizendo que ele era alvo de riso dos garotos que trituravam as tintas.

Tamanha era a autoridade de Apeles sobre o rei que, normalmente, era irascível. Mas Alexandre concedeu a ele grande honra em um tão conhecido exemplo. Pois, como era particularmente cara a ele sua concubina favorita, de nome Pancaspe, mandou que fosse pintada nua por Apeles pela admiração que tinha por sua beleza; Alexandre percebeu que ele havia se apaixonado por ela enquanto obedecia ao pedido e concedeu-a a ele como um regalo, sendo grande por seu espírito e maior ainda por seu autocontrole, e não sendo menor esse fato do que qualquer outra vitória, pois, nesse caso, venceu a si mesmo e não apenas concedeu como concubina a sua, mas também concedeu seu afeto ao artífice, nem sequer comovido pela consideração de sua favorita, que, em um momento, havia sido concubina de um rei e, em outro, seria a de um pintor.

A anedota acerca de Protógenes também revela como as artes são capazes de superar contendas políticas, estando acima dos interesses de imperadores.

Erat tunc Protogenes in suburbano suo hortulo, hoc est Demetrii castris, neque interpellatus proeliis incohata opera intermisit omnino nisi accitus a rege, interrogatusque, qua fiducia extra muros ageret, respondit scire se cum Rhodiis illi bellum esse, non cum artibus. disposuit rex in tutelam eius stationes, gaudens quod manus servaret, quibus pepercerat, et, ne saepius avocaret, ultro ad eum venit hostis relictisque victoriae suae votis inter arma et murorum ictus spectavit artificem; sequiturque tabulam illius temporis haec fama, quod eam Protogenes sub gladio pinxerit: (106.) Satyrus hic est, quem Anapauomenon vocant, ne quid desit temporis eius securitati, tenentem tibiae (*Nat. hist.* XXXV, 105-106).

Na ocasião, Protógenes estava em seu pequeno jardim próximo a Roma, isto é, no acampamento militar de Demétrio; não era interrompido pelos combates, nem suspendeu as obras que haviam sido começadas a não ser quando foi convocado pelo rei, e, ao ser interrogado com que confiança trabalhava ele fora dos muros, respondeu àquele que sabia ser a guerra contra os ródios, não contra as artes. O rei, então, dispôs postos para sua proteção, contente por manter a salvo aquelas mãos, que havia poupado; para que não o distraísse com mais frequência, de comum acordo, foi ele, o inimigo, até Protógenes e, abandonando seus desejos de vitória, entre as armas e ataques aos muros, assistiu ao artífice. Um rumor acompanha uma obra dessa época: que Protógenes tê-la-ia pintado sob a espada; (106.) este quadro é um Sátiro portando uma tibia, o qual chamam *Anapauomenos*, “em repouso”, para mostrar que nada faltava à sua segurança no momento.

Contudo, há também anedotas que demonstram exemplos contrários a esse, por meio dos quais são exprimidas algumas das concepções de Plínio sobre as artes.

plurima ex omnibus signa fecit, ut diximus, fecundissimae artis, inter quae destringentem se, quem M. Agrippa ante Thermas suas dicavit, mire gratum Tiberio principi. non quivit temperare sibi in eo, quamquam imperiosus sui inter initia principatus, transtulitque in cubiculum alio signo substituto, cum quidem tanta pop. R. contumacia fuit, ut theatri clamoribus reponi apoxyomenon flagitaverit princepsque, quamquam adamatum, reposuerit (*Nat. hist.* XXXIV, 62).

Como dissemos, Lisipo fez mais estátuas do que todos os outros e sua arte foi extremamente fecunda; em meio a elas, há um homem esfregando-se, que Marco Agripa dedicou em frente às suas Termas, muito apreciada pelo imperador Tibério, que, embora se tenha controlado no começo de seu principado, não conseguiu resistir nesse caso, e transportou-a ao seu quarto, substituindo-a por uma outra estátua; mas tamanha foi a rejeição por parte do povo romano, que demandou aos gritos no teatro que o *Apoxyomenos*, “Homem usando um estrígil”, fosse devolvido, e o imperador, ainda que estivesse tomado de amores pela estátua, teve de devolvê-la.

fecit et Alexandrum Magnum multis operibus, a pueritia eius orsus, quam statuam inaurari iussit Nero princeps delectatus admodum illa; dein, cum pretio perisset gratia artis, detractum est aurum, pretiosiorque talis existimabatur etiam cicatricibus operis atque concisuris, in quibus aurum haeserat, remanentibus (*Nat. hist.* XXXIV, 63).

Fez também Alexandre, o Grande, em uma série de estátuas, começando por uma dele quando criança, obra que o imperador Nero, completamente encantado, ordenou que fosse recoberta por ouro; mas esse caro acréscimo fez perder-se a graça artística, e o ouro foi, então, removido, sendo a estátua considerada ainda mais preciosa pelas cicatrizes que haviam remanescido e pelos sulcos, nos quais o ouro havia aderido.

Tanto Tibério como Nero se apropriam de estátuas, seja movendo-as de um local público para um privado, seja revestindo-as de ouro, e, contrariando o princípio da *utilitas*, defendido pelo autor⁷⁵. Com a remoção da escultura do espaço público, não há mais o proveito (*prodesse*) requerido de uma obra, um sentido mais profundo que revele o poderio romano, conforme será explicado mais adiante. Ao cobri-la de ouro, a própria função de *delectare* é comprometida em benefício da *luxuria* – da extravagância excessiva que, a princípio, desvaloriza a atração pelo encanto artístico ainda que tivesse aumentado seu valor monetário; mesmo com as cicatrizes do ouro, a estátua era mais bela do que quando recoberta, reiterando que seu valor é determinado não pelo material de que é feita, mas pelo valor da arte como técnica e do artífice.

Há, ainda, muitas outras anedotas que revelam a glória associada aos artífices, às artes e àqueles que são objeto da representação. Segundo Friedlaender, a respeito, por exemplo, da representação estatuária,

o emprego das estátuas, em princípio raras, foi acolhido pouco a pouco, pelo mundo inteiro, como diz Plínio, com um sentimento de ambição

⁷⁵ Darab, 2014, pp. 207-209.

extraordinariamente humana; estes monumentos empreenderam converter-se em ornato dos foros de todos os municípios; deste modo se transmitia a memória de certos homens à posteridade e suas honras se inscreviam também aos pés para que legassem ao conhecimento de todos os tempos⁷⁶.

A honra atribuída a essas imagens é de suma importância tendo em vista o contexto imperial em que Plínio está inserido, uma vez que as obras mencionadas, uma vez introduzidas em Roma, seriam uma demonstração de conquista e do poderio romano sobre a Grécia⁷⁷.

Scopas habuit aemulos eadem aetate Bryaxim et Timotheum et Leocharen, de quibus simul dicendum est, quoniam pariter caelavere Mausoleum. sepulchrum hoc est ab uxore artemisia factum Mausolo, Cariae regulo, qui obiit olympiadis CVII anno secundo. opus id ut esset inter septem miracula, hi maxime fecere artifices. patet ab austro et septentrione sexagenos ternos pedes, brevius a frontibus, toto circumitu pedes CCCCXXXX, attollitur in altitudinem XXV cubitis, cingitur columnis XXXVI. pteron vocavere circumitum.

ab oriente caelavit Scopas, a septentrione Bryaxis, a meridie Timotheus, ab occasu Leochares, priusque quam peragerent, regina obiit. non tamen recesserunt nisi absoluto, iam id gloriae ipsorum artisque monimentum iudicantes; hodieque certant manus (*Nat. hist.* XXXVI, 30-31).

Marmore scalpendo primi omnium inclaruerunt Dipoenus et Scyllis, geniti in Creta insula etiamnum Medis imperantibus priusque, quam Cyrus in Persis regnare inciperet. hoc est Olympiade circiter quinquagensima. hi Sicyonem se contulere, quae diu fuit officinarum omnium talium patria. deorum simulacra publice locaverant iis Sicyonii, quae priusquam absolventur, artifices iniuriam questi abiere in Aetolos.

protinus Sicyonem fames invasit ac sterilitas maerorque dirus. remedium petentibus Apollo Pythius respondit: si Dipoenus et Scyllis deorum simulacra perfecissent. quod magnis mercedibus obsequisque impetratum est. fuere autem

Escopas teve como êmulos, na mesma época, Briáxis, Timóteo e Leócares, sobre os quais se deve falar ao mesmo tempo, uma vez que, junto com ele, gravaram o Mausoléu. Esse sepulcro foi pedido por Artemísia, esposa de Mausolo, a ele, vice-rei da Cária, que faleceu no segundo ano da 107ª Olimpíada. Esses artifices, em especial, executaram essa obra, que figura entre as sete maravilhas do mundo. Ao Sul e ao Norte, ela se estende por sessenta e três pés, menor na fachada, com todo o perímetro ao redor medindo quatrocentos e quarenta pés; eleva-se a vinte e cinco côvados de altura⁷⁸ e é cingida por trinta e seis colunas. Os gregos chamaram *pteron* – *pteroma* – o entorno da construção.

Escopas gravou a partir do Leste, Briáxis do Norte, Timóteo pelo Sul e Leócares pelo Oeste, mas, antes que terminassem, a rainha faleceu. Eles, contudo, não se retiraram senão depois de acabado o trabalho, uma vez que já pensavam ser esse um monumento à glória deles próprios e também à sua arte; e ainda hoje seus trabalhos competem pelo posto de melhor.

Os que ficaram famosos esculpindo em mármore, os mais importantes, foram Dipeno e Escílís, nascidos na ilha de Creta quando os Medos⁷⁹ ainda comandavam e antes que Ciro começasse a reinar na Pérsia. Isso foi em torno da 50ª Olimpíada⁸⁰. Eles se dirigiram para Sícion⁸¹, que foi, por muito tempo, a pátria de todas as oficinas do tipo. Os Siciónios haviam encomendado publicamente a eles alguns simulacros de deuses, mas, antes que fossem terminadas, os artifices, tendo se queixado diante de uma injustiça, partiram para a Etólia. Logo depois, a fome acometeu Sícion e então a escassez e o medo terrível. Ao rogarem a Apolo Pítio por um remédio para a situação,

⁷⁶ Friedlaender, p. 945 in Martins, 2011, p. 180.

⁷⁷ Naas, 2002, pp. 101-105.

⁷⁸ Cerca de 11,1 m.

⁷⁹ *Medis*: povo habitante da antiga região da Média, na Ásia, entre a Armênia, a Pérsia, a Pártia e a Assíria.

⁸⁰ *Olympiade circiter quinquagensima*: em torno de 580 a.C.

⁸¹ *Sicyonem*: (gr. Σικυών) cidade na região do Peloponeso.

simulacra ea Apollinis, Dianae, Herculis (*Nat. hist.* XXXVI, 9-10).

respondeu: somente se Dipeno e Escúlis terminassem os simulacros dos deuses. Isso só foi obtido com maiores recompensas e obséquios. Esses simulacros foram de Apolo, Diana, Hércules e de Minerva [. . .].

in eum Apollodorus supra scriptus versum fecit, artem ipsis ablatam Zeuxim ferre secum. opes quoque tantas adquisivit, ut in ostentatione earum Olympiae aureis litteris in palliorum tesseris intextum nomen suum ostentaret. postea donare opera sua instituit, quod nullo pretio satis digno permutari posse diceret, sicuti Alcmenam Agragantinis, Pana Archelao (*Nat. hist.* XXXV, 62)

Em honra a ele, Apolodoro, mencionado acima, compôs um verso, afirmando que Zêuxis levou embora consigo a arte roubada de seus mestres. Acumulou tantas riquezas, que as exibia ostensivamente, com seu nome bordado nos padrões em xadrez de seus mantos, em letras douradas, em Olímpia. Depois, decidiu que daria as suas obras, pois dizia que não poderiam ser compradas por nenhum preço suficientemente digno, como sua Alcmena dada aos Agrigentinos e seu Pã, dado a Arquelau.

aetas nostra vidit in Capitolio, priusquam id novissime conflagraret a Vitellianis incensum, in cella Iunonis canem ex aere volnus suum lambentem, cuius eximium miraculum et indiscreta veri similitudo non eo solum intellegitur, quod ibi dicata fuerat, verum et satisfactione; nam quoniam summa nulla par videbatur, capite tutelarios cavere pro ea institutum publice fuit (*Nat. hist.* XXXIV, 38).

Nossa geração viu, no Capitólio, antes do último incêndio provocado pelos Vitelianos, na cela de Juno, o cão feito de bronze lambendo sua ferida; sua admirável excelência e semelhança indistinguível com a verdade podem ser percebidas não apenas por ter sido dedicada nesse local, mas também pela garantia de sua segurança; pois, uma vez que não era possível estimar seu valor, por determinação pública, seus guardas deveriam responder por sua segurança com a vida.

É preciso compreender, ainda, no contexto das representações e da glória associada a esse procedimento, outro aspecto importante, explicitado por Martins ao citar um trecho de uma epístola de Cícero⁸²:

[. . .] neque enim Alexander ille gratiae causa ab Apelle potissimum pingi et a Lysippo fingi volebat, sed quod illorum artem cum ipsis tum etiam sibi gloriae fore putabat⁸³.

Alexandre desejava acima de tudo ser pintado por Apeles e esculpido por Lisipo, não em vista do reconhecimento que isto trazia, mas pois que julgava que com suas artes teria a glória deles transferida para si mesmo.

O trecho confirma a importância das representações no exercício do poder e a de certos artistas, no caso Apeles e Lisipo, que adicionam ao poder constituído política e belicamente algo a mais, dada a relevância das obras desses artistas à época⁸⁴. Na verdade, é um caso explícito da amplificação por transferência.

Antes, contudo, de tratarmos da amplificação por transferência mencionada acima, um desvio é necessário a fim de retomar algumas noções conceituais relevantes sobre as anedotas como um procedimento retórico.

⁸² Martins, 2011, pp. 123-124.

⁸³ Cícero, *Ad Familiares*, 5, 12, 7 in Martins, 2011, p. 123.

⁸⁴ Quint., *Instit.*, 12, 10, 9.

A começar pelos *Progymnasmata*, a anedota é tratada como exercício declamatório, como *chria* (*khreia*), um dito ou ação breve (ou a mistura de ambos), referente a uma pessoa específica e empregada tendo em vista sua utilidade. Segundo Aftônio, a *chria* pode ser elaborada como uma forma de elogio, como uma paráfrase, como a apresentação de um motivo, como um feito contrário a algo, como uma comparação, exemplo, testemunho dos antigos ou como um breve epílogo⁸⁵.

Assim, ao recontar uma anedota, a *chria*, servindo à utilidade que lhe é própria, não é apenas alguma digressão ou desvio do propósito da obra de Plínio, mas, enquanto recurso argumentativo, torna-se um exemplo elucidativo de questões referentes às artes, aos artífices ou *auctoritates* citados ou à natureza, conforme visto nos casos acima.

É preciso, portanto, retomar o conceito de *exemplum* e seu papel em um discurso. Presente tanto nas letras gregas como nas romanas, já na *Retórica a Alexandre*, o παράδειγμα/*parádeigma* fazia parte da *inventio*, na categoria de provas posteriormente referidas por Quintiliano como artificiais, elaboradas por meio da invenção⁸⁶. Segundo Aristóteles, na *Retórica*, um dos meios de demonstração real ou aparente seria a indução, de modo que o próprio exemplo é uma indução retórica⁸⁷. Há dois tipos dele: o que trata de fatos que realmente ocorreram no passado e aquele que é inventado pelo autor (seja uma parábola ou uma fábula).⁸⁸ Já a *Retórica a Herênio*, ao contrário, toma os *exempla* como ornamentos de sentenças, fazendo parte, portanto, da elocução⁸⁹. Ainda que, em meio às cinco partes da argumentação exista a possibilidade, logo, não obrigatória, de haver ornamentação, e, portanto, também possa ser teoricamente empregado nela o *exemplum*, este é empregado apenas para tornar “as coisas mais ornadas quando é empregado apenas em razão da dignidade; mais claras, quando ilumina aquilo que parecia obscuro; mais prováveis, quando as faz mais verossímeis; coloca-as diante dos olhos, quando expressa tudo de modo tão perspícuo que eu diria ser quase possível tocar com a mão”, conforme descrito na obra⁹⁰. Contrariamente, e em consonância com Aristóteles, Quintiliano considera o *exemplum* no âmbito das provas artificiais, conforme já dito, junto aos indícios e argumentos, cujo objetivo seria a persuasão por meio da evocação de um feito notável ou útil⁹¹.

⁸⁵ *Progymnasmata*, p. 97.

⁸⁶ Quint., *Instit.*, 5, 1, 1.

⁸⁷ Aristóteles, *Retórica*, I,2.

⁸⁸ Aristóteles, *Retórica*, II, 20.

⁸⁹ [Cícero], IV, 62.

⁹⁰ [Cícero], IV, 62.

⁹¹ Quint., *Instit.*, 5, 11, 6.

Ainda, é possível concluir a partir de uma análise mais extensiva, conforme exposto por Lausberg, que o exemplo está inserido na noção de *símile*, podendo se fazer presente como *similitudo*, em um domínio mais infinito, ou *exemplum*, em um mais finito, e, enquanto *símile*, é empregado como *locus* comprovativo e como *ornatus*⁹². Segundo o autor, “A necessidade de beleza do *ornatus*, tanto se refere aos pensamentos (*res*), como à formulação linguística (*verba*)”, sendo o *ornatus* de pensamento “uma função do *aptum* relativo ao pensamento e pertence propriamente, como fenômeno relacionado com os pensamentos (*res*), à *inventio* e à *dispositio*. Contudo, dele se trata tradicionalmente na *elocutio*, sob a rubrica ‘figuras de pensamento’”⁹³. Mais especificamente, o *símile* encontra-se em meio às figuras do alargamento semântico. É importante mencionar também que as figuras, segundo o autor, “são um fenômeno da *dispositio*, que dá forma à matéria prima da *inventio* e da *elocutio*”;⁹⁴ a própria *dispositio*, quando externa à obra, pode promover a persuasão ao ser realizada por meios intelectuais ou afetivos⁹⁵.

A menção aos conceitos acima é relevante, uma vez que eles esclarecem as anedotas empregadas por Plínio e, exprimem, conseqüentemente, o caráter altamente retórico de sua obra⁹⁶.

Além de apresentar critérios “artísticos”, ao tratar dos materiais, Plínio reafirma a noção de *utilitas* em relação à natureza, o fato de que ela fornece todos os recursos aos homens; ao tratar de como esses homens empregam esses recursos, por exemplo, nas artes, é reforçado o valor do *ingenium* humano. Assim cria-se essa estrutura cíclica em que a natureza fornece substâncias e materiais aos homens que, por sua vez, imitam a natureza, complementando-a e superando-a. Essa relação é importante, uma vez que Plínio defende, por meio dela, que há uma maneira apropriada de usufruir dos recursos providos pela natureza, centrada nos conceitos de *usus* e *abusus*⁹⁷.

⁹² Lausberg, 1972, pp. 238-242. Em relação às noções de “infinito” e “finito”, segundo Lausberg, a *similitudo*, mais infinita, consistiria em um fato geral da vida humana ou da natureza, enquanto o *exemplum*, mais finito, consistiria em um fato histórico, mitológico ou literário específico (Lausberg, 1972, p. 238 e p. 241 respectivamente).

⁹³ Sobre a *elocutio*, trata-se da “expressão linguística dos pensamentos encontrados pela *inventio*” (Lausberg, 1972, p. 115). Sobre as “figuras de pensamento”, cf. Lausberg, 1972, p. 138.

⁹⁴ Lausberg, 1972, p. 164.

⁹⁵ Lausberg, 1972, pp. 104-105.

⁹⁶ Pernot, ao final do sexto capítulo de seu livro *Rhetoric in Antiquity*, discorre sobre o fenômeno chamado por alguns críticos italianos “*letteraturizzazione*” da retórica e, como um reflexo imediato, o que ele se refere como “*rhetorization*” of literature”, processo ocorrido em especial durante a era imperial em Roma. Em sua exposição, ele menciona a expansão da retórica, envolvendo outros gêneros literários – inclusive escritos científicos ou filosóficos –, não mais voltada apenas à composição de discursos (Pernot, 2005, pp. 196-7).

⁹⁷ Darab, 2014, p. 207

Assim, o *abusus* é marcado tanto pela extração excessiva de recursos, como pelo luxo excessivo (*luxuria*), demonstrado por meio de obras suntuosas e, principalmente, por meio de obras que fazem parte do meio privado, como visto nos trechos abaixo.

Lapidum natura restat, hoc est praecipua morum insania, etiam ut gemmae cum sucinis atque crystallinis murrinisque sileantur. omnia namque, quae usque ad hoc volumen tractavimus, hominum genita causa videri possunt: montes natura sibi fecerat ut quasdam compages telluris visceribus densandis, simul ad fluminum impetus domandos fluctusque frangendos ac minime quietas partes coercendas durissima sui materia, caedimus hos trahimusque nulla alia quam deliciarum causa, quos transcendisse quoque mirum fuit.

in portento prope maiores habuere Alpibus ab Hannibale exsuperatas et postea a Cimbris: nunc ipsae caeduntur in mille genera marmorum. promunturia aperiuntur mari, et rerum natura agitur in planum; evehimus ea, quae separandis gentibus pro terminis constituta erant, navesque marmorum causa fiunt, ac per fluctus, saevissimam rerum naturae partem, huc illuc portantur iuga, maiore etiamnum venia quam cum ad frigidus potus vas petitur in nubila caeloque proximae rupes cavantur, ut bibatur glacie.

secum quisque cogitet, et quae pretia horum audiat, quas vehi trahique moles videat, et quam sine iis multorum sit beatior vita (*Nat. hist. XXXVI, 1-3*).

CCCLX columnas M. Scauri aedilitate ad scaenam theatri temporari et vix mense uno futuri in usu viderunt portari silentio legum. sed publicis nimirum indulgentes voluptatibus. id ipsum cur? aut qua magis via inreput vitia quam publica? quo enim alio modo in privatos usus venere eboram, aurum, gemmas? (*Nat. hist. XXXVI, 5*).

Resta-nos ainda a natureza das pedras, isto é, a principal extravagância dos nossos costumes ainda que não sejam mencionados as gemas e o âmbar, os vasos de cristal de rocha e os de murra⁹⁸. Todas as coisas de que tratamos até este volume podem ser consideradas como tendo sido geradas em benefício dos homens; já as montanhas, foi a natureza que as fizera para si mesma, como se fossem armações comprimindo os interiores da terra, para, ao mesmo tempo, refrear as correntezas dos rios e aquebrantar as ondas dos mares e conter suas partes mais revoltas por meio de sua própria matéria mais rígida; mas as fendemos e transportamos sem nenhuma outra razão senão a dos bel-prazeres; tê-las cruzado já foi, um dia, admirável.

Nossos antepassados consideraram a ultrapassagem dos Alpes por Aníbal e depois pelos Cimbros quase como um fenômeno extraordinário; agora, os próprios Alpes são espedaçados em mil variedades de mármore. Os promontórios são expostos ao mar, e a natureza é levada ao aplanamento. Arrancamos as estruturas que foram criadas como fronteiras para que fossem distribuídos os diferentes povos, e até navios são feitos para o transporte de mármore, e, pelas ondas dos mares – elemento mais violento da natureza –, são transportados, para lá e para cá, cumes de montanhas, mas com uma desculpa ainda melhor do que quando se busca até as nuvens por um vasilhame para bebidas geladas ou se escava montanhas tão próximas do céu para se beber em gelo.

Que cada um pondere, ao ouvir os preços dessas peças, ao ver as estruturas massivas serem transportadas e arrastadas, sobre o quão mais feliz seria a vida de tantas pessoas sem tais objetos.

Viram serem transportadas trezentas e sessenta colunas, quando ainda Marco Escauro era edil⁹⁹, para o palco de um teatro temporário, e que haveria de ser usado apenas por um mês – isso com o silêncio das leis. Sem dúvida foram indulgentes com o divertimento do povo; mas por que razão isso mesmo? Por que via mais se introduzem os erros do que pela via pública? Pois de que outra forma os marfins, o ouro e as pedras preciosas chegaram ao uso privado?

⁹⁸ *Murrinis*: (gr. *μόρρια*) minério de origem asiática usado na confecção de vasos; corresponde à fluorita ou talvez à pedra de ágata.

⁹⁹ *M. Scauri aedilitate*: Marco Emílio Escauro, edil em 58 a.C.

sed nulla gloria artificum est nisi qui tabulas pinxere. eo venerabilior antiquitatis prudentia apparet. non enim parietes excolebant dominis tantum nec domos uno in loco mansuras, quae existimat incendiis rapi non possent. casa Protogenes contentus erat in hortulo suo; nulla in Apellis tectoriis pictura erat. nondum libebat parietes totos tinguere; omnium eorum ars urbibus excubabat, pictorque res communis terrarum erat (*Nat. hist.* XXXV, 118).

Mas, entre os artífices, nenhuma glória é conferida aos que não tenham pintado tão somente telas, o que revela ser ainda mais respeitável o julgamento dos antigos. Pois eles não adornavam as paredes apenas aos senhores nem suas casas, que haveriam de permanecer no mesmo lugar e que não poderiam ser resgatadas de incêndios. Protógenes contentava-se com uma cabana em seu pequeno jardim; não havia nenhuma pintura nos estuques das paredes de Apeles. Ainda não havia o desejo de colorir paredes inteiras; a arte deles todos atentava-se às cidades, e o pintor era um bem comum a todo mundo.

Mas como observado no exemplo acima, embora seja o meio privado marcado pela *luxuria* e pela *avaritia*, também o meio público pode ser tomado por elas. Além de associar o luxo ao Oriente¹⁰⁰, o *abusus* é também associado a alguns governantes¹⁰¹, de modo que também é construída a oposição entre, de um lado, Tibério e Nero e, de outro, Alexandre, o Grande, Augusto e, em especial, Vespasiano: os primeiros são vistos como representantes da vaidade individual, e os segundos, como *exempla* de moderação e do entendimento da arte como bem público¹⁰², como no exemplo abaixo.

atque ex omnibus, quae rettuli, clarissima quaeque in urbe iam sunt dicata a Vespasiano principe in templo Pacis aliisque eius operibus, violentia Neronis in urbem convecta et in sellariis domus aureae disposita (*Nat. hist.* XXXIV, 84).

E das obras às quais me referi, todas as mais ilustres foram já dedicadas em Roma pelo imperador Vespasiano no Templo da Paz e em outras construções feitas por ele; já antes, haviam sido levadas a Roma pela impetuosidade de Nero e dispostas nas salas de estar da Casa Áurea.

Logo, o elogio às obras feito por Plínio, uma vez que fazem parte do domínio romano, após a expansão imperial, é, na verdade, um elogio a Roma, uma *laudatio*, mas, especificamente, da Roma à sua época, sendo restaurada pelos Flávios e por Vespasiano, de princípios republicanos. As anedotas, portanto, exprimem, além de valores “artísticos”, as concepções apresentadas acima, e servem como *exempla*, como uma ferramenta de comprovação e de persuasão¹⁰³.

¹⁰⁰ “Parece-me surpreendente que, embora a origem da estatuária seja tão antiga na Itália, os simulacros de deuses dedicados nos templos eram, antes, de madeira ou argila até a conquista da Ásia, de onde provém o luxo” (*mirumque mihi videtur, cum statuarum origo tam vetus Italiae sit, lignea potius aut fictilia deorum simulacra in delubris dicata usque ad devicatum Asiam, unde luxuria*) (*Nat. hist.* XXXIV, 34).

¹⁰¹ *HN*, XXXIV, 62 e 63 são exemplos dessa associação, já mencionados acima.

¹⁰² Isager, 1991, pp. 223-225.

¹⁰³ Como um fenômeno da *dispositio*, as anedotas promovem a persuasão tanto por meios intelectuais, servindo como provas, tendo, portanto, o objetivo de *docere*, como também por meios afetivos, excitando afetos suaves, na condição de *ornatus*, servindo, portanto, ao *delectare*, bem como em um grau mais violento, servindo também ao *move* (Lausberg, 1972, pp. 104-105).

Além disso, é preciso entender que as próprias representações são já uma forma retórica elaborada para veicular a *romanitas*, a grandeza, o *imperium* e os valores romanos¹⁰⁴.

A arte romana é uma forma de retórica, porque não é possível haver um império sem os discursos que sancionam sua legitimidade e justificam as diferenças sobre as quais ele se funda; [. . .]. No mundo romano, não há cidade sem construções magníficas ou estátuas imperiais, projetadas para lembrar seus habitantes dos valores partilhados com o restante do império; não há vila sem pinturas ou mosaicos de heróis mitológicos lembrando os observadores das virtudes que o dono supostamente partilha com esses heróis¹⁰⁵.

E pensando nessa presença retórica, é preciso destacar que, mais do que a grega, a retórica romana é centrada no *éthos*, no papel social daquele que fala e em sua autoridade.

Éthos é muito mais amplo do que simplesmente um orador, artífice ou patrono. [. . .]. É o papel social que permite àquele que fala demonstrar suas virtudes, isto é, sua persona. No caso de uma obra de arte, isso inclui todos aqueles responsáveis por sua criação, de patronos a comissários, àqueles que a planejam, a artífices. [. . .] *éthos* é uma reivindicação de capacidade, habilidade ou virtudes necessárias a responder, a dar uma resposta apropriada ou justa a uma questão levantada em um debate ou simplesmente em uma interação social¹⁰⁶.

Partindo da proposição de Paulo Martins, no artigo *Constructing Cicero*, em que é demonstrada a construção do *éthos* de Cícero no *De Inventione*, a construção de sua autoridade a partir da homologia com Zêuxis e sua *auctoritas*, é possível observar o mesmo movimento na construção retórica da obra de Plínio. A partir da anedota sobre Zêuxis, também mencionada em XXXV, 64¹⁰⁷, que teria selecionado diferentes traços de moças que fossem as mais belas para elaborar uma pintura de Helena, Cícero indicaria que sua autoridade, assim como a do pintor, estaria em sua capacidade de seleção, sua *potestas elegendi*, no caso, de temas e de palavras¹⁰⁸. Assim, como afirma Martins, “Cícero constrói sua imagem como um Zêuxis da retórica, não devido ao tipo de pintura desenvolvido por este, mas, ao contrário, por sua posição em meio às autoridades pictóricas”¹⁰⁹. A autoridade de um é transferida ao outro.

¹⁰⁴ Meyer em Elsner; Meyer, 2014, p. xviii.

¹⁰⁵ *Idem, ibidem*.

¹⁰⁶ Elsner em Elsner; Meyer, 2014, pp. 6-7.

¹⁰⁷ “Entretanto, Zêuxis é criticado como sendo maior nas cabeças e nos membros menores; por outro lado, é tão reconhecido por seu cuidado, que, quando fazia um quadro aos Agrigentinos, que seria dedicado publicamente ao templo de Juno Lacínia, observou moças locais desnudas e escolheu cinco para que representasse na pintura o que houvesse de mais encantador em cada uma delas” (“*reprehenditur tamen ceu grandior in capitibus articulisque, alioqui tantus diligentia, ut Agragantinis facturum tabulam, quam in templo Iunonis Lacinae publice dicarent, inspexerit virgines eorum nudas et quinque elegerit, ut quod in quaque laudatissimum esset pictura redderet*”) (*Nat. hist.* XXXV, 64).

¹⁰⁸ Martins, 2013, p. 232. Como apontado por Martins, Cícero menciona a seleção feita na construção do repertório de oradores, e, portanto, seu, por meio da expressão “*rerum copia et verborum*” (Cícero, *On the Orator*, III, 125).

¹⁰⁹ Martins, 2013, p. 235.

Assim como Plínio afirma também sua *potestas elegendi* no prefácio à obra reiterando o caráter hiperbólico de seu trabalho – teriam sido analisados cerca de dois mil volumes e reunidos vinte mil fatos relevantes de cem diferentes autores¹¹⁰ –, ao selecionar e mencionar todos os melhores artífices, constrói um rol de *exempla*, de modo que a autoridade desses artífices também garante a autoridade daquilo que ele próprio realiza, de sua obra; logo, é construída uma relação de emulação em que Plínio, ao associar sua autoridade à daqueles que são os melhores nas artes, por meio dessa homologia, transfere-a a si e garante seu próprio discurso a partir da própria notabilidade de seu *éthos*, construído retoricamente.

¹¹⁰ *HN*, Pref., 17.

4. TRADUÇÃO

Tabela de medidas

<i>Àroura</i>	Medida de área egípcia. Equivale aproximadamente a 2 750 m ²
<i>Chiorum cadus</i>	Medida de volume de líquidos, porém incerta. Um seria equivalente a uma ânfora ática, por sua vez equivalente a uma ânfora e meia, em torno de 34 L
<i>Cubitum</i>	Medida de comprimento equivalente a cerca de um pé e meio ou 44,4 cm
<i>Digitus</i>	Medida de comprimento, aproximadamente 1,85 cm
<i>Drachma</i>	Medida de massa equivalente a 4,37 g
<i>Iugerum</i>	Medida de área equivalente a cerca de 252 m ²
<i>Milia passuum</i>	Medida de comprimento equivalente a 1,48 km
<i>Obolus</i>	Medida de massa equivalente à sexta parte do dracma, em torno de 0,7 g
<i>Palmus</i>	Medida de comprimento, aproximadamente 7,4 cm
<i>Passus</i>	Medida de comprimento, aproximadamente 1,48 m
<i>Pes</i>	Medida de comprimento, aproximadamente 29,6 cm
<i>Scrupulum</i>	Medida de massa, aproximadamente 1,1 g
<i>Sextarius</i>	Medida de volume de líquidos equivalente a cerca de 0,5 L
<i>Stadium</i>	Medida de comprimento equivalente a cerca de 192 m
<i>Ulna</i>	Medida de comprimento equivalente a um <i>cubitum</i>
<i>Uncia</i>	Medida de massa, aproximadamente 27,4 g

4.1. Livro XXXIV

I 1. Proxime dicantur aeris metalla, cui et in usu proximum est pretium, immo vero ante argentum ac paene etiam ante aurum Corinthio, stipis quoque auctoritas, ut diximus. hinc aera militum, tribuni aerarii et aerarium, obaerati, aere diruti. docuimus quamdiu populus Romanus aere tantum signato usus esset: et alia re vetustas aequalem urbi auctoritatem eius declarat, a rege Numa collegio tertio aerarium fabrum instituto.	I 1. Em seguida, mencionaremos os metais cúpreos ¹¹¹ , os mais valiosos depois do ouro e da prata quanto à utilidade; na verdade, o bronze coríntio é superior à prata e quase superior ao ouro. O bronze é também o padrão de pagamentos em moedas, conforme dissemos; daí advêm os nomes referentes ao bronze dos militares, aos tribunos do erário e ao erário, aos oberados e aos soldados desaposados de bronze ¹¹² . Já dissemos por quanto tempo o povo romano fez uso apenas de moedas de bronze, e a antiguidade mostra que sua importância é tão remota quanto a própria cidade, uma vez que o terceiro colégio estabelecido pelo rei Numa foi o de trabalhadores em cobre.
II 2. Vena quo dictum est modo foditur ignique perficitur. fit et e lapide aereo, quem vocant cadmean, celebri trans maria et quondam in Campania, nunc et in Bergomatium agro extrema parte Italiae; ferunt nuper etiam in Germania provincia	II 2. Um veio é escavado conforme o método já dito, e o metal é finalizado com fogo. Também é obtido de uma pedra cúprica, que chamam cadmia, muito conhecida, encontrada em regiões ultramarinas e, antes, na Campânia; hoje, também o é no território de Bérgamo, no

¹¹¹ *Aeris metalla*: o termo *aes* refere-se ao cobre ou às outras ligas compostas a partir dele, como o bronze e o latão, a depender do contexto.

¹¹² *Hinc aera militum, tribuni aerarii et aerarium, obaerati, aere diruti* (XXXIV, 1). Os termos provêm do substantivo *aes* e referem-se ao pagamento dos soldados, àqueles que supervisionavam o tesouro público bem como ao próprio tesouro, aos que possuíam dívidas e a um soldado cujo pagamento fosse interrompido como uma punição militar.

<p>reperitum. fit et ex alio lapide, quem chalcitum appellant in Cypro, ubi prima aeris inventio, mox vilitas praecipua reperto in aliis terris praestantiore maximeque aurichalco, quod praecipuam bonitatem admirationemque diu optinuit nec reperitur longo iam tempore effeta tellure.</p> <p>3. Proximum bonitate fuit Sallustianum in Ceutronum Alpino tractu, non longi et ipsum aevi, successitque ei Livianum in Gallia. utrumque a metallorum dominis appellatum, illud ab amico divi Augusti, hoc a coniuge.</p> <p>4. Velocis defectus Livianum quoque; certe admodum exiguum invenitur. summa gloriae nunc in Marianum conversa, quod et Cordubense dicitur. hoc a Liviano cadmean maxime sorbet et aurichalci bonitatem imitatur in sestertiis dupondiarisque, Cyprio suo assibus contentis. et hactenus nobilitas in aere naturali se habet.</p>	<p>extremo da Itália, e dizem ainda ter sido encontrada recentemente na província da Germânia. Também é obtido a partir de outra pedra, que chamam calcopirita, em Chipre – primeiro lugar onde se deu a descoberta do cobre; seu valor tornou-se particularmente baixo após ser encontrado, em outras regiões, um cobre de qualidade superior e, em especial, o oricalco, de excelente qualidade e muito admirado por um longo período, mas não mais encontrado já há muito tempo, uma vez que o solo se esgotou.</p> <p>3. O seguinte em excelência foi o cobre de Salústio, proveniente da região alpina dos cêutrones, mas este também não durou muito tempo, e sucedeu-lhe o de Lívia, na Gália. Cada tipo de cobre foi nomeado a partir do dono das minas, sendo aquele referente à mina do amigo do divino Augusto e este referente à de sua esposa.</p> <p>4. O cobre de Lívia também teve rápido esgotamento, sendo encontrado apenas uma quantidade insignificante dele. Hoje, toda a glória voltou-se ao cobre de Mário, dito também de Córdoba. Depois do cobre de Lívia, esse é o que melhor absorve a cadmia e assemelha-se à excelência do oricalco para sestércios e dupôndios; já os ases contentam-se com o cobre de Chipre. Essa é a dimensão da excelência relativa ao cobre natural.</p>
<p>III 5. Reliqua genera cura constant, quae suis locis reddentur, summa claritate ante omnia indicata. quondam aes confusum auro argentoque miscebatur, et tamen ars pretiosior erat; nunc incertum est, peior haec sit an materia, mirumque, cum ad infinitum operum pretia creverint, auctoritas artis extincta est. quaestus enim causa, ut omnia, exerceri coepta est quae gloriae solebat – ideo etiam deorum adscripta operi, cum proceres gentium claritatem et hac via quaerent –, adeoque exolevit fundendi aeris pretiosi ratio, ut iam diu ne fortuna quidem in ea re ius artis habeat.</p> <p>6. Ex illa autem antiqua gloria Corinthium maxime laudatur. hoc casus miscuit Corintho, cum caperetur, incensa, mireque circa id multorum adfectatio furuit, quippe cum tradatur non alia de causa Verrem, quem M. Cicero damnaverat, proscriptum cum eo ab Antonio, quoniam Corinthiis cessurum se ei negavisset. ac mihi maior pars eorum simulare eam scientiam videtur ad segregandos sese a ceteris magis quam intellegere aliquid ibi subtilius; et hoc paucis docebo.</p> <p>7. Corinthus capta est olympiadis CLVIII anno tertio, nostrae urbis DCVIII, cum ante haec saecula fictores nobiles esse desissent, quorum isti omnia signa hodie Corinthia appellant. quapropter ad coarguendos eos ponemus artificum aetates; nam urbis nostrae annos ex supra dicta comparatione olympiadum colligere facile erit. sunt ergo vasa tantum Corinthia, quae isti elegantiores modo ad esculenta transferunt, modo in lucernas aut trulleos nullo munditiarum dispectu.</p>	<p>III 5. Já os outros tipos são produzidos e serão apontados em seu devido momento, sendo primeiro apontados os de maior renome. Antes, o cobre era misturado a uma combinação de ouro e prata; contudo a arte ainda era mais valiosa que a matéria. Já hoje, não se sabe qual das duas é pior, e é surpreendente que, embora os preços dos objetos tenham aumentado sobremaneira, a reputação atribuída a essa arte tenha-se extinguido. Pois, como tudo, começou a ser exercido pelo ganho o que costumava dar-se pela glória – foi até mesmo incluída em meio às obras dos deuses por essa razão, e os mais nobres homens de todos os povos buscavam a fama também por esse meio. Mas o método para fundir o bronze precioso tornou-se obsoleto a tal ponto, que, já há muito tempo, nem mesmo a sorte foi capaz de gerar alguma obra dessa arte.</p> <p>6. Dos bronzes reconhecidos desde muito tempo, o coríntio é o mais louvado. O acaso foi responsável por essa mistura quando Corinto foi incendiada após ser tomada; muitas pessoas desejaram obtê-lo fervorosamente, pois conta-se que Verres, condenado por Cícero, foi proscrito, junto com ele, por Antônio, pois que se negou a ceder-lhe seus bronzes coríntios¹¹³. Mas creio que a maior parte dessas pessoas finge ter conhecimento sobre esses bronzes apenas para se destacar do resto e não entende, propriamente, algo mais perspicaz sobre o assunto; e demonstrarei isso em poucas palavras.</p> <p>7. Corinto foi capturada no terceiro ano da 158ª Olimpíada, no 608º ano de nossa cidade¹¹⁴, momento em que, já havia séculos, não existiam mais escultores renomados¹¹⁵; mas essas pessoas chamam todas as suas estátuas coríntias. Assim, para refutá-las, estabeleceremos a idade dos artífices; certamente será</p>

¹¹³ Sobre a proscrição de Cícero, cf. Jacobson; Weitzman (1992, p. 239).

¹¹⁴ 146 a.C.

¹¹⁵ *Fictores*: termo proveniente do verbo *finco*, “modelar, moldar” (OLD, p. 702).

<p>8. Eius aeris tria genera: candidum argento nitore quam proxime accedens, in quo illa mixtura praevaluit; alterum, in quo auri fulva natura; tertium, in quo aequalis omnium temperies fuit. praeter haec est cuius ratio non potest reddi, quamquam hominis manu est, at fortuna temperatur in simulacris signisque illud suo colore pretiosum ad iocineris imaginem vergens, quod ideo hepatizon appellant, procul a Corinthio, longe tamen ante Aegineticum atque Deliacum, quae diu optinere principatum.</p>	<p>fácil determinar os anos a partir da comparação feita acima entre as olimpíadas e os anos desde a fundação de Roma. Por isso, apenas são vasos coríntios autênticos aqueles que esses finos apreciadores usam ora para levar comidas, ora em lamparinas ou bacias de água, sem nenhuma consideração pela elegância ou pelo refinamento.</p> <p>8. Há três espécies de bronze coríntio: uma espécie branca, que se aproxima muito, quanto ao brilho, à prata, que prevalece nessa liga, outra, que possui a natureza fulva do ouro, e uma terceira, em que há uma mistura de todos os metais em quantidades iguais. Além dessas, há uma outra cuja proporção não é possível apontar, embora seja feita pelas mãos dos homens; mas o bronze mais estimado para simulacros e esculturas¹¹⁶ é misturado pelo acaso e sua cor assemelha-se à de um fígado; é, por isso, chamado <i>hepatizon</i>, “de cor de fígado”. É muito inferior ao coríntio, embora muito superior ao de Egina e ao de Delos, os quais, por muito tempo, foram considerados melhores.</p>
<p>IV 9. Antiquissima aeris gloria Deliaci fuit, mercatus in Delo celebrante toto orbe, et ideo cura officinis. triclíniorum pedibus fulcrisque ibi prima aeris nobilitas, pervenit deinde et ad deum simulacra effigiemque hominum et aliorum animalium.</p>	<p>IV 9. A fama do bronze de Delos é a mais antiga; o mundo todo frequentava seus mercados, e, por isso, havia o cuidado nas oficinas. Lá, o bronze tornou-se famoso primeiro por seu uso em pés e apoios de triclinios, e abrangeu, depois, também os simulacros de deuses e efígies de homens e de outros animais.</p>
<p>V 10. Proxima laus Aeginetico fuit, insula et ipsa eo, nec quod ibi gigneretur, sed officinarum temperatura, nobilitata. bos aereus inde captus in foro boario est Romae. hoc erit exemplar Aeginetici aeris, Deliaci autem Iuppiter in Capitolio in Iovis Tonantis aede. illo aere Myron usus est, hoc Polycletus, aequales atque condiscipuli; sic aemulatio et in materia fuit.</p>	<p>V 10. O bronze de Egina é o segundo mais renomado, sendo também a própria ilha reconhecida por ele, e não por originar-se lá, mas pela mistura da liga nas oficinas. Um touro brônzeo tomado de Egina encontra-se no Fórum Boário, em Roma, e servirá como um exemplar deste bronze; já o exemplar do bronze de Delos será o Júpiter no templo de Júpiter Tonante no Capitólio. Míron fez uso do bronze de Egina e Policleto, do de Delos; eles foram contemporâneos e colegas discípulos, e a emulação entre eles se deu até em relação ao material usado.</p>
<p>(VI) Privatum Aegina candelabrorum• superficiem dumtaxat elaboravit, sicut Tarentum scapos. (11.) in iis ergo iuncta commendatio officinarum est. nec pudet tribunorum militarium salariis emere, cum ipsum nomen a candelarum lumine inpositum appareat. accessio candelabri talis fuit Theonis iussu praeconis Clesippus fullo gibber et praeterea et alio foedus aspectu, emente id Gegania HS L. eadem ostentante in convivio empta ludibrii causa (12.) nudatus atque inpudentia libidinis receptus in torum, mox in testamentum, praedives numinum vice illud candelabrum coluit et hanc Corinthiis fabulam adiecit, vindicatis tamen moribus nobili sepulchro, per quod aeterna supra terras Geganiae dedecoris memoria duraret. sed cum esse nulla Corinthia candelabra constet, nomen id praecipue in his celebratur, quoniam Mummi victoria Corinthum quidem diruit, sed e compluribus Achaiae oppidis simul aera dispersit.</p>	<p>(VI) Egina passou a produzir separadamente apenas a parte de cima de candelabros enquanto Tarento produziu apenas as bases. (11.) Por isso, foi associado o reconhecimento das produções desses objetos nesses dois locais. E não se envergonham em comprar candelabros pelo valor dos pagamentos de tribunos militares quando o próprio nome conferido a esse objeto refere-se evidentemente à luz de velas¹¹⁷. Clesipo, pisoeiro corcunda e horrível em todos os aspectos, foi acrescido a um candelabro do tipo que estava à venda por determinação do leiloeiro Teão, e Gegânia comprou o conjunto por cinquenta mil sestércios. Ela exibiu, em um banquete, suas compras, e, como uma zombaria, estava ele (12.) desnudo; por uma impudência libidinosa, ela admitiu-o no quarto e, pouco depois, em seu testamento; extremamente rico, ele cultuou aquele candelabro como uma divindade e fez com que fosse atrelada essa história aos candelabros coríntios, embora tenham sido vingados</p>

¹¹⁶ *Simulacris signisque*: sobre a definição de *simulacrum*, cf. 4.1.1. Já o termo *signum* pode designar, no contexto imagético, uma imagem esculpida, comumente estátuas de deuses, figuras gravadas em relevo ou figuras em uma pintura (OLD, p. 1760). Martins (2011, pp. 108-134) faz também um apanhado de termos, substantivos e verbos, a fim de apresentar a linguagem relativa às artes e às imagens.

¹¹⁷ Referência a *candēlabrum* e a *candēla*, “vela de cera”.

	os bons costumes graças ao famoso sepulcro que erigiu para perpetuar, por toda a terra, a memória vergonhosa de Gegânia. Embora não conste nenhum candelabro coríntio, este nome é normalmente associado a esses objetos, uma vez que a vitória de Múmio, de fato, destruiu Corinto, mas também, ao mesmo tempo, dispersou os bronzes de muitas cidades acaias.
VII 13. Prisci limina etiam ac valvas in templis ex aere factitavere. inveno et a Cn. Octavio, qui de Perseo rege navalem triumphum egit, factam porticum duplicem ad circum Flaminium, quae Corinthia sit appellata a capitulis aereis columnarum, Vestae quoque aedem ipsam Syracusana superficie tegi placuisse. Syracusana sunt in Pantheo capita columnarum a M. Agrippa posita. quin etiam privata opulentia eo modo usurpata est. Camillo inter crimina obiecit Spurius Carvilius quaestor, ostia quod aerata haberet in domo.	VII 13. Os antigos frequentemente fizeram os limiares e as portas de duas folhas dos templos de bronze. Descubro também que foi feito, por Gneu Octávio, que conquistou o triunfo naval sobre o rei Perseu, um pórtico duplo para o circo Flaminio, o qual era chamado coríntio devido aos capitéis brônzeos das colunas, e que havia sido aprovado que o próprio templo de Vesta fosse recoberto por uma camada externa de bronze siracusano. Os capitéis das colunas no Panteão, postos por Marco Agripa, são também deste bronze. E até a opulência no meio privado empregou-o dessa forma. O questor Espúrio Carvílio expôs, entre as acusações contra Camilo, as portas recobertas de bronze que possuía em sua residência.
VIII 14. Nam triclinia aerata abacosque et monopodia Cn. Manlium Asia devicta primum invexisse triumpho suo, quem duxit anno urbis DLXVII, L. Piso auctor est, Antias quidem heredes L. Crassi oratoris multa etiam triclinia aerata vendidisse. ex aere factitavere et cortinas tripodum, nomine et Delphicas, quoniam donis maxime Apollini Delphico dicabantur. placuere et lychnuchi pensiles in delubris aut arborum mala ferentium modo lucentes, quale est in templo Apollinis Palatini quod Alexander Magnus Thebarum expugnatione captum in Cyme dicaverat eidem deo.	VIII 14. Segundo Lúcio Pisão, foram primeiro introduzidos triclinios, ábacos e monopódios de bronze por Gneu Mânlio, após a conquista da Ásia, em seu triunfo conduzido no ano 567 de Roma ¹¹⁸ ; segundo Antias, os herdeiros do orador Lúcio Crasso também venderam muitos triclinios de bronze. Também foram comumente feitos de bronze caldeirões em tripés, chamados “délficos”, porque eram especialmente dedicados como oferendas a Apolo Délfico. Agradavam também luminárias pendentes nos templos ou com as luzes arranjadas semelhantes a árvores carregadas de frutos, tal como o encontrado no templo de Apolo Palatino ¹¹⁹ , tomado por Alexandre, o Grande, na expugnação de Tebas e então dedicado ao mesmo deus em Cime.
IX 15. Transiit deinde ars vulgo ubique ad effigies deorum. Romae simulacrum ex aere factum Cereri primum reperio ex peculio Sp. Cassi, quem regnum adfectantem pater ipsius interemerit. transiit et a diis ad hominum statuas atque imagines multis modis. bitumine antiqui tinguebant eas, quo magis mirum est placuisse auro integere. hoc nescio an Romanum fuerit inventum; certe etiam nomen non habet vetustum. 16. Effigies hominum non solebant exprimi nisi aliqua inlustri causa perpetuitatem merentium, primo sacrorum certaminum victoria maximeque Olympiae, ubi omnium, qui vicissent, statuas dicari mos erat, eorum vero, qui ter ibi superavissent, ex membris ipsorum similitudine expressa, quas iconicas vocant. 17. Athenienses nescio an primis omnium Harmodio et Aristogitoni tyrannicidis publice posuerint statuas. hoc actum est eodem anno, quo et Romae reges pulsi. excepta deinde res est a toto orbe terrarum humanissima ambitione, et in omnium municipiorum foris statuae ornamentum esse coepere propagarique	IX 15. Depois, em todo lugar, essa arte voltou-se, comumente, às efígies de deuses. Descubro que o primeiro simulacro de bronze foi feito, em Roma, à Ceres a partir do pecúlio de Espúrio Cássio, morto pelo pai quando reivindicava o trono. Passou também dos deuses às estátuas e imagens de homens, de diferentes formas. Os antigos tingiam-nas com betume, motivo pelo qual é mais admirável ainda que tenham, depois, gostado de recobri-las com ouro. Não sei se isso teria sido uma invenção romana; certamente, não possui um nome antigo. 16. Não costumavam ser representadas efígies de homens, a não ser daqueles merecedores da perpetuidade por algum motivo ilustre, e, principalmente, por uma vitória em competições sagradas, sobretudo em Olímpia, onde o costume era dedicar estátuas de todos os vencedores; aos que tivessem vencido lá três vezes, era representada ainda a semelhança dos próprios membros, estátuas que chamam icônicas ¹²⁰ .

¹¹⁸ 187 a.C.

¹¹⁹ Dedicado por Augusto em 27 a.C. Plínio também menciona outras obras de Escopas, Cefisódoto e Timóteo no templo (HN, XXXVI, 24, 25 e 32).

¹²⁰ *Iconicas*: estátuas em tamanho natural.

<p>memoria hominum et honores legendi aevo basibus inscribi, ne in sepulcris tantum legerentur. mox forum et in domibus privatis factum atque in atriis: honos clientum instituit sic colere patronos.</p>	<p>17. Não sei se foram os atenienses os primeiros a dedicar publicamente estátuas aos tiranicidas Harmódio e Aristogíton. Isso se deu no mesmo ano em que, também em Roma, foram banidos os reis. Depois, como uma nobre rivalidade, esse costume foi adotado por todo o mundo, e as estátuas passaram a ser um ornamento nos fóruns de todas as cidades; passou a ser propagada a memória dos homens e passaram a ser inscritas, nas bases, suas honras, para serem lidas pela eternidade e para que não fossem lidas apenas em seus túmulos. Logo depois, um foro foi feito até em casas privadas e nos átrios: a dignidade dos clientes fez com que se passasse a honrar os patronos dessa forma.</p>
<p>X 18. Togatae effigies antiquitus ita dicantur. placuere et nudae tenentes hastam ab epeborum e gymnasiis exemplaribus; quas Achilleas vocant. Graeca res nihil velare, at contra Romana ac militaris thoraces addere. Caesar quidem dictator loricate sibi dicari in foro suo passus est. nam Lupercorum habitu tam noviciae sunt quam quae nuper prodiere paenulis indutae. Mancinus eo habitu sibi statuit, quo deditus fuerat.</p> <p>19. Notatum ab auctoribus et L. Accium poetam in Camenarum aede maxima forma statuam sibi posuisse, cum brevis admodum fuisset. equestres utique statucae Romanam celebrationem habent, orto sine dubio a Graecis exemplo. sed illi celetas tantum dicant in sacris victores, postea vero et qui bigis vel quadrigis vicissent; unde et nostri currus nati in iis, qui triumphavissent. serum hoc, et in iis non nisi a divo Augusto seiuges, sicut elephantii.</p>	<p>X 18. Assim, no passado, eram dedicadas estátuas vestidas com a toga. Agradavam também estátuas desnudas portando lanças, feitas a partir dos exemplares de efébos dos ginásios, as chamadas aquileias. A prática grega é não cobrir os corpos; ao contrário, a maneira romana, em estátuas militares, é acrescentar couraças. Na verdade, o ditador César permitiu que lhe fosse dedicada uma estátua com uma loriga em seu fórum. Já as com a vestimenta dos Lupercos¹²¹ são tão atuais quanto as vestidas em pênulas que apareceram recentemente. Mancino erigiu uma de si mesmo com a vestimenta com que teria sido rendido.</p> <p>19. Foi apontado pelos autores que também o poeta Lúcio Ácio dispôs, no templo das Camenas, uma estátua sua de grande estatura, embora fosse muito pequeno. De fato, estátuas equestres possuem grande valor aos romanos, tendo esse exemplo advindo, sem dúvida, dos gregos. Mas eles dedicavam-nas somente aos corredores de cavalos vitoriosos nas cerimônias religiosas, e, apenas depois, também àqueles que vencessem em bigas ou quadrigas, de onde se originam nossos coches àqueles que celebraram um triunfo. Mas isso se deu tempos depois, e, entre essas obras, não houve carruagens de seis cavalos nem elefantes senão a partir da época do divino Augusto.</p>
<p>XI 20. Non vetus et bigarum celebratio in iis, qui praetura functi curru vecti essent per circum; antiquior columnarum, sicuti C. Maenio, qui devicerat priscos Latinos, quibus ex foedere tertias praedae populus Romanus praestabat, eodemque in consulatu in suggestu rostra devictis Antiatribus fixerat anno urbis CCCCXVI, item C. Duillio, qui primus navalem triumphum egit de Poenis, quae est etiam nunc in foro.</p> <p>21. Item L. Minucio praefecto annonae extra portam Trigeminam unciaria stipe conlata – nescio an primo honore tali a populo, antea enim a senatu erat –, praeclara res, ni frivolis coepisset initiis. namque et Atti Navi statua fuit ante curiam – basis eius conflagravit curia incensa P. Clodii funere; fuit et Hermodori Ephesii in comitio, legum, quas decemviri scribebant, interpretis, publice dicata.</p> <p>22. Alia causa, alia auctoritas M. Horati Coclitis statucae – quae durat hodieque –, cum hostes a ponte</p>	<p>XI 20. Não é antiga também a popularidade das bigas no caso daqueles que haviam administrado a pretoria e sido levados em um coche pelo circo; já o uso de colunas é mais antigo, como a coluna a Gaio Mênio, que derrotara os antigos latinos, aos quais, a partir de um acordo, o povo romano cedeu um terço de seu espólio; no mesmo consulado, erigiu os rostros no sugesto após a derrota dos cidadãos de Âncio no ano 416 da cidade de Roma¹²². E assim também com Gaio Duílio, quem primeiro obteve um triunfo naval sobre os cartagineses, coluna que ainda hoje se encontra no fórum, (21.) e com Lúcio Minúcio, prefeito da anona, coluna posta fora da Porta Trigêmeina, custeada por uma taxa de uma onça de bronze por pessoa¹²³. Não sei se essa teria sido a primeira honra do tipo conferida pelo povo, pois antes o era pelo senado; seria algo ilustre não tivesse surgido de princípios tão frívolos. E, na verdade, em frente à cúria, houve também a estátua de Ato Návio, cuja base foi consumida pelo fogo</p>

¹²¹ *Lupercorum habitu*: faixa de pele de cabra usada na cintura.

¹²² 338 a.C.

¹²³ Cerca de 27,4 g.

<p>sublicio solus arcuisset. equidem et Sibyllae iuxta rostra esse non miror, tres sint licet: una quam Sextus Pacuius Taurus aed. pl. restituit; duae quas M. Messalla. primas putarem has et Atti Navi, positas aetate Tarquinii Prisci, ni regum antecedentium essent in Capitolio, (23.) ex his Romuli et Tatii sine tunica, sicut et Camilli in rostris. et ante aedem Castorum fuit Q. Marci Tremuli equestris togata, qui Samnites bis devicerat captaque Anagnia populum stipendio liberaverat. inter antiquissimas sunt et Tulli Cloeli, L. Rosci, Sp. Nauti, C. Fulcini in rostris, a Fidenatibus in legatione interfectorum.</p> <p>24. Hoc a re p. tribui solebat iniuria caesis, sicut aliis et P. Iunio, Ti. Coruncanio, qui ab Teuta Illyriorum regina interfecti erant. non omittendum videtur, quod annales adnotavere, tripodaneas iis statuas in foro statutas; haec videlicet mensura honorata tunc erat. non praeteribo et Cn. Octavium ob unum SC. verbum. hic regem Antiochum daturum se responsum dicentem virga, quam tenebat forte, circumscripsit priusque, quam egrederetur circulo illo, responsum dare coegit. in qua legatione interfecto senatus statuam poni iussit quam oculatissimo loco, eaque est in rostris.</p> <p>25. Invenitur statua decreta et Taraciae Gaeae sive Fufetiae virgini Vestali, ut poneretur ubi vellet, quod adiectum non minus honoris habet quam feminae esse decretam. meritum eius ipsis ponam annalium verbis: quod campum Tiberinum gratificata esset ea populo.</p>	<p>após o incêndio da cúria durante os ritos funerais de Públio Clódio; na Assembleia, houve ainda a de Hermodoro de Éfeso, intérprete das leis escritas pelos decênviros, dedicada publicamente¹²⁴.</p> <p>22. Com um outro motivo e uma outra autoridade, foi erigida a estátua de Marco Horácio Cocles, que perdura até hoje: sozinho, ele impediu que os inimigos se aproximassem pela Ponte sublícia. E não me admira haver uma estátua de Sibila próxima ao rosto, embora haja três: uma restaurada pelo edil da plebe Sexto Pacúvio Tauro e duas restauradas por Marco Messala. Acreditaria serem essas e a de Ato Návio as primeiras, erigidas na época de Tarquínio Prisco, não fossem as estátuas no Capitólio, de reis anteriores – entre elas, as de Rômulo e Tácio sem túnica –, bem como a de Camilo no rosto.</p> <p>23. Também, em frente ao templo dos Castores, esteve a estátua equestre de Quinto Marco Trêmulo de toga; ele conquistara duas vezes os Samnitas e, uma vez capturada a Anágnia, libertou a população dos tributos. Entre as mais antigas, estão também as de Tulo Clélio, Lúcio Róscio, Espúrio Náucio e Gaio Fulcínio, no rosto, mortos pelos fidenates quando serviam como embaixadores.</p> <p>24. Isto costumava ser concedido pela República aos que haviam sido mortos injustamente, como Públio Júnio e Tito Coruncânio, mortos pela rainha dos ilírios, Teuta. E não se deve omitir o fato já apontado pelos anais: as estátuas concedidas a eles erigidas no fórum tinham três pés de altura¹²⁵; é evidente que, à época, esta era uma medida honorável. Não omitirei também Gneu Octávio devido a uma frase no decreto do Senado. No momento em que o rei Antíoco disse que lhe daria uma resposta, desenhou um círculo com um galho que, por acaso, tinha e insistiu que o rei desse uma resposta antes de sair daquele círculo. Como foi morto nesta ocasião, quando servia como embaixador, o Senado ordenou que uma estátua sua fosse erigida no local mais visível; esta se encontra no rosto.</p> <p>25. Há também a estátua decretada à virgem vestal Tarrácia Gaia (ou Fufécia), “a ser posta no local que desejava”, um acréscimo tão honroso quanto ter sido a estátua decretada a uma mulher. O mérito dela apontarei nas próprias palavras dos anais: “pois ela havia gratificado o povo com a planície tiberina”.</p>
<p>XII 26. Invenio et Pythagorae et Alcibiadi in cornibus comitii positas, cum bello Samniti Apollo Pythius iussisset fortissimo Graiae gentis et alteri sapientissimo simulacra celebri loco dicari. eae stetero, donec Sulla dictator ibi curiam faceret. mirumque est, illos patres Socrati cunctis ab eodem deo sapientia praelato Pythagoran praetulisse aut tot aliis virtute Alcibiaden et quemquam utroque Themistocli.</p> <p>27. Columnarum ratio erat attolli super ceteros mortales, quod et arcus significant novicio invento. primus tamen honos coepit a Graecis, nullique arbitror</p>	<p>XII 26. Encontro também estátuas erigidas a Pitágoras e Alcibíades nos cantos da Assembleia, quando, na guerra Samnita, Apolo Pítio havia ordenado que fossem dedicados simulacros, em um local célebre, ao mais valente do povo grego e ao mais sábio. As estátuas perduraram até o ditador Sula fazer lá a cúria. É extraordinário que aqueles senadores haviam preferido Pitágoras a Sócrates – este que havia sido preferido pelo próprio deus a todos os outros por sua sabedoria –, ou preferido Alcibíades a tantos outros homens em bravura, ou, por ambas as qualidades, preferido qualquer um a Temístocles.</p>

¹²⁴ *Decemviri*: comissões de dez membros tal como aquela responsável pela redação da Lei das Doze Tábuas em 451-450 a. C.

¹²⁵ Cerca de 88,8 cm.

<p>plures statuas dicatas quam Phalereo Demetrio Athenis, siquidem CCCLX statuere, nondum anno hunc numerum dierum excedente, quas mox laceravere. statuerunt et Romae in omnibus vicis tribus Mario Gratidiano, ut diximus, easdemque subvertere Sullae introitu.</p>	<p>27. O propósito das colunas era que esses homens fossem elevados acima dos outros mortais, o que também os arcos significam, invenção recente. Contudo, essa primeira honraria teve início com os gregos, e creio que a ninguém foram dedicadas mais estátuas do que a Demétrio de Faleros, em Atenas, visto que erigiram trezentas e sessenta delas, num tempo em que um ano ainda não excedia este número em dias; logo depois, elas foram destruídas. As tribos também erigiram em Roma, em todos os distritos, estátuas a Mário Gratidiano, como dissemos, e, com a chegada de Sula, também as destruíram.</p>
<p>XIII 28. Pedestres sine dubio Romae fuere in auctoritate longo tempore; et equestrium tamen origo perquam vetus est, cum feminis etiam honore communicato Cloeliae statua equestri, ceu parum esset toga eam cingi, cum Lucretiae ac Bruto, qui expulerant reges, propter quos Cloelia inter obsides fuerat, non decernerentur.</p> <p>29. Hanc primam cum Coclitis publice dicatam crediderim – Atto enim ac Sibyllae Tarquinium, ac reges sibi ipsos posuisse verisimile est –, nisi Cloeliae quoque Piso traderet ab iis positam, qui una opsides fuissent, redditus a Porsina in honorem eius. e diverso Annius Fetialis equestrem, quae fuerit contra Iovis Statoris aedem in vestibulo Superbi domus, Valeriae fuisse, Publicolae consulis filiae, eamque solam refugisse Tiberimque transnavisse ceteris opsidibus, qui Porsinae mittebantur, interemptis Tarquinii insidiis.</p>	<p>XIII 28. Sem dúvida, estátuas de pessoas em pé possuíram, em Roma, grande reputação por um longo período; a origem das estátuas equestres é também extremamente antiga, e essa honra foi concedida até às mulheres, com a estátua equestre de Clélia em pé, como se fosse pouco vesti-la com uma toga; entretanto, não foram determinadas estátuas a Lucrecia e a Bruto, que expulsaram os reis, por causa dos quais Clélia estivera em meio a reféns.</p> <p>29. Teria acreditado ser esta a primeira estátua dedicada publicamente junto com a de Cocles – pois é provável que as estátuas a Ato e Sibila tenham sido erigidas por Tarquínio, e que as dos reis tenham sido erigidas por eles mesmos –, se Pisão não relatasse que a de Clélia havia sido posta por aqueles que também haviam sido reféns em honra a ela, após serem entregues de volta por Porsena. Por outro lado, Ânio Fecial relata que a estátua equestre que esteve em frente ao templo de Júpiter Estator, no vestibulo da residência de Tarquínio, o Soberbo, era de Valéria, filha do cônsul Públicola, e que esta teria fugido sozinha e nadado pelo Tibre; os outros reféns, que eram enviados a Porsena, haviam sido mortos em uma emboscada de Tarquínio.</p>
<p>XIV 30. L. Piso prodidit M. Aemilio C. Popilio iterum cos. a censoribus P. Cornelio Scipione M. Popilio statuas circa forum eorum, qui magistratum gesserant, sublatis omnes praeter eas, quae populi aut senatus sententia statuae essent, eam vero, quam apud aedem Telluris statuisset sibi Sp. Cassius, qui regnum adfectaverat, etiam conflatam a censoribus. nimirum in ea quoque re ambitionem providebant illi viri.</p> <p>31. Exstant Catonis in censura vociferationes mulieribus statuas Romanis in provinciis poni; nec tamen potuit inhibere, quo minus Romae quoque ponerentur, sicuti Corneliae Gracchorum matri, quae fuit Africani prioris filia. sedens huic posita soleisque sine ammento insignis in Metelli publica porticu, quae statua nunc est in Octaviae operibus.</p>	<p>XIV 30. Lúcio Pisão relatou que, quando Marco Emílio era cônsul e Gaio Popílio o era pela segunda vez, foram removidas pelos censores Públio Cornélio Cipião e Marco Popílio todas as estátuas em torno do fórum daqueles que haviam exercido a magistratura, exceto aquelas que tivessem sido determinadas por decisão do povo ou do Senado; na verdade, a que Espúrio Cássio, que aspirou ao reinado, erigiu em honra a si mesmo, junto ao templo da Terra, foi derretida pelos censores. De fato, também neste âmbito, esses homens precaveram a ambição.</p> <p>31. Ainda hoje há também as vociferações de Catão, censurando estátuas de mulheres erigidas em províncias romanas; e, contudo, não pôde impedir que fossem postas também em Roma, como a de Cornélia, mãe dos Gracos, e filha do primeiro Africano; foi representada sentada, e são distintas suas sandálias sem tiras; ela esteve no Pórtico público de Metelo, mas agora se encontra nos prédios de Octávia.</p>
<p>XV 32. Publice autem ab exteris posita est Romae C. Aelio tr. pl. lege perlata in Sthennium Stallium Lucanum, qui Thurinos bis infestaverat. ob id Aelium Thurini statua et corona aurea donarunt. iidem postea Fabricium donavere statua liberati obsidione, passimque gentes in clientelas ita receptae, et adeo</p>	<p>XV 32. A primeira estátua erigida publicamente, embora por estrangeiros, em Roma, foi aquela ao tribuno da plebe Gaio Élio, pela lei passada contra Estênio Estálio Lucano, que havia atacado os turinos duas vezes. Por essa razão, os habitantes de Túrio presentearam Élio com a estátua e uma coroa áurea. Eles mesmos, depois, presentearam</p>

<p>discrimen omne sublatum, ut Hannibalis etiam statuae tribus locis visantur in ea urbe, cuius intra muros solus hostium emisit hastam.</p>	<p>Fabrcício com uma estátua por libertá-los de um cerco; e povos em todos os cantos foram acolhidos sob proteção de Roma, e todo tipo de diferenciação foi a tal ponto eliminado, que até mesmo estátuas de Aníbal podem ser observadas em três pontos na cidade, em cujos muros ele, o único dos inimigos, arremessou sua lança.</p>
<p>XVI 33. Fuisse autem statuariam artem familiarem Italiae quoque et vetustam, indicant Hercules ab Euandro sacratus, ut produnt, in foro boario, qui triumphalis vocatur atque per triumphos vestitur habitu triumphali, praeterea Ianus geminus a Numa rege dicatus, qui pacis bellique argumento colitur digitis ita figuratis, ut CCCLV dierum nota et aevi esse deum indicent.</p> <p>34. Signa quoque Tuscanica per terras dispersa quin in Etruria factitata sint, non est dubium. deorum tantum putarem ea fuisse, ni Metrodorus Scepsius, cui cognomen a Romani nominis odio inditum est, propter MM statuarum Volsinios expugnatos obiceret. mirumque mihi videtur, cum statuarum origo tam vetus Italiae sit, lignea potius aut fictilia deorum simulacra in delubris dicata usque ad devictam Asiam, unde luxuria.</p> <p>35. Similitudines exprimendi quae prima fuerit origo, in ea, quam plasticen Graeci vocant, dici convenientius erit; etenim prior quam statuaria fuit. sed haec ad infinitum effloruit, multorum voluminum opere, si quis plura persequi velit; omnia enim quis possit?</p>	<p>XVI 33. São indicativos de que a arte da estatuária era familiar à Itália e também antiga o Hércules, consagrado por Evandro, segundo dizem, no Fórum Boário, que é chamado triunfal e, durante desfiles triunfais, é vestido com uma veste triunfal, e o Jano de duas faces, dedicado pelo rei Numa, que é cultuado como símbolo da paz e da guerra e com os dedos feitos de tal maneira que indicassem os trezentos e cinquenta e cinco dias e exprimissem que Jano era o deus da passagem do tempo¹²⁶.</p> <p>34. Não há dúvidas de que as imagens “etruscas”, espalhadas por todo o mundo, costumavam ser feitas na Etrúria. Suporia terem sido essas apenas de deuses, se Metrodoro Cépsio, a quem o sobrenome foi conferido por seu ódio ao nome mesmo de Roma¹²⁷, não nos condenasse por ter saqueado Volsínios por causa de duas mil estátuas. Parece-me surpreendente que, embora a origem da estatuária seja tão antiga na Itália, os simulacros de deuses dedicados nos templos eram, antes, de madeira ou argila até a conquista da Ásia, de onde provém o luxo.</p> <p>35. Será mais apropriado dizer sobre a origem primeira da prática de representar as aparências ao tratarmos da arte que os gregos chamam “plástica”¹²⁸, pois ela foi anterior à estatuária. Mas esta arte floresceu de modo incomensurável, e resultaria em uma obra de muitos volumes se alguém quisesse tratar dela mais detalhadamente; e quem poderia fazê-lo dessa forma e por completo?</p>
<p>XVII 36. M. Scauri aedilitate signorum MMM in scaena tantum fuere temporario theatro. Mummius Achaia devicta replevit urbem, non relicturus filiae dotem; cur enim non cum excusatione ponatur? multa et Luculli invexere. Rhodi etiamnum III signorum esse Mucianus ter cos. prodidit, nec pauciora Athenis, Olympiae, Delphis superesse creduntur. quis ista (37.) mortalium persequi possit aut quis usus noscendi intellegatur? insignia maxime et aliqua de causa notata voluptarium sit attigisse artificesque celebratos nominavisse, singulorum quoque inexplicabili multitudine, cum Lysippus MD opera fecisse prodatur, tantae omnia artis, ut claritatem possent dare vel singula: numerum apparuisse defuncto eo, cum thesaurum effregisset heres; solitum enim ex manipretio cuiusque signi denarios seponere aureos singulos.</p>	<p>XVII 36. No tempo em que Marco Escauro era edil, houve três mil imagens no palco de um teatro apenas temporário. Múmio, após a conquista da Acaia, encheu a cidade delas, mas, quando morreu, nem deixou um dote para a filha; por que não apontar isso junto com sua desculpa? Muitas foram também trazidas pelos Luculos. Muciano, três vezes cônsul, revelou haver ainda três mil imagens em Rodes, e não menos que isso acreditam que ainda haja em Atenas, Olímpia e Delfos.</p> <p>37. Quem, entre os mortais, poderia arrolá-las todas e que utilidade teria essa informação? De fato seria aprazível mencionar as mais insígnies e notáveis por algum motivo, e nomear os artífices célebres bem como as obras de cada um, mas é incontornável a quantidade, pois conta-se que Lisipo produziu mil e quinhentas obras, todas de tamanha qualidade artística, que até mesmo cada uma delas já poderia conferir-lhe notabilidade; conta-se ainda que esse número foi descoberto após seu falecimento, quando seu</p>

¹²⁶ Para representar os trezentos e cinquenta e cinco dias, os dedos poderiam estar posicionados da seguinte forma: uma das mãos completamente aberta, com três dedos (mínimo, anelar e médio) indicando o número três e os dedos indicador e polegar formando um “V”, em referência ao número romano V, e a outra mão apenas com os dedos polegar e indicador estendidos, formando novamente o número V romano, e os outros dedos fechados.

¹²⁷ *Misoromaeus, μισορώμαιος*, “que odeia Roma”.

¹²⁸ *Plasticem: plastice (πλαστική)* refere-se, especificamente, à arte da modelagem (OLD, p. 1388).

<p>38. Evecta supra humanam fidem ars est successu, mox et audacia. in argumentum successus unum exemplum adferam, nec deorum hominumve similitudinis expressae. aetas nostra vidit in Capitolio, priusquam id novissime conflagraret a Vitellanis incensum, in cella Iunonis canem ex aere volnus suum lambentem, cuius eximium miraculum et indiscreta veri similitudo non eo solum intellegitur, quod ibi dicata fuerat, verum et satisfactione; nam quoniam summa nulla par videbatur, capite tutelarios cavere pro ea institutum publice fuit.</p>	<p>herdeiro abriu a arca, pois Lisipo costumava separar do valor pago a ele por cada imagem uma moeda de um denário de ouro.</p> <p>38. A arte elevou-se a um ponto incrível quanto ao seu sucesso e depois também quanto à audácia. Como prova de seu sucesso, darei um único exemplo, e não da expressão de similitudes de deuses ou homens. Nossa geração viu, no Capitólio, antes do último incêndio provocado pelos Vitelianos, na cela de Juno, o cão feito de bronze lambendo sua ferida; sua admirável excelência e semelhança indistinguível com a verdade podem ser percebidas não apenas por ter sido dedicada nesse local, mas também pela garantia de sua segurança; pois, uma vez que não era possível estimar seu valor, por determinação pública, seus guardas deveriam responder por sua segurança com a vida.</p>
<p>XVIII 39. Audaciae innumera sunt exempla. moles quippe excogitatas videmus statuarum, quas colossae vocant, turribus pares. talis est in Capitolio Apollo, tralatus a M. Lucullo ex Apollonia Ponti urbe, XXX cubitorum, D talentis factus;</p> <p>40. talis in campo Martio Iuppiter, a Claudio Caesare dicatus, qui devoratur Pompeiani theatri vicinitate; talis et Tarenti factus a Lysippo, XL cubitorum. mirum in eo quod manu, ut ferunt, mobilis ea ratio libramenti est, ut nullis convellatur procellis. id quidem providisse et artifex dicitur modico intervallo, unde maxime flatum opus erat frangi, opposita columna. itaque magnitudinem propter difficultatemque moliendi non attingit eum Fabius Verrucosus, cum Herculem, qui est in Capitolio, inde transferret.</p> <p>41. Ante omnes autem in admiratione fuit Solis colossus Rhodi, quem fecerat Chares Lindius, Lysippi supra dicti discipulus. LXX cubitorum altitudinis fuit hoc simulacrum, post LXVI annum terrae motu prostratum, sed iacens quoque miraculo est. pauci pollicem eius amplectuntur, maiores sunt digiti quam pleraeque statuae. vasti specus hiant defractis membris; spectantur intus magnae molis saxa, quorum pondere stabiliverat eum constituens. duodecim annis tradunt effectum CCC talentis, quae contigerant ex apparatu regis Demetrii relicto morae taedio obsessa Rhodo.</p> <p>42. Sunt alii centum numero in eadem urbe colossi minores hoc, sed ubicumque singuli fuissent, nobilitaturi locum, praeterque hos deorum quinque, quos fecit Bryaxis.</p> <p>43. Factitavit colossos et Italia. videmus certe Tuscanicum Apollinem in bibliotheca templi Augusti quinquaginta pedum a pollice, dubium aere mirabiliorem an pulchritudine. fecit et Sp. Carvilius Iovem, qui est in Capitolio, victis Samnitibus sacrata lege pugnantis e pectoralibus eorum ocreisque et galeis. amplitudo tanta est, ut conspiciatur a Latiari</p>	<p>XVIII 39. Como evidência de audácia, são inúmeros os exemplos. Decerto vemos grandes blocos estatutários semelhantes a torres: são os chamados colossos. É desse tipo o Apolo no Capitólio, trazido por Marco Luculo de Apolônia, cidade de Ponto, de trinta côvados de altura¹²⁹, feito por quinhentos talentos¹³⁰.</p> <p>40. Há também o Júpiter no Campo de Marte, dedicado pelo imperador Cláudio, que foi “engolido” pela proximidade com o teatro de Pompeu, ou o de Tarento, feito por Lisipo, de quarenta côvados de altura¹³¹; sobre este, é extraordinário que, apesar de poder ser movido à mão, o arranjo de seu equilíbrio, segundo contam, foi perfeito a ponto de não ser derrubado por nenhuma tempestade. Na verdade, diz-se que o artífice cuidou disso posicionando a uma curta distância uma coluna perto de onde mais era preciso quebrar a força do vento. Dessa forma, devido ao tamanho e dificuldade em movê-lo, Fábio Verrucoso não o tocou quando transportava de lá o Hércules que hoje se encontra no Capitólio.</p> <p>41. Mas a mais admirada foi a estátua colossal do Sol, em Rodes, feita por Cares de Lindo, discípulo de Lisipo mencionado acima. Este simulacro possuiu cento e cinco côvados de altura¹³², tendo desabado após sessenta e seis anos devido a um terremoto; mas, até mesmo caído, é magnífico. Poucos conseguem abraçar todo o seu dedão, e seus dedos são maiores do que muitas estátuas. Enormes fendas abriram-se onde haviam sido quebrados os membros, e, do lado de dentro, podem ser vistos enormes fragmentos de rocha, com cujo peso o artífice firmou a estrutura ao erigi-la. Dizem ter sido executada ao longo de doze anos e por trezentos talentos, obtidos com a venda do aparato militar do rei Demétrio, que havia sido abandonado por ele, cansado com o prolongamento do sítio de Rodes.</p> <p>42. Há outras cem estátuas colossais na mesma cidade, menores do que essa, mas apenas uma delas, sozinha, já tornaria famoso o lugar onde estivesse; além dessas, há as cinco estátuas colossais de deuses feitas por Briáxis.</p>

¹²⁹ Cerca de 13,3 m.

¹³⁰ *Talentis: talentum* (gr. *τάλαντον*) é uma moeda ática equivalente a seis mil dracmas.

¹³¹ Cerca de 17,7 m.

¹³² Cerca de 46,6 m.

<p>Iove. e reliquiis limae suam statuam fecit, quae est ante pedes simulacri eius.</p> <p>44. Habent in eodem Capitolio admirationem et capita duo, quae P. Lentulus cos. dicavit, alterum a Charete supra dicto factum, alterum fecit . . . dicus comparatione in tantum victus, ut artificum minime probabilis videatur.</p> <p>45. Verum omnem amplitudinem statuarum eius generis vicit aetate nostra Zenodorus Mercurio factio in civitate Galliae Arvernus per annos decem, HS [CCCC] manipretii, postquam satis artem ibi adprobaverat, Romam accitus a Nerone, ubi destinatum illius principis simulacro colossus fecit CVIS pedum in longitudinem, qui dicatus Soli venerationi est damnatis sceleribus illius principis.</p> <p>46. Mirabamur in officina non modo ex argilla similitudinem insignem, verum et de parvis admodum surculis quod primum operis instaurati fuit. ea statua indicavit interisse fundendi aeris scientiam, cum et Nero largiri aurum argentumque paratus esset et Zenodorus scientia fingendi caelandique nulli veterum postponeretur.</p> <p>47. Statuam Arvernorum cum faceret provinciae Dubio Avito praesidente, duo pocula Calamidis manu caelata, quae Cassio Salano avunculo eius, praeceptoris suo, Germanicus Caesar adamata donaverat, aemulatus est, ut vix ulla differentia esset artis. quanto maior Zenodoro praestantia fuit, tanto magis deprehenditur aeris obliteratio.</p> <p>48. Signis, quae vocant Corinthia, plerique in tantum capiuntur, ut secum circumferant, sicut Hortensius orator sphingem Verri reo ablatam, propter quam Cicero illo iudicio in altercatione neganti et, aenigmata se intellegere, respondit debere, quoniam sphingem domi haberet. circumtulit et Nero princeps Amazonem, de qua dicemus, et paulo ante C. Cestius consularis signum, quod secum etiam in proelio habuit. Alexandri quoque Magni tabernaculum sustinere traduntur solitae statuae, ex quibus duae ante Martis Ultoris aedem dicatae sunt, totidem ante regiam.</p>	<p>43. Também a Itália produziu colossos¹³³. Vemos o Apolo etrusco na biblioteca do templo de Augusto, com cinquenta pés de altura a partir do dedo do pé¹³⁴; não se sabe se é mais extraordinário pela qualidade do bronze ou pela própria beleza da estátua. Espúrio Carvílio também fez um Júpiter, que se encontra no Capitólio, após a vitória contra os samnitas, que lutavam sob uma lei religiosa; foi feito a partir do bronze de seus peitorais, grevas e elmo; tamanha é a sua altura, que pode ser visto do santuário de Júpiter Lacial. Do restante da limalha, fez uma estátua sua, que se encontra em frente aos pés de seu simulacro.</p> <p>44. No Capitólio, são muito admiradas também duas cabeças, dedicadas pelo cônsul Públio Lêntulo, uma feita por Cares, mencionado acima, e outra por ...dico¹³⁵, tão inferior em comparação, que parece ser quase irrelevante.</p> <p>45. Na verdade, Zenodoro superou toda grandeza nesse gênero de estátuas, em nossa época, com seu Mercúrio, feito aos Arvernus, na Gália, ao longo de dez anos, que custou quarenta milhões de sestércios. Após provar suficientemente sua habilidade artística na região, foi convocado a Roma por Nero, onde fez uma estátua colossal de cento e seis pés e meio de altura¹³⁶, intencionada como um simulacro daquele príncipe, mas dedicada ao Sol, e reverenciada, depois que foram condenados seus crimes.</p> <p>46. Admirávamos, em sua oficina, não apenas a extraordinária semelhança dos moldes de argila, mas também os minúsculos gravetos que serviram à primeira parte da obra. Esta estátua revelou o perecimento da ciência de fundir bronze, uma vez que Nero estava disposto a dar ouro e prata, e Zenodoro não era inferior a nenhum dos antigos artífices no que concerne à ciência de moldar e gravar.</p> <p>47. Quando fazia a estátua aos Arvernus, momento em que Dúbio Avito era o governador da província, emulou dois cálices cinzelados, originalmente feitos por Cálamis, muito estimados por Germânico César, que os deu de presente a Cássio Salano – tio de Avito e seu preceptor; emulou-as tão bem, que dificilmente se notava alguma diferença entre as obras. Quanto maior a excelência de Zenodoro, mais se percebe a decadência do trabalho em bronze.</p> <p>48. Quanto às estátuas chamadas coríntias, muitas pessoas encantam-se tanto com elas, que as carregam consigo, como o orador Hortênsio com sua esfinge tomada de Verres quando réu. Por esse motivo, Cícero, durante uma altercação com ele nesse julgamento, no momento em que Hortênsio negou ter conhecimento sobre enigmas, respondeu que ele deveria tê-lo, uma vez que possuía uma esfinge em casa¹³⁷. Também o imperador Nero carregava consigo uma Amazona, sobre a qual ainda diremos, e, pouco antes, o ex-cônsul Gaio</p>
---	---

¹³³ Sobre a origem do termo *colossos* e como este passou a designar estátuas de grande estatura, cf. Benveniste, 1932.

¹³⁴ Cerca de 14,8 m.

¹³⁵ Leitura incerta.

¹³⁶ Cerca de 31,5 m.

¹³⁷ A anedota é igualmente mencionada por Quintiliano (*Instit.*, 6, 3, 98).

	Céstio carregava consigo uma figura até durante uma batalha. Ainda, dizem que a tenda de Alexandre, o Grande, era segurada por apenas quatro estátuas, duas das quais foram dedicadas em frente ao templo de Marte Vingador e duas em frente ao palácio régio.
<p>XIX 49. Minoribus simulacris signisque innumera prope artificum multitudo nobilitata est, ante omnes tamen Phidias Atheniensis Iove Olympio facto ex ebore quidem et auro, sed et ex aere signa fecit. floruit autem olympiade LXXXIII, circiter CCC urbis nostrae annum, quo eodem tempore aemuli eius fuere Alcámenes, Critias, Nesiotes, Hegias, et deinde olympiade LXXXVII Hagelades, Callon, Gorgias Lacon; rursus LXXXX Polyclitus, Phradmon, Myron, Pythagoras, Scopas, Perellus.</p> <p>50. Ex iis Polyclitus discipulus habuit Argium, Asopodorum, Alexim, Aristidem, Phyrnonem, Dinonem, Athenodorum, Demean Clitorium, Myron Lycium. LXXXV olympiade floruerunt Naucydes, Dinomenes, Canachus, Patroclus; CII Polycles, Cephisodotus, Leuchares, Hypatodorus; CIII Praxiteles, Euphranor; CVII Aetion, Therimachus.</p> <p>51. CXIII Lysippus fuit, cum et Alexander Magnus, item Lysistratus frater eius, Sthennis, Euphron, Sofocles, Sostratus, Ion, Silanion – in hoc mirabile quod nullo doctore nobilis fuit; ipse discipulum habuit Zeuxiaden; CXXI Eutychides, Euthycrates, Laippus, Cephisodotus, Timarchus, Pyromachus.</p> <p>52. Cessavit deinde ars ac rursus olympiade CLVI revixit, cum fuere longe quidem infra praedictos, probati tamen, Antaeus, Callistratus, Polycles, Athenaeus, Callixenus, Pythocles, Pythias, Timocles.</p> <p>53. Ita distinctis celeberrimorum aetatibus insignes raptim transcurram, reliqua multitudine passim dispersa. venere autem et in certamen laudatissimi, quamquam diversis aetatibus geniti, quoniam fecerant Amazonas, quae cum in templo Dianae Ephesiae dicarentur, placuit eligi probatissimam ipsorum artificum, qui praesentes erant, iudicio, cum apparuit eam esse, quam omnes secundam a sua quisque iudicassent. haec est Polycliti, proxima ab ea Phidiae, tertia Cresilae, quarta Cydonis, quinta Phradmonis.</p> <p>54. Phidias praeter Iovem Olympium, quem nemo aemulatur, fecit ex ebore aequae Minervam Athenis, quae est in Parthenone stans, ex aere vero praeter Amazonem supra dictam Minervam tam eximia pulchritudinis, ut formae cognomen acceperit. fecit et cliduchum et aliam Minervam, quam Romae Paulus Aemilius ad aedem fortunae Huiusce Diei dicavit,</p>	<p>XIX 49. Uma quantidade quase incontável de artífices foi reconhecida por simulacros e esculturas menores, mas Fídias de Atenas foi o primeiro de todos por seu Júpiter Olímpio feito, na verdade, em marfim e ouro, embora também tenha feito esculturas em bronze. Ele floresceu na 83ª Olimpíada, por volta do ano 300 de nossa cidade¹³⁸, período em que foram seus êmulos Alcâmenes, Crícias, Nesiotes, Hégeas, e, mais tarde, na 87ª Olimpíada¹³⁹, Hagelades, Cálon e Górgias de Esparta; novamente, na 90ª Olimpíada¹⁴⁰, Policleto, Frádmon, Míron, Pitágoras, Escopas e Perelo.</p> <p>50. Desses, Policleto teve como discípulos Argeu, Asopodoro, Aléxis, Aristides, Frínon, Dínon, Atenodoro, Démeas de Clitor, e Míron, Lício. Na 95ª Olimpíada¹⁴¹, floresceram Náucides, Dinómenes, Cânaco e Pátroclo; na 102ª¹⁴², Pólicles, Cefisódoto, Leócares e Hipatodoro; na 104ª¹⁴³, Praxíteles e Eufuranor; na 107ª¹⁴⁴, Eécion e Terímaco.</p> <p>51. Na 113ª¹⁴⁵, período também de Alexandre, o Grande, houve Lisipo assim como seu irmão Lisítrato, Esténis, Êufron, Sófocles, Sótrato, Íon e Silânion; o mais admirável sobre este último é que se tornou ilustre mesmo sem nenhum instrutor; ele teve como discípulo Zeuxíades. Na 121ª¹⁴⁶, houve Eutíquides, Eutícrates, Laipo, Cefisódoto, Timarco e Pirômaco.</p> <p>52. Depois, a arte cessou e floresceu novamente apenas na 156ª Olimpíada¹⁴⁷, momento em que viveram os artífices, muito inferiores aos mencionados acima, mas, ainda assim, estimados, Anteu, Calítrato, Pólicles, Ateneu, Calíxeno, Pítocles, Pítias e Tímocles.</p> <p>53. Assim, definida a cronologia dos artífices mais célebres, rapidamente tratarei daqueles notáveis, mencionando, aqui e ali, os muitos outros. Os mais ilustres também vieram a competir entre si, embora não fossem exatamente da mesma época, uma vez que fizeram estátuas das Amazonas; quando eram dedicadas no templo de Diana em Éfeso, foi acordado eleger a mais magnífica pelo voto dos próprios artífices, que estavam presentes; assim, era evidente que a mais bela era aquela que todos eles consideravam ser a segunda melhor após a sua própria. Essa era a de Policleto, seguida pela de Fídias, a terceira, a de Crésilas, a quarta, a de Cídon e a quinta, a de Frádmon.</p>

¹³⁸ 448-445 a.C.

¹³⁹ 432-429 a.C.

¹⁴⁰ 420-417 a.C.

¹⁴¹ 400-397 a.C.

¹⁴² 372-369 a.C.

¹⁴³ 364-361 a.C.

¹⁴⁴ 352-349 a.C.

¹⁴⁵ 328-325 a.C.

¹⁴⁶ 296-293 a.C.

¹⁴⁷ 156-153 a.C.

item duo signa, quae Catulus in eadem aede, palliata et alterum colossicon nudum, primusque artem toreuticen aperuisse atque demonstrasse merito iudicatur.

55. Polyclitus Sicyonius, Hageladae discipulus, diadumenum fecit molliter iuvenem, centum talentis nobilitatum, idem et doryphorum viriliter puerum. fecit et quem canona artifices vocant liniamenta artis ex eo petentes veluti a lege quadam, solusque hominum artem ipsam fecisse artis opere iudicatur. fecit et destringentem se et nudum telo incessentem duosque pueros item nudos, talis ludentes, qui vocantur astragalizontes et sunt in Titi imperatoris átrio – quo opere nullum absolutius plerique iudicant; item Mercurium, qui fuit Lysimacheae, (56.) Herculem, qui Romae, hagetera arma sumentem, Artemona, qui periphoretos appellatus est. hic consummasse hanc scientiam iudicatur et toreuticen sic erudisse, ut Phidias aperuisse. proprium eius est, uno crure ut insisterent signa, excogitasse, quadrata tamen esse ea ait Varro et paene ad exemplum.

57. Myronem Eleutheris natum, Hageladae et ipsum discipulum, bucula maxime nobilitavit celebratis versibus laudata, quando alieno plerique ingenio magis quam suo commendantur. fecit et ladam et discobolon et Perseum et pristias et Satyrum admirantem tibias et Minervam, Delphicos pentathlos, pancratiastas, Herculem, qui est apud circum maximum in aede Pompei Magni. fecisse et cicadae monumentum ac locustae carminibus suis Erinna significat.

58. Fecit et Apollinem, quem ab triumviro Antonio sublatum restituit Ephesiis divus Augustus admonitus in quiete. primus hic multiplicasse veritatem videtur, numerosior in arte quam Polyclitus et in symmetria diligentior, et ipse tamen corporum tenus curiosus animi sensus non expressisse, capillum quoque et pubem non emendatius fecisse, quam rudis antiquitas instituisset.

59. Vicit eum Pythagoras Reginus ex Italia pancratiaste Delphis posito; eodem vicit et Leontiscum. fecit et stadiodromon Astylon, qui Olympiae ostenditur, et Libyn, puerum tenentem tabellam eodem loco et mala ferentem nudum, Syracusis autem claudicantem, cuius ulceris dolorem sentire etiam spectantes videntur, item Apollinem serpentemque eius sagittis configi, citharoedum, qui Dicaeus appellatus est, quod, cum Thebae ab Alexandro caperentur, aurum a fugiente conditum sinu eius celatum esset. hic primus nervos et venas expressit capillumque diligentius.

60. Fuit et alius Pythagoras Samius, initio pictor, cuius signa ad aedem Fortunae Huiusce Diei septem nuda et senis unum laudata sunt. hic supra dicto facie quoque indiscreta similis fuisse traditur, Regini autem discipulus et filius sororis fuisse Sostratus.

54. Além do Júpiter Olímpio, com o qual ninguém emulou, Fídias fez, em marfim e ouro, em Atenas, a Minerva em pé que se encontra no Pártenon, e, em bronze, além da Amazona mencionada acima, uma outra Minerva, de tão exímia beleza, que recebeu a alcunha “a bela”. Fez também uma Portadora de chaves e outra Minerva, a qual Paulo Emílio dedicou em Roma, no templo da Fortuna do Dia, assim como duas estátuas vestidas com pálio, que Cátulo dedicou no mesmo templo, e outra estátua colossal desnuda; Fídias é merecidamente considerado o primeiro a ter revelado a arte torêutica bem como o primeiro a ter demonstrado seus procedimentos.

55. Policleto de Sícion, discípulo de Hagelades, fez um *Diadumenum*, “Amarrando os cabelos”, delicadamente, jovem, famoso pelos cem talentos que custou, assim como um Doríforo, um menino, mas de jeito viril. Fez também o que os artífices chamam “cânone”, ou modelo, e, a partir dele, buscam os delineamentos dessa arte como se com base em uma regra; considera-se que ele, de todos os homens, materializou a própria arte em apenas uma obra. Fez também um Homem usando um estrígil e outro nu, inferindo um ataque com uma lança, além de Dois meninos jogando com dados também nus, chamados *Astragalizontes*, “Jogadores de astrágalos”, que se encontram no átrio do imperador Tito, obra que muitos julgam ser a mais perfeita. Há também o Mercúrio que esteve em Lisimaquia, (56.) o Hércules, em Roma, o Líder assumindo as armas e um Ártemon, chamado *Periphoretus* – “Levado numa liteira”. Considera-se que ele aperfeiçoou essa ciência e, assim, refinou a torêutica tal como Fídias a revelou. Uma particularidade sua é que inventou as estátuas que depositam seu peso apenas sobre uma perna, embora Varrão diga que são “quadráticas” e quase idênticas ao modelo.

57. A Novilha tornou extremamente reconhecido Míron – nascido em Eleutéria e discípulo de Hagelades – , tendo sido louvada em versos famosos; muitos artífices tornam-se notáveis mais pelo talento alheio do que pelo seu próprio. Ele fez também uma estátua de Ladas, um Discóbolo, um Perseu, os Serradores, os Sátiro admirando uma tibia com Minerva, os Jogadores de pentatlo em Delfos, os Lutadores de pancrácio e um Hércules, que se encontra no Circo Máximo, no templo de Pompeu Magno¹⁴⁸. Erina, em seus poemas, revela que ele havia feito também um monumento de uma cigarra e de uma lagosta. (58.) Ele fez também um Apolo, que o divino Augusto, após lhe ser requisitado em um sonho, restituiu ao povo de Éfeso, uma vez que a estátua havia sido tomada pelo triúviro Antônio. Ele parece ter sido o primeiro a multiplicar a verdade, sendo mais prolífero em sua arte do que Policleto e mais cuidadoso quanto às proporções, embora ele próprio, apesar de atento em relação aos corpos, não tenha expressado bem os sentimentos da alma; também fez os cabelos e o púbis

¹⁴⁸ Embora o epíteto *Magnus* tenha sido traduzido por “o Grande” quando referente a Alexandre, optou-se pela tradução “Magno” no caso de Pompeu devido ao uso corrente.

<p>61. Lysippum Sicyonium Duris negat ullius fuisse discipulum, sed primo aerarium fabrum audiendi rationem cepisse pictoris Eupompi responso. eum enim interrogatum, quem sequeretur antecedentium, dixisse monstrata hominum multitudine, naturam ipsam imitandam esse, non artificem.</p> <p>62. Plurima ex omnibus signa fecit, ut diximus, fecundissimae artis, inter quae destringentem se, quem M. Agrippa ante Thermas suas dicavit, mire gratum Tiberio principi. non quivit temperare sibi in eo, quamquam imperiosus sui inter initia principatus, transtulitque in cubiculum alio signo substituto, cum quidem tanta pop. R. contumacia fuit, ut theatri clamoribus reponi apoxyomenon flagitaverit princepsque, quamquam adamatum, reposuerit.</p> <p>63. Nobilitatur Lysippus et temulenta tibicina et canibus ac venatione, in primis vero quadriga cum Sole Rhodiorum. fecit et Alexandrum Magnum multis operibus, a pueritia eius orsus, quam statuum inaurari iussit Nero princeps delectatus admodum illa; dein, cum pretio perisset gratia artis, detractum est aurum, pretiosiorque talis existimabatur etiam cicatricibus operis atque concisuris, in quibus aurum haeserat, remanentibus.</p> <p>64. Idem fecit Hephaestionem, Alexandri Magni amicum, quem quidam Polyclito adscribant, cum is centum prope annis ante fuerit; item Alexandri venationem, quae Delphis sacrata est, Athenis Satyrum, turmam Alexandri, in qua amicorum eius imagines summa omnium similitudine expressit; hanc Metellus Macedonia subacta transtulit Romam. fecit et quadrigas multorum generum.</p> <p>65. Statuariae arti plurimum traditur contulisse capillum exprimendo, capita minora faciendo quam antiqui, corpora graciliora siccioraque, per quae proceritas signorum maior videretur. non habet Latinum nomen symmetria, quam diligentissime custodiit nova intactaque ratione quadratas veterum statuas permutando, vulgoque dicebat ab illis factos quales essent homines, a se quales viderentur esse. propriae huius videntur esse argutiae operum custoditae in minimis quoque rebus.</p> <p>66. Filios et discipulos reliquit laudatos artifices Laippum, Boëdan, sed ante omnes Euthycraten. quamquam is constantiam potius imitatus patris quam elegantiam austero maluit genere quam iucundo placere. itaque optime expressit Herculem Delphis et Alexandrum Thespiis venatorem et Thespiadas, proelium equestre, simulacrum ipsum Trophoni ad oraculum, quadrigas complures, equum cum fiscinis, canes venantium.</p> <p>67. Huius porro discipulus fuit Tisicrates, et ipse Sicyonius, sed Lysippi sectae propior, ut vix discernantur complura signa, ceu senex Thebanus et Demetrius rex, Pencestes Alexandri Magni servator, dignus tanta gloria.</p>	<p>com tantos defeitos quanto se fazia na antiguidade, ainda rudimentar¹⁴⁹.</p> <p>59. Pitágoras de Régio, da Itália, venceu-o com seu Lutador de pancrácio, situado em Delfos; com essa mesma obra, venceu também Leontisco. Fez ainda o corredor Astilo, que está exposto em Olímpia, também um Menino Líbio segurando uma tabuinha, no mesmo local, um Homem desnudo carregando maçãs, um Claudicante em Siracusa, por cujas úlceras aqueles que o veem parecem até mesmo sentir sua dor, assim como um Apolo e a serpente sendo atravessada por suas flechas e um Citaredo, o qual foi chamado Diceu, “Justo”, pois, quando Tebas era tomada por Alexandre, uma quantidade de ouro teria sido escondida no centro por alguém que fugia. Ele quem primeiro representou nervos e veias além de cabelos com maior cuidado.</p> <p>60. Houve também um outro Pitágoras, de Samos, inicialmente pintor; suas Sete estátuas desnudas junto ao templo da Fortuna do Dia, e uma de um Velho são muito elogiadas. Diz-se que este era tão parecido com o Pitágoras mencionado acima, que teriam sido indistinguíveis de rosto, mas que Sóstrato foi discípulo de Pitágoras de Régio e filho de sua irmã.</p> <p>61. Dúris diz que Lisipo de Sícion não foi discípulo de ninguém, mas, antes, um caldeireiro e que teria tomado a decisão de aventurar-se na arte após a resposta dada pelo pintor Eupompo quando interrogado sobre qual de seus antecessores tinha como modelo: disse, apontando à multidão, que a própria natureza deveria ser imitada, não um ou outro artífice.</p> <p>62. Como dissemos, Lisipo fez mais estátuas do que todos os outros, e sua arte foi extremamente fecunda. Em meio a elas, há um homem esfregando-se, que Marco Agripa dedicou em frente às suas Termas; foi muito apreciado pelo imperador Tibério, que, embora se tenha controlado no começo de seu principado, não conseguiu resistir, nesse caso, e transportou-o ao seu quarto, substituindo-o por uma outra estátua; mas tamanha foi a rejeição por parte do povo romano, que demandou aos gritos, no teatro, que o <i>Apoxyomenos</i>, “Homem usando um estrígil”, fosse devolvido, e o imperador, ainda que estivesse tomado de amores pela estátua, teve de devolvê-la.</p> <p>63. Lisipo é reconhecido também pela Flautista ébria e pelos Cães e o jogo de caça, mas principalmente pela Quadriga com o Sol, feita aos ródios. Fez também Alexandre, o Grande, em uma série de estátuas, começando por uma dele quando criança, obra que o imperador Nero, completamente encantado, ordenou que fosse recoberta por ouro; mas esse caro acréscimo fez perder-se a graça artística, e o ouro foi, então, removido, sendo a estátua considerada ainda mais preciosa pelas cicatrizes que haviam remanescido e pelos sulcos, nos quais o ouro havia aderido.</p> <p>64. Fez também Heféstion, amigo de Alexandre, o Grande, que alguns atribuem a Policlito, embora este tivesse vivido quase cem anos antes, a Caçada de</p>
--	---

¹⁴⁹ Sobre “multiplicar a verdade” e estátuas quadráticas como conceitos referentes à arte plástica em Plínio, cf. Ferri (1942, p. 78 e 1939, p. 145).

68. Artifices, qui compositis voluminibus condidere haec, miris laudibus celebrant Telephanen Phocaeum, ignotum alias, quoniam . . . Thessaliae habitaverit et ibi opera eius latuerint; alioqui suffragiis ipsorum aequatur Polyclito, Myroni, Pythagorae. laudant eius Larisam et Spintharum pentathlum et Apollinem. alii non hanc ignobilitatis fuisse causam, sed quod se regum Xerxis atque Darei officinis dederit, existimant.

69. Praxiteles quoque, qui marmore felicior, ideo et clarior fuit, fecit tamen et ex aere pulcherrima opera: Proserpinae raptum, item catagusam et Liberum patrem, Ebrietatem nobilemque una Satyrum, quem Graeci periboëton cognominant, et signa, quae ante Felicitatis aedem fuere, Veneremque, quae ipsa aedis incendio cremata est Claudii principatu, marmoreae illi suae per terras inclutae parem, (70.) item stephanusam, pseliumenen, Oporan, Harmodium et Aristogitonem tyrannicidas, quos a Xerxe Persarum rege captos victa Perside Atheniensibus remisit Magnus Alexander. fecit et puberem Apollinem subrepenti lacertae comminus sagitta insidiantem, quem sauroctonon vocant. spectantur et duo signa eius diversos adfectus exprimentia, flentis matronae et meretricis gaudentis. hanc putant Phrynen fuisse deprehenduntque in ea amorem artificis et mercedem in vultu meretricis.

71. Habet simulacrum et benignitas eius; Calamidis enim quadrigae aurigam suum inposuit, ne melior in equorum effigie defecisse in homine crederetur. ipse Calamis et alias quadrigas bigasque fecit equis semper sine aemulo expressis; sed, ne videatur in hominum effigie inferior, Alcmena nullius est nobilior.

72. Alcamenes, Phidiae discipulus, et marmorea fecit, sed aereum pentathlum, qui vocatur encrinomenos; at Polycliti discipulus Aristides quadrigas bigasque. Amphicrates Leana laudatur. scortum haec, lyrae cantu familiaris Harmodio et Aristogitoni. consilia eorum de tyrannicidio usque in mortem excruciatam a tyrannis non prodidit; quam ob rem Athenienses, et honorem habere ei volentes nec tamen scortum celebrasse, animal nominis eius fecere atque, ut intellexeretur causa honoris, in opere linguam addi ab artifice vetuerunt.

73. Bryaxis Aesculapium et Seleucum fecit, Boëdas adorantem, Baton Apollinem et Iunonem, qui sunt (74.) Romae in Concordiae templo, Cresilas volneratum deficientem, in quo possit intellegi quantum restet animae, et Olympium Periclen dignum cognomine, mirumque in hac arte est quod nobiles viros nobiliores fecit. Cephisodorus Minervam mirabilem in portu Atheniensium et aram ad templum Iovis Servatoris in eodem portu, cui pauca comparantur, Canachus (75.) Apollinem nudum, qui Philesius cognominatur, in Didymaeo Aeginetica aeris temperatura, cervumque una ita vestigiis suspendit, ut linum subter pedes trahatur alterno morsu calce digitisque retinentibus solum, ita vertebrato ungue

Alexandre, consagrada em Delfos, um Sático, em Atenas, e a Tropa de Alexandre, na qual representou, com absoluta similitude, as imagens de todos os seus companheiros; esta última Metelo transportou a Roma após ser conquistada a Macedônia. Fez também quadrigas de muitos tipos.

65. Diz-se que Lisipo beneficiou imensamente a arte da estatuária, reproduzindo os cabelos, esculpindo menores as cabeças do que faziam os antigos, e mais delgados e vigorosos os corpos, por meio dos quais parecia maior a altura das estátuas. Não há palavra em latim para *symmetria*, a qual preservou diligentemente por meio de um novo e nunca antes tentado esquema de substituir a estatura quadrada dos antigos¹⁵⁰; costumava dizer que estes faziam os homens tais como eram, já ele, tal como pareciam ser. Algo que parece ser particular às suas obras é o refinamento até nos mínimos detalhes.

66. Seus filhos, e também discípulos, foram os renomados artífices Laipo, Beda e, sobretudo, Eutícrates, embora este tenha imitado antes a regularidade do pai do que sua elegância, preferindo deleitar com um estilo austero, não agradável. E assim representou esplendidamente o Hércules em Delfos, o Alexandre caçador em Téspias, suas Tespíadas, um Combate de cavalos e um simulacro de Trofônio em seu próprio oráculo; também fez inúmeras quadrigas, um Cavalo com pequenos cestos e Cães caçando. (67.) Além disso, Tisícates, também de Sícion, foi seu discípulo, mas mais próximo ao método de Lisipo, de modo que muitas de suas obras mal se distinguem das dele, como o Velho tebano, seu Rei Demétrio e seu Peucestes, o homem que salvou Alexandre, o Grande – digno de tamanha honra.

68. Os artífices que compuseram volumes sobre essa arte exaltam com muitos louvores Teléfanos da Fócide, desconhecido não fosse por eles, porque viveu na Tessália, onde suas obras permaneceram desconhecidas; por outro lado, com base na avaliação desses artífices, equiparava-se a Policleto, Míron e Pitágoras. Elogiam sua Larissa, seu Espíntaro, atleta de pentatlo, e seu Apolo. Outros autores não creem ter sido seu local de origem a causa de sua obscuridade, mas o fato de que se dedicou às oficinas dos reis Xerxes e Dario.

69. Praxíteles, embora mais prolífero em mármore, e, por isso, mais famoso, também fez belíssimas obras em bronze: o Rapto de Prosérpina, a Garota fiando, o Pai Líbero, uma estátua da Embriaguez, o famoso Sático, chamado pelos gregos *Peribóetos*, o “célebre”, as esculturas que se encontravam diante do templo da Felicidade, a Vênus, que foi queimada no incêndio de seu templo durante o principado de Cláudio, semelhante à feita em mármore, famosa em todo o mundo, (70.) além da Moça trançando grinaldas, a Moça colocando um bracelete, a Opora, ou Outono, e os tiranicidas Harmódio e Aristogiton, antes tomados por Xerxes, rei dos persas, mas restituídos aos atenienses por Alexandre, o Grande uma vez conquistada a Pérsia. Fez também um Apolo ainda jovem aguardando com uma flecha um lagarto rastejando-se, em uma emboscada, estátua chamada

¹⁵⁰ Conforme já mencionado, *symmetria* refere-se não à simetria, mas às proporções.

<p>utrisque in partibus, ut a repulso per vices resiliat. idem et celetizontas pueros, Chaereas Alexandrum Magnum et Philippum patrem eius fecit, Ctesilaus doryphoron et (76.) Amazonem volneratam, Demetrius Lysimachen, quae sacerdos Minervae fuit LXIII annis, idem et Minervam, quae mycetica appellatur – dracones in Gorgone eius ad ictus citharae tinnitu resonant; idem equitem Simonem, qui primus de equitatu scripsit. Daedalus, et ipse inter fictores laudatus, pueros duos destringentes se fecit, Dinomenes Protesilaum et Pythodemum luctatorem.</p> <p>77. Euphranoris Alexander Paris est, in quo laudatur quod omnia simul intellegantur, iudex dearum, amator Helenae et tamen Achillis interfector. huius est Minerva, Romae quae dicitur Catuliana, infra Capitolium a Q. Lutatio dicata, et simulacrum Boni Eventus, dextra pateram, sinistra spicam ac papavera tenens, item Latona puerpera Apollinem et Dianam infantes sustinens in aede Concordiae.</p> <p>78. Fecit et quadrigas bigasque et cliduchon eximia forma et Virtutem et Graeciam, utrasque colossaeas, mulierem admirantem et adorantem, item Alexandrum et Philippum in quadrigis; Eutychides Eurotam, in quo artem ipso amne liquidiorum plurimi dixerunt. Hegiae Minerva Pyrrhusque rex laudatur et celetizontes pueri et Castor ac Pollux ante aedem Iovis Tonantis, Hagesiae in Paro colonia Hercules, Isidoti buthytes.</p> <p>79. Lycius Myronis discipulus fuit, qui fecit dignum praeceptore puerum sufflantem languidos ignes et Argonautas; Leochares aquilam sentientem, quid rapiat in Ganymede et cui ferat, parcentemque unguibus etiam per vestem puero, Autolycum pancratiis victorem, propter quem Xenophon symposium scripsit, Iovemque illum Tonantem in Capitolio ante cuncta laudabilem, item Apollinem diadematum, Lyciscum mangonem, puerum subdolae ac fucatae vernilitatis, Lycius et ipse puerum suffitorem.</p> <p>80. Menaechmi vitulus genu premitur replicata cervice. ipse Menaechmus scripsit de sua arte. Naucydes Mercurio et discobolo et immolante arietem censetur, Naucerius luctatore anhelante, Niceratus Aesculapio et Hygia, qui sunt in Concordiae templo Romae. Pyromachi quadriga ab Alcibiade regitur. Polycles Hermaphroditum nobilem fecit, Pyrrhus Hygiam (81.) et Minervam, Phanis, Lysippi discipulus, epithyusan. Styppax Cyprius uno celebratur signo, splachnopte; Periclis Olympii vernula hic fuit exta torrens ignemque oris pleni spiritu accendens. Silanion Apollodorum fudit, fictorem et ipsum, sed inter cunctos diligentissimum artis et iniquum sui iudicem, crebro perfecta signa</p>	<p>Sauróctono, “Matador de lagartos”. Também se pode observar duas estátuas suas expressando disposições de ânimo contrárias, a Matrona lamentando-se e a Cortesã regozijando-se. Esta acreditam ter sido Frina, e percebem nela o amor do artífice e a gratificação na expressão da meretriz¹⁵¹.</p> <p>71. Também sua generosidade é evidenciada num simulacro¹⁵², pois incluiu à Quadriga feita por Cálamis um auriga seu, para que não pensassem que era mais habilidoso na efígie dos cavalos, mas que havia falhado na do homem; e Cálamis fez também outras quadrigas e bigas, sempre sem nenhum émulo quanto à representação de seus cavalos, mas, para que ele não pareça ser inferior em efígies de pessoas, a Alcmena de nenhum outro é mais reconhecida do que a sua.</p> <p>72. Alcâmenes, discípulo de Fídias, também fez obras em mármore; em bronze, fez um Competidor de pentatlo, chamado <i>Encriñomenos</i>, “selecionado”; já Aristides, discípulo de Policleto, fez quadrigas e bigas. Anfícrates é louvado por sua Leena; ela era uma cortesã, conhecida de Harmódio e Aristogítton por suas habilidades com a lira, e não revelou seus planos tiranícidas, tendo sido torturada pelos tiranos até a morte; por isso, os atenienses, querendo honrá-la sem que, contudo, fosse celebrada uma cortesã, fizeram o animal de nome igual ao seu, uma leoa, e, para que fosse compreendida a razão de sua honra, fizeram o artífice omitir sua língua.</p> <p>73. Briáxis fez um Esculápio e Seleuco, Beda fez um suplicante e Báton, um Apolo e Juno, que estão (74.) em Roma, no templo da Concórdia; Crésilas, um Desfalecente ferido, em que é possível perceber o quanto ainda resta de vida, e um Péricles Olímpio digno de seu nome, e o admirável nesta arte é que fez homens célebres ainda mais célebres. Cefisodoro fez uma Minerva admirável no porto Ateniense e um altar no templo de Júpiter Salvador, no mesmo porto, ao qual poucas obras se comparam; Cânaco fez um (75.) Apolo nu, que é chamado Filésio, em Dídime, feito de uma liga de bronze em proporção egineta; também fez um cervo suspenso sobre os cascos de tal forma que uma linha pode ser arrastada por baixo das patas, com o calcanhar e os dedos prendendo-se ao solo alternadamente, sendo a unha articulada em cada um dos membros de modo que salte para trás, ricocheteando com os vaivéns da peça. Cânaco fez ainda Meninos a cavalo, e Cárias fez um Alexandre, o Grande, e seu pai Filipe; Ctesilau fez um Doríforo e uma Amazona ferida, (76.) Demétrio, Lisímaque, sacerdotisa de Minerva por sessenta e quatro anos, e ainda uma Minerva, chamada “bramindo”, pois as serpentes em sua Górgone ressoam pelo tinir de uma cítara quando tocada; ele fez também um Cavaleiro Simão, quem primeiro escreveu sobre equitação. Dédalo,</p>
---	---

¹⁵¹ Frina, bem como Laís e Taís são mencionadas por Propércio em 2.6, em que faz uma comparação entre elas e Cíntia. Segundo Martins (2015, p. 144), “mais do que uma comparação com prostitutas helenísticas tópicas, há a superação de Cíntia em relação às atividades de cada uma, de maneira que à casa de Cíntia vão mais homens do que à de Laís para a qual ‘toda a Grécia’ tinha ido; igualmente supera Taís em cuja residência ‘todo o povo de Atenas’ brincou e, finalmente, seu status econômico ultrapassa o de Frina que sozinha reconstruiu Tebas com o dinheiro recebido de seus clientes”.

¹⁵² Neste contexto, o uso do termo *simulacrum* conferiria ao auriga uma imagem divinizante.

frangentem, dum satiari cupiditate artis non quit, ideoque (82.) insanum cognominatum – hoc in eo expressit, nec hominem ex aere fecit, sed iracundiam – et Achillem nobilem, item epistaten exercentem athletas; Strongylyon Amazonem, quam ab excellentia crurum eucnemon appellant, ob id in comitatu Neronis principis circumlatam. idem fecit puerum, quem amando Brutus Philippiensis cognomine suo inlustravit.

83. Theodorus, qui labyrinthum fecit Sami, ipse se ex aere fudit. praeter similitudinis mirabilem famam magna suptilitate celebratur: dextra limam tenet, laeva tribus digitis quadrigulam tenuit, tralatam Praeneste parvitatibus ut miraculum: pictam eam currumque et aurigam integeret alis simul facta musca. Xenocrates, Tisicratis discipulus, ut alii, Euthycratis, vicit utrosque copia signorum. et de sua arte composuit volumina.

84. Plures artifices fecere Attali et Eumenis adversus Gallos proelia, Isigonus, Pyromachus, Stratonicus, Antigonus, qui volumina condidit de sua arte. Boëthi, quamquam argento melioris, infans amplexando anserem strangulat. atque ex omnibus, quae rettuli, clarissima quaeque in urbe iam sunt dicata a Vespasiano principe in templo Pacis aliisque eius operibus, violentia Neronis in urbem convecta et in sellariis domus aureae disposita.

85. Praeterea sunt aequalitate celebrati artifices, sed nullis operum suorum praecipui; Ariston, qui et argentum caelare solitus est, Callides, Ctesias, Cantharus Sicyonius, Dionysius, Diodorus, Critiae discipulus, Deliades, Euphorion, Eunicus et Hecataeus, argenti caelatores, Lesbocles, Prodrus, Pythodicus, Polygnotus, idem pictor et nobilissimis, item e caelatoribus Stratonicus, Scymnus Critiae discipulus.

86. Nunc percensebo eos, qui eiusdem generis opera fecerunt, ut Apollodorus, Androbulus, Asclepiodorus, Aleuas philosophos, Apellas et adornantes se feminas, Antignotus et [luctatores,] perixyomenum tyrannicidasque supra dictos, Antimachus, Athenodorus feminas nobiles, Aristodemus et luctatores bigasque cum auriga, philosophus, anus, Seleucum regem. habet gratiam suam huius quoque doryphorus.

87. Cephisodoti duo fuere: prioris est Mercurius Liberum patrem in infantia nutriens; fecit et contionantem manu elata – persona in incerto est; sequens philosophus fecit. Colotes, qui cum Phidia Iovem Olympium fecerat, philosophus, item Cleon et Cenchrakis et Callicles et Cepis, Chalcosthenes et comoedos et athletas, Daippus perixyomenon, Daiphron et Damocritus et Daemon philosophos.

88. Epigonus omnia fere praedicta imitatus praecessit in tubicine et matri interfectae infante miserabiliter blandiente. Eubuli mulier admirans laudatur, Eubulidis digitis computans. Micon athletis spectatur, Menogenes quadrigis. Nec minus Niceratus omnia, quae ceteri, adgressus repraesentavit Alcibiaden lampadumque accensu matrem eius Demaraten sacrificantem.

ele próprio também louvado entre os modeladores, fez Dois meninos usando um estrígil, Dinómenes, um Protesilau e um lutador Pitodemo.

77. É de Eufnanor o Alexandre Páris, sobre o qual se elogia que todas as suas características sejam igualmente percebidas: o juiz das deusas, o amante de Helena e ainda o assassino de Aquiles. Dele também é a Minerva, em Roma, chamada “Catuliana”, dedicada por Quinto Lutácio Cátulo sob o Capitólio, e o simulacro de Bom Êxito, segurando uma pátera em sua mão direita e uma espiga e papoulas na esquerda, bem como a Latona parturiente, segurando nos braços Apolo e Diana crianças, no templo da Concórdia.

78. Fez também quadrigas e bigas, uma Portadora de chaves, de exímia beleza, a Virtude e a Grécia, ambos colossos, uma Mulher admirando e suplicando bem como Alexandre e Filipe em quadrigas; Eutíquides fez um Eurotas, sobre o qual muitos disseram ser sua arte mais límpida do que o próprio rio. São elogiados seu rei Pirro, sua Minerva, de Hégeas, seus Meninos correndo com cavalos, e seu Castor e Pólux, em frente ao templo de Júpiter Tonante; o Hércules de Hagesias, na colônia de Páris, e o Sacrificador de bois de Isidoto também o são.

79. Lício foi discípulo de Míron e fez um Menino soprando lânguidas chamas, digno de seu preceptor, e os Argonautas; Leócares fez a Águia, levando Ganimedes, como se percebesse o que estava raptando e a quem o estava carregando, e tomando cuidado com suas garras no menino até mesmo através de suas roupas; fez ainda Autólico, vencedor no pancrácio, a quem Xenofonte escreveu seu Banquete, o Júpiter Tonante, no Capitólio, mais louvável do que todos, bem como o Apolo diademado, Licisco, um Negociante de escravos e um Jovem escravo zombeteiro de ar fingido e esperto; Lício fez também um Menino fumigador.

80. De Menecmo é o Bezorro com o pescoço voltado para trás pressionado pelo joelho de alguém. Menecmo ainda escreveu sobre sua arte. Náucides é estimado por seu Mercúrio, por seu Discóbolo e por seu Homem sacrificando um carneiro; Naucero, por seu Lutador ofegante e Nicérato, por seu Esculápio e Higia, no templo da Concórdia em Roma. De Pirômaco é a Quadriga regida por Alcibiades. Pólicles fez um célebre Hermafrodito, Pirro, uma Higia e uma Minerva, e Fanes, discípulo de Lisipo, uma Sacrificante.

81. Estípax de Chipre é celebrado por apenas uma estátua, a de um Assador de tripas, um escravo doméstico de Péricles de Olímpia, assando os órgãos e com a boca cheia acendendo o fogo pelo sopro. Silânion fundiu uma imagem de Apolodoro, ele próprio também modelador, o mais dedicado à arte e juiz implacável de seu próprio trabalho, destruindo, inúmeras vezes, estátuas já terminadas, incapaz de contentar-se, dada sua paixão pela arte; por esse motivo, (82.) foi apelidado “insano”, e exprimiu essa sua característica em uma estátua representando não um homem em bronze, mas a própria cólera; fez também um famoso Aquiles bem como um Supervisor treinando atletas. Estrongílion fez uma Amazona, que chamam *Eucnemos*, “de belas pernas”, pela excepcional beleza de suas pernas, e, por isso, era

89. Tisicratis bigae Piston mulierem inposuit, idem fecit Martem et Mercurium, qui sunt in Concordiae templo Romae. Perillum nemo laudet saeviore Phalaride tyranno, cui taurum fecit mugitus inclusi hominis pollicitus igni subdito et primus expertus cruciatum eum iustiore saevitia. huc a simulacris deorum hominumque devocaverat humanissimam artem. ideo tot conditores eius laboraverant, ut ex ea tormenta fierent! itaque una de causa servantur opera eius, ut quisquis illa videat, oderit manus.

90. Sthennis Cererem, Iovem, Minervam fecit, qui sunt Romae in Concordiae templo, idem flentes matronas et adorantes sacrificantesque. Simon canem et sagittarium fecit, Stratonicus caelator ille philosophos, copas uterque;

91. athletas autem et armatos et venatores sacrificantesque Baton, Euchir, Glaucides, Heliodoros, Hicanus, Iophon, Lyson, Leon, Menodoros, Myagrus, Polycrates, Polyidus, Pythocritus, Proto-genes, idem pictor e clarissimis, ut dicemus, Patrocles, Pollis, Posidonius, qui et argentum caelavit nobiliter, natione Ephesius, Periclymenus, Philon, Symenus, Timotheus, Theomnestus, Timarchides, Timon, Tisias, Thrason.

92. Ex omnibus autem maxime cognomine insignis est Callimachus, semper calumniator sui nec finem habentis diligentiae, ob id catatexitechnus appellatus, memorabili exemplo adhibendi et curae modum. huius sunt saltantes Lacaenae, emendatum opus, sed in quo gratiam omnem diligentia abstulerit. hunc quidem et pictorem fuisse tradunt. non aere captus nec arte, unam tantum Zenonis statuem Cypria expeditione non vendidit Cato, sed quia philosophi erat, ut obiter hoc quoque noscatur tam insigne exemplum.

93. In mentione statuarum est et una non praetereunda, quamquam auctoris incerti, iuxta rostra, Hercules tunicati, sola eo habitu Romae, torva facie sentiensque suprema tunicae. in hac tres sunt tituli: L. Luculli imperatoris de manubiis, alter: pupillum Luculli filium ex S. C. dedicasse, tertius: T. Septimium Sabinum aed. cur. ex privato in publicum restituisset. tot certaminum tantaque dignationis simulacrum id fuit.

levada com a comitiva do príncipe Nero. Ele fez também um Menino, que Bruto de Filipos, tendo por ele predileção, tornou famoso por seu nome.

83. Teodoro, que fez o labirinto em Samos, fundiu uma estátua de si mesmo em bronze. Além da extraordinária fama por sua semelhança, é celebrado por sua sutileza artística: segura uma lima na mão direita e, na esquerda, segurava uma pequena quadriga com três dedos, levada a Preneste como uma maravilha de pequenez: uma mosca feita por ele no mesmo período cobria, com suas asas, a carruagem e o auriga. Xenócrates, discípulo de Tisícates, ou de Eutícates, segundo alguns, superou-os ambos pela quantidade de imagens. Compôs também volumes sobre sua arte.

84. Muitos artífices fizeram as batalhas de Átalo e Êumenes contra os gálios: Isígono, Pirômaco, Estratonico e Antígono – que também escreveu volumes sobre a arte. Boeto, embora seja melhor trabalhando em prata, fez uma Criança estrangulando um ganso ao abraçá-lo. E das obras às quais me referi, todas as mais ilustres foram já dedicadas em Roma pelo imperador Vespasiano no Templo da Paz e em outras construções feitas por ele; já antes, haviam sido levadas a Roma pela impetuosidade de Nero e dispostas nas salas da Casa Áurea.

85. Além deles, há artífices igualmente reconhecidos, mas que não se sobressaem em alguma obra: Aríston – que também costumava esculpir em prata –, Cálides, Ctésias, Cântaro de Sícion, Dionísio, Diodoro – discípulo de Crícias –, Delíades, Eufóron, Eunico e Hecateu – gravadores de prata –, Lésbocles, Prodro, Pitódico, Polignoto – também um dos mais célebres pintores –, assim como Estratonico, entre os gravadores, e Esquimno – discípulo de Crícias.

86. Agora, elencarei aqueles que fizeram obras do mesmo gênero, como Apolodoro, Andróbulo, Asclepiodoro e Alevas – que fizeram Filósofos –, Apelas – que fez também Mulheres adornando-se –, Antignoto – que fez Lutadores, um Homem raspando-se e os Tiranícidias mencionados acima –, Antímaco, Atenodoro – que fez Mulheres, muito renomadas –, e Aristodemo – que fez também Lutadores e Bigas com auriga, Filósofos, Anciães e o rei Seleuco. Seu doríforo também é estimado.

87. Houve dois artífices de nome Cefisódoto: do primeiro é o Mercúrio alimentando um pai Líbero quando criança; fez também um Homem discursando com a mão elevada, mas não se sabe quem seria a pessoa representada. O Cefisódoto posterior fez Filósofos. Colotes, que fizera o Júpiter Olímpio com Fídias, fez Filósofos, assim como Cléon, Cêncramis, Cálicles e Cepis; Calcóstenes fez também Atores cômicos e Atletas; Daipo fez um homem raspando-se, e Daifron, Damócrito e Démon fizeram Filósofos.

88. Epígono, que reproduziu quase todos os gêneros mencionados acima, sobressaiu-se em seu Trombeteiro e na Criança tristemente acariciando sua mãe morta. A Mulher admirando, de Eubulo, é elogiada, assim como a Pessoa contando os dedos de Eubúlides. Mícon é admirado por seus Atletas e Menógenes, por suas Quadrigas. Nicérato, que, assim como outros, também se aventurou em todos os gêneros, representou Alcibiades e

	<p>ainda sua mãe, Demárete, realizando um sacrifício com uma tocha acesa.</p> <p>89. Píston incluiu uma mulher à biga antes feita por Tisícates e fez também o Marte e Mercúrio que se encontram no templo da Concórdia, em Roma. Que ninguém louve Perilo, mais terrível que o tirano Fálaris, a quem fez um Touro, e prometeu que este urraria se fosse posto um homem do lado de dentro e o touro posto sobre o fogo; ele foi o primeiro a experimentar esta tortura, crueldade mais justa. A esse ponto ele teria levado à decadência a mais humana das artes, antes destinada a simulacros de deuses e homens. Quantos fundadores dessa arte haviam se empenhado, apenas para que, depois, fossem feitos instrumentos de tortura a partir dela?! E por um motivo apenas são preservadas suas obras: para que quem quer que as veja, amaldiçoe as mãos daquele que as fez.</p> <p>90. Esténis fez uma Ceres, um Júpiter e uma Minerva, que estão no templo da Concórdia, em Roma, assim como Matronas lamentando, suplicando e realizando sacrifícios. Símon fez um Cão e um Sagitário, Estratonico, o burilador, fez Filósofos, e ambos fizeram Taberneiras.</p> <p>91. Fizeram, ainda, Atletas, Homens armados, Caçadores e Sacrificantes os seguintes artífices: Báton, Euquir, Gláucides, Heliodoro, Hicano, Iofonte, Líson, Leonte, Menodoro, Míagro, Polícrates, Poliido, Pitócrito, Protógenes – um dos mais ilustres pintores, conforme ainda diremos –, Pátrocles, Pólís, Posidônio – nativo de Éfeso, também esplêndido cinzelador de prata –, Periclímene, Fílon, Simeno, Timóteo, Teomnesto, Timárquides, Tímon, Tísias e Tráson.</p> <p>92. Mas, de todos, Calímaco é o mais famoso, também pelo apelido recebido; sempre crítico quanto ao seu trabalho, sua diligência não possuía limites – por isso, era chamado de <i>catatexitechnus</i>, “aquele que desperdiça sua arte”, um exemplo memorável de que se deve impor um limite até ao cuidado. Dele são as Lacedemônias dançando, obra perfeita, mas na qual a diligência consumiu toda a graça. Na verdade, dizem que ele teria sido também pintor. Na sua expedição em Chipre, Catão vendeu todas as estátuas encontradas, exceto uma de Zenão, não porque cativado pelo bronze ou pela arte, mas porque era a estátua de um filósofo – menciono isso para que também se saiba até sobre esse exemplo tão trivial.</p> <p>93. Em se tratando de estátuas, há também uma que não deve ser omitida, embora seja desconhecido seu autor: próxima ao rosto, o Hércules de túnica, o único em Roma com essa veste, de aspecto austero e sentindo a agonia causada pela túnica envenenada de Nesso. Nela há três inscrições: “dos espólios do general Lúcio Luculo”, “dedicada pelo filho de Luculo, sob tutela, por decisão do senado” e “o edil curul Tito Septímio Sabino restituiu-a, do meio privado, ao público”. Tantas foram as disputas das quais este simulacro foi alvo e tamanha foi a admiração a ele.</p>
<p>XX 94. Nunc praevertemur ad differentias aeris et mixturas. in Cyprio [coronarium et regulare est utrumque ductile] coronarium tenuatur in lamnas, taurorumque felle tinctum speciem auri in coronis</p>	<p>XX. 94. Mas agora nos dedicaremos aos diferentes tipos de cobre e suas misturas. Quanto ao cobre de Chipre, há o “coronal”, apropriado para fazer coroas, e o em barra, ambos maleáveis; o “coronal” é feito fino, em lâminas, e,</p>

<p>histrionum praebet, idemque in uncias additis auri scripulis senis praetenui pyropi brattea ignescit. regulare et in aliis fit metallis, itemque caldarium. differentia quod caldarium funditur tantum, malleis fragile, quibus regulare obsequitur ab aliis ductile appellatum, quale omne Cyprium est. sed et in ceteris metallis cura distat a caldario; omne enim diligentius purgatis igni vitiis excocisque regulare est.</p> <p>95. In reliquis generibus palma Campano perhibetur, utensilibus vasis probatissimo. pluribus fit hoc modis. namque Capuae liquatur non carbonis ignibus, sed ligni, purgaturque roboreo cribro profusum in aquam frigidam ac saepius simili modo coquitur, novissime additis plumbi argentarii Hispaniensis denis libris in centenas aeris. ita lentescit coloremque iucundum trahit, qualem in aliis generibus aeris adfectant oleo ac sale.</p> <p>96. Fit Campano simile in multis partibus Italiae provinciisque, sed octonas plumbi libras addunt et carbone recocunt propter inopiam ligni. quantum ea res differentiae adferat, in Gallia maxime sentitur, ubi inter lapides candefactos funditur; exurente enim coctura nigrum atque fragile conficitur. praeterea semel recoquant, quod saepius fecisse bonitati plurimum confert. id quoque notasse non ab re est, aes omne frigore magno melius fundi.</p> <p>97. Sequens temperatura statuaria est eademque tabularis hoc modo: massa proflatur in primis, mox in proflatum additur tertia portio aeris collectanei, hoc est ex usu coempti. peculiare in eo condimentum attritu domiti et consuetudine nitoris veluti mansuefacti. miscentur et plumbi argentarii pondo duodena ac selibrae centenis proflati.</p> <p>98. Appellatur etiamnum et formalis temperatura aeris tenerrimi, quoniam nigri plumbi decima portio additur et argentarii vicesima, maximeque ita colorem bibit, quem Graecanicum vocant. Novissima est quae vocatur ollaria, vase nomen hoc dante, ternis aut quaternis libris plumbi argentarii in centenas aeris additis. Cyprio si addatur plumbum, colos purpurae fit in statuarum praetextis.</p>	<p>quando tingido com a bile de touros, confere uma aparência de ouro às coroas usadas por atores; o mesmo cobre, adicionando-se a uma onça¹⁵³ seis escrópulos de ouro¹⁵⁴, torna-se uma folha metálica de piropo muito fina, da cor do fogo. O cobre em barra também é feito em outras minas, assim como o <i>caldarium</i>, cobre fundido. A diferença é que o <i>caldarium</i> pode apenas ser fundido, uma vez que se quebra facilmente com martelos, enquanto o em barra permite o uso deles, sendo também chamado cobre dúctil; todo cobre encontrado em Chipre é deste tipo. Em outras minas, o manejo difere o cobre em barra do <i>caldarium</i>, pois todo cobre, depois de cuidadosamente removidas as impurezas no fogo e derretido, resulta no cobre em barra.</p> <p>95. Quanto aos outros tipos, o prêmio de melhor é concedido ao bronze da Campânia, sendo o mais apreciado para o emprego em louças. Ele é feito de muitos modos. Na verdade, em Cápua, é derretido em fogo feito não com carvão, mas com lenha, e é limpo com uma peneira de carvalho depois de posto em água gelada, sendo fundido de maneira semelhante várias vezes; por último, são adicionadas dez libras de uma liga hispânica de estanho e chumbo em cada cem libras de cobre. Assim, torna-se maleável e adquire uma coloração agradável, a qual, em outros tipos de cobre, conseguem obter com óleo e sal.</p> <p>96. O bronze similar ao de Campânia é feito em muitas regiões da Itália e nas províncias, mas adicionam oito libras de chumbo e fundem novamente em carvão, devido à escassez de lenha. A diferença produzida pelo combustível é especialmente percebida na Gália, onde o cobre é derretido em meio a pedras em brasa; uma vez reduzida a fervura, resulta em um bronze preto e frágil. Além disso, fundem novamente uma única vez, procedimento que, feito uma série de vezes, provê muito à sua excelência. É apropriado notar também que todo cobre é melhor fundido no frio extremo.</p> <p>97. A mistura exata para a estatuária, assim como para chapas, é a seguinte: primeiro, o minério é derretido; em seguida, é adicionado ao líquido um terço de cobre coletado de diferentes fontes, isto é, do cobre comprado usado, que possui uma certa qualidade de lustre peculiar após ter sido reduzido pela fricção e suavizado pelo uso. São misturados também doze libras e meia em peso da liga de estanho e chumbo a cada cem libras do líquido fundido.</p> <p>98. Ainda, há o chamado bronze de molde, liga mais delicada de bronze, uma vez que são adicionados um décimo de chumbo preto e 1/12 da liga de estanho e chumbo, e é dessa maneira que melhor assume a coloração chamada grecânica. A última liga é chamada “bronze de panela”, assim nomeada devido à vasilha produzida com ela, sendo adicionadas três ou quatro libras da liga de estanho e chumbo a cada cem de cobre. Se adicionado chumbo ao bronze de Chipre, uma cor púrpura é produzida, vista em pretextas de estátuas.</p>
--	--

¹⁵³ Cerca de 27,4 g.

¹⁵⁴ Cerca de 6,6 g.

<p>XXI 99. Aera extensa robiginem celerius trahunt quam neglecta, nisi oleo perungantur. servari ea optime in liquida pice tradunt. usus aeris ad perpetuitatem monumentorum iam pridem tralatus est tabulis aereis, in quibus publicae constitutiones inciduntur.</p>	<p>XXI 99. Objetos de bronze, quando são limpos, levam ao acúmulo de azinhavre mais rapidamente do que quando são apenas deixados, a não ser que sejam untados com óleo. Dizem que são mais bem preservados quando untados com resina líquida de pinheiro. O uso do bronze para a perpetuação de monumentos já há tempos foi aplicado às tabuinhas de bronze nas quais são inscritos os decretos oficiais.</p>
<p>XXII 100. Metalla aeris multis modis instruunt medicinam, utpote cum ulcera omnia ibi ocissime sanentur, maxime tamen prodest cadmea. fit sine dubio haec et in argenti fornacibus, candidior ac minus ponderosa, sed nequaquam comparanda aeriae. plura autem genera sunt. namque ut ipse lapis, ex quo fit aes, cadmea vocatur, fusuris necessarius, medicinae inutilis, sic rursus in fornacibus existit alia, quae originis suae nomen recipit.</p> <p>101. Fit autem egesta flammis atque flatu tenuissima parte materiae et camaris lateribusque fornacium pro quantitate levitatis adplicata. tenuissima est in ipso fornacium ore quam flammae eructarunt, appellata capnitis, exusta et nimia levitate similis favillae. interior optuma, camaris dependens et ab eo argumento botryitis nominata, ponderosior haec priore, levior (102.) secuturis – duo eius colores, deterior cinereus, pumicis melhor –, friabilis oculorumque medicamentis utilissima. tertia est in lateribus fornacium, quae propter gravitatem ad camaras pervenire non potuit. haec dicitur placitis, et ipsa ab argumento, planitiei crusta verius quam pumex, intus varia, ad psoras utilior et cicatrices trahendas.</p> <p>103. Fiunt ex ea duo alia genera: onychitis extra paene caerulea, intus onychis maculis similis, ostracitis tota nigra et e ceteris sordidissima, vulneribus maxime utilis. omnis autem cadmea, in Cypri fornacibus optima, iterum a medicis coquitur carbone puro atque, ubi in cinerem rediit, extinguitur vino Ammineo quae ad emplastra praeparatur, quae vero ad psoras, aceto.</p> <p>104. Quidam in ollis fictilibus tusam urunt et lavant in mortariis, postea siccant. Nymphodorus lapidem ipsum quam gravissimum spississimumque urit pruna et exustum Chio vino restinguit tunditque, mox linteo cribrat atque in mortario terit, mox aqua pluvia macerat iterumque terit quod subsedit, donec cerussae simile fiat, nulla dentium offensa. eadem Iollae ratio, sed quam purissimum eligit lapidem.</p>	<p>XXII 100. As minas de cobre proveem medicamentos de diferentes formas, uma vez que todas as úlceras são curadas mais rapidamente no local; mas é a cadmia a mais benéfica para isso. Ela é produzida também em fornos para fusão de prata, sendo esta mais esbranquiçada e menos pesada, mas em nada se compara à produzida em fornos de cobre. Há, contudo, muitos tipos de cadmia, pois o próprio minério a partir do qual é feito o metal chama-se cadmia e é necessário às fundições, mas inútil à medicina; já o outro tipo surge nos fornos e recebe o nome referente à sua origem¹⁵⁵; (101.) forma-se quando a mais fina porção da substância é separada pela chama e pelo sopro e se gruda nas câmaras e curvas dos fornos proporcionalmente à sua leveza: a porção mais fina acumula-se na abertura dos fornos, após ser expelida pelas chamas, a chamada <i>capnitis</i>, “esfumaçada”, uma vez que é calcinada e semelhante a cinzas por sua leveza. A porção do interior é a melhor, encontrada suspensa nas câmaras, sendo, por esse motivo, denominada <i>botryitis</i>, “em forma de cacho”; esta é mais pesada que a anterior e mais leve que as seguintes, (102.) podendo ser de duas cores: a inferior é cinérea, e a melhor, de cor semelhante a pomes; é também friável e a mais útil para remédios para os olhos. O terceiro tipo encontra-se nas laterais dos fornos, e, devido ao seu peso, não consegue atingir as câmaras; é chamado <i>placitis</i>, “cadmia chata”, devido à sua superfície plana, sendo mais como uma crosta do que um pomes propriamente, e é variegado em seu interior; é mais útil para coceiras e para formar cicatrizes. (103.) A partir dele, formam-se duas outras espécies: <i>onychitis</i>, quase azul do lado de fora, mas seu interior é semelhante às manchas de ônix, e <i>ostracitis</i>, “semelhante a uma concha”, toda preta e a mais suja de todas, mas a mais útil para ferimentos. Todos os tipos de cadmia, dos quais o melhor é encontrado nos fornos em Chipre, são novamente cozidos em carvão puro por médicos e, quando reduzidos a cinzas, os preparados para emplastos são extintos com vinho amineu, já os para coceiras são extintos com vinagre. (104.) Algumas pessoas, após moída a cadmia, torram-na em vasilhas de barro, lavam-na em almofarizes e depois a secam. De acordo com Ninfodoro, torra-se o próprio minério, o mais pesado e denso, em carvão em brasa e, após completamente queimado, é extinto com vinho de Quios e moído; logo depois, é peneirado em um tecido de linho e triturado em um almofariz, e, então, macerado em água da chuva e novamente triturado o que se acumulou no fundo até que se torne semelhante à cerusita, sem nenhum atrito contra</p>

¹⁵⁵ Trata-se da diferença entre o cádmio comumente encontrado em minérios de zinco e a cadmia – mistura de óxido de zinco –, aqui referida como “cadmia de fornalha”, subproduto metálico que se deposita nos fornos de fusão de minérios de zinco, chumbo ou cobre.

	os dentes. Esse mesmo procedimento é o de Iolas, mas ele seleciona o minério mais puro.
<p>XXIII 105. Cadmeae effectus siccare, persanare, sistere fluctiones, pterygia et sordes oculorum purgare, scabritiam extenuare et quidquid in plumbi effectum dicemus.</p> <p>Et aes ipsum uritur ad omnia eadem, praeterque albugines oculorum et cicatrices, ulcera quoque oculorum cum lacte sanat; itaque Aegyptii collyrii id modo terunt in coticulis.</p> <p>106. Facit et vomitiones e melle sumptum. uritur autem Cyprium in fictilibus crudis cum sulphuris pari pondere, vasorum circumlito spiramento, in caminis, donec vasa ipsa percoquantur. quidam et salem addunt, aliqui alumen pro sulphure, alii nihil, sed aceto tantum aspergunt. ustum teritur in mortario Thebaico, aqua pluvia lavatur iterumque adiecta largiore teritur et, dum considat, relinquitur, hoc saepius, donec ad speciem minii redeat. tunc siccatur in sole in aerea pyxide servatur.</p>	<p>XXIII 105. O efeito da cadmia é secar, curar, interromper secreções, pterígios e expurgar sujeiras dos olhos, reduzir aspereza e ainda todos os outros efeitos que diremos ao explicitar o do chumbo.</p> <p>E o próprio cobre é queimado para todos esses mesmos fins e ainda para albugens e cicatrizes oculares; com leite, cura também úlceras nos olhos, e, por isso, os egípcios trituram-no em pequenos almofarizes como um colírio.</p> <p>106. Se tomado com mel, também causa vômitos¹⁵⁶. O cobre de Chipre é queimado em vasilhas de barro cru com a mesma quantidade em peso de enxofre, sendo tampada a abertura dos vasos com óleo, até que as próprias vasilhas sejam assadas. Alguns também adicionam sal; outros, alume em vez de enxofre; outros não adicionam nada, mas apenas o espirram com vinagre. Após queimado, é triturado em um almofariz de pedra Tebana, lavado com água da chuva e mais uma vez triturado, sendo adicionada água em abundância; é então posto de lado até que precipite no fundo, sendo esse procedimento feito uma série de vezes, até que atinja a aparência de minio. É, depois, seco ao sol e preservado em uma pequena caixa de cobre.</p>
<p>XXIV 107. Et scoria aeris simili modo lavatur, minore effectum quam ipsum aes. sed et aeris flos medicinae utilis est. fit aere fuso et in alias fornaces tralato; ibi flatu crebriore excutiuntur veluti milii squamae, quas vocant florem; cadunt autem, cum panes aeris aqua refrigerantur, rubentque similiter squamae aeris, quam vocant lepida, et sic adulteratur flos, ut squama veneat pro eo. est autem squama aeris decussa vi clavis, in quos panes aerei feruminantur, in Cypri maxime officinis. omnis differentia haec est, quod squama excutitur ictu isdem panibus, flos cadit sponte.</p> <p>108. Squamae est alterum genus subtilius, ex summa scilicet lanugine decussum, quod vocant stomoma.</p>	<p>XXIV 107. A escória do cobre é também lavada desse modo, mas seu efeito é inferior ao do cobre. Ainda, a flor de cobre é também útil para a medicina¹⁵⁷. É feita a partir do cobre fundido e levado a outras fornalhas, onde, pelo sopro frequente dos foles, são emitidas escamas, como cascas de milho, as quais chamam flor; quando as massas de cobre são resfriadas pela água, desprendem-se outras escamas de cobre igualmente avermelhadas, que chamam cascas, e assim é adulterada a flor, para que essa escama seja vendida em seu lugar. Mas essa escama de cobre, a casca, é liberada quando forçada com pregos, nos quais aderem as massas de cobre, o que ocorre especialmente nas oficinas em Chipre. A diferença é que a casca é solta das massas por meio de golpes, já a flor cai espontaneamente.</p> <p>108. Há um outro tipo mais delicado de escama desprendida da superfície do metal, semelhante a uma lanugem, que chamam <i>stomoma</i>.</p>
<p>(XXV) Atque haec omnia medici – quod pace eorum dixisse liceat – ignorant. parent nominibus: in tantum a conficiendis medicaminibus absunt, quod esse proprium medicinae solebat. nunc quotiens incidere in libellos, componere ex iis volentes aliqua, hoc est impendio miserorum experiri commentaria, credunt Seplasiae omnia fraudibus corrumpenti. iam pridem facta emplastra et collyria mercantur, tabesque mercium aut fraus Seplasiae sic exhibetur!</p> <p>109. Et squama autem et flos uruntur in patinis fictilibus aut aereis, dein lavantur ut supra ad eosdem usus; squama et amplius narium carnosia vitia, item sedis, et gravitates aurium per fistulam in eas flatu impulsa et uvas oris farina admota tollit et tonsillas cum melle. fit ex candido aere squama longe Cypria</p>	<p>(XXV) Mas os médicos, permitam-me dizer, desconhecem todas essas coisas; eles cedem aos nomes e se distanciam muito da preparação dos medicamentos, ou seja, daquilo que costumava ser a atividade própria da medicina. Agora, cada vez que se deparam com os livrinhos de prescrições, querendo formular quaisquer remédios a partir deles, isto é, testar seus medicamentos à custa dos infelizes, fiam-se nos unguentos adulterados da Seplásia, que pioram tudo. Já há tempos adquirem emplastos e colírios já prontos, e assim se revelam as mercadorias estragadas e a fraude da Seplásia!</p> <p>109. A escama e a flor são queimadas em largas painéis de barro ou cobre e são lavadas em seguida, como mencionado acima, para os mesmos usos; a escama também acaba com problemas de excesso de carne</p>

¹⁵⁶ Composto emético.

¹⁵⁷ *Flos aeris*: provavelmente, algum óxido cúprico.

<p>inefficacior. nec non urina pueri prius macerant clavos panesque quidam excussuri squamam, teruntque et aqua pluvia lavant. dant et hydropicis eam drachmis II in mulsi hemina et inlinunt cum polline.</p>	<p>esponjosa no nariz e no ânus e problemas de audição quando empurrada pelos ouvidos, soprando através de um tubo; quando aplicada em forma de pó, também reduz o inchaço da úvula e, com mel, das amígdalas. É feita uma escama de cobre branco muito menos eficaz que a de Chipre. Ainda, algumas pessoas submergem antes os pregos e as massas de cobre em urina de meninos quando vão soltar a escama, e então trituram e lavam em água da chuva. Dão-nos a pessoas hidrópicas, duas dracmas¹⁵⁸ em cada meio sextário¹⁵⁹ de mulso, e também aplicam espalhando com alguma farinha fina.</p>
<p>XXVI 110. Aeruginis quoque magnus usus est. pluribus fit modis. namque et lapidi, ex quo coquitur aes, deraditur, et aere candido perforato atque in cadis suspenso super acetum acre opturatumque operculo. multo prabitor est, si hoc idem squamis fiat. quidam vasa ipsa candidi aeris fictilibus condunt in acetum raduntque decumo die.</p> <p>111. Alii vinaceis contegunt totidemque post dies radunt, alii delimatam aeris scobem aceto spargunt versantque spathis saepius die, donec absumatur. eandem scobem alii terere in mortariis aereis ex aceto malunt. ocissime vero contingit coronariorum recisamentis in acetum id additis.</p> <p>112. Adulterant marmore trito maxime Rhodiam aeruginem, alii pumice aut cummi. praecipue autem fallit atramento sutorio adulterata; cetera enim dente deprehenduntur stridentia in frendendo. experimentum in vatillo ferreo, nam quae sincera est, suum colorem retinet, quae mixta atramento, rubescit. deprehenditur et papyro galla prius macerato, nigrescit enim statim aerugine inlita. deprehenditur et visu maligne virens.</p> <p>113. Sed sive sinceram sive adulteram aptissimum est elui siccatamque in patina nova uri ac versari, donec favilla fiat; postea teritur ac reconditur. aliqui in crudis fictilibus urunt, donec figlinum percoquatur. nonnulli et tus masculum admiscent. lavatur autem aerugo sicut cadmea. vis eius collyriis oculorum aptissima et delacrimationibus mordendo proficiens, sed ablui necessarium penicillis calidis, donec rodere desinat.</p>	<p>XXVI 110. Ótimo uso também se dá ao azinhavre, feito de muitos modos. É raspado do minério a partir do qual é fundido o cobre bem como perfurado o cobre branco e suspenso em tonéis sobre um vinagre forte e fechado com uma tampa. É considerado muito melhor se esse procedimento for feito às escamas de cobre. Alguns colocam as próprias vasilhas de cobre branco junto com vinagre em recipientes de barro e raspam-no no décimo dia.</p> <p>111. Outros cobrem os recipientes com cascas de uvas e raspam após o mesmo número de dias. Outros ainda salpicam raspas limadas de cobre com o vinagre e os giram com espátulas várias vezes durante o dia até que seja dissolvido o cobre. Outros preferem triturar essas mesmas raspas com vinagre em almofarizes de cobre. Mas a maneira mais rápida de se obtê-lo é serem adicionadas ao vinagre lascas de cobre “coronal”.</p> <p>112. Costumam adulterar o azinhavre ródio principalmente com mármore triturado, mas outros o fazem ainda com pomes ou goma; particularmente enganoso é o adulterado com atramento de sapateiro¹⁶⁰, pois os outros são percebidos com o dente pelo rangido ao rilhá-los. O teste pode ser feito com uma pá de mexer em fogo de ferro, pois o azinhavre puro retém sua coloração, enquanto o misturado com atramento torna-se vermelho. É percebido também por meio de um papiro previamente infundido em noz de galha, pois torna-se preto imediatamente quando espalhado azinhavre sobre ele. É percebido também a olho nu, possuindo uma coloração esverdeada prejudicial.</p> <p>113. Mas, seja puro ou adulterado, o mais apropriado é que seja lavado e, quando seco, que seja queimado em uma vasilha nova e constantemente virado até que se transforme em borralho; em seguida, é triturado e guardado. Algumas pessoas queimam o azinhavre em vasilhas de barro cru até que a cerâmica seja completamente assada; várias também misturam olíbano macho. Ele também é lavado como a cadmia. Suas propriedades são excelentes em colírios oculares, provocando a lacrimação por seu efeito mordente, mas é preciso que seja lavado e removido com uma gaze ou esponja em água quente até cessar o incômodo.</p>
<p>XXVII 114. Hieracium vocatur collyrium, quod ea maxime constat. temperatur autem id hammoniaci</p>	<p>XXVII 114. É chamado colírio de Híerax o composto constituído principalmente por azinhavre. Na verdade,</p>

¹⁵⁸ Cerca de 8,7 g.

¹⁵⁹ Cerca de 250 mL.

¹⁶⁰ *Atramentum*: palavra derivada de *ater, atra, atrum*, “preto, escuro, sombrio”, que originou o afixo “atr (i/o)-” em português (Houaiss, p.340).

<p>unciis IIII, aeruginis Cypriae II, atramenti sutorii, quod chalcanthum vocant, totidem, misyos una, croci VI. haec omnia trita aceto Thasio colliguntur in pilulas, excellentis remedii contra initia glaucomatum et suffusionum, contra caligines aut scabiritias et albugines et genarum vitia. cruda autem aerugo vulnerariis emplastris miscetur.</p> <p>115. Oris etiam gingivarumque exulcerationes mirifice emendat et labrorum ulcera cum oleo. quod si et cera addatur, purgat et ad cicatricem perducit. aerugo et callum fistularum erodit vitiorumque circa sedem sive per se sive cum hammoniaco inlita vel collyrii modo in fistulas adacta. eadem cum resinae terebenthinae tertia parte subacta lepras tollit.</p>	<p>são combinados goma de Amônio¹⁶¹ na proporção de quatro onças¹⁶², duas onças de azinhavre de Chipre¹⁶³, a mesma quantidade de atramento de sapateiro, o qual chamam <i>chalcanthon</i>, uma de <i>misy</i>¹⁶⁴ e seis de açafraão. Uma vez trituradas todas essas substâncias em vinagre de Taso, são feitas em pílulas, excelentes remédios contra princípios de glaucomas e cataratas, contra caligens ou asperezas, albugens e problemas das pálpebras. Azinhavre cru é também misturado em emplastos para feridas. (115.) Ainda, quando com óleo, melhora extraordinariamente ulcerações na boca e gengivas e feridas nos lábios. Se também for adicionada cera, limpa e leva à cicatrização. Azinhavre também afina calos por fístulas e por outras feridas em torno do ânus, seja aplicado sozinho, seja com goma de Hammon ou introduzido nas fístulas como sob a forma de um supositório. O próprio azinhavre amassado com um terço de resina de terebinto também remove lepras.</p>
<p>XXVIII 116. Est et alterum genus aeruginis, quam vocant scoleca, in Cyprio <mortario Cyprio> aere trito alumine et sale aut nitro pari pondere cum aceto albo quam acerrimo. non fit hoc nisi aestuosissimis diebus circa canis ortum. teritur autem, donec viride fiat contrahatque se vermiculorum specie, unde et nomen. quod vitiatum ut emendetur, II partes quam fuere aceti miscentur urinae pueri inpubis. idem autem in medicamentis et santerna efficit, qua diximus aurum feruminari. usus utriusque qui aeruginis. scolex fit et per se derasus aerario lapidi, de quo nunc dicemus.</p>	<p>XXVIII 116. Há também um outro tipo de azinhavre chamado <i>scolex</i>, “vermicular”, que é triturado em um almofariz de cobre de Chipre com alume e o mesmo peso de sal ou natro e com o mais forte vinagre branco. Isso não é feito senão em dias muito quentes, próximo ao aparecimento da constelação do Cão. É triturado até que se torne esverdeado e se contraia assumindo a aparência de vermes, de onde vem seu nome. Para que seja corrigido o que foi feito errado, são misturados também a urina de um menino impúbere e duas partes de vinagre que foi já usado. O azinhavre vermicular é eficaz em medicamentos da mesma maneira que a <i>santerna</i>, que dissemos ser usada para soldar o ouro. O emprego de ambos é o mesmo do azinhavre. O vermicular é obtido naturalmente ao ser raspado um minério de cobre, a respeito do qual falaremos agora.</p>
<p>XXIX 117. Chalcitim vocant, ex quo et ipso aes coquitur. distat a cadmea, quod illa super terram ex subdialibus petris caeditur, haec ex obrutis, item quod chalcitis friat se statim, mollis natura, ut videatur lanugo concreta. est et alia distinctio, quod chalcitis tria genera continet, aeris et misyos et soreos, de quibus singulis dicemus suis locis. habet autem aeris venas oblongas.</p> <p>118. Probatur mellei coloris, gracili venarum discursu, friabilis nec lapidosa. putant et recentem utiliorem esse, quoniam inveterata sori fiat. vis eius ad excrescentia in ulceribus, sanguinem sistere, gingivas, uvam, tonsillas farina compescere, volvae vitii in vellere imponi. cum suco vero porri verendorum additur emplastirs.</p> <p>119. Maceratur autem in fictili ex aceto, circumlito fimo diebus XL, et colorem croci trahit. tum admixto cadmeae pari pondere medicamentum efficit psoricon dictum. quod si II partes chalcitidis tertia cadmeae temperentur, acrius hoc idem fiat; etiamnum</p>	<p>XXIX 117. Chamam <i>chalcitis</i>, calcopirita, o minério a partir do qual, além da cadmia, também o próprio cobre é fundido. Diferencia-se dela porque esta é minerada acima do solo a partir de galerias de pedras expostas ao ar livre; já a calcopirita é obtida de galerias subterrâneas; também a calcopirita desagrega-se imediatamente por seu aspecto macio, de modo que parece uma lanugem endurecida. Há também uma outra diferença: a calcopirita contém três espécies de minerais – cobre, <i>misy</i> e <i>sori</i>¹⁶⁵, sobre os quais diremos individualmente em seus devidos lugares; possui também longos veios de cobre. (118.) É apreciada a calcopirita de cor de mel, com um fino atravessar de veios, maleável e não pedregosa. Julgam ser mais útil a mais fresca, uma vez que, depois de antiga, torna-se <i>sori</i>. Sua forte ação é apropriada para o inchaço de úlceras, interrupção de sangramentos e para retrair as gengivas, úvula e amígdalas, sob a forma de farinha; quando introduzida por meio de um velo, é apropriada para problemas do útero; com suco de alho-poró, é adicionada a emplastos genitais. (119.) É macerada em uma louça</p>

¹⁶¹ *Hammoniacum*: goma produzida na região de Amônio, oásis do deserto da Líbia (OLD, p. 785).

¹⁶² Cerca de 109,6 g.

¹⁶³ Cerca de 54,8 g.

¹⁶⁴ *Misy*: provavelmente piritas de cobre (OLD, p. 1118).

¹⁶⁵ *Soreos*: sulfeto de cobre ou ferro (OLD, p. 1794).

<p>venhementius, si aceto quam vino temperetur; tosta vero efficacior fit ad eadem omnia.</p>	<p>de barro com vinagre e recoberta por esterco por quarenta dias, levando-a a assumir uma cor de açafraão; neste caso, o mesmo peso de cadmia é adicionado à mistura, e esse composto torna-se um medicamento eficaz para coceiras, dito psórico. Se duas partes de calcopirita forem combinadas a uma de cadmia, este mesmo medicamento torna-se mais forte, e, ainda, mais potente se combinado a vinagre em vez de vinho; quando queimado, na verdade, torna-se mais eficaz contra todos esses problemas.</p>
<p>XXX 120. Sori Aegyptium maxime laudatur, multum superato Cyprio Hispaniensi que et Africo, quamquam oculorum curationi quidam utilius putent Cyprium; sed in quacumque natione optimum cui maximum virus olfactu, tritumque pinguius nigrescens et spongiosum. stomacho res contraria in tantum, ut quibusdam olfactum modo vomitiones moveat. et Aegyptium quidem tale, alterius nationis contritum splendescit ut misy et est lapidosius. prodest autem et dentium dolori, si contineatur atque colluat, et ulceribus oris gravibus quaeque serpant. uritur carbonibus ut chalcitis.</p>	<p>XXX 120. O <i>sori</i> egípcio é o mais elogiado, muito superior ao cíprio, ao hispânico e ao africano, embora alguns julguem ser mais útil para o cuidado dos olhos o cíprio. Mas, onde quer que se origine, o melhor é aquele cujo odor seja o mais forte, e o que, quando triturado, assume um aspecto gorduroso, torna-se preto e esponjoso. É a tal ponto averso ao estômago que, para alguns, apenas o cheiro provoca vômitos; contudo, este é o caso do egípcio. O <i>sori</i> de outras origens, quando moído, torna-se brilhante como o <i>misy</i> e é mais duro. É útil para dores de dente, se for mantido sobre o local e bochechado, bem como para graves úlceras serpiginosas na boca. É queimado em carvão como a calcopirita.</p>
<p>XXXI 121. Misy aliqui tradiderunt fieri exusto lapide in scrobibus, flore eius luteo miscente se ligni pineae favillae. re vera autem e supra dicto fit lapide, concretum natura discretumque vi, optimum in Cypriorum officinis, cuius notae sunt friati aureae scintillae et, cum teratur, harenosa natura sine terra, chalcitidi dissimilis. hoc admiscent qui aurum purgant. utilitas eius infusi cum rosaceo auribus purulentis et in lana inpositi capitis ulceribus. extenuat et scabritias oculorum inveteratas, praecipue utile tonsillis contraque anginas et suppurata.</p> <p>122. Ratio ut XVI drachmae in hemina aceti coquantur addito melle, donec lentescat. sic ad supra dicta utile est. quotiens opus sit molliri vim eius, mel adspargitur. erodit et callum fistularum ex aceto foventium et collyriis additur, sistit et sanguinem ulcerae quae serpant quaeve putrescant, absumit et excrescentes carnes. peculiariter virilitatis vitiis utile et feminarum profluvium sistit.</p>	<p>XXXI 121. Foi transmitido por alguns que o <i>misy</i> é feito ao queimar o minério nas fendas, com sua flor amarelada misturando-se à cinza da madeira de pinheiro. Na verdade, apesar de ser feito a partir do minério mencionado acima, é solidificado nele e separado pela força, sendo o melhor feito nas oficinas de Chipre, cujos reflexos dourados são percebidos quando despedaçados; quando triturado, possui um aspecto arenoso, sem terra, diferente da calcopirita. Também fazem uma mistura de <i>misy</i> aqueles que realizam o processo de purificação do ouro. É ainda útil, quando infundido com óleo de rosas, para supurar os ouvidos e, quando aplicado embebido em lã, para úlceras na cabeça. Reduz também asprezas crônicas dos olhos, sendo especialmente útil para as amígdalas e contra anginas e supurações.</p> <p>122. A dosagem é de dezesseis dracmas¹⁶⁶ fervidos em uma hemina de vinagre após adicionado mel até que se torne uma mistura viscosa; assim, é útil para os problemas mencionados acima. Quando necessário mitigar sua intensidade, respinga-se mel. Como um fomento, também afina calos por fístulas quando misturado com vinagre; é adicionado a colírios, interrompe sangramentos e úlceras serpiginosas ou putrefatas e reduz excrescências. É especialmente útil para problemas dos órgãos sexuais masculinos e interrompe a menstruação das mulheres.</p>
<p>XXXII 123. Graeci cognationem aeris nomine fecerunt et atramento sutorio; appellant enim chalcantion. nec ullius aequae mira natura est. fit in Hispaniae puteis stagnisve id genus aquae habentibus. decoquitur ea admixta dulci pari mensura et in piscinas ligneas funditur. immobilibus super has transtris dependent restes lapillis extentae, quibus adhaerescens limus vitreis acinis imaginem quandam uvae reddit.</p>	<p>XXXII 123. Os gregos associaram nominalmente o cobre ao atramento de sapateiro; chamam-no <i>chalcantion</i>, “flor de cobre”¹⁶⁷. Sua natureza é admirável como a de nenhuma outra substância. Ocorre na Hispânia em poços ou açudes contendo esse tipo de água¹⁶⁸. Ele é fervido depois de misturado à mesma quantidade de água pura e é despejado em tanques de madeira. Sobre ele, por vigas fixas, ficam suspensas cordas esticadas por pedras, nas</p>

¹⁶⁶ Cerca de 69,9 g.

¹⁶⁷ *Chalcantion*: sulfato de cobre, também chamado caparrosa azul ou vitríolo azul (OLD, p. 308).

¹⁶⁸ Água contendo a substância mencionada (*chalcantion*).

<p>exemptum ita siccatur diebus XXX. color est caeruleus perquam spectabili nitore, vitrumque esse creditur;</p> <p>124. diluendo fit atramentum tinguendis coriis. fit et pluribus modis: genere terrae eo in scrobes cavato, quorum e lateribus destillantes hiberno gelu stirias stalagmian vocant, neque est purius aliud. sed ex eo, candidum colorem sentiente viola, lonchoton appellat.</p> <p>125. Fit et in saxorum catinis pluvia aqua conrivato limo gelante; fit et salis modo flagrantissimo sole admissas dulces aquas cogente. ideo quidam duplici differentia fossile aut facticium appellat, hoc pallidius et quantum colore, tantum bonitate deterius.</p> <p>126. Probant maxime Cyprium in medicinae usu. sumitur ad pellenda ventris animalia drachmae pondere cum melle. purgat et caput dilutum ac naribus instillatum, item stomachum cum melle aut aqua mulsa sumptum. medetur et oculorum scabritiae dolorique et caligini et oris ulceribus. sistit et sanguinem narium, item haemorrhoidum. extrahit ossa fracta cum semine hyoscyami, suspendit epiphoras penicillo fronti inpositum, efficax et in emplastris ad purganda volnera et excrescentia ulcerum.</p> <p>127. Tollit et uvas, vel si decocto tangantur, cum lini quoque semine superponitur emplastris ad dolores tollendos. quod ex eo candicat, in uno usu praefertur violaceis, ut gravitati aurium per fistulas inspiretur. volnera per se inlittum sanat, sed tinguunt cicatrices. nuper inventum ursorum in harena et leonum ora spargere illo, tantaque est vis in adstringendo, ut non queant mordere.</p>	<p>quais o limo que se adere, como bagos vítreos, assemelha-se a um cacho de uvas. Após ser removido, é seco por trinta dias. Sua cor é azulada, de brilho admirável, e é confundido com vidro.</p> <p>124. Quando diluído, faz-se o atramento para o tingimento de couro. É feito também de muitos outros modos: solo desse tipo é escavado em fossos, de cujos lados, pelo congelamento no inverno, pingam gotas de gelo, que chamam <i>stalagmias</i>, “gotejante”; não há tipo algum mais puro do que este. A partir dele, há o que chamam <i>lonchoton</i>, “pontagudo”, de cor violeta, um pouco esbranquiçado.</p> <p>125. É feito, ainda, em cavidades feitas nas pedras, pelo limo trazido pela água da chuva quando congelado; ocorre, também, do mesmo modo que o sal, com o sol mais forte reduzindo a água doce que havia sido acumulada. Por esse motivo, alguns apontam essa dupla diferença entre o atramento escavado e o artificial: este é mais pálido e inferior tanto no que concerne à qualidade como à cor.</p> <p>126. O que mais apreciam para o uso na medicina é o cíprio; é tomado para expelir vermes do ventre¹⁶⁹ na dose de uma dracma¹⁷⁰ com mel. Quando diluído e instilado pelas narinas, clareia a mente e, quando tomado com mel ou hidromel, limpa o estômago. Sara, ainda, asperezas, dor e caligens dos olhos e úlceras na boca. Interrompe também o sangramento nasal bem como o provocado por hemorroidas. Com semente de meimendo, elimina fragmentos de ossos fraturados, interrompe epiforas quando posto sobre a testa em uma gaze e é eficaz também em emplastos para limpar feridas e excrescências de úlceras.</p> <p>127. Mesmo se forem somente tocadas por ele, após um processo de fervura e redução, cura inchaços das úvulas, e é também posto, com semente de linho, sob a forma de emplastos, para aliviar dores. A parte esbranquiçada dele é preferida à de cor violeta em apenas uma ocasião – para que seja assoprado por tubos em casos de problemas nos ouvidos. Quando apenas aplicado, espalhando, cura feridas, mas deixa manchadas suas cicatrizes. Recentemente, descobriu-se que poderia ser salpicado na boca de ursos e leões na arena, e tal é o seu poder adstringente, que esses animais não conseguem mais morder.</p>
<p>XXXIII 128. Etiamnum in aerariis reperiuntur quae vocant pompholygem et spodon. differentia, quod pompholyx lotura separatur, spodos inlota est. aliqui quod sit candidum levissimumque pompholygem dixere et esse aeris ac cadmeae favillam, spodon nigriorem esse ponderosioreque, derasam parietibus fornacium, mixtis scintillis, aliquando et carbonibus.</p> <p>129. Haec aceto accepto odorem aeris praestat et, si tangatur lingua, saporem horridum. convenit oculorum medicamentis, quibuscumque vitiis occurrens, et ad omnia quae spodos. hoc solum distat, quod huius elutior vis est. additur et in emplastra,</p>	<p>XXXIII 128. Além disso, são encontradas, nos fornos de fusão de cobre, as substâncias chamadas <i>pompholyx</i>, “bolha”, e <i>spodos</i>, “cinza”. A diferença entre elas é que a <i>pompholyx</i> se desagrega pela lavagem, já o <i>spodos</i> não é lavado. Alguns disseram que a <i>pompholyx</i> é esbranquiçada e extremamente leve e que se trata de cinzas de cobre com cadmia, e que o <i>spodos</i> é mais escuro e pesado, raspado das paredes das fornalhas, com partículas brilhantes misturadas e, por vezes, também com fragmentos de carvão. (129.) <i>Pompholyx</i>, quando com vinagre, apresenta um cheiro de cobre e, se tocada com a língua, possui um sabor terrível. É apropriada para medicamentos para os olhos, remediando quaisquer</p>

¹⁶⁹ Vermes gastrointestinais.

¹⁷⁰ Cerca de 4,3 g.

<p>quibus lenis refrigeratio quaeritur et siccatio. utilior ad omnia quae vino lota est.</p>	<p>problemas, para todos os quais também o <i>spodos</i> é conveniente. Este se diferencia apenas por seu efeito mais suave. É adicionado também a emplastos, a partir dos quais se busca um efeito refrescante suave e secativo. É mais eficaz em todos os casos quando embebido em vinho.</p>
<p>XXXIV 130. Spodos Cypria optima. fit autem liquescentibus cadmea et aerario lapide. levissimum hoc est flaturae totius evolatque e fornacibus et tectis adhaerescit, a fuligine distans candore. quod minus candidum ex ea, in maturae fornacis argumentum est; hoc quidam pompholygem vocant. quod vero rubicundius ex iis invenitur, acriorem vim habet et exulcerat adeo, ut, cum lavatur, si attingit oculos, excaecet.</p> <p>131. Est et mellei coloris spodos, in qua plurimum aeris intellegitur. sed quodcumque genus lavando fit utilius; purgatur ante panno, dein crassiore lotura digitis scabritiae excernuntur. eximia vis est eius, quae vino lavatur. est aliqua et in genere vini differentia. leni enim lota collyriis oculorum minus utilis putatur, eademque efficacior ulceribus, quae manent, vel oris, quae madeant, et omnibus medicamentis, quae parentur contra gangraenas.</p> <p>132. Fit et in argenti fornacibus spodos, quam vocant Lauriotim. utilissima autem oculis adfirmatur quae fiat in aurariis, nec in alia parte magis est vitae ingenia mirari. quippe ne quaerenda essent metalla, vilissimis rebus utilitates easdem excogitavit.</p>	<p>XXXIV 130. O <i>spodos</i> cíprio é o melhor; é produzido derretendo cadmia e minério de cobre, e, de todo o processo de fundição, é a substância mais leve; desprende-se das fornalhas voando e adere ao teto, diferenciando-se da fuligem por sua brancura. A porção menos branca evidencia um forno ainda inapropriado, e é tida por alguns como a <i>pompholyx</i>. A partir dela, é encontrada uma porção mais avermelhada, que é mais forte, e é a tal ponto corrosiva, que, quando lavada, se atinge os olhos, causa cegueira.</p> <p>131. Há também um <i>spodos</i> que possui cor de mel, sobre o qual se entende que contém muito cobre. Qualquer tipo de <i>spodos</i> torna-se mais útil quando lavado; é antes limpo com um pano e, em seguida, é feita uma lavagem mais completa, e as asperezas são separadas à mão. É especialmente benéfico quando lavado com vinho. Há também certa diferença quanto ao tipo de vinho usado, pois pensa-se que, quando lavado com vinho suave, é menos útil em colírios para os olhos, e, ao mesmo tempo, mais eficaz contra úlceras – sejam as que perduram ou as na boca, que permanecem úmidas – e em todos os medicamentos que sejam preparados contra gangrenas.</p> <p>132. Um <i>spodos</i> também é feito em fornos de prata, o qual chamam “de Láurio”. Afirma-se, contudo, que o <i>spodos</i> mais útil para os olhos é o obtido em fornos de fusão de ouro, e, em nenhum caso, admiram-se mais as inventividades da vida: para que não fossem buscados os metais, descobriram as mesmas utilidades nos materiais mais comuns.</p>
<p>XXXV 133. Antispodon vocant cinerem fici arboris vel caprifici vel myrti foliorum cum tenerrimis ramorum partibus vel oleastri vel oleae vel cotonei mali vel lentisci, item ex moris immaturis, id est candidis, in sole arefactis vel e buxi coma aut pseudocypiri aut rubi aut terebinthi vel oenanthes. taurini quoque glutinis aut linteorum cinerem similiter pollere inventum est. uruntur omnia ea crudo fictili in fornacibus, donec figlina percoquantur.</p>	<p>XXXV 133. Chamam <i>antispodon</i>¹⁷¹ a cinza de figueira, de caprifigo, de folhas de murta (junto com as partes mais delicadas dos galhos), de oleastro ou de oliveira, de marmelos, de lentisco bem como a partir de amoreiras imaturas, isto é, ainda brancas, secas ao sol, de folhas de buxo, de “pseudo-cípero”¹⁷², de rubo, de terebinto ou enanto. Também se descobriu ser igualmente valiosa a cinza de cola-de-boi¹⁷³ ou de peças de linho. Todos esses são queimados nos fornos em barro cru até que este seja assado por completo.</p>
<p>XXXVI 134. In aerariis officinis et smegma fit iam liquato aere ac percocto additis etiamnum carbonibus paulatimque accensis, ac repente vehementiore flatu exspuitur aeris palea quaedam. solum, quo excipiatur, stratum esse debet marilla.</p>	<p>XXXVI 134. Em oficinas de fundição de cobre, também é feito o <i>smegma</i>¹⁷⁴, sendo adicionados pedaços de carvão quando o cobre já se encontra liquefeito e fundido e sendo aceso gradualmente no fogo; então, repentinamente, com um sopro mais forte, é expelido um tipo de palhiço de cobre. O solo sobre o qual recai deve estar coberto por pó de carvão.</p>
<p>XXXVII 135. Ab ea discernitur quam in isdem officinis diphrygem vocant Graeci ab eo, quod bis</p>	<p>XXXVII 135. Nessas mesmas oficinas, diferente do <i>smegma</i>, há o que os gregos chamam <i>diphryges</i>, por ser</p>

¹⁷¹ *Antispodon*: “em vez do *spodos*”, cinza de origem vegetal (OLD, p. 1808).

¹⁷² *Pseudocypiri*: alguma planta semelhante ao cípero (OLD, p. 482).

¹⁷³ *Taurini quoque glutinis*: espécie de cola feita a partir do couro de bois.

¹⁷⁴ *Smegma*: trata-se, no caso, de uma substância proveniente do cobre fundido solta pelo vento, possivelmente impurezas misturadas a cobre e óxido de cobre (OLD, p. 1776).

<p>torreatur. cuius origo triplex. fieri enim traditur ex lapide pyrite cremato in caminis, donec excoquatur in rubricam. fit et in Cypro ex luto cuiusdam specus arefacto prius, mox paulatim circumdatis sarmentis. tertio fit modo in fornacibus aeris faece susidente. differentia est, quod aes ipsum in catinos defluit, scoria extra fornaces, flos supernatat, diphryges remanent.</p> <p>136. Quidam tradunt in fornacibus globos lapidis, qui coquatur, feruminari, circa hunc aes fervere, ipsum vero non percoqui nisi tralatum in alias fornaces, et esse nodum quendam materiae; id, quod ex cocto supersit, diphryga vocari. ratio eius in medicina similis praedictis: siccare et excrescentia consumere ac repurgare. probatur lingua, ut eam siccet tactu statim saporemque aeris reddat.</p>	<p>duas vezes crestado, que possui três origens. Dizem ser feito a partir de um minério de pirita, queimado nos fornos até que seja derretido em uma rubrica. É feito também em Chipre a partir do lodo de uma determinada caverna, que é antes seco, e, em seguida, gradualmente são postos galhos acesos ao redor. Quanto ao terceiro modo, é feito em fornos de cobre a partir dos sedimentos que se depositam. A diferença é que o próprio cobre cai nos cadinhos, as impurezas são lançadas para fora dos fornos, a flor flutua para o topo, e a <i>diphryges</i> acumula-se no fundo. (136.) Alguns dizem que, nos fornos, esferas do minério que é derretido se fundem, em torno das quais o cobre se acende, mas o próprio minério não é completamente fundido, a não ser que seja transferido para outros fornos, e isto é uma espécie de núcleo da substância; já o que resulta da fundição completa é o chamado <i>diphryges</i>. Seu emprego na medicina é semelhante aos que foram mencionados acima: secar, acabar com excrescências e limpar. É comprovada sua legitimidade com a língua, uma vez que imediatamente seca ao primeiro contato e deixa um sabor cúpreo na boca.</p>
<p>XXXVIII 137. Unum etiamnum aeris miraculum non omittemus. Servilia familia inlustris in fastis trientem aereum pascit auro, argento, consumentem utrumque. origo atque natura eius incomperta mihi est. verba ipsa de ea re Messallae senis ponam: Serviliorum familia habet trientem sacrum, cui summa cum cura magnificentiaque sacra quotannis faciunt. quem ferunt alias crevisse, alias decrevisse videri et ex eo aut honorem aut deminutionem familiae significare.</p>	<p>XXXVIII 137. Não deixaremos de mencionar ainda mais uma maravilha do cobre. A família de Servílio, ilustre nos fastos, costuma suprir um terço de asse de bronze com ouro e prata¹⁷⁵, ambos sendo consumidos pela mistura, mas desconheço sua origem e natureza. Assim, relatarei as palavras exatas de Messala, o Velho, sobre a questão: “a família dos Servílios possui uma moeda de um terço de asse sagrada, à qual realizam sacrifícios anualmente com a maior dedicação e esplendor. Dizem que ela parece ter crescido algumas vezes e diminuído outras, e que, a partir dela, seria pressagiado o período de glória ou de declínio da família”.</p>
<p>XXXIX 138. Proxime indicari debent metalla ferri. optumo pessimoque vitae instrumento est, siquidem hoc tellurem scindimus, arbores serimus, arbusta tondemus, vites squalore deciso annis omnibus cogimus iuvenescere, hoc extruimus tecta, caedimus saxa, omnesque ad alios usus ferro utimur, sed eodem ad bella, caedes, latrocinia, non comminus solum, sed etiam missili volucrique, nunc tormentis excusso, nunc lacertis, nunc vero pinnato, quam sceleratissimam humani ingenii fraudem arbitror, siquidem, ut ocium mors perveniret ad hominem, alitem illam fecimus pinnasque ferro dedimus.</p> <p>139. Quam ob rem culpa eius non naturae fiat accepta. aliquot experimentis probatum est posse innocens esse ferrum. in foedere, quod expulsis regibus populo Romano dedit Porsina nominatim comprehensum invenimus, ne ferro nisi in agri cultu uteretur. et tum stilo osseo scribere institutum vetustissimi auctores prodiderunt. Magni Pompei in tertio consulatu extat edictum in tumultu necis Clodianae prohibentis ullum telum esse in urbe.</p>	<p>XXXIX 138. Agora, indicaremos os metais de ferro. Trata-se do melhor e pior implemento à vida, uma vez que, com ele, sulcamos a terra, plantamos árvores, aparamos as plantações, levamos as vinhas a se renovarem todos os anos, livrando-as do crescimento desleixado, erigimos, assim, nossos abrigos, serramos as rochas, e todos nós empregamos o ferro em muitos outros contextos; mas também o empregamos em guerras, massacres e pilhagens não apenas face a face, mas ainda em forma de mísseis alados, ora impulsionado por catapultas, ora pelos braços dos homens e agora ainda alados, o que julgo ser o mais abominável artifício do engenho humano, uma vez que, para que a morte encontre os homens mais rapidamente, fizemo-la alada e demos penas ao ferro¹⁷⁶. (139.) E não deve ser imputada à natureza a culpa por essas coisas. Em inúmeras ocasiões, tentou-se provar que o ferro podia ser inocente. No tratado estabelecido por Porsina ao povo romano após a expulsão dos reis, encontramos expressamente a proibição de que o ferro fosse usado para qualquer finalidade que não o cultivo agrícola. Segundo os autores</p>

¹⁷⁵ Antiga moeda romana.

¹⁷⁶ *Pinnasque ferro dedimus*: trata-se de flechas de ferro (cf. Pline L’Ancien, *Histoire Naturelle, Livre XXXIV*, Trad. H. le Bonniec, Comentários de H. Gallet de Santerre e H. le Bonniec, Paris, Les Belles Lettres, 1953, p. 302, nota 4 ao parágrafo 138).

	<p>mais antigos, à época, estabeleceu-se a prática de escrever apenas com uma caneta de osso. Há, ainda, o edito de Pompeu Magno, no terceiro consulado, durante o período de tumultos gerados pela morte de Clódio, proibindo a existência de qualquer arma na cidade.</p>
<p>XL 140. Et ars antiqua ipsa non defuit honorem mitiorem habere ferro quoque. Aristonidas artifex, cum exprimere vellet Athamantis furorem Learcho filio praecipitato residentem paenitentia, aes ferrumque miscuit, ut robigine eius per nitorem aeris relucente exprimeretur verecundiae rubor. hoc signum exstat hodie Rhodi.</p> <p>141. Est in eadem urbe et ferreus Hercules, quem fecit Alcon laborum dei patientia inductus. videmus et Romae scyphos e ferro dicatos in templo Martis Ultoris. obstitit eadem naturae benignitas exigentis ab ferro ipso poenas robigine eademque providentia nihil in rebus mortalius facientis quam quod esset infestissimum mortalitati.</p>	<p>XL 140. E a própria arte antiga não deixou faltar até ao ferro uma honra mais inofensiva. O artífice Aristônidas, quando queria representar a loucura de Átamas cedendo ao arrependimento após ter lançado seu filho Learco, misturou cobre e ferro para que fosse exprimido o rubor de vergonha pela oxidação do ferro através do brilho reluzente do cobre. Essa imagem encontra-se ainda hoje em Rodes.</p> <p>141. Há, na mesma cidade, também um Hércules de ferro, feito por Álcon, levado a assumir essa tarefa pela persistência do deus dos trabalhos. Vemos também, em Roma, cálices feitos de ferro dedicados no templo de Marte Vingador. Essa mesma benignidade da natureza obistou o próprio ferro ao puni-lo com a ferrugem, e essa mesma providência o fez não criando nada, em meio a todas as coisas, mais sujeito à morte do que aquilo que seria o elemento mais fatal aos mortais.</p>
<p>XLI 142. Ferri metalla ubique propemodum reperiuntur, quippe et iam insula Italiae Ilva gignente, minimaque difficultate adgnosuntur colore ipso terrae manifesto. ratio eadem excoquendis venis; in Cappadocia tantum quaestio est, aquae an terrae fiat acceptum, quoniam perfusa Ceraso fluvio terra neque aliter ferrum e fornacibus reddit.</p> <p>143. Differentia ferri numerosa. prima in genere terrae caelive: aliae molle tantum plumboque vicinum subministrant, aliae fragile et aerosum rotarumque usibus et clavis maxime fugiendum, cui prior ratio convenit; aliud brevitate sola placet clavisque caligariis, aliud robiginem celerius sentit. stricturae vocant hae omnes, quod non in aliis metallis, a stringenda acie vocabulo inposito.</p> <p>144. Et fornacium magna differentia est, nucleusque quidam ferri excoquitur in iis ad indurandam aciem, alioque modo ad densandas incudes malleorumve rostra. summa autem differentia in aqua, cui subinde candens inmergitur. haec alibi atque alibi utilior nobilitavit loca gloria ferri, sicuti Bilbilim in Hispania et Turiassonem, Comum in Italia, cum ferraria metalla in iis locis non sint.</p> <p>145. Ex omnibus autem generibus palma Serico ferro est; Seres hoc cum vestibis suis pellibusque mittunt; secunda Parthico. neque alia genera ferri ex mera acie temperantur, ceteris enim admiscetur mollior complexus. in nostro orbe aliubi vena bonitatem hanc praestat, ut in Noricis, aliubi factura, ut Sulmone, aqua aliubi ut diximus, quippe cum exacuendo oleariae cotes aquariaeque differant et oleo delicatior fiat acies.</p> <p>146. Tenuiora ferramenta oleo restingui mos est, ne aqua in fragilitatem durentur. mirumque, cum excoquatur vena, aquae modo liquari ferrum, postea in spongeas frangi. a ferro sanguis humanus se ulciscitur, contactum namque eo celerius robiginem trahit.</p>	<p>XLI 142. Minas de ferro são encontradas em quase todos os locais e também já se originam na ilha italiana de Ilva; são identificadas sem nenhuma dificuldade pela própria coloração exibida pela terra. O procedimento de derreter os veios é o mesmo do cobre; somente na Capadócia, a questão é se seria obtido devido à água ou devido à terra, uma vez que, apenas quando a terra é banhada pelo rio Cerasunte, é obtido o ferro dos fornos. A diversidade de ferro é vasta.</p> <p>143. A primeira diferença dá-se pelo tipo de terra ou clima: algumas regiões proveem somente um ferro macio e parecido com chumbo, outras, um frágil e repleto de cobre, que deve ser evitado ao máximo para os propósitos de uso em rodas e pregos, aos quais convém o primeiro tipo; há também um apropriado somente para objetos finos e pregos de caligas; outro tipo rapidamente enferruja. Todas essas variedades são chamadas <i>stricturae</i>, nome que não se aplica a outros metais, advindo da expressão “<i>stringere aciem</i>”, “expor uma ponta afiada”.</p> <p>144. Há também uma enorme diferença entre um ou outro tipo de fundição: uma espécie de núcleo de ferro é derretida em cada tipo para endurecer e afiar o ferro; a partir de outro processo, esse núcleo é derretido para enrijecer bigornas e cabeças de martelos. Contudo, a maior diferença diz respeito à água, na qual é imerso o metal incandescente repetidas vezes; a água, mais útil em alguns locais do que em outros, tornou reconhecidos diferentes lugares pela fama de seu ferro, como BÍlbilis e Turiassão, na Hispânia, e Como, na Itália, embora, nesses locais, não haja minas de ferro.</p> <p>145. De todos os tipos de ferro, o melhor é o sere, que os seres enviam com suas vestes e peles¹⁷⁷; o segundo melhor tipo é o de Pártia. E não há outros tipos de ferro cuja composição seja apenas o metal puro, pois, nos outros, é misturada uma liga de metais mais flexível. No</p>

¹⁷⁷ Seres: antigo povo da Ásia oriental.

	<p>mundo romano, em alguns locais, o veio é responsável por essa qualidade, como em Nórico; em outros, como em Sulmão, ela resulta da produção; em outros, ainda, a água é a responsável, como dissemos, uma vez que, na verdade, para amolação, diferem muito entre si uma rocha afiável a óleo ou a água, e o gume é feito mais fino com óleo.</p> <p>146. Costuma-se extinguir com óleo utensílios de ferro menores para que não se tornem rígidos e, então, frágeis, o que ocorreria com água. E é admirável que, quando o veio é derretido, o ferro se torne liquefeito como a água e depois se parta em fragmentos esponjosos. O sangue humano vinga-se do ferro, pois o contato com ele leva mais rapidamente à ferrugem.</p>
<p>XLII 147. De magnete lapide suo loco dicemus concordiaque, quam cum ferro habet. sola haec materia virus ab eo lapide accipit retinetque longo tempore, aliud adprehensens ferrum, ut anulorum catena spectetur interdum. quod volgus imperitum appellat ferrum vivum, vulneraque talia asperiora fiunt.</p> <p>148. Hic lapis et in Cantabria nascitur, non ut ille magnes verus caute continua, sed sparsa bulbatione – ita appellant, – nescio an vitro fundendo perinde utilis, nondum enim expertus est quisquam; ferrum utique inficit eadem vi. Magnete lapide architectus Timochares Alexandriae Arsinoes templum concamarare incohaverat, ut in eo simulacrum e ferro pendere in aëre videretur. intercessit ipsius mors et Ptolemaei regis, qui id sorori suae iusserat fieri.</p>	<p>XLII 147. Falaremos sobre pedra-ímã em seu devido lugar bem como sobre a harmonia que possui com o ferro. Somente ele é sensível à emanção venenosa dessa pedra e retém seu efeito por um longo tempo, agarrando junto a si outro ferro, de modo que, às vezes, vemos uma corrente de anéis. A maioria das pessoas não conhecedoras chama essa pedra “ferro vivo”, e feridas provocadas por metais do tipo são mais graves.</p> <p>148. Essa pedra também se forma na Cantábria, não como uma rocha contínua como a pedra-ímã verdadeira mencionada, mas em bulbos esparsos, chamada, por isso, bulbosa. Não sei se é útil da mesma maneira para fundição de vidro, pois ninguém ainda o testou, mas certamente confere ao ferro a mesma força de atração. O arquiteto Timócares havia iniciado a construção da abóbada do templo de Arsínoe, em Alexandria, com a pedra-ímã, para que o simulacro de ferro nela parecesse estar suspenso no ar, mas morreram, antes, ele próprio e o rei Ptolomeu, que havia determinado a construção da obra à sua irmã.</p>
<p>XLIII 149. Metallorum omnium vena ferri largissima est. Cantabriae marítima parte, qua oceanus adluit, mons praealtus – incredibile dictu – totus ex ea materia est, ut in ambitu oceani diximus.</p> <p>Ferrum accensum igni, nisi duretur ictibus, corrumpitur. rubens non est habile tundendo neque antequam albescere incipiat. aceto aut alumine inlitum fit aeri simile.</p> <p>150. A robigine vindicatur cerussa et gypso et liquida pice. haec est ferro a Graecis antipathia dicta. ferunt quidem et religione quadam id fieri et exstare ferream catenam apud Euphraten amnem in urbe, quae Zeugma appellatur, qua Alexander Magnus ibi iunxerit pontem, cuius anulos, qui reffecti sint, robigine infestari, carentibus ea prioribus.</p>	<p>XLIII 149. O minério de ferro é o mais abundante de todos os metais. Na região litorânea da Cantábria, banhada pelo oceano, há uma montanha muito alta composta – o que é extraordinário de se dizer – inteiramente deste minério, sobre a qual dissemos ao tratar de regiões que beiram o oceano.</p> <p>Ferro acendido pelo fogo, se não for endurecido com golpes de martelo, é estragado. Quando ainda vermelho, não é apropriado para ser martelado na forja, nem antes de começar a se tornar branco. Se espalhado vinagre ou alume, torna-se semelhante ao cobre.</p> <p>150. É protegido da ferrugem por meio de cerusita, gesso e resina líquida. A ferrugem é chamada pelos gregos <i>antipathia</i>, a antipatia em relação ao ferro. Dizem também que essa repulsão é obtida por meio de uma certa cerimônia sagrada, e que há uma corrente de ferro junto ao rio Eufrates, na cidade chamada Zeugma, usada por Alexandre, o Grande, para conectar uma ponte no local; de seus anéis, aqueles que haviam sido restaurados foram infestados pela ferrugem, estando os anteriores livres dela.</p>
<p>XLIV 151. Medicina e ferro est et alia quam secandi. namque et circumscribi circulo terve circumlato mucrone et adultis et infantibus prodest contra noxia medicamenta, et praefixisse in limine evulsos sepulchris clavos adversus nocturnas lymphationes,</p>	<p>XLIV 151. O ferro, na medicina, é empregado em diferentes casos além de incisões. É útil a adultos e crianças contra medicamentos nocivos se desenhado um círculo em torno da pessoa ou carregada uma ponta de ferro junto com ela; ter fixados no umbral pregos</p>

<p>pungique leviter mucrone, quo percussus homo sit, contra dolores laterum pectorumque subitos, qui punctionem adferant. quaedam ustione sanantur, privatim vero canis rabidi morsus, quippe etiam praevalente morbo expavescentesque potum usta plaga ilico liberantur. calfit etiam ferro candente potus in multis vitiis, privatim vero dysintericis.</p>	<p>retirados de um túmulo é também útil contra pânico noturnos bem como ser levemente alfinetado por uma ponta de ferro pela qual um homem tenha sido ferido o é contra dores súbitas no flanco e no peito que provoquem pontadas. Alguns males são curados por cauterização, especialmente mordidas de um cão com raiva, uma vez que, ainda que seja prevalente a doença e os que a contraíam estejam experienciando hidrofobia, são livrados imediatamente quando cauterizada a ferida. Ainda, bebidas são esquentadas com ferro incandescente para o tratamento de muitas doenças, especialmente disenterias.</p>
<p>XLV 152. Est et robigo ipsa in remediis, et sic proditur Telephum sanasse Achilles, sive id aerea sive ferrea cuspidem fecit; ita certe pingitur ex ea decutiens gladio suo. robigo ferri deraditur umido ferro clavis veteribus.</p> <p>153. Potentia eius ligare, siccare, sistere. emendat alopecias inlita. utuntur et ad scabritias genarum pusulasque totius corporis cum cera et myrteo oleo, ad ignes vero sacros ex aceto, item ad scabiem, paronychia digitorum et pterygia in linteolis. sistit et feminarum profluvia inposita in vellere, utilis plagis quoque recentibus vino diluta et cum murra subacta, condylomatis ex aceto. podagras quoque inlita lenit.</p>	<p>XLV 152. Entre os remédios, há também a própria ferrugem, e diz-se que assim Aquiles curou Télefo, feito isso com uma lança de cobre ou de ferro – é pintado dessa forma, raspando dela a ferrugem com sua espada. A ferrugem é raspada de pregos velhos também com um pedaço de ferro molhado.</p> <p>153. Atua fechando ferimentos abertos, secando e estancando. Melhora também alopecias quando aplicada espalhando. Com cera e óleo de murta, é usada também para asperezas nas pálpebras e pústulas em todo corpo; umedecida com vinagre, para erisipelas bem como para sarnas e, quando aplicada em tecidos, para paroníquia das unhas e pteríngios. Interrompe também o fluxo menstrual em mulheres quando aplicada em um tecido de lã, é útil em feridas recentes quando diluída em vinho e pressionada com mirra, e, em condilomas, quando umedecida com vinagre. Também acalma podagras quando aplicada espalhando.</p>
<p>XLVI 154. Squama quoque ferri in usu est ex acie aut mucronibus, maxime simili, sed acriore vi quam robigo, quam ob rem et contra epiphoras oculorum adsumitur. sanguinem sistit, cum volnera ferro maxime fiant! sistit et feminarum profluvia. inponitur et contra lienium vitia, et haemorrhoidas compescit ulcerumque serpentina. et genis prodest farinae modo adpersa paullisper.</p> <p>155. Praecipua tamen commendatio eius in hygremplastro ad purganda vulnera fistulasque et omnem callum erodendum et rasis ossibus carnes recreandas. componitur hoc modo: propolis oboli VI, Cimoliae cretae drachmae VI, aeris tusi drachmae II, squamae ferri totidem, cerae X, olei sextarius. his adicitur, cum sunt repurganda vulnera aut replenda, ceratum.</p>	<p>XLVI 154. A escama de ferro, obtida a partir de um gume ou ponta afiada, também é empregada de forma muito semelhante, mas possui ação mais forte do que a ferrugem, motivo pelo qual é utilizada também contra epíforas dos olhos. Até mesmo interrompe sangramentos, ainda que sejam os ferimentos provocados pelo próprio ferro! Interrompe também o fluxo menstrual de mulheres. É também aplicada contra problemas no baço e retrai hemorroidas e úlceras serpiginosas. É útil também para as pálpebras quando espalhada por um curto período sob a forma de pó.</p> <p>155. Sua principal recomendação, contudo, é em emplastos úmidos para limpar ferimentos e fístulas, para afinar toda calosidade e restaurar os músculos em torno dos ossos dos quais foram lacerados. É composta da seguinte forma: seis óbolos de própolis¹⁷⁸, seis dracmas de creta de Cimolo¹⁷⁹, duas dracmas de cobre macerado¹⁸⁰, a mesma quantidade de escama de ferro, dez de cera¹⁸¹ e um sextário de óleo¹⁸²; para limpar feridas ou preenche-las, adiciona-se também cerato.</p>
<p>XLVII 156. Sequitur natura plumbi, cuius duo genera, nigrum atque candidum. pretiosissimum in hoc candidum, Graecis appellatum cassiterum fabuloseque narratum in insulas Atlantici maris peti vitilibusque</p>	<p>XLVII 156. Agora, passemos à natureza do chumbo, cujos tipos são dois: um preto e um branco. O mais valioso é o branco, chamado <i>cassiteros</i> – estanho – pelos gregos, cujas histórias narram que era procurado nas ilhas</p>

¹⁷⁸ Cerca de 4,2 g.

¹⁷⁹ Cerca de 26,2 g.

¹⁸⁰ Cerca de 8,7 g.

¹⁸¹ Cerca de 43,7 g.

¹⁸² Cerca de 0,5 L.

<p>navigiis et circumsutis corio advehi. nunc certum est in Lusitania gigni et in Gallaecia summa tellure, harenosa et coloris nigri.</p> <p>157. Pondere tantum ea deprehenditur; interveniunt et minuti calculi, maxime torrentibus siccatis. lavant eas harenas metallici et, quod subsedit, cocunt in fornacibus. invenitur et in aurariis metallis, quae alutias vocant, aqua immissa eluente calculos nigros paullum candore variatos, quibus eadem gravitas quae auro, et ideo in catillis, quibus aurum colligitur, cum eo remanent; postea caminis separantur conflatique in plumbum album resolvuntur.</p> <p>158. Non fit in Gallaecia nigrum, cum vicina Cantabria nigro tantum abundet, nec ex albo argentum, cum fiat ex nigro. iungi inter se plumbum nigrum sine albo non potest nec hoc ei sine oleo ac ne album quidem secum sine nigro. album habuit auctoritatem et Iliacis temporibus teste Homero, cassiterum ab illo dictum.</p> <p>159. Plumbi nigri origo duplex est; aut enim sua provenit vena nec quicquam aliud ex sese parit aut cum argento nascitur mixtisque venis conflatur. huius qui primus fuit in fornacibus liquor stagnum appellatur; qui secundus, argentum; quod remansit in fornacibus, galena, quae fit tertia portio additae venae; haec rursus conflata dat nigrum plumbum deductis partibus nonis II.</p>	<p>do oceano Atlântico e trazido em barcas de vime fechadas com couro alinhavado. Hoje, é encontrado na Lusitânia e na Galícia na superfície; é arenoso e de cor preta.</p> <p>157. É reconhecido apenas por seu peso; encontram também pequenos seixos dele, especialmente em regiões de torrentes após secas. Os mineradores lavam essas areias e fundem o precipitado do fundo em fornos. É encontrado também em minas de ouro, sendo chamado <i>alutiae</i>; deixam correr a água, lavando os seixos pretos variegados por um leve brilho branco, de peso igual ao do ouro, e, por isso, mistura-se ao ouro e permanece com ele nos recipientes; depois, são separados nos fornos e, quando fundidos, resultam no chumbo branco.</p> <p>158. O chumbo preto não ocorre na Galícia, embora a região vizinha da Cantábria abunde somente em chumbo preto. A prata não pode ser feita com chumbo branco, embora este seja feito a partir do preto. Chumbo preto não pode ser soldado consigo mesmo sem chumbo branco nem pode ser o branco soldado ao preto sem óleo; na verdade, nem o branco pode ser soldado consigo mesmo sem o preto. O branco foi considerado superior também nos tempos ilíacos, segundo testemunho de Homero, que o chamou <i>cassiteros</i>¹⁸³.</p> <p>159. São duas as origens do chumbo preto: ou provém de seu próprio veio e não origina nenhuma outra substância além de si ou origina-se com a prata e é fundido com os dois veios misturados. Desta liga, a porção liquefeita primeiro nos fornos é chamada <i>stagnum</i>¹⁸⁴; a segunda é o chumbo argêntico; a que sobra nos fornos é a chamada “galena”¹⁸⁵, sendo uma terceira parte do veio inicialmente adicionado; esta, depois de novamente fundida, origina o chumbo preto, já perdidos dois nonos da porção inicial.</p>
<p>XLVIII 160. Stagnum inlitum aereis vasis saporem fecit gratiorem ac compescit virus aeruginis, mirumque, pondus non auget. specula etiam ex eo laudatissima, ut diximus, Brundisi temperabantur, donec argenteis uti coepere et ancillae. nunc adulteratur stagnum addita aeris candidi tertia portione in plumbum album. fit et alio modo mixtis albi plumbi nigrique libris; hoc nunc aliqui argentarium appellant. iidem et tertiarium vocant, in quo duae sunt nigri portiones et tertia albi. pretium eius in libras X XX. hoc fistulae solidantur.</p> <p>161. Inprobiore ad tertiarium additis partibus aequis albi argentarium vocant et eo quae volunt incoquant. pretium huius faciunt in p. X LXX. albo per se sincero pretium sunt X LXXX, nigro X VII.</p> <p>Albi natura plus aridi habet, contraque nigri tota umida est. ideo album nulli rei sine mixtura utile est. neque argentum ex eo plumbatur, quoniam (162.) prius liquescat argentum, confirmantque, si minus albo nigri, quam satis sit, misceatur, erodi ab eo argentum. album incoquitur aereis operibus Galliarum invento ita, ut vix discerni possit ab argento, eaque incoctilia appellant. deinde et argentum incoquere simili modo</p>	<p>XLVIII 160. <i>Stagnum</i>, uma vez espalhado sobre vasos de cobre, resulta em um sabor mais agradável e impede a formação da venenosa ferrugem, e, o que é admirável, seu peso não aumenta. Ainda, conforme dissemos, era misturado em espelhos em Brundísio, extremamente estimados, até o dia em que mesmo criadas começaram a utilizar espelhos de prata. Hoje, é adulterado o <i>stagnum</i> adicionando-se uma parte de cobre branco a três de chumbo branco. É feito também de outro modo, sendo misturados o mesmo peso em libras de chumbo branco e preto; hoje, alguns chamam isto <i>argentarium</i> – argentífero. Essas mesmas pessoas dizem também haver uma mistura chamada “terciária”, na qual há dois terços do peso de chumbo preto e um terço de branco, que custa vinte denários por libra. Com ela são soldados encanamentos.</p> <p>161. Os mais ímprobos chamam argentífero o composto resultante de quando é adicionada à mistura terciária a mesma parte de chumbo branco e, com ele, banham em metal o que quiserem. Seu preço estipulado é setenta denários por libra. O chumbo branco puro e sozinho custa oitenta denários, e o preto, sete denários.</p>

¹⁸³ *Il.* 11, 25.

¹⁸⁴ *Stagnum*: trata-se de uma liga de chumbo e prata (OLD, p. 1813).

¹⁸⁵ *Galena*: resíduo de chumbo bruto; não se refere à galena moderna (sulfeto de chumbo), embora esta também contenha prata normalmente (OLD, p. 753).

<p>coepere equorum maxime ornamentis iumentorumque ac iugorum in Alesia oppido;</p> <p>163. reliqua gloria Biturigum fuit. coepere deinde et esseda sua colisataque ac petorita exornare simili modo, quae iam luxuria ad aurea quoque, non modo argentea, staticula pervenit, quaeque in scyphis cerni prodigum erat, haec in vehiculis adteri cultus vocatur. Plumbi albi experimentum in charta est, ut liquefactum pondere videatur, non calore, rupisse. India neque aes neque plumbum habet gemmisque ac margaritis suis haec permutat.</p>	<p>A natureza do chumbo branco é mais árida, em oposição à do preto, que é completamente úmida. Por isso, o branco não é útil para nada se não for misturado, nem pode ser soldada prata a partir dele, (162.) uma vez que ela se liquefaz antes do chumbo; e sabe-se que se for misturado menos do que o suficiente do chumbo preto ao branco, a prata é corroída. Prática inventada pelos gauleses, o chumbo branco é vertido sobre obras de bronze de tal forma que dificilmente se distinguem da prata, obras chamadas <i>incoctilia</i> – estanhadas. Depois, começaram também a banhar usando prata de modo semelhante, principalmente ornamentos de cavalos e mulas e jugos na cidade de Alésia; a glória por esta invenção é dos bitúriges.</p> <p>163. Começaram, depois, também a adornar de modo semelhante seus éssedos, <i>colisata</i>¹⁸⁶ e carruagens de quatro rodas, luxo que atingiu estatuetas não apenas de prata, mas de ouro; é isso que hoje chamam refinamento, que seja desgastado em carruagens o que antes já era considerado um esbanjamento quando visto em um cálice.</p> <p>O teste para checar a legitimidade do chumbo branco é feito com um papiro: após liquefeito o chumbo e derrubado sobre ele, deve parecer ter sido rasgado não pelo calor, mas pelo peso do líquido. A Índia não possui nem cobre nem chumbo e troca esses minérios por suas pedras preciosas e pérolas.</p>
<p>XLIX 164. Nigro plumbo ad fistulas lamnasque utimur, laboriosius in Hispania eruto totasque per Gallias, sed in Brittannia summo terrae corio adeo large, ut lex interdicit ut ne plus certo modo fiat. nigri generibus haec sunt nomina: Ovetanum, Caprariense, Oleastrense, nec differentia ulla scoria modo excocta diligenter. mirum in his solis metallis, quod derelicta fertilius revivescunt.</p> <p>165. Hoc videtur facere laxatis spiramentis ad satietatem infusus aër, aequè ut feminas quasdam fecundiores facere abortus. nuper id conpertum in Baetica Salutariensi metallo, quod locari solitum $\text{X} \overline{\text{CC}}$ annuis, postquam oblitteratum erat, $\text{X} \overline{\text{CCLV}}$ locatum est. simili modo Antonianum in eadem provincia pari locatione pervenit ad HS $\overline{\text{CCCC}}$ vectigalis. mirum et addita aqua non liquescere vasa e plumbo, eadem, si in aquam addantur calculus vel aereus quadrans, peruri.</p>	<p>XLIX 164. Empregamos o chumbo preto em encanamentos e lâminas, escavado na Hispânia laboriosamente e por todas as províncias da Gália, mas, na Britânia, encontra-se na superfície da terra em abundância tamanha, que uma lei proíbe que seja produzido além de uma certa quantidade. Estes são os nomes das espécies de chumbo preto: de Ovetto, de Caprária e de Oleastro, e não há diferença alguma entre eles uma vez que a escória seja fundida com o devido cuidado. O que é admirável especificamente nessas minas é que, depois de abandonadas, recuperam-se e tornam-se ainda mais férteis.</p> <p>165. Isso parece ocorrer, porque o ar penetra completamente pelos orifícios abertos, assim como abortos parecem tornar certas mulheres mais férteis. Recentemente, isso foi verificado na mina Salutariense na Bética, que era arrendada habitualmente por duzentos mil denários anuais, mas que, após ser abandonada, foi depois arrendada por duzentos e cinquenta e cinco mil denários. Da mesma forma, a mina Antoniana, na mesma província, antes arrendada por esse mesmo valor, atingiu quatrocentos mil sestércios em rendimentos. É admirável também que vasos de chumbo não derretem mesmo se adicionada água, mas eles próprios, se forem adicionados seixos à água ou uma moeda de um quarto de asse de bronze, pegam fogo.</p>
<p>L 166. In medicina per se plumbi usus cicatrices reprimere adalligatisque lumborum et renium parti lamnis frigidioris natura inhibere inpetus veneris visaque in quiete veneria sponte naturae erumpentia usque in genus morbi. his lamnis Calvus orator</p>	<p>L 166. Na medicina, o chumbo é empregado sozinho para retrair cicatrizes e, aplicadas lâminas de chumbo na região lombar e dos rins, por sua natureza refrigerativa, inibe ímpetos venéreos e sonhos eróticos, que provocam emissões espontâneas a tal ponto, que se tornam uma</p>

¹⁸⁶ *Colisatum*: espécie de carruagem (OLD, p. 349).

<p>cohibuisse se traditur viresque corporis studiorum labori custodisse. Nero, quoniam ita placuit diis, princeps, lamna pectori inposita sub ea cantica exclamans alendis vocibus demonstravit rationem.</p> <p>167. Coquitur ad medicinae usus patinis fictilibus substrato sulphure minuto, lamnis inpositis tenuibus opertisque sulphure, veru ferreo mixtis. cum coquatur, munienda in eo opere foramina spiritus convenit; alioqui plumbi fornacium halitus noxius sentitur. et pestilens; nocet canibus ocissime, omnium vero metallorum muscis et culicibus, quam ob rem non sunt ea taedia in metallis.</p> <p>168. Quidam in coquendo scobem plumbi lima quaesitam sulphuri miscent, alii cerussam potius quam sulphur. fit et lotura plumbi usus in medicina. cum se ipso teritur in mortariis plumbeis addita aqua caelesti, donec crassescat; postea supernatans aqua tollitur spongeis; quod crassissimum fuit, siccatum dividitur in pastillos. quidam limatum plumbum sic terunt, quidam et plumbagem admiscunt, alii vero acetum, alii vinum, alii adipem, alii rosam.</p> <p>169. Quidam in lapideo mortario et maxime Thebaico plumbum pistillo lapideo terere malunt, candidiusque ita fit medicamentum. id autem quod ustum est plumbum lavatur ut stibis et cadmea. potest adstringere, sistere, contrahere cicatrices; usu est eodem et in oculorum medicamentis, maxime contra procidentiam eorum et inanitates ulcerum excrescentiae rimasque sedis aut haemorrhoidas et condylomata.</p> <p>170. Ad haec maxime lotura plumbi facit, cinis autem usti ad serpentina ulcera aut sordida, eademque quae chartis ratio profectus. uritur autem in patinis per lamnas minutas cum sulphure, versatum rudibus ferreis aut ferulaceis, donec liquor mutetur in cinerem; dein refrigeratum teritur in farinam. alii elimatam scobem in fictili crudo cocunt in caminis, donec percoquatur figlinum. aliqui cerussam admiscunt pari mensura aut hordeum teruntque ut in crudo dictum est, et praeferunt sic plumbum spodio Cyprio.</p>	<p>espécie de doença. Diz-se que o orador Calvo havia conseguido conter-se por meio dessas lâminas e, assim, resguardado suas forças físicas à ocupação de seus estudos. Nero – príncipe, pois assim quiseram os deuses – demonstrou sua função de preservar a voz ao pôr uma lâmina sobre o peito quando cantava.</p> <p>167. É derretido para o emprego na medicina em vasilhas de barro com uma fina camada por baixo de enxofre em forma de pó, e é também posto em cima enxofre misturado com ferro. Quando é derretido, convém que sejam seguradas aberturas de ar durante o trabalho; caso contrário, sente-se os efeitos do vapor prejudicial do chumbo dos fornos; é especialmente nocivo para cachorros com maior rapidez, mas, na verdade, o vapor de todos os metais é prejudicial a moscas e mosquitos, e, por esse motivo, não há esses aborrecimentos nas minas.</p> <p>168. Algumas pessoas, durante o derretimento, misturam rasas de chumbo rasuradas com uma lixa ao enxofre, enquanto outras preferem cerusita ao enxofre. Também se faz uso de lavagens com chumbo na medicina; ele é triturado em almofarizes de chumbo, após adicionada água da chuva, até que engrosse; depois, a água que se acumula em cima é removida com esponjas e a porção mais grossa resultante, uma vez seca, é dividida em pastilhas. Alguns trituram o chumbo lixado desse modo; outros também misturam minério de chumbo; outros, vinagre; outros, vinho; outros, gordura; outros, óleo de rosas.</p> <p>169. Alguns preferem que o chumbo seja triturado em um almofariz de pedra e, em especial, em um almofariz de pedra Tebana, e assim é produzido um medicamento mais esbranquiçado. Ainda, o chumbo calcinado é lavado como o estíbio e a cadmia. Ele adstringe, interrompe hemorragias e cicatriza; é igualmente empregado também em medicamentos para os olhos, especialmente contra o prolapso deles, e para cavidades e excrescência de úlceras, fissuras no ânus, hemorroidas e condilomas.</p> <p>170. Para esses problemas, é realizada, com sucesso, a lavagem com chumbo; já para uma úlcera serpiginosa ou suja, são utilizadas cinzas de chumbo calcinado, sendo esse método efetivo tal qual o método com papiros; é queimado, em finas lâminas, em vasilhas rasas com enxofre, virado e mexido com espátulas de ferro ou feno até que o líquido se transforme em cinzas; então, após resfriado, é triturado em uma farinha. Outras pessoas derretem em uma louça de barro cru a raspa lixada de chumbo em fornos até que a vasilha esteja completamente assada. Alguns misturam cerusita na mesma proporção ou cevada e o trituram como foi dito para o chumbo cru, e preferem o chumbo dessa maneira ao <i>spodos</i> cíprio.</p>
<p>LI 171. Scoria quoque plumbi in usu est. optima quae maxime ad luteum colorem accedit, sine plumbi reliquiis aut sulphuris specie terrae carens. lavatur haec in mortariis minutim fracta, donec aqua luteum colorem trahat, et transfunditur in vas purum, idque saepius, usque dum subsidat quod utilissimum est. effectus habet eosdem quos plumbum, sed aciores. mirarique succurrit experientiam vitae, ne faece</p>	<p>LI 171. A escória de chumbo também é utilizada. A melhor é aquela que mais se aproxime de uma coloração amarela, sem restos de chumbo ou enxofre e sem uma aparência terrosa. Ela é lavada em um almofariz após ser quebrada em pequenos pedaços até que a água fique com uma cor amarela e é transferida para um recipiente limpo, o que ocorre muitas vezes, continuamente, até que se deposite no fundo a porção mais útil. Possui os mesmos efeitos que o chumbo, porém mais fortes. Admiramos a</p>

<p>quidem rerum excrementorumque foeditate intemptata tot modis.</p>	<p>noção de experimento prático, a partir do qual até mesmo os sedimentos das substâncias e as sujas excreções são testados de diferentes formas!</p>
<p>LII 172. Fit et spodium ex plumbo eodem modo quo ex Cyprio aere; lavatur in linteis raris aqua caelesti separaturque terrenum transfusione; cribratum teritur. quidam pulverem eum pinnis digerere malunt ac terere in vino odorato.</p>	<p>LII 172. O <i>spodos</i> de chumbo também é feito do mesmo modo que o de cobre cíprio; é lavado com água da chuva em um tecido fino de linho e os fragmentos de terra são separados por transfusão; uma vez peneirado, é triturado. Alguns preferem separar esse pó com uma pluma e triturá-lo com vinho odorado.</p>
<p>LIII 173. Est et molybdaena, quam alio loco galenam appellavimus, vena argenti plumbique communis. melior haec, quanto magis aurei coloris quantoque minus plumbosa, friabilis et modice gravis. cocta cum oleo iocineris colorem trahit. adhaerescit et auri argentique fornacibus; hanc metallicam vocant. laudatissima quae in Zephyrio fiat; probantur minime terrenae minimeque lapidosae.</p> <p>174. Coquantur lavanturque scoriae modo. usus in lipara ad lenienda ac refrigeranda ulcera et emplastris, quae non inligantur, sed inlita ad cicatricem perducunt in teneris corporibus mollissimisque partibus. compositio eius e libris III et cerae libra, olei III heminis, quod in senili corpore cum fracibus additur. temperatur cum spuma argenti et scoria plumbi ad dysenteriam et tenesimum fovenda calida.</p>	<p>LIII 173. Há também a <i>molybdaena</i>, que em outro momento chamamos “galena”, um minério de prata e chumbo. A mais dourada e menos semelhante ao chumbo é a melhor, sendo também friável e moderadamente pesada. Quando fervida com óleo, assume uma cor de fígado. Adere, ainda, aos fornos de fundição de ouro e prata, sendo chamada metálica essa espécie. A mais estimada é a produzida em Zefírio, e são apreciadas as minimamente terrosas e pedregosas.</p> <p>174. Elas são fervidas e lavadas da mesma forma que a escória. A <i>molybdaena</i> é usada em emplastos emolientes para acalmar e resfriar úlceras e em emplastos que não são aplicados à pele, mas que, uma vez espalhados, levam à cicatrização em corpos delicados e em partes do corpo mais moles. Sua composição é a seguinte: três libras dela para uma de cera e três heminas de óleo, adicionado com a borra de oliva para pessoas idosas. É combinado à escumalha de prata e à escória de chumbo, e, quando morna, trata de disenteria e constipação.</p>
<p>LIV 175. Psimithium quoque, hoc est cerussam, plumbariae dant officinae, laudatissimam in Rhodo. fit autem ramentis plumbi tenuissimis super vas aceti asperrimi inpositis atque ita destillantibus. quod ex eo cecidit in ipsum acetum, arefactum molitur et cribratur iterumque aceto admixto in pastillos dividitur et in sole siccatur aestate. fit et alio modo, addito in urceos aceti plumbo opturatos per dies X derasoque ceu situ ac rursus reiecto, donec deficiat materia.</p> <p>176. Quod derasum est, teritur et cribratur et coquitur in patinis misceturque rudiculis, donec rufescat et simile sandaracae fiat. dein lavatur dulci aqua, donec nubeculae omnes eluantur. siccatur postea similiter et in pastillos dividitur. vis eius eadem quae supra dictis, lenissima tantum ex omnibus, praeterque ad candorem feminarum. est autem letalis potu sicut spuma argenti. postea cerussa ipsa, si coquatur, rufescit.</p>	<p>LIV 175. Oficinas de chumbo também produzem <i>psimithium</i>, isto é, cerusita, sendo o mais elogiado o proveniente de Rodes. É feito com raspas de chumbo muito finas postas em uma vasilha, sobre o vinagre mais azedo, por destilação. Disso, o que precipitou no próprio vinagre, depois de seco, é triturado, peneirado e misturado ao vinagre uma segunda vez; é dividido em pastilhas e seco ao sol no verão. É feito também de outro modo, sendo adicionado o chumbo em jarros de vinagre fechados por dez dias e raspado aquilo que se depositou e, então, posto novamente até que seja consumida a matéria.</p> <p>176. O que foi esfregado é triturado, peneirado e fervido em vasilhas rasas e misturado com espátulas até que se torne vermelho e semelhante à sandáracaa. É lavado em água doce até que sejam removidas todas as impurezas nebulosas, seco, depois, do mesmo modo e dividido em pastilhas. Sua ação é a mesma das mencionadas acima, sendo apenas o mais suave de todos, além de também servir para clarear a tez das mulheres. É, contudo, letal quando bebido assim como a escumalha de prata. A própria cerusita, se fervida, torna-se vermelha.</p>
<p>LV 177. Sandaracae quoque propemodum dicta natura est. invenitur autem et in aurariis et in argentariis metallis, melior quo magis rufa quoque magis virus sulphuris redolens ac pura friabilisque. valet purgare, sistere, excalfacere, erodere, summa eius dote septica. explet alopecias ex aceto inlita; additur oculorum medicamentis; fauces purgat cum melle sumpta vocemque limpida et canoram facit; suspiriosis et tussientibus iucunde medetur cum resina terebinthina</p>	<p>LV 177. A natureza da sandáracaa também já foi praticamente mencionada. É encontrada ainda em minas de ouro e prata; é melhor aquela que for mais avermelhada, exalar um odor mais intenso de enxofre, for a mais pura e flexível. Limpa, interrompe secreções, aquece e corrói, sendo sua melhor propriedade a séptica. Quando aplicada espalhando com vinagre, acaba com a alopecia; é adicionada a medicamentos para os olhos, limpa a garganta quando tomada com mel e faz da voz límpida e melodiosa; é um remédio apropriado aos que</p>

<p>in cibo sumpta, suffita quoque cum cedro ipso nidore isdem medetur.</p>	<p>possuem dificuldade de respiração e tosses quando tomada com a comida, com resina de terebinto ou por meio de seu vapor, após fumigado com cedro.</p>
<p>LVI 178. Et arrhenicum ex eadem est materia. quod optimum, coloris etiam in auro excellentis; quod vero pallidius aut sandaracae simile est, deterius iudicatur. est et tertium genus, quo miscetur aureus color sandaracae. utraque haec squamosa, illud vero siccum purumque, gracili venarum discursu fissile. vis eadem quae supra, sed acrior. itaque et causticis additur et psilotris. tollit et pterygia digitorum carnesque narium et condylomata et quidquid excrescit. torretur, ut valdius prosit, in nova testa, donec mutet colorem.</p>	<p>LVI 178. Também o <i>arrhenicum</i>¹⁸⁷ é originado dessa mesma substância. O melhor é o de cor dourada similar à do melhor ouro; na verdade, o mais pálido ou semelhante à sandáracae é considerado pior. Há também um terceiro tipo que combina a cor dourada à da sandáracae. Estes dois últimos tipos são escamosos, já aquele é seco e puro, facilmente rompido em um fino emaranhado de veios. Sua ação é a mesma mencionada acima, mas mais forte. Assim, é adicionado a medicamentos cáusticos e depilatórios. Remove também pterígios nos dedos e pólipos nas narinas bem como condilomas ou quaisquer excrescências. É feito mais eficaz se torrado em um utensílio de terracota novo até que mude de cor.</p>

4.2. Livro XXXV

<p>I 1. Metallorum, quibus opes constant, adgnascentiumque iis natura indicata propemodum est, ita conexis rebus, ut immensa medicinae silva officinarumque tenebrae et morosa caelandi fingendique ac tinguendi subtilitas simul dicerentur. restant terrae ipsius genera lapidumque vel numerosiore serie, plurimis singula a Graecis praecipue voluminibus tractata. nos in iis brevitatem sequemur utilem instituto, modo nihil necessarium aut naturale omittentes, (2.) primumque dicemus quae restant de pictura, arte quondam nobili – tunc cum expeteretur regibus populisque – et alios nobilitante, quos esset dignata posteris tradere, nunc vero in totum marmoribus pulsa, iam quidem et auro, nec tantum ut parietes toti operiantur, verum et interrasso marmore vermiculatisque ad effigies rerum et animalium crustis.</p> <p>3. Non placent iam abaci nec spatia montes in cubiculo dilatantia: coepimus et lapide pingere¹⁸⁸. hoc Claudii principatu inventum, Neronis vero maculas, quae non essent in crustis, inserendo unitatem variare, ut ovatus esset Numidicus, ut purpura distingueretur Synnadicus, qualiter illos nasci optassent deliciae. montium haec subsidia deficientium, nec cessat luxuria id agere, ut quam plurimum incendiis perdat.</p>	<p>I 1. Praticamente já apontamos a natureza dos metais – que constituem a riqueza – e das substâncias relacionadas a eles, conectando as informações de tal modo, que mencionamos, ao mesmo tempo, o vasto e denso campo da medicina, a obscuridade das oficinas e a meticulosa sutileza de gravar, moldar e tingir. Restam ainda as espécies de terra e de pedras – certamente uma série mais numerosa, uma vez que cada uma já foi tratada em muitos outros volumes sobretudo pelos gregos. Já nós buscaremos, quanto a essas questões, a brevidade favorável ao nosso propósito sem, contudo, desconsiderar nada que seja indispensável ou que pertença à natureza. (2.) Primeiro, diremos o que ainda resta sobre a pintura, arte outrora ilustre, no tempo em que era almejada por reis e pelo povo, e que tornava ilustres aqueles que julgasse dignos de serem transmitidos à posteridade, mas que foi, hoje, completamente rejeitada em favor dos mármore e até do ouro a tal ponto, que paredes inteiras são não apenas revestidas, mas também usamos o mármore cinzelado e vermiculado para formar figuras de objetos e animais.</p> <p>3. Já não satisfazem mais os painéis nem superfícies que, em um quarto, estendem montanhas: começamos também a pintar sobre a pedra; isso foi inventado no principado de Cláudio. No de Nero, foi inventada a prática de variegar a uniformidade inserindo marcas que não fossem as já insculpidas, de modo que o mármore numídico tivesse marcas ovais e o de Sínade fosse realçado com púrpura, exatamente como os bel-prazeres teriam preferido que fossem desde o princípio. Esses são os recursos para suprir as já falhas</p>
---	--

¹⁸⁷ *Arrhenicum*: também encontrada a forma *arsenicum*; ouro-pigmento, sulfeto de arsênio (OLD, p. 173).

¹⁸⁸ *Lapide*: diferença entre códices. *Parisinus* 6797 indica *lapidem*, como adotado pela edição de H. Rackham (Harvard University Press, 1984). No caso, optou-se por *lapide* conforme o códice *Parisinus* 6801 e como adotado pela edição de Silvio Ferri (BUR Rizzoli, 2018).

	montanhas, e o luxo não cessa de fazer com que se perca o máximo possível caso ocorra um incêndio.
<p>II 4. Imaginum quidem pictura, qua maxime similes in aevum propagabantur figurae, in totum exolevit. aerei ponuntur clipei argentea facie, surdo figurarum discrimine; statuarum capita permutantur, volgatis iam pridem salibus etiam carminum. adeo materiam conspici malunt omnes quam se nosci, et inter haec pinacothecas veteribus tabulis consuunt alienasque effigies colunt, ipsi honorem non nisi in pretio ducentes, (5.) ut frangat heres forasque detrahat laqueo. Itaque nullius effigie vivente imagines pecuniae, non suas, relinquunt. iidem palaestrae athletarum imaginibus et ceromata sua exornant, Epicuri voltus per cubicula gestant ac circumferunt secum. natali eius sacrificant, feriasque omni mense vicesima luna custodiunt, quas icadas vocant, ii maxime, qui se ne viventes quidem nosci volunt. ita est profecto: artes desidia perdidit, et quoniam animorum imagines non sunt, negliguntur etiam corporum.</p> <p>6. Aliter apud maiores in atriis haec erant, quae spectarentur; non signa externorum artificum nec aera aut marmora: expressi cera vultus singulis disponebantur armariis, ut essent imagines, quae comitarentur gentilicia funera, semperque defuncto aliquo totus aderat familiae eius qui umquam fuerat populus. stemmata vero lineis discurrebant ad imagines pictas.</p> <p>7. Tabulina codicibus implebantur et monumentis rerum in magistratu gestarum. aliae foris et circa limina animorum ingentium imagines erant adfixis hostium spoliis, quae nec emptori refigere liceret, triumphabantque etiam dominis mutatis aeternae domus. erat haec stimulatio ingens, exprobrantibus tectis cotidie inbellem dominum intrare in alienum triumphum.</p> <p>8. Exstat Messalae oratoris indignatio, quae prohibuit inseri genti suae Laevinarum alienam imaginem. similis causa Messalae seni expressit volumina illa quae de familiis condidit, cum Scipionis Pomponiani transisset atrium vidissetque adoptione testamentaria Salvittones – hoc enim fuerat cognomen – Africanorum dedecori inrepentes Scipionum nomini. sed – pace Messalarum dixisse liceat – etiam mentiri clarorum imagines erat aliquis virtutum amor multoque honestius quam mereri, ne quis suas expeteret.</p> <p>9. Non est praetereundum et novicium inventum, siquidem non ex auro argentove, at certe ex aere in bibliothecis dicantur illis, quorum inmortales animae in locis iisdem loquuntur, quin immo etiam quae non sunt finguntur, pariuntque desideria non traditos vultus, sicut in Homero evenit.</p> <p>10. Utique maius, ut equidem arbitrator, nullum est felicitatis specimen quam semper omnes scire</p>	<p>II 4. A pintura de retratos, por meio da qual eram propagadas pelas gerações figuras extremamente fiéis, tornou-se inteiramente obsoleta. Escudos de bronze, efígies de prata são expostos com uma vaga distinção entre as figuras; as cabeças das estátuas são trocadas e, sobre elas, já há muito tempo é comum haver epigramas satíricos. Todos preferem que seja visto, antes, o material a si, e, em meio a essas coisas, tapeçam as paredes das pinacotecas com velhas pinturas e cultuam efígies alheias, honrando tão somente o preço, (5.) apenas para que um herdeiro as despedace e despoje por meio de um ardil. Assim, não sobrevive efígie de ninguém, e deixam para trás retratos do dinheiro, e não seus próprios. Essas mesmas pessoas adornam suas salas de exercícios com imagens dos atletas das palestras e espalham pelos quartos e carregam consigo retratos de Epicuro; fazem sacrifícios em seu aniversário e mantêm o feriado no vigésimo dia de todo mês, o qual chamam <i>eikas</i>¹⁸⁹ – essas pessoas, justamente, que nem desejam ser conhecidas em vida! Assim é: a desídia arruinou as artes, e, uma vez que não há imagens das almas, negligenciam também as dos corpos.</p> <p>6. Nos átrios de nossos antepassados, ao contrário, eram outras as obras a serem admiradas: não eram estátuas de artífices estrangeiros nem bronzes ou mármore, mas faces modeladas em cera, dispostas em armários individuais para que fossem imagens levadas nos rituais funerários de uma família, e, sempre que alguém falecia, todas as pessoas de sua família que tivessem existido em qualquer momento na história estavam presentes. Também sua árvore genealógica se estendia, por meio de linhas, até os retratos pintados.</p> <p>7. As salas de arquivos familiares eram preenchidas com os registros e com os memoriais dos feitos durante o exercício de magistraturas. Na parte de fora e ao redor da porta de entrada, havia outras imagens de espíritos heroicos e espólios de inimigos fixados junto a elas, os quais não era nem permitido que fossem removidos por um comprador; as casas celebravam eternamente um triunfo ainda que seus senhores fossem outros. Esse era um incentivo heroico, pois a própria morada repreendia diariamente um senhor inapto à batalha por adentrar no triunfo alheio.</p> <p>8. Ainda há um discurso de indignação do orador Messala vetando que fosse introduzido um retrato alheio, dos Levinos, entre sua família. Um motivo semelhante forçou o velho Messala a compor seus volumes <i>Sobre as famílias</i>, pois, quando atravessou o átrio de Cipião Pomponiano, viu que os Salvitões, esse era o nome, por meio de uma adoção testamental, haviam insinuado seu nome</p>

¹⁸⁹ *Eikas* era a celebração em honra a Epicuro e ao Epicurismo no vigésimo dia de cada mês, celebração que ocorria em sua época bem como após sua morte.

<p>cupere, qualis fuerit aliquis. Asini Pollionis hoc Romae inventum, qui primus bibliothecam dicando ingenia hominum rem publicam fecit. an priores coeperint Alexandriae et Pergami reges, qui bibliothecas magno certamine instituere, non facile dixerim.</p> <p>11. Imaginum amorem flagrasse quondam testes sunt Atticus ille Ciceronis edito de iis volumine, M. Varro benignissimo invento insertis voluminum suorum fecunditati etiam septingentorum inlustrium aliquo modo imaginibus, non passus intercidere figuras aut vetustatem aevi contra homines valere, inventor muneris etiam dis invidiosi, quando immortalitatem non solum dedit, verum etiam in omnes terras misit, ut praesentes esse ubique ceu di possent. et hoc quidem alienis ille praestitit.</p>	<p>em meio ao dos Cipiões para a desonra dos Africanos. Mas, me permita dizer, com a licença dos Messalas: apropriar-se falsamente das imagens de homens mais ilustres manifestava certa afeição por suas virtudes, e era muito mais nobre do que merecer que ninguém buscasse obter imagens suas.</p> <p>9. Mas não se deve preterir ainda uma invenção recente, a saber, imagens, se não de ouro ou prata, certamente de bronze, sejam dedicadas nas bibliotecas àqueles cujos espíritos imortais falam nesses locais. E ainda são modelados traços até mesmo imaginários, uma vez que a ânsia por não conhecer nos leva a inventar feições que não foram transmitidas, tal como ocorre com Homero¹⁹⁰.</p> <p>10. Penso que não há ventura maior do que a de todos sempre desejarem saber como teria sido alguma pessoa. Isso foi inventado, em Roma, por Asínio Polião, quem primeiro, ao dedicar uma biblioteca, fez do engenho humano um bem público. Ou talvez, embora não diga isso com certeza, os reis de Alexandria e Pérgamo tenham primeiro originado essa prática, entre os quais se deu uma grande disputa sobre a fundação de bibliotecas.</p> <p>11. Testemunhas da flagrante paixão por retratos em tempos passados são Ático, amigo de Cícero, que reuniu um volume sobre eles, e Marco Varrão, com sua mais oportuna invenção, ao incluir, de alguma maneira, em meio aos seus volumes já tão abundantes, os retratos de setecentos homens ilustres, e, assim, não permitiu que as figuras se perdessem ou que o longo tempo da eternidade prevalecesse sobre os homens, sendo o criador de uma graça invejável até aos deuses, uma vez que concedeu não apenas a imortalidade, mas ainda a propagou por todos os cantos, para que os homens pudessem ser ubíquos como os deuses. E ofereceu essa honra a pessoas estranhas a ele.</p>
<p>III 12. Verum clupeos in sacro vel publico dicare privatim primus instituit, ut reperio, Appius Claudius qui consul cum P. Servilio fuit anno urbis CCLVIII. posuit enim in Bellonae aede maiores suos, placuitque in excelso spectari et titulos honorum legi, decora res, utique si liberum turba parvulis imaginibus ceu nidum aliquem subolis pariter ostendat, quales clupeos nemo non gaudens favensque aspicit.</p>	<p>III 12. Mas o primeiro a estabelecer a prática de se dedicar escudos em um templo ou local público como uma ação privada foi Ápio Cláudio, cônsul junto com Públio Servílio no ano 259 de Roma¹⁹¹, como agora descubro. Ele expôs seus antepassados no templo de Belona, e pareceu-lhe certo que fossem vistos em um local elevado e que fossem lidas as inscrições sobre seus feitos honrosos, algo magnífico, particularmente com a multidão de crianças ao redor, em pequeninas imagens, como se fossem um ninho da descendência. Ninguém admira esses escudos sem se alegrar ou ficar bem-disposto.</p>
<p>IV 13. Post eum M. Aemilius collega in consulatu Quinti Lutatii non in basilica modo Aemilia, verum et domi suae posuit, id quoque Martio exemplo. scutis enim, qualibus apud</p>	<p>IV 13. Depois dele, Marco Emílio, colega de Cátulo durante o consulado, dispôs escudos não apenas na Basílica Emília, mas em sua residência, isso também como um exemplo marcial. Pois os</p>

¹⁹⁰ Conforme aponta Martins (2011, p. 92), imagens como a de Homero, de “seres tipificados”, para “distinguir homens reconhecidos ou notáveis [...], dos quais, contudo, não se conhece a verdadeira aparência” seriam exemplos do que Aristóteles menciona como “pinturas sem caráter” (γραφῆ οὐδὲν ἔχει ἦθος).

¹⁹¹ 495 a.C.

<p>Troiam pugnatum est, continebantur imagines, unde et nomen habuere clupeorum, non, ut perversa grammaticorum suptilitas voluit, a cluendo. origo plena virtutis, faciem reddi in scuto eius, qui fuerit usus illo.</p> <p>14. Poeni ex auro factitavere et clupeos et imagines secumque vexere. in castris certe captis talem Hasdrubalis invenit Marcius, Scipionum in Hispania ultor, isque clupeus supra fores Capitolinae aedis usque ad incendium primum fuit. maiorum quidem nostrorum tanta securitas in ea re adnotatur, ut L. Manlio, Q. Fulvio cos. anno urbis DLXXV M. Aufidius tutelae Capitolii redemptor docuerit patres argenteos esse clupeos, qui pro aereis per aliquot iam lustra adsignabantur.</p>	<p>escudos, que continham os retratos, eram tais como os com que se lutou em Tróia, de onde adquiriram o nome “clípeos”, e não, como a atenção aguda, mas errônea dos gramáticos quis, de “<i>cluere</i>”, “ser celebrado”¹⁹². Tal derivação inspira ingente bravura: reproduzir no escudo a face daquele que teria feito uso dele.</p> <p>14. Os cartagineses, com frequência, fizeram escudos e imagens de ouro e carregavam-nos consigo. Na verdade, Márcio, vingador dos Cipíões na Hispânia, encontrou, no acampamento militar que havia sido capturado, um como esses que pertenceu a Asdrúbal, e esse escudo esteve acima das portas do templo Capitolino até o primeiro incêndio. Realmente se observa tamanha segurança de nossos antepassados quanto a essa questão, que, no ano 575 de Roma¹⁹³, quando Lúcio Mânlio e Quinto Fúlvio eram cônsules, Marco Aufídio, encarregado do cuidado do Capitólio, teria informado aos senadores que os escudos eram de prata, esses que já por muitos anos eram tidos por brônzeos.</p>
<p>V 15. De picturae initiis incerta nec instituti operis quaestio est. Aegyptii sex milibus annorum aput ipsos inventam, priusquam in Graeciam transiret, adfirmant, vana praedicatione, ut palam est; Graeci autem alii Sicyone, alii aput Corinthios repertam, omnes umbra hominis lineis circumducta, itaque primam talem, secundam singulis coloribus et monochromaton dictam, postquam operosior inventa erat, duratque talis etiam nunc.</p> <p>16. Inventam liniarem a Philocle Aegyptio vel Cleanthe Corinthio primi exercuere Aridices Corinthius et Telephanes Sicyonius, sine ullo etiamnum hi colore, iam tamen spargentes linias intus. ideo et quos pinxere adscribere institutum. primus inlevit eas colore testae, ut ferunt, tritae Ephantus Corinthius. hunc eodem nomine alium fuisse quam tradit Cornelius Nepos secutum in Italiam Damaratum, Tarquinii Prisci regis Romani patrem, fugientem a Corintho tyranni iniurias Cypseli, mox docebimus.</p>	<p>V 15. A questão sobre os primórdios da pintura é incerta e não é o propósito desta obra. Os egípcios afirmam ter sido inventada por eles há seis mil anos, antes que passasse à Grécia, uma proclamação vã, como bem se sabe; quanto aos gregos, uns dizem ter sido inventada em Sícion, outros pelos coríntios, mas todos dizem que foi circundada a sombra de um homem por meio dos contornos, e assim, desse modo, deu-se a primeira. Num segundo momento, depois de descoberta uma forma mais elaborada, foi feita com uma única cor por vez, chamada monocromática, e ainda perdura este tipo de pintura até hoje.</p> <p>16. O desenho linear foi inventado por Fílocles, egípcio, ou Cleantes, coríntio, mas os primeiros a executá-lo foram Arídice de Corinto e Teléfanes de Sícion, já inserindo linhas aqui e ali no interior, ainda que sem nenhuma cor; por isso, estabeleceu-se adicionar por escrito o nome de quem pintavam. Ecfanto de Corinto, segundo dizem, foi quem primeiro passou sobre eles um pigmento de terracota macerada. Logo mostraremos ter sido esse Ecfanto um outro, não o transmitido por Cornélio Nepos, de mesmo nome, que seguiu Demarato – este, pai do rei romano Tarquínio Prisco – à Itália quando fugiu de Corinto, das injustiças do tirano Cípselo.</p>
<p>VI 17. Iam enim absoluta erat pictura etiam in Italia. exstant certe hodieque antiquiores urbe picturae Ardeae in aedibus sacris, quibus equidem nullas aequae miror, tam longo aevo durantes in orbitate tecti veluti recentes. similiter Lanuvi, ubi Atalante et Helena comminus pictae sunt nudae ab eodem artifice, utraque excellentissima forma, sed altera ut virgo, ne ruinis quidem templi concussae.</p>	<p>VI 17. Pois, na verdade, a pintura já havia sido aperfeiçoada até na Itália. Ainda hoje há pinturas mais antigas do que Roma nos templos de Árdea – realmente nenhuma admiro tanto quanto elas –, perdurando por tanto tempo mesmo desprovidas de proteção como se fossem recém feitas. O mesmo ocorre em Lanúvio, em que Atalanta e Helena foram pintadas próximas, desnudas, pelo mesmo</p>

¹⁹² Plínio pensa ser *clupeus* derivado de *γλύφω*, “esculpir” (LSJ, p. 353).

¹⁹³ 179 a.C.

<p>18. Gaius princeps tollere eas conatus est libidine accensus, si tectorii natura permisisset. durant et Caere antiquiores et ipsae, fatebiturque quisquis eas diligenter aestimaverit nullam artium celerius consummatam, cum Iliacis temporibus non fuisse eam appareat.</p>	<p>artífice, cada uma de beleza mais esplêndida, mas a primeira como uma virgem, não tendo sido danificadas nem mesmo pelo desmoronamento do templo.</p> <p>18. O imperador Calígula tentou removê-las, inflamado pelo desejo libidinoso, mas a natureza do estuque não o teria permitido. Também há pinturas em Cere ainda mais antigas que resistem ao tempo, e qualquer um que as tenha avaliado com atenção reconhecerá que nenhuma das artes foi aperfeiçoada mais rapidamente, uma vez que se sabe que ela não existia nos tempos de Troia.</p>
<p>VII 19. Apud Romanos quoque honos mature huic arti contigit, siquidem cognomina ex ea Pictorum traxerunt Fabii clarissimae gentis, princepsque eius cognominis ipse aedem Salutis pinxit anno urbis conditae CCCCL, quae pictura duravit ad nostram memoriam aede ea Claudii principatu exusta. proxime celebrata est in foro boario aede Herculis Pacui poetae pictura. Enni sorore genitus hic fuit clarioremque artem eam Romae fecit gloria scaenae.</p> <p>20. Postea non est spectata honestis manibus, nisi forte quis Turpilius equitem Romanum e Venetia nostrae aetatis velit referre, pulchris eius operibus hodieque Veronae exstantibus. laeva is manu pinxit, quod de nullo ante memoratur. parvis gloriabatur tabellis extinctus nuper in longa senecta Titedius Labeo praetorius, etiam proconsulatu provinciae Narbonensis functus, sed ea re inrisa etiam contumeliae erat.</p> <p>21. Fuit et principum virorum non omittendum de pictura celebre consilium, cum Q. Pedius, nepos Q. Pedii consularis triumphalisque et a Caesare dictatore coheredis Augusto dati, natura mutus esset. in eo Messala orator, ex cuius familia pueri avia fuerat, picturam docendum censuit, idque etiam divus Augustus comprobavit; puer magni profectus in ea arte obiit.</p> <p>22. Dignatio autem praecipua Romae increvit, ut existimo, a M. Valerio Maximo Messala, qui princeps tabulam [picturam] proelii, quo Carthaginenses et Hieronem in Sicilia vicerat, proposuit in latere curiae Hostiliae anno ab urbe condita CCCXC. fecit hoc idem et L. Scipio tabulamque victoriae suae Asiaticae in Capitolio posuit, idque aegre tulisse fratrem Africanum tradunt, haut inmerito, quando filius eius illo proelio captus fuerat.</p> <p>23. Non dissimilem offensionem et Aemiliani subiit L. Hostilius Mancinus, qui primus Carthaginem inruperat, situm eius oppugnationesque depictas proponendo in foro et ipse adsistens populo spectanti singula enarrando, qua comitate proximis comitiis consulatum adeptus est. habuit et scaena ludis Claudii Pulchri</p>	<p>VII 19. Entre os romanos, também rapidamente essa arte adquiriu prestígio, visto que derivou dela o sobrenome “<i>Pictor</i>”, da ilustre família de Fábio, e o primeiro dela a usar esse sobrenome foi quem pintou o Templo da Saúde, no ano 450 da fundação de Roma¹⁹⁴, pintura que perdurou até nossa época nesse templo até ser consumido pelo fogo no principado de Cláudio. Logo depois, foi exaltada a pintura do poeta Pacúvio, no templo de Hércules, no Fórum Boário; este era filho de uma irmã de Ênio e tornou essa arte ainda mais ilustre graças à sua fama dos teatros.</p> <p>20. Depois dele, não foi mais considerada apropriada a pessoas de um certo nível, exceto se alguém quiser mencionar Turpílio, equestre romano, de Venécia, da nossa época, por suas belas obras ainda hoje existentes em Verona. Ele pintou usando a mão esquerda, o que, antes, não é relatado sobre ninguém. Orgulhava-se por seus pequenos quadros, tendo há pouco morrido em idade avançada, o antigo pretor Titédio Labeão, que ainda se ocupou com o proconsulado da província de Narbona, mas sua prática era ridicularizada e injuriosa.</p> <p>21. Não se deve esquecer também uma famosa discussão sobre a pintura, reunindo os principais homens, nos tempos de Quinto Pédio, neto do outro – cônsul possuidor de um Triunfo e também coerdeiro junto com Augusto, o que lhe foi concedido pelo ditador César –, mudo de nascença. O orador Messala, de cuja família a avó do menino havia feito parte, sugeriu que lhe fosse ensinada pintura, o que foi aprovado até pelo divino Augusto. O menino, após muito se destacar nessa arte, faleceu.</p> <p>22. Mas a honra associada à pintura cresceu em Roma, principalmente, segundo penso, graças a Mânio Valério Máximo Messala, quem primeiro expôs uma pintura – a batalha em que vencera os cartagineses e Hierão na Sicília – em uma parede lateral da Cúria Hostília no ano 490 da fundação de Roma¹⁹⁵. Também assim o fez Lúcio Cipião e dispôs um quadro de sua vitória asiática no Capitólio, o que, segundo dizem, ofendeu seu</p>

¹⁹⁴ 304 a.C.

¹⁹⁵ 264 a.C.

<p>magnam admirationem picturae, cum ad tegularum similitudinem corvi decepti imagine advolarent.</p>	<p>irmão Africano, e não sem razão, uma vez que seu filho havia sido capturado naquela batalha. 23. Lúcio Hostílio Mancino, quem primeiro invadiu Cartago, também sujeitou Emiliano a um aborrecimento semelhante, expondo no fórum uma imagem do local e dos ataques; ele próprio ficava ao lado dela, relatando cada detalhe à multidão de espectadores, gentileza graças à qual alcançou o consulado nos comícios seguintes. Também o cenário dos espetáculos de Cláudio Pulcro obteve grande reconhecimento pela pintura, uma vez que os corvos, enganados pela imagem, voavam em direção às telhas que haviam sido pintadas.</p>
<p>VIII 24. Tabulis autem externis auctoritatem Romae publice fecit primus omnium L. Mummius, cui cognomen Achaici victoria dedit. namque cum in praeda vendenda rex Attalus X̄ [VII] emisset tabulam Aristidis, Liberum patrem, pretium miratus suspicatusque aliquid in ea virtutis, quod ipse nesciret, revocavit tabulam, Attalo multum querente, et in Cereris delubro posuit, quam primam arbitror picturam externam Romae publicatam. 25. Deinde video et in foro positas volgo. hinc enim ille Crassi oratoris lepos agentis sub Veteribus; cum testis compellatus instaret: dic ergo, Crasse, qualem me noris? talem, inquit, ostendens in tabula inficetissime Gallum exerentem linguam. in foro fuit et illa pastoris senis cum baculo, de qua Teutonorum legatus respondit interrogatus, quantine eum aestimaret, donari sibi nolle talem vivum verumque.</p>	<p>VIII 24. Mas o primeiro de todos a, publicamente, atribuir prestígio a pinturas estrangeiras em Roma foi Lúcio Múmio, a quem a vitória conferiu o sobrenome Acaico. Na verdade, quando o rei Átalo comprava, durante a venda de um espólio, um quadro de Aristides – um Pai Líbero –, por seiscentos mil denários, Múmio ter-se-ia espantado com o preço e, suspeitando de algo quanto ao seu primor que ele próprio desconhecia, pediu de volta o quadro, a despeito das queixas de Átalo, e colocou-o no templo de Ceres, o qual creio ter sido a primeira pintura estrangeira tornada pública em Roma. 25. Depois disso, encontro-as comumente dispostas também no fórum. Daí vem aquele gracejo do orador Crasso quando defendia um caso sob as Antigas Lojas: quando instado por uma testemunha que havia sido invalidada, "pois diz, Crasso, que tipo de pessoa me consideras?", "Alguém assim", disse, mostrando, no quadro, um Gálio expondo sua língua de modo extremamente rude. Houve também, no fórum, o quadro de um Velho pastor com seu báculo, sobre o qual o embaixador dos Teutões respondeu, após ser questionado sobre por quanto o avaliaria, que não gostaria de receber alguém do tipo nem em carne e osso.</p>
<p>IX 26. Sed praecipuam auctoritatem publice tabulis fecit Caesar dictator Aiace et Media ante Veneris Genetricis aedem dicatis, post eum M. Agrippa, vir rusticitati propior quam deliciis. exstat certe eius oratio magnifica et maximo civium digna de tabulis omnibus signisque publicandis, quod fieri satius fuisset quam in villarum exilia pelli. verum eadem illa torvitas tabulas duas Aiacis et Veneris mercata est a Cyzicenis HS [XVII]. in thermarum quoque calidissima parte marmoribus incluserat parvas tabellas, paulo ante, cum reficerentur, sublatas.</p>	<p>IX 26. Mas o ditador César que conferiu a maior relevância pública a pinturas ao dedicar as de Ajax e Medeia diante do templo de Vênus Genetrix, e, depois dele, Marco Agripa, homem mais próximo dos hábitos rústicos do que dos luxos. Na verdade, há um discurso seu, magnífico e digno do maior dos cidadãos, sobre o dever de tornar públicos todos os quadros e estátuas, o que seria melhor do que serem banidas para o exílio das vilas. Contudo, essa mesma severidade adquiriu da cidade de Cízico dois quadros, de Ajax e Vênus, por um milhão e duzentos mil sestércios; ademais, até na parte mais quente de suas termas, havia confinado, em meio aos mármore, pequenos quadros, removidos há pouco quando elas eram reparadas.</p>
<p>X 27. Super omnes divus Augustus in foro suo celeberrima in parte posuit tabulas duas, quae Belli faciem pictam habent et Triumphum, item Castores ac Victoriā. posuit et quas dicemus sub artificum mentione in templo Caesaris patris. idem</p>	<p>X 27. Superando a todos, o divino Augusto, na parte mais célebre do fórum, dispôs dois quadros, um que contém a imagem pintada da Guerra e o Triunfo e também um com os Castores e Vitória. Dispôs também, no templo de seu pai, César,</p>

<p>in curia quoque, quam in comitio consecrabat, duas tabulas inpressit parieti. Nemean sedentem supra leonem, palmigeram ipsam, adstante cum baculo sene, cuius supra caput tabella bigae dependet, Nicias scripsit se inussisse; tali enim usus est verbo.</p> <p>28. Alterius tabulae admiratio est puberem filium seni patri similem esse aetatis salva differentia, supervolante aquila draconem complexa; Philochares hoc suum opus esse testatus est, immensa, vel unam si tantum hanc tabulam aliquis aestimet, potentia artis, cum propter Philocharen ignobilissimos alioqui Glaucionem filiumque eius Aristippum senatus populi Romani tot saeculis spectet! posuit et Tiberius Caesar, minime comis imperator, in templo ipsius Augusti quas mox indicabimus. hactenus dictum sit de dignitate artis morientis.</p>	<p>quadros sobre os quais diremos ao tratar dos artífices. Também fixou dois quadros em uma parede na cúria, a qual dedicava no comício: um é uma Nêmea sentada sobre um leão, portando um ramo de palmeira, estando por perto um Velho com um báculo, acima de cuja cabeça pende a imagem de uma biga; há nele uma inscrição em que Nícias diz tê-lo pintado “em encáustica”, nessas palavras. 28. O outro é também admirável: um jovem filho é representado extremamente semelhante ao seu velho pai, mas, ainda assim, é preservada a diferença de idade; acima deles, sobrevoa uma águia após ter capturado uma serpente. Filócares declarou ser essa uma obra sua. Imenso poder, o da arte, até mesmo se alguém avaliar apenas este quadro, uma vez que, graças a Filócares, o Senado do povo romano contempla, há tantos séculos, Gláucio e seu filho Aristipo – completos desconhecidos não fosse por essa obra! Tibério César, imperador pouquíssimo cordial, também expôs, no templo de Augusto, quadros que mencionaremos em breve. E que seja dito somente isso acerca do mérito de uma arte já morredoura.</p>
<p>XI 29. Quibus coloribus singulis primi pinxissent diximus, cum de iis pigmentis traderemus in metallis, quae monochromata a genere picturae vocantur. qui deinde et quae invenerint et quibus temporibus, dicemus in mentione artificum, quoniam indicare naturas colorum prior causa operis instituti est. tandem se ars ipsa distinxit et invenit lumen atque umbras, differentia colorum alterna vice sese excitante. postea deinde adiectus est splendor, alius hic quam lumen. quod inter haec et umbras esset, appellarunt tonon, commissuras vero colorum et transitus harmogen.</p>	<p>XI 29. Já dissemos com que cores individualmente os primeiros artífices teriam pintado quando falávamos sobre esses pigmentos em meio aos metais, os quais são chamados também monocromos com base nessa espécie de pintura. Quem e que obras teriam idealizado depois, e em que épocas, diremos ao mencionar os artífices, uma vez que o propósito mesmo desta obra nos leva a indicar a natureza das cores antes. A arte, por fim, distinguiu-se e descobriu a luz e as sombras, com a alternância entre elas mutuamente estimulando o contraste entre as cores. Depois disso, adicionou-se o brilho, algo diferente da luz. A oposição entre estas (luz e brilho) e as sombras seria o que chamaram <i>tonos</i>, tom; já as justaposições de cores e suas transições chamaram <i>harmoge</i>, gradação.</p>
<p>XII 30. Sunt autem colores austeri aut floridi. utrumque natura aut mixtura evenit. floridi sunt – quos dominus pingenti praestat – minium, Armenium, cinnabaris, chrysocolla, Indicum, purpurissum; ceteri austeri. ex omnibus alii nascuntur, alii fiunt. nascuntur Sinopis, rubrica, Paraetonium, Melinum, Eretria, auripigmentum; ceteri finguntur, primumque quos in metallis diximus, praeterea e vilioribus ochra, cerussa usta, sandaraca, sandyx, Syricum, atramentum.</p>	<p>XII 30. As cores ainda podem ser escuras ou claras como resultado de sua própria natureza ou da mistura feita. As claras – que o patrono fornece ao pintor – são o mínio, azul-da-armênia, <i>cinnabaris</i>¹⁹⁶, crisocola, índigo e <i>purpurissum</i>¹⁹⁷; as outras cores são as escuras. De todas elas, algumas são naturais, outras são produzidas. Naturalmente surge o vermelho sinopeu¹⁹⁸, a rubrica, branco-de-paretônio, branco-de-melo, erétria e o ouro-pigmento; já as outras são produzidas, e primeiro as que falamos entre os metais; entre as mais comuns estão o ocre, a</p>

¹⁹⁶ *Cinnabaris*: pigmento vermelho, provavelmente uma resina, não cinabre (OLD, p. 316).

¹⁹⁷ *Purpurissum*: solo tingido com púrpura tíria empregado como pigmento (OLD, p. 1524). No caso, não se trata do pigmento vermelhão, uma vez que este seria composto por sulfato de mercúrio obtido a partir do cinabre. Já o *purpurissum*, composto por uma mistura com *purpura*, seria uma substância orgânica composta pela tinta secretada por moluscos chamados púrpura (HN, IX, 130).

¹⁹⁸ *Sinopis*: terra vermelha da região de Sinope no mar Negro (OLD, p. 1770).

	cerusita queimada, a sandáracca, o sandiz, o pigmento sírico e o atramento.
<p>XIII 31. Sinopis inventa primum in Ponto est; inde nomen a Sinope urbe. nascitur et in Aegypto, Baliaribus, Africa, sed optima in Lemno et in Cappadocia, effossa e speluncis. pars, quae saxis adhaesit, excellit. glaebis suis colos, extra maculosus. hac usi sunt veteres ad splendorem. species Sinopidis tres: rubra et minus rubens atque inter has media. pretium optimae X II, usus ad penicillum aut si lignum colorare libeat;</p> <p>32. eius, quae ex Africa venit, octoni asses – cicerculum appellant; magis ceteris rubet, utilior abacis. idem pretium et eius, quae pressior vocatur, et est maxime fusca. usus ad bases abacorum, in medicina vero blandus <... pastillis...> emplastrisque et malagmatis, sive sicca compositione sive liquida facilis, contra ulcera in umore sita, velut oris, sedis. alvum sistit infusa, feminarum profluvia pota denarii pondere. eadem adusta siccatur scabritias oculorum, et vino maxime.</p>	<p>XIII 31. O vermelho sinopeu, cujo nome advém da cidade de Sinope, foi primeiro descoberto em Ponto. Ocorre também no Egito, nas Ilhas Baleares e na África, mas é em Lemnos e na Capadócia que há o melhor, extraído de cavernas. A parte que se adere às rochas supera o restante. Em fragmentos inteiros, apresentam uma coloração própria, mas apresentam manchas no exterior. Era empregado, antigamente, para adicionar brilho. São três as espécies de vermelho sinopeu: vermelha, menos avermelhada e uma mediana entre elas. O melhor custa dois denários, sendo usado na pintura com pincel ou caso se queira colorir madeira.</p> <p>32. O tipo proveniente da África, que custa oito ases cada, chamam <i>cicerculum</i> – “com cor de grão de bico”; é mais avermelhado do que os outros e mais útil para painéis. Seu preço também é o mesmo do chamado “de tom mais fechado”, que é extremamente escuro. É usado para as bases de painéis, enquanto, na medicina, é suave para utilização em pastilhas, emplastos e cataplasmas, facilmente empregado em um composto seco ou líquido contra úlceras encontradas em regiões úmidas, como na boca ou ânus. Quando derramado por dentro, interrompe a evacuação intestinal; quando bebido, uma dose pesando um denário, interrompe o fluxo menstrual das mulheres. Após ser crestado, também cura a aspereza dos olhos, em especial quando crestado com vinho.</p>
<p>XIV 33. Rubricae genus in ea voluere intellegi quidam secundae auctoritatis, palmam enim Lemniae dabant. minio proxima haec est, multum antiquis celebrata cum insula, in qua nascitur. nec nisi signata venundabatur, unde et sphragidem appellavere.</p> <p>34. Hac minium sublinunt adulterantque. in medicina praeclara res habetur. epiphoras enim oculorum mitigat ac dolores circumlita et aegilopia manare prohibet, sanguinem reicientibus ex aceto datur bibenda. bibitur et contra lienum reniumque vitia et purgationes feminarum, item et contra venena et serpentium ictus terrestrium marinorumque, omnibus ideo antidotis familiaris.</p>	<p>XIV 33. Algumas pessoas quiseram ver nele apenas uma espécie de rubrica de segundo nível, pois consideravam melhor a de Lemnos. Esta é semelhante ao mínio e era muito famosa entre os antigos, bem como a ilha da qual provém. E não era vendida se não fosse atestada com um selo, de onde adquiriu também o nome de <i>sphragis</i> – “vermelho com selo”.</p> <p>34. Por meio dela, revestem numa primeira camada o mínio e adulteram-no. Na medicina, a substância é considerada excelente, pois, quando espalhada por cima, alivia o corrimento e dores nos olhos, impede a propagação de egilopes e é dada com vinagre para ser tomada àqueles que estejam regurgitando sangue. É também tomada contra problemas do baço e dos rins, e para os ciclos menstruais femininos, bem como contra venenos e picadas de serpentes terrestres ou marinhas, sendo, por esse motivo, comum a todos os antídotos.</p>
<p>XV 35. E reliquis rubricae generibus fabris utilissima Aegyptia et Africana, quoniam maxime sorbentur tectoriis. rubrica autem nascitur et in ferrariis metallis.</p>	<p>XV 35. Dos tipos restantes de rubrica, os mais úteis aos trabalhadores são o egípcio e o africano, pois são os que mais são absorvidos pelos estuques. A rubrica é originária também de minas de ferro.</p>
<p>(XVI) Ea et fit ochra exusta in ollis novis luto circumlitis. quo magis arsit in caminis, hoc melior. omnis autem rubrica siccatur ideoque ex emplastris conveniet igni etiam sacro.</p>	<p>(XVI) É produzida ainda quando o ocre é incinerado em panelas novas recobertas por uma camada de barro. Quanto mais tiver ardido em brasa, tanto melhor, mas toda rubrica é secativa, e, por essa razão, é conveniente em emplastos até para erisipela.</p>

<p>XVII 36. Sinopidis Ponticae selibrae silis lucidi libris X et Melini Graecensis II mixtis tritisque una per dies duodenas leucophorum fit. hoc est glutinum auri, cum inducitur ligno.</p>	<p>XVII 36. O <i>leucophorum</i> é feito misturando e triturando, durante doze dias, meia libra de vermelho sinopeu de Ponto, dez libras de ocre amarelo claro e duas do solo grego de Melo e é uma cola empregada na aplicação de ouro sobre a madeira.</p>
<p>(XVIII) Paraetonium loci nomen habet ex Aegypto. spumam maris esse dicunt solidatam cum limo, et ideo conchae minutae inveniuntur in eo. fit et in Creta insula atque Cyrenis. adulteratur Romae creta Cimolia decocta conspissataque. pretium optimo in pondo VI \times L. e candidis coloribus pinguisimum et tectoriis tenacissimum propter levorem.</p>	<p>(XVIII) O branco-de-paretônio possui o nome de seu local de origem no Egito. Dizem que a espuma do mar se solidifica com a lama, e, por isso, são encontradas pequenas conchas nele. Ocorre também na ilha de Creta e em Cirene. Em Roma, é adulterado a partir da creta de Cimolo ao ser fervida e condensada. O melhor tipo custa cinquenta denários por seis libras, sendo a mais oleosa entre as cores brancas e a mais aderente em estuques por seu acabamento liso.</p>
<p>XIX 37. Melinum candidum et ipsum est, optimum in Melo insula. in Samo quoque nascitur; eo non utuntur pictores propter nimiam pinguitudinem; accubantes effodiunt ibi inter saxa venam scrutantes. in medicina eundem usum habet quem Eretria creta; praeterea linguam tactu siccant, pilos detrahit smectica vi. pretium in libras sestertii singuli. Tertius e candidis colos est cerussa, cuius rationem in plumbi metallis diximus. fuit et terra per se in Theodoti fundo inventa Zmyrnae, qua veteres ad navium picturas utebantur. nunc omnis ex plumbo et aceto fit, ut diximus.</p>	<p>XIX 37. O pigmento de Melo também é branco, sendo o melhor o da ilha de Melo, embora ocorra também em Samos; os pintores, contudo, não o utilizam por sua oleosidade excessiva. Neste local, trabalhadores, reclinando-se, escavam procurando por veios do pigmento entre as rochas. Na medicina, possui o mesmo uso que a creta de Erétria; além disso, também resseca a língua pelo toque e remove os pelos por sua propriedade abstergente; ele custa um sestércio por libra. O terceiro tom entre os brancos é a cerusita, cuja natureza mencionamos entre os minérios de chumbo. Houve também uma espécie de terra de cerusita encontrada na propriedade de Teódoto em Esmirna, da qual os antigos faziam uso em pinturas de navios. Hoje, toda cerusita é feita de chumbo e vinagre conforme dissemos.</p>
<p>XX 38. Usta casu reperta est in incendio Piraei cerussa in urceis cremata. hac primum usus est Nicias supra dictus. optima nunc Asiatica habetur, quae et purpurea appellatur. pretium eius in libras \times VI. fit et Romae cremato sile marmoroso et restincto aceto. sine usta non fiunt umbrae.</p>	<p>XX 38. A cerusita queimada foi descoberta ao acaso em alguns jarros após ser consumida pelo fogo em um incêndio no Pireu. Nícias, mencionado acima, foi quem primeiro fez uso dela. Hoje, a variedade asiática, que também é chamada purpúrea, é tida como a melhor e custa seis denários por libra. Também é feita em Roma ao calcinar ocre amarelo, de caráter marmóreo, e extingui-lo com vinagre. Sem a cerusita queimada, não são feitas as sombras.</p>
<p>(XXI) Eretria terrae suae habet nomen. hac Nicomachus et Parrhasius usi. refrigerat, emollit, explet volnera; si coquatur, ad siccanda praecipitur, utilis et capitis doloribus et ad deprehendenda pura; subesse enim ea intellegunt, si ex aqua inlita continuo arescat.</p>	<p>(XXI) A terra erétria possui o nome de sua região de origem, e Nicômaco e Parrásio fizeram uso dela. Ela resfria, suaviza e preenche ferimentos; se fervida, é prescrita ainda para fazê-los ressequir, sendo também útil contra dores de cabeça e para verificar a presença de pus, pois entendem que ele existe por dentro se, após ser espalhada com água, ficar seca imediatamente.</p>
<p>XXII 39. Sandaracam et ochram Iuba tradidit in insula Rubri maris Topazo nasci, sed inde non pervehuntur ad nos. sandaraca quomodo fieret diximus. fit et adulterina ex cerussa in fornace cocta. color esse debet flammeus. pretium in libras asses quini.</p>	<p>XXII 39. Segundo Juba, a sandárac e o ocre se originaram na ilha de Topazo no mar Vermelho, mas eles não são transportados de lá para nós. A sandárac e é produzida conforme já dissemos. Também é feita adulterada a partir da cerusita após assada em um forno. Sua cor deve ser como a de uma chama, e ela custa cinco ases por libra.</p>
<p>XXIII 40. Haec si torreatur aequa parte rubrica admixta, sandycem facit, quamquam animadverto</p>	<p>XXIII 40. Se crestada após misturada à mesma proporção de rubrica, dá origem ao sandiz, embora,</p>

<p>Vergilium existimasse herbam id esse illo versu: Sponte sua sandyx pascentis vestiet agnos. pretium in libras dimidium eius quod sandaracae. nec sunt alii colores maioris ponderis.</p>	<p>destaco, Virgílio tenha suposto que isso seria uma erva no verso: “A espontânea sandiz vista os cordeiros pastando”¹⁹⁹. Seu preço por libra é a metade do preço da sandáraca, e não há cor mais pesada do que essas.</p>
<p>(XXIV) Inter facticios est et Syricum, quo minium sublini diximus. fit autem Sinopide et sandyce mixtis.</p>	<p>(XXIV) Entre os pigmentos artificiais, há também o sírico, com o qual dissemos que era coberto, em uma primeira camada, o mínio. Na verdade, é feito a partir da mistura de vermelho sinopeu e sandiz.</p>
<p>XXV 41. Atramentum quoque inter facticios erit, quamquam est et terrae, geminae originis. aut enim salsuginis modo emanat, aut terra ipsa sulphurei coloris ad hoc probatur. inventi sunt pictores, qui carbones infestatis sepulchris effoderent. inportuna haec omnia ac novicia. fit enim e fuligine pluribus modis, resina vel pice exustis, propter quod etiam officinas aedificavere fumum eum non emittentes. laudatissimum eodem modo fit e taedis. adulteratur fornacium balnearumque fuligine quo ad volumina scribenda utuntur.</p> <p>42. Sunt qui et vini faecem siccitam excoquant adfirmantque, si ex bono vino faex ea fuerit, Indici speciem id atramentum praebere. Polygnotus et Micon, celeberrimi pictores, Athenis e vinaceis fecere, tryginon appellantes. Apelles commentus est ex ebore combusto facere, quod elephantinum vocatur.</p> <p>43. Adportatur et Indicum ex India inexploratae adhuc inventionis mihi. fit etiam aput infectores ex flore nigro, qui adhaerescit aereis cortinis. fit et ligno e taedis combusto tritisque in mortario carbonibus. mira in hoc saepiarum natura, sed ex iis non fit. omne autem atramentum sole perficitur, librarium cumme, tectorium glutino admixto. quod aceto liquefactum est, aegre eluitur.</p>	<p>XXV 41. Ainda, o atramento estará entre os artificiais, apesar de ser também natural, possuindo duas origens: ou é expelido tal como com as fontes salinas ou a própria terra de coloração sulfúrea é tida como apropriada para o uso. Sabe-se de pintores que invadiram sepulturas e desenterraram fragmentos carbonizados, mas todas essas coisas são inapropriadas e recentes. O atramento pode ser feito a partir de fuligem de diferentes maneiras quando incinerada alguma resina ou piche; em vista disso, construíram oficinas que não lançam para fora essa fumaça. O tipo mais estimado é feito desse mesmo modo a partir de troncos de pinho. É adulterado por meio da fuligem de fornalhas e balneários, e é utilizado para escrita em rolos de papiro.</p> <p>42. Há aqueles que também calcinam a borra desidratada do vinho e afirmam que, se for de um bom vinho, esse atramento se assemelha a uma espécie de índigo. Polignoto e Mícon, os pintores mais célebres, fizeram, em Atenas, tinta de borra de uvas, chamando-a <i>tryginon</i>, “feito de borra”. Apeles concebeu uma forma de preparo a partir de marfim calcinado, o qual é chamado elefantino.</p> <p>43. É trazido também um pigmento preto índico da Índia, cuja elaboração desconheço até o momento. É feito ainda um, entre tintureiros, a partir de uma flor preta que se adere a caldeirões de bronze e outro com tronco de pinheiro calcinado, sendo os carvões triturados em um pilão. É admirável a natureza também das sibas para esse propósito, mas não é feito um pigmento a partir delas. Todo atramento só é obtido pela ação do sol, sendo o para escrita misturado à goma e o para estuques, a uma espécie de cola. O dissolvido em vinagre é dificilmente removido.</p>
<p>XXVI 44. E reliquis coloribus, quos a dominis dari diximus propter magnitudinem pretii, ante omnes est purpurissimum. creta argentaria cum purpuris pariter tingitur bibitque eum colorem celerius lanis. praecipuum est primum, fervente ahenis rudibus medicamentis inebriatum, proximum egesto eo addita creta in ius idem et, quotiens id factum est, elevatur bonitas pro numero dilutiore sanie.</p> <p>45. Quare Puteolanum potius laudetur quam Tyrium aut Gaetulicum vel Laconicum, unde pretiosissimae purpurae; causa est quod hysgino</p>	<p>XXVI 44. Das cores restantes, que dissemos que eram fornecidas pelos patronos devido ao preço elevado, a primeira é o <i>purpurissimum</i>. É produzido a partir da creta argêntea²⁰⁰ junto com os tecidos purpúreos, da mesma maneira, e a terra absorve essa cor mais rapidamente do que a lã. O melhor é o primeiro ao ferver o caldeirão, saturado com as tinturas ainda puras; há então o seguinte, após removido esse, adicionando-se creta ao mesmo caldo. A cada vez que isso é feito, reduz-se a qualidade, ficando o líquido mais diluído.</p>

¹⁹⁹ Verg., *Ecl.*, 4.45.

²⁰⁰ *Creta argentaria*: terra silícea, empregada no polimento de metais como a prata.

<p>maxime inficitur rubiaque, quae cogitur sorbere. vilissimum a Canusio. pretium a singulis denariis in libras ad XXX. pingentes sandyce sublita, mox ex ovo inducentes purpurissum, fulgorem minii faciunt. si purpurae facere malunt, caeruleum sublinunt, mox purpurissum ex ovo indicunt.</p>	<p>45. O pigmento de Putéolos é mais elogiado do que o tírio, o da Getúlia ou o da Lacônia, de onde são as mais valiosas púrpuras, por ser completamente imbuído pelo <i>hysginum</i>²⁰¹ e pela garança, os quais creem absorvê-lo. O de menor valor é o de Canúsio; o preço por libra varia de um a trinta denários. Ao pintarem depois de passada uma primeira camada com sandiz e, em seguida, passando o <i>purpurissum</i> junto com ovo, criam o brilho do minio. Quando preferem criar um brilho de púrpura, fazem a primeira camada com cerúleo e então passam o <i>purpurissum</i> misturado com ovo.</p>
<p>XXVII 46. Ab hoc maxima auctoritas Indico. ex India venit harundinum spumae adhaerente limo. cum cernatur, nigrum, at in diluendo mixturam purpurae caeruleique mirabilem reddit. alterum genus eius est in purpurariis officinis innatans cortinis, et est purpurae spuma. qui adulterant, vero Indico tingunt stercora columbina aut cretam Selinusiam vel anulariam vitro inficiunt. probatur carbone; reddit enim quod sincerum est flammam excellentis purpurae et, dum fumat, odorem maris. ob id quidam e scopulis id colligi putant. pretium Indico X XX in libras. in medicina Indicum rigores et impetus sedat siccatque ulcera.</p>	<p>XXVII 46. Em seguida, a maior importância é conferida ao índigo. Ele provém da Índia e é como um lodo aderindo à espuma das canas. Quando separado, é um pigmento preto, mas, ao diluí-lo, obtém-se uma mistura de púrpura e cerúleo admirável. Uma outra espécie dele se dá em oficinas de tingimento de púrpura, flutuando nos caldeirões, e é uma espuma de púrpura. Aqueles que o adulteram tingem excrementos de pombos com índigo ou tingem creta de Selinunte ou a anular com ísatis. Pode ser verificado com carvão em brasa, pois, se puro, é obtida uma inigualável chama purpúrea e a fumaça emitida possui um odor marítimo. Por isso, alguns julgam ser coletado de rochedos da orla. O índigo custa vinte denários por libra. Na medicina, alivia câibras e espasmos e cicatriza úlceras.</p>
<p>XXVIII 47. Armenia mittit quod eius nomine appellatur. lapis est, hic quoque chrysocollae modo infectus, optimumque est quod maxime vicinum et communicato colore cum caeruleo. solebant librae eius trecentis nummis taxari. inventa per Hispanias arena est similem curam recipiens; itaque ad denarios senos vilitas rediit. distat a caeruleo candore modico, qui teneriorem hunc efficit colorem. usus in medicina ad pilos tantum alendos habet maximeque in palpebris.</p>	<p>XXVIII 47. A Armênia envia o pigmento que recebe seu nome. Trata-se de um minério tingido ao modo da crisocola, e o melhor é o mais semelhante a ela bem como o que tiver sua coloração semelhante à do cerúleo. Costumavam ser cobrados trezentos sestércios por uma libra dele, mas uma areia foi descoberta através das províncias da Hispânia que permite tratamento semelhante, e, por isso, seu preço foi reduzido a apenas seis denários. Difere-se do cerúleo por um certo reflexo esbranquiçado que apresenta, que provoca essa coloração mais delicada. Possui aplicação na medicina somente para nutrir os cabelos e, especialmente, os cílios.</p>
<p>XXIX 48. Sunt etiamnum novicii duo colores e vilissimis: viride est quod Appianum vocatur et chrysocollam mentitur, ceu parum multa ficta sint mendacia eius; fit e creta viridi, aestimatum sestertiis in libras.</p>	<p>XXIX 48. Há duas cores entre as de menor valor de descoberta ainda recente: trata-se do verde chamado Apiano, que imita crisocola – como se todas essas falsificações não fossem imitações suficientes dela; é feito a partir de uma creta esverdeada e estimado em um sestércio por libra.</p>
<p>(XXX) Anulare quod vocant, candidum est, quo muliebres picturae inluminantur; fit et ipsum e creta admixtis vitreis gemmis e volgi anulis, inde et anulare dictum.</p>	<p>(XXX) O outro pigmento, chamado anular, é branco e com ele é iluminada a tez nas pinturas de mulheres; ele próprio também é feito a partir de creta com contas de vidro misturadas, provenientes dos anéis do povo, de onde é chamado anular.</p>
<p>XXXI 49. Ex omnibus coloribus cretulam amant udoque inlini recusant purpurissum, Indicum, caeruleum, Melinum, auripigmentum, Appianum, cerussa. cerae tinguntur isdem his coloribus ad eas</p>	<p>XXXI 49. De todos os pigmentos, os que apreciam mais a argila branca e recusam ser espalhados sobre superfícies úmidas são o <i>purpurissum</i>, o índigo, o cerúleo, o de Melo, o ouro-pigmento, o</p>

²⁰¹ *Hysginum*: pigmento vermelho escuro de origem vegetal (OLD, p. 812).

<p>picturas, quae inuruntur, alieno parietibus genere, sed classibus familiari, iam vero et onerariis navibus, quoniam et vehicula expingimus, ne quis miretur et rogos pingi, iuvatque pugnatos ad mortem aut certe caedem speciose vehi. Qua contemplatione tot colorum tanta varietate subit antiquitatem mirari.</p>	<p>Apiano e a cerusita. As ceras também são tingidas com essas mesmas cores para as pinturas encáusticas, procedimento que não se aplica a paredes, mas apropriado para navios, e ainda para barcos de transporte hoje, uma vez que pintamos até carros – que ninguém se admire diante de piras funerárias sendo pintadas! Agrada-nos lutadores que rumam à morte, ou qualquer carnificina, esplendidamente. Contemplar tantas cores com tanta variedade nos faz admirar a antiguidade.</p>
<p>XXXII 50. Quattuor coloribus solis immortalia illa opera fecere – ex albis Melino, e silaciis Attico, ex rubris Sinopide Pontica, ex nigris atramento – Apelles, Aetion, Melanthius, Nicomachus, clarissimi pictores, cum tabulae eorum singulae oppidorum venirent opibus. nunc et purpuris in parietes migrantibus et India conferente fluminum suorum limum, draconum elephantorumque saniem nulla nobilis pictura est. omnia ergo meliora tunc fuere, cum minor copia. ita est, quoniam, ut supra diximus, rerum, non animi pretiis excubatur.</p>	<p>XXXII 50. Com apenas quatro cores – entre os brancos, o Melino; entre os ocres amarelos, o ático; entre os vermelhos, o vermelho sinopeu de Ponto; entre os pretos, o atramento – fizeram aquelas obras imortais Apeles, Aécion, Melântio e Nicômaco, os mais ilustres pintores, ainda que cada pintura deles valesse a riqueza de cidades. Hoje, também, com as púrpuras acabando em paredes e com a Índia recolhendo o lodo de seus rios e o sangue coagulado de serpentes e elefantes, não é mais renomada a pintura. Tudo foi melhor naquele momento em que a abundância era menor. E é assim, uma vez que, como dissemos acima, atenta-se não mais ao valor do talento inventivo, mas aos materiais.</p>
<p>XXXIII 51. Et nostrae aetatis insaniam in pictura non omittam. Nero princeps iusserat colosseum se pingi CXX pedum linteo, incognitum ad hoc tempus. ea pictura, cum peracta esset in Maianis hortis, accensa fulmine cum optima hortorum parte conflavit.</p> <p>52. Libertus eius, cum daret Anti munus gladiatorium, publicas porticus occupavit pictura, ut constat, gladiatorum ministrorumque omnium veris imaginibus redditus. hic multis iam saeculis summus animus in pictura, pingi autem gladiatoria munera atque in publico exponi coepta a C. Terentio Lucano. is avo suo, a quo adoptatus fuerat, triginta paria in foro per triduum dedit tabulamque pictam in nemore Dianae posuit.</p>	<p>XXXIII 51. E não omitirei a insânia de nossa época quanto à pintura. O imperador Nero ordenou que fosse pintado um retrato colossal seu em um tecido de linho de cento e vinte pés²⁰², algo desconhecido até então. Essa pintura, quando terminada, nos jardins de Maio, foi atingida por um raio e consumida pelo fogo junto com a melhor parte dos jardins.</p> <p>52. Um liberto seu, quando apresentava, em Âncio, um espetáculo de gladiadores, ocupou os pórticos públicos com uma pintura, segundo consta, em que foram reproduzidas imagens muito realistas de todos os gladiadores e ajudantes. Isso, já há muitas gerações, é o maior interesse da pintura, mas a prática de pintar espetáculos gladiatórios e expor ao público teve início com Caio Terêncio Lucano. Ele, em memória de seu avô, por quem fora adotado, forneceu trinta pares de gladiadores no fórum durante três dias e expôs, no bosque de Diana, um quadro que havia sido pintado deles.</p>
<p>XXXIV 53. Nunc celebres in ea arte quam maxima brevitate percurrant, neque enim instituti operis est talis executio; itaque quosdam vel in transcurso et in aliorum mentione obiter nominasse satis erit, exceptis operum claritatibus quae et ipsa conveniet attingi, sive exstant sive intercidere.</p> <p>54. Non constat sibi in hac parte Graecorum diligentia multas post olympiadas celebrando pictores quam statuarios ac toreutas, primumque olympiade LXXXX, cum et Phidian ipsum initio pictorem fuisse tradatur clipeumque Athenis ab eo pictum, praeterea in confesso sit LXXX tertia</p>	<p>XXXIV 53. Agora, percorrerei os mais célebres nessa arte com a maior rapidez, pois não pertence ao plano desta obra uma discussão do tipo; assim, será suficiente nomear alguns de passagem em meio à menção a outros, à exceção das obras mais ilustres, às quais nos ateremos, sejam as ainda existentes, sejam as que já se perderam.</p> <p>54. A diligência dos gregos não é consistente nesse âmbito, registrando a existência de pintores muitas olimpíadas depois dos escultores e cinzeladores e do primeiro durante a 90ª Olimpíada²⁰³, embora se diga ter começado com Fídias, também pintor, e ter</p>

²⁰² Cerca de 35,5 m.

²⁰³ 420-417 a.C.

<p>fuisse fratrem eius Panaenum, qui clipeum intus pinxit Elide Minervae, quam fecerat Colotes, discipulus Phidiae et ei in faciendo Iove Olympio adiutor.</p> <p>55. Quid? quod in confesso perinde est Bularchi pictoris tabulam, in qua erat Magnetum proelium, a Candaule, rege Lydiae Heraclidarum novissimo, qui et Myrsilus vocitatus est, repensam auro? tanta iam dignatio picturae erat. circa Romuli id aetatem acciderit necesse est, etenim duodevicensima olympiade interiit Candaules aut, ut quidam tradunt, eodem anno quo Romulus, nisi fallor, manifesta iam tunc claritate artis, adeo absolute.</p> <p>56. Quod si recipi necesse est, simul apparet multo vetustiora principia eosque, qui monochromatis pinxerint, quorum aetas non traditur, aliquanto ante fuisse, Hygiaenontem, Dinian, Charmadan et, qui primus in pictura marem a femina discreverit, Eumarum Atheniensem, figuras omnes imitari ausum, quique inventa eius excoluerit, Cimonem Cleonaeum. hic catagrapha invenit, hoc est obliquas imagines, et varie formare voltus, respicientes suspicientesve vel despicientes; articulis membra distinxit, venas protulit, praeterque in vestibus rugas et sinus invenit.</p> <p>57. Panaenus quidem frater Phidiae etiam proelium Atheniensium adversus Persas apud Marathona factum pinxit. adeo iam colorum usus increbuerat adeoque ars perfecta erat, ut in eo proelio iconicos duces pinxisse tradatur, Atheniensium Miltiadem, Callimachum, Cynaegirum, barbarorum Datim, Artaphernen.</p>	<p>sido pintado por ele um escudo em Atenas. Além disso, sabe-se que, durante a 83ª Olimpíada²⁰⁴, seu irmão, Paneno, pintou o interior do escudo de Minerva em Élis, que fizera Colotes, discípulo de Fídias e seu ajudante durante a realização do Júpiter Olímpio.</p> <p>55. E, então, não é igualmente reconhecido o quadro do pintor Bularco, em que era representada a batalha magnésia, encomendado por Candaules, último rei da Lídia dos Heraclidas, também habitualmente chamado Mirsilo, tendo sido pago por seu peso em ouro? Tamanha relevância já possuía a pintura. Isso deve ter ocorrido nos tempos de Rômulo, uma vez que Candaules faleceu durante a 18ª Olimpíada²⁰⁵, ou, como dizem alguns, no mesmo ano de Rômulo, já sendo reconhecida a reputação dessa arte, se não me engano, e até sua perfeição.</p> <p>56. Ao considerarmos, portanto, esses fatos, é evidente que as origens da pintura são muito mais antigas, e que aqueles que produziram pinturas monocromáticas, cujo período exato não sabemos, foram relativamente anteriores. São eles Higienon, Dínias, Cármadas, e quem primeiro teria discernido o sexo masculino do feminino na pintura, Êumaro de Atenas, tendo ousado reproduzir todas as figuras, além daquele que teria aperfeiçoado suas descobertas – Címon de Cleona. Este inventou os <i>catagrapha</i>, isto é, retratos em um ângulo de três quartos²⁰⁶, e como exprimir as feições de diferentes modos – olhando para trás, para cima ou para baixo; distinguiu membros de articulações, ressaltou veias e ainda criou rugas e dobras nas vestes.</p> <p>57. De fato, Paneno, irmão de Fídias, pintou a batalha dos Atenenses contra os Persas ocorrida em Maratona. A tal ponto o uso das cores já havia sido estabelecido e a tal ponto sido aperfeiçoada a arte que, segundo dizem, havia pintado os retratos icônicos dos comandantes nessa batalha – Milcíades, Calímaco e Cinegiro dos atenienses e Dátis e Artafernes dos bárbaros.</p>
<p>XXXV 58. Quin immo certamen etiam picturae florente eo institutum est Corinthi ac Delphis, primusque omnium certavit cum Timagora Chalcidense, superatus ab eo Pythiis, quod et ipsius Timagorae carmine vetusto apparet, chronicorum errore non dubio. Alii quoque post hos clari fuere ante LXXXX olympiadem, sicut Polygnotus Thasius, qui primus mulieres tralucida veste pinxit, capita earum mitris versicoloribus operuit plurimumque picturae primus contulit, siquidem instituit os adaperire, dentes ostendere, voltum ab antiquo rigore variare.</p>	<p>XXXV 58. Ademais, foram estabelecidas em Corinto e Delfos, no período em que Paneno prosperou, competições de pintura, e, na primeira de todas, ele disputou contra Timágoras de Cálcis, tendo sido vencido por ele nos jogos de Pítias, o que também aparece em um antigo poema de Timágoras, desmentindo, assim, as crônicas, erradas a esse respeito. Foram também célebres outros artífices depois deles, antes da 90ª Olimpíada²⁰⁷, como Polignoto de Tasos, quem primeiro pintou mulheres em vestes transparentes, cobriu suas cabeças com mitras de diversas cores e</p>

²⁰⁴ 448-445 a.C.

²⁰⁵ 708-705 a.C.

²⁰⁶ *Obliquas imagines*: imagens representadas em um ângulo de direcionamento; refere-se também a uma imagem de perfil (OLD, p. 1215).

²⁰⁷ 420-417 a.C.

<p>59. Huius est tabula in porticu Pompei, quae ante curiam eius fuerat, in qua dubitatur ascendentem cum cluopeo pinxerit an descendentem. hic Delphis aedem pinxit, hic et Athenis porticum, quae Poecile vocatur, gratuito, cum partem eius Micon mercede pingeret. vel maior huic auctoritas, siquidem Amphictyones, quod est publicum Graeciae concilium, hospitia ei gratuita decrevere. Fuit et alius Micon, qui minoris cognomine distinguitur, cuius filia Timarete et ipsa pinxit.</p>	<p>quem primeiro contribuiu consideravelmente para a pintura, visto que instituiu que as bocas fossem feitas abertas, que os dentes fossem expostos e que a expressão facial, em comparação à rigidez anterior, fosse variada.</p> <p>59. É dele o quadro no Pórtico de Pompeu, que antes havia sido exposto em frente à cúria que construiu e sobre o qual não se sabe se teria pintado a pessoa com o escudo subindo ou descendo. Ele pintou o templo de Delfos e também o Pórtico de Atenas, chamado <i>Poecile</i>, “Pórtico Pintado”, gratuitamente, embora Mícon tivesse pintado uma parte, sendo pago por ela. Certamente, sua relevância foi maior, uma vez que os Anfictiões – o conselho público da Grécia – determinaram hospitalidade gratuita a ele. Houve também um outro Mícon, que se distingue pelo sobrenome “o Jovem”, cuja filha, Timárete, também pintava.</p>
<p>XXXVI 60. LXXXX autem olympiade fuere Aglaophon, Cephisodorus, Erillus, Euenor, pater Parrhasii et praeceptor maximi pictoris, de quo suis annis dicemus, omnes iam inlustres, non tamen in quibus haerere expositio debeat festinans ad lumina artis, in quibus primus refulsit Apollodorus Atheniensis LXXXXIII olympiade. hic primus species exprimere instituit primusque gloriam penicillo iure contulit. eius est sacerdos adorans et Ajax fulmine incensus, quae Pergami spectatur hodie. neque ante eum tabula ullius ostenditur, quae teneat oculos.</p> <p>61. Ab hoc artis fores apertas Zeuxis Heracleotes intravit olympiadis LXXXXV anno quarto, audentemque iam aliquid penicillum – de hoc enim adhuc loquamur – ad magnam gloriam perduxit, a quibusdam falso in LXXXXVIII olympiade positus, cum fuisse necesse est Demophilum Himeraeum et Nesea Thasium, quoniam utrius eorum discipulus fuerit ambigitur.</p> <p>62. In eum Apollodorus supra scriptus versum fecit, artem ipsis ablatam Zeuxim ferre secum. opes quoque tantas adquisivit, ut in ostentatione earum Olympiae aureis litteris in palliorum tesseris intextum nomen suum ostentaret. postea donare opera sua instituit, quod nullo pretio satis digno permutari posse diceret, sicuti Alcmenam Agragantinis, Pana Archelao.</p> <p>63. Fecit et Penelopen, in qua pinxisse mores videtur, et atletam; adeoque in illo sibi placuit, ut versum subscriberet celebrem ex eo, invisurum aliquem facilius quam imitaturum. magnificus est et Iuppiter eius in throno adstantibus diis et Hercules infans dracones II strangulans Alcmena matre coram pavente et Amphitryone.</p>	<p>XXXVI 60. Durante a 90ª Olimpíada²⁰⁸, houve Aglaofonte, Cefisodoro, Érilo e Evenor, pai e preceptor de Parrásio, excelente pintor, sobre o qual diremos em sua devida época, todos já ilustres, embora não deva a exposição ater-se a eles, apressando-se rumo aos luminares da arte. Destacou-se primeiro Apolodoro de Atenas durante a 93ª Olimpíada²⁰⁹. Este quem primeiro estabeleceu que fossem representadas as aparências e primeiro conferiu legitimamente glória ao pincel. Dele é o Sacerdote em reverência e o Ájax atingido por um raio, que é visto hoje em Pérgamo. E não se vê quadro de nenhum outro anterior a ele que atraia olhares.</p> <p>61. Uma vez abertos os portões da arte por ele, Zêuxis de Heracleia adentrou no quarto ano da 95ª Olimpíada²¹⁰ e conduziu um pincel já ousado – falemos ainda sobre isso – à glória absoluta, tendo sido situado por alguns durante a 89ª Olimpíada²¹¹ erroneamente, pois necessariamente teria vivido no tempo de Demófilo de Hímera e Neseu de Tasos, uma vez que foi discípulo de um deles, não se sabe de qual.</p> <p>62. Em honra a ele, Apolodoro, mencionado acima, compôs um verso, afirmando que Zêuxis levou embora consigo a arte roubada de seus mestres. Acumulou tantas riquezas, que as exhibia ostensivamente, com seu nome bordado nos padrões em xadrez de seus mantos, em letras douradas, em Olímpia. Depois, decidiu que daria as suas obras, pois dizia que não poderiam ser compradas por nenhum preço suficientemente digno, como sua Alcmena dada aos Agrigentinos e seu Pã, dado a Arquelau.</p>

²⁰⁸ 420-417 a.C.

²⁰⁹ 408-405 a.C.

²¹⁰ 397 a.C.

²¹¹ 424-421 a.C.

<p>64. Reprehenditur tamen ceu grandior in capitibus articulisque, alioqui tantus diligentia, ut Atragantinis facturus tabulam, quam in templo Iunonis Lacinae publice dicarent, inspexerit virgines eorum nudas et quinque elegerit, ut quod in quaque laudatissimum esset pictura redderet. pinxit et monochromata ex albo. aequales eius et aemuli fuere Timanthes, Androclydes, Eupompus, Parrhasius.</p> <p>65. Descendisse hic in certamen cum Zeuxide traditur et, cum ille detulisset uvas pictas tanto successu, ut in scaenam aves advolarent, ipse detulisse linteum pictum ita veritate repraesentata, ut Zeuxis alitum iudicio tumens flagitaret tandem remoto linteo ostendi picturam atque intellecto errore concederet palmam ingenuo pudore, quoniam ipse volucres fefellisset, Parrhasius autem se artificem.</p> <p>66. Fertur et postea Zeuxis pinxisse puerum uvas ferentem, ad quas cum advolassent aves, eadem ingenuitate processit iratus operi et dixit: ‘uvas melius pinxi quam puerum, nam si et hoc consumassem, aves timere debuerant.’ fecit et figlina opera, quae sola in Ambracia relicta sunt, cum inde Musas Fulvius Nobilior Romam transferret. Zeuxidis manu Romae Helena est in Philippi porticibus, et in Concordiae delubro Marsyas religatus.</p> <p>67. Parrhasius Ephesi natus et ipse multa contulit. primus symmetriam picturae dedit, primus argutias voltus, elegantiam capilli, venustatem oris, confessione artificum in liniis extremis palmam adeptus. haec est picturae summa subtilitas. corpora enim pingere et media rerum est quidem magni operis, sed in quo multi gloriam tulerint; extrema corporum facere et desinentis picturae modum includere rarum in successu artis invenitur.</p> <p>68. Ambire enim se ipsa debet extremitas et sic desinere, ut promittat alia et post se ostendatque etiam quae occultat. hanc ei gloriam concessere Antigonus et Xenocrates, qui de pictura scripsere, praedicantes quoque, non solum confitentes; et alias multa graphidis vestigia exstant in tabulis ac membranis eius, ex quibus proficere dicuntur artifices. minor tamen videtur sibi comparatus in mediis corporibus exprimentis.</p> <p>69. Pinxit demon Atheniensium argumento quoque ingenioso. ostendebat namque varium iracundum iniustum inconstantem, eundem exorabilem clementem misericordem; gloriosum . . . , excelsum humilem, ferocem fugacemque et omnia pariter. idem pinxit et Thesea, quae Romae in Capitolio fuit, et nauarchum thoracatum, et in una tabula, quae est Rhodi, Meleagrum, Herculem, Persea; haec ibi ter fulmine ambusta neque oblitterata hoc ipso miraculum auget.</p>	<p>63. Fez também uma Penélope, a partir da qual parece ter pintado o tipo associado a ela²¹², e um Atleta; a tal ponto ficou satisfeito consigo mesmo quanto a esta obra, que escreveu embaixo um verso que, por isso, tornou-se célebre, “mais fácil seria alguém o invejar do que o imitar”. É também magnífico seu Júpiter no trono, estando os deuses em pé junto a ele, e seu Hércules criança estrangulando duas serpentes diante dos olhos de sua mãe, Alcmena, tomada pelo terror, e de Anfitrião.</p> <p>64. Entretanto, Zêuxis é criticado por fazer maiores as cabeças e articulações²¹³; por outro lado, é tão reconhecido por seu cuidado, que, quando fazia um quadro aos Agrigentinos, que seria dedicado publicamente ao templo de Juno Lacínia, observou moças locais desnudas e escolheu cinco para que representasse na pintura o que houvesse de mais encantador em cada uma delas. Pintou também imagens monocromáticas em branco. Contemporâneos a ele e êmulos seus foram Timantes, Androcides, Eupompo e Parrásio.</p> <p>65. Diz-se que Parrásio entrou em uma disputa com Zêuxis, que ofereceu uvas pintadas com tamanho sucesso a ponto de pássaros voarem em direção ao palco. Já Parrásio havia oferecido a pintura de uma cortina de linho representada de modo tão realista, que Zêuxis, orgulhando-se do julgamento das aves, após pedir insistentemente para que fosse, afinal, removida a cortina e exibida sua pintura, percebeu o engano e concedeu o prêmio com nobre modéstia, pois ele próprio havia enganado as aves, mas Parrásio havia enganado um artífice.</p> <p>66. É dito também que, depois, Zêuxis pintou um Menino levando uvas, em direção às quais as aves haviam voado; nesse momento, com a mesma franqueza avançou, revoltado com a obra, e disse: “pintei melhor as uvas que o menino, pois, se o tivesse feito a tal ponto perfeito, as aves deveriam tê-lo temido”. Fez também obras em cerâmica, as únicas que foram deixadas na Ambrácia quando Fúlvio Nobilior transportava as Musas de lá para Roma. Uma Helena feita pelas mãos de Zêuxis encontra-se em Roma, nos Pórticos de Filipo, e um Mársias amarrado, no templo da Concórdia.</p> <p>67. Parrásio também nasceu em Éfeso e contribuiu muito para a pintura. Ele quem primeiro lhe conferiu proporções, vivacidade à expressão, a elegância do cabelo e o encanto da boca, e, por reconhecimento de outros artífices, foi considerado o melhor pelo traçado de seus contornos. Isso é a maior sutileza na pintura. Pois pintar os volumes e os centros das figuras é de fato qualidade de uma grande obra, mas muitos alcançaram a glória nesse aspecto; mas fazer os contornos dos corpos e limitar a borda onde para a</p>
---	---

²¹² Sobre a noção de tipo e o *ēthos* (ἦθος) na pintura de Zêuxis, cf. Martins, 2008.

²¹³ Outra leitura possível para o trecho seria “por fazer cabeças maiores e membros menores”.

<p>70. Pinxit et archigallum, quam picturam amavit Tiberius princeps atque, ut auctor est Deculo, HS [LX] aestimatum cubiculo suo inclusit. pinxit et Thressam nutricem infantemque in manibus eius et Philiscum et Liberum patrem adstante Virtute, et pueros duos, in quibus spectatur securitas aetatis et simplicitas, item sacerdotem adstante puero cum acerra et corona.</p> <p>71. Sunt et duae picturae eius nobilissimae, hoplites in certamine ita decurrens, ut sudare videatur, alter arma deponens, ut anhelare sentiatur. laudantur et Aeneas Castorque ac Pollux in eadem tabula, item Telephus, Achilles, Agamemnon, Ulixes. fecundus artifex, sed quo nemo insolentius usus sit gloria artis, namque et cognomina usurpavit habrodiaetum se appellando aliisque versibus principem artis et eam ab se consummatam, super omnia Apollinis se radice ortum et Herculem, qui est Lindi, talem a se pictum, qualem saepe in quiete vidisset;</p> <p>72. et cum magnis suffragiis superatus a Timanthe esset Sami in Aiace armorumque iudicio, herois nomine se moleste ferre dicebat, quod iterum ab indigno victus esset. Pinxit et minoribus tabellis libidines, eo genere petulantis ioci se reficiens.</p> <p>73. Nam Timanthei vel plurimum adfuit ingenii. eius enim est Iphigenia oratorum laudibus celebrata, qua stante ad aras peritura cum maestros pinxisset omnes praecipueque patrum et tristitiae omnem imaginem consumpsisset, patris ipsius voltum velavit, quem digne non poterat ostendere.</p> <p>74. Sunt et alia ingenii eius exempla, veluti Cyclops dormiens in parvola tabella, cuius et sic magnitudinem exprimere cupiens pinxit iuxta Satyros thyrsos pollicem eius metientes. atque in unius huius operibus intelligitur plus semper quam pingitur et, cum sit ars summa, ingenium tamen ultra artem est. pinxit et heros absolutissimi operis, artem ipsam complexus viros pingendi, quod opus nunc Romae in templo Pacis est.</p> <p>75. Euxinidas hac aetate docuit Aristiden, praeclarum artificem, Eupompus Pamphilum, Apellis praeceptorem. est Eupompi victor certamine gymnico palmam tenens. ipsius auctoritas tanta fuit, ut diviserit picturam: genera, quae ante eum duo fuere – Helladicum et Asiaticum appellabant –, propter hunc, qui erat Sicyonius, diviso Helladico tria facta sunt, Ionicum, Sicyonium, Atticum.</p> <p>76. Pamphili cognatio et proelium ad Phliuntum ac victoria Atheniensium, item Ulixes in rate. ipse Macedo natione, sed . . . primus in pictura omnibus litteris eruditus, praecipue arithmetica et geometria, sine quibus negabat artem perfici posse, docuit neminem talento minoris – annuis X D –, quam mercedem et Apelles et Melanthius dedere ei.</p> <p>77. Huius auctoritate effectum est Sicyone primum, deinde in tota Graecia, ut pueri ingenui omissam ante graphicen [hoc est picturam] in</p>	<p>pintura é algo raro de ser encontrado até em uma arte bem-sucedida.</p> <p>68. Pois o próprio contorno deve-se arredondar e de tal modo terminar para que crie a expectativa de outras partes atrás de si e, assim, manifestar aquilo que está oculto. Essa é a glória que lhe concederam Antígono e Xenócrates, que escreveram sobre a pintura, também o declarando publicamente, não apenas o reconhecendo; e há muitos outros esboços de desenhos em seus quadros e pergaminhos, dos quais, dizem, outros artífices tiram proveito. Contudo, ao ser comparado, parece aquém de si mesmo no que diz respeito ao modo como exprime os corpos por dentro dos contornos.</p> <p>69. Pintou o Povo dos atenienses, representação engenhosa de sua parte, pois expunha-o como sendo variado, irascível, injusto e inconstante bem como exorável, clemente e compassivo; orgulhoso, elevado e humilde, corajoso e acanhado e todos esses ao mesmo tempo. Pintou também um Teseu, que esteve no Capitólio, em Roma, um Capitão armado com um peitoral, e, em um quadro que se encontra em Rodes Meleagro, Hércules e Perseu; este, nesse local, prevaleceu após ter sido atingido três vezes por um raio sem ser obliterado, o que, por si só, já aumenta o deslumbramento com a obra.</p> <p>70. Pintou também um Sacerdote de Cibele, pintura muito apreciada pelo imperador Tibério, a qual manteve em seu quarto e, segundo exposto por Deculo, estimada em seis milhões de sestércios. Pintou também uma Ama Trácia com uma criança em seus braços, um Filisco, um Pai Líbero com a Virtude estando próxima, Duas crianças, nas quais se pode observar a despreocupação da idade e a singeleza, bem como um Sacerdote e um menino próximo a ele com um incensório e uma grinalda.</p> <p>71. Há também duas pinturas suas muito reconhecidas, um Hoplita em uma disputa correndo de tal forma que pareça suar e um outro pondo de lado suas armas, respirando com dificuldade, como se percebe. São muito elogiados ainda seu Eneias e seu Castor e Pólux na mesma imagem bem como seu Télefo com Aquiles, Agamêmnon e Ulisses. Foi um artífice prolífero, mas ninguém teria usufruído da glória de sua arte de modo mais insolente do que ele, pois também assumiu certas alcunhas, referindo-se a si mesmo como “<i>bon-vivant</i>”, e, em outros versos, como “príncipe da pintura” e à arte como tendo atingido a perfeição graças a ele; sobretudo, dizia que era descendente da linhagem de Apolo e que sua imagem de Hércules, que se encontra em Lindo, teria sido pintada por ele como a teria visto em sonho muitas vezes.</p> <p>72. Uma vez que foi vencido por Timantes com a maioria dos votos em Samos com seu Ajax e a decisão sobre as armas, dizia, em nome do herói, que se ofendia por ter sido vencido por alguém</p>
--	---

buxo, docerentur recipereturque ars ea in primum gradum liberalium. semper quidem honos ei fuit, ut ingenui eam exercerent, mox ut honesti, perpetuo interdicto ne servitia docerentur. ideo neque in hac neque in toreutice ullius, qui servierit, opera celebrantur.

78. Clari et centesima septima olympiade exstiteret Aetion ac Therimachus. Aetionis sunt nobiles picturae Liber pater, item Tragoedia et Comoedia, Semiramis ex ancilla regnum apiscens, anus lampadas praeferebat et nova nupta verecundia notabilis.

79. Verum omnes prius genitos futurosque postea superavit Apelles. Cuius olympiade centesima duodecima. picturae plura solus prope quam ceteri omnes contulit, voluminibus etiam editis, quae doctrinam eam continent. praecipua eius in arte venustas fuit, cum eadem aetate maximi pictores essent; quorum opera cum admiraretur, omnibus conlaudatis deesse illam suam venerem dicebat, quam Graeci χάριτα vocant; cetera omnia contigisse, sed hac sola sibi neminem parem.

80. Et aliam gloriam usurpavit, cum Protogenis opus inmensi laboris ac curae supra modum anxiae miraretur; dixit enim omnia sibi cum illo paria esse aut illi meliora, sed uno se praestare, quod manum de tabula sciret tollere, memorabili praecepto nocere saepe nimiam diligentiam. fuit autem non minoris simplicitatis quam artis. Melanthio dispositione cedebat, Asclepiodoro de mensuris, hoc est quanto quid a quoque distare deberet.

81. Scitum inter Protogenem et eum quod accidit. ille Rhodi vivebat, quo cum Apelles adnavigasset, avidus cognoscendi opera eius fama tantum sibi cogniti, continuo officinam petiit. aberat ipse, sed tabulam amplae magnitudinis in machina aptatam una custodiebat anus. haec foris esse Protogenem respondit interrogavitque, a quo quaesitum diceret. ‘ab hoc’, inquit Apelles adreptoque penicillo lineam ex colore duxit summae tenuitatis per tabulam.

82. Et reverso Protogeni quae gesta erant anus indicavit. ferunt artificem protinus contemplatum subtilitatem dixisse Apellen venisse, non cadere in alium tam absolutum opus; ipsumque alio colore tenuiorem lineam in ipsa illa duxisse abeuntemque praecepisse, si redisset ille, ostenderet adiceretque hunc esse quem quaereret. atque ita evenit. revertit enim Apelles et vinci erubescens tertio colore lineas secuit nullum relinquens amplius subtilitatis locum.

83. At Protogenes victum se confessus in portum devolvit hospitem quaerens, placuitque sic eam tabulam posteris tradi omnium quidem, sed artificum praecipuo miraculo. consumptam eam priore incendio Caesaris domus in Palatio audio, spectatam nobis ante, spatiosae nihil aliud continentem quam lineas visum effugientes, inter

indigno una secunda vez. Pintou também cenas libidinosas em quadros menores, comprazendo-se com essa espécie de brincadeira atrevida.

73. Timantes foi um artífice de muitos engenhos. É dele a célebre Ifigênia tão elogiada por parte dos oradores, que teria pintado diante dos altares sacrificiais, prestes a morrer, e todos com semblantes de lamento, principalmente, seu tio; porque exaurida toda expressão da tristeza, cobriu a face de seu pai, a qual não pudera expor de modo digno.

74. Há também outros exemplos de seu talento, como, em uma tela muito pequena, o Ciclope dormindo; desejando bem exprimir sua grandeza, pintou, ao seu lado, os sátiros com um tirso medindo o tamanho de seu dedão. E é somente nas obras desse artífice que é percebido sempre mais do que aquilo que foi pintado, e, embora seja sua arte absoluta, ainda seu talento vai além dela. Pintou também um Herói de execução perfeita, tendo abarcado toda a arte de pintar figuras humanas, obra encontrada hoje em Roma, no Templo da Paz.

75. Nessa época, Euxínicas instruiu Aristides, artífice reconhecido, e Eupompo instruiu Pânfilo, preceptor de Apelles. É de Eupompo o Vitorioso em uma disputa de ginástica portando uma palma. Sua própria reputação foi tamanha, que teria dividido a pintura: antes dele havia apenas duas correntes, chamavam-nas Grega e Asiática, mas, depois dele, que era de Sícion, foi dividida a corrente Grega, sendo criadas três: a Jônica, a Siciônica e a Ática.

76. De Pânfilo é a Família, a Batalha de Fliunte e a Vitória dos atenienses bem como o Ulisses em seu barco. Nascido na Macedônia, mas foi o primeiro na pintura também instruído em todos os saberes, principalmente em aritmética e geometria, sem os quais dizia ser impossível que a arte atingisse a perfeição; não instruiu ninguém por um valor mais barato do que um talento, quinhentos denários anuais, preço que lhe pagaram Apelles e Melântio.

77. O que foi alcançado graças à sua reputação, primeiro em Sícion e depois em toda a Grécia, é que meninos livres fossem instruídos na arte de desenhar, isto é, da pintura em madeira de buxo, até então ignorada, e que fosse admitida essa arte como a primeira etapa das artes liberais. Na verdade, sempre possuiu a honra de ser exercida por homens livres e, depois, por pessoas de um certo nível, havendo sempre a proibição de que fossem ensinados os escravos, motivo pelo qual nem nessa arte nem na torêutica são elogiadas obras de qualquer um que o tenha sido.

78. Os famosos Aécion e Timarco também foram proeminentes na 107ª Olimpíada²¹⁴. São pinturas reconhecidas de Aécion o Pai Líbero bem como a Tragédia e a Comédia, Semíramis – a serva que

²¹⁴ 352-349 a.C.

egregia multorum opera inani similem et eo ipso allicientem omnique opere nobiliorem.

84. Apelli fuit alioqui perpetua consuetudo numquam tam occupatum diem agendi, ut non lineam ducendo exerceret artem, quod ab eo in proverbium venit. idem perfecta opera proponebat in pergula transeuntibus atque, ipse post tabulam latens, vitia quae notarentur auscultabat, vulgum diligentiorum iudicem quam se praeferebat;

85. Feruntque reprehensum a sutore, quod in crepidis una pauciores intus fecisset ansas, eodem postero die superbo emendatione pristinae admonitionis cavillante circa crus, indignatum prospexisse denuntiantem, ne supra crepidam sutor iudicaret, quod et ipsum in proverbium abiit. fuit enim et comitas illi, propter quam gratior Alexandro Magno frequenter in officinam ventitanti – nam, ut diximus, ab alio se pingi vetuerat edicto –, sed in officina imperite multa disserterent silentium comiter suadebat, rideri eum dicens a pueris, qui colores tererent.

86. Tantum erat auctoritati iuris in regem alioqui iracundum. quamquam Alexander honorem ei clarissimo perhibuit exemplo. namque cum dilectam sibi e pallacis suis praecipue, nomine Pancaspen, nudam pingi ob admirationem formae ab Apelle iussisset eumque, dum parat, captum amore sensisset, dono dedit ei, magnus animo, maior imperio sui nec minor hoc facto quam victoria alia, (87.) quia ipse se vicit, nec torum tantum suum, sed etiam adfectum donavit artifice, ne dilectae quidem respectu motus, cum modo regis ea fuisset, modo pictoris esset. sunt qui Venerem anadyomenen ab illo pictam exemplari putent. Apelles et in aemulis benignus Protogeni dignationem primus Rhodi constituit.

88. Sordebat suis, ut plerumque domestica, percontantique, quanti liceret opera effecta, parvum nescio quid dixerat, at ille quinquagenis talentis poposcit famamque dispersit, se emere, ut pro suis venderet. ea res concitavit Rhodios ad intellegendum artificem, nec nisi argentibus pretium cessit.

Imagines adeo similitudinis indiscretas pinxit, ut – incredibile dictu – Apio grammaticus scriptum reliquerit, quendam ex facie hominum divinantem, quos metoposcopos vocant, ex iis dixisse aut futurae mortis annos aut praeteritae vitae.

89. Non fuerat ei gratia in comitatu Alexandri cum Ptolemaeo, quo regnante Alexandriam vi tempestatis expulsus, subornato fraude aemulorum plano regio invitatus, ad cenam venit indignantique Ptolemaeo et vocatores suos ostendenti, ut diceret, a quo eorum invitatus esset, arrepto carbone extincto e foculo imaginem in pariete delineavit, agnoscente voltum plani rege inchoatum protinus.

alcançou o trono –, uma Senhora portando tochas e uma Recém casada, notável por sua timidez.

79. Mas foi Apeles de Cós, na 112ª Olimpíada²¹⁵, que superou todos os de gerações anteriores bem como futuras. Ele, sozinho, quase contribuiu mais à pintura do que todos os outros ao publicar também livros contendo suas doutrinas. Sua arte distinguiu-se pelo charme, embora também houvesse em sua época outros excelentes pintores; embora admirasse as obras deles, elogiando-as todas, dizia faltar a elas aquela beleza sua, a que os gregos chamam *charis*, graça; dizia que haviam alcançado todas as outras qualidades, mas, quanto a essa, especificamente, ninguém seria igual a ele.

80. E também reivindicou outra glória para si quando admirava um trabalho de imensa dedicação e de diligência extremamente meticulosa de Protógenes; disse que, em todos os aspectos, Protógenes era semelhante ou melhor do que ele, mas que o superava em algo: sabia quando tirar as mãos da pintura, preceito digno de lembrança sobre como o cuidado excessivo pode ser nocivo. E a franqueza de Apeles não foi menor do que seu talento. Concordava que era inferior a Melântio por seus arranjos e a Asclepiodoro quanto às mensuras, isto é, quanto deveria medir a distância entre duas coisas.

81. Um caso espirituoso ocorreu entre Protógenes e ele. Aquele vivia em Rodes, e, quando Apeles se dirigiu para lá, ávido por conhecer suas obras, conhecidas por ele apenas por sua fama, buscou imediatamente sua oficina. Ele não estava lá, mas uma velha senhora guardava um grande quadro, preso ao cavalete; ela respondeu-lhe que Protógenes estava ausente e perguntou por quem ela diria ter sido ele procurado. “Por este aqui”, disse Apeles após apanhar o pincel, e, com a tinta, traçou pela tela uma linha extremamente fina.

82. Após ter retornado, a senhora mostrou a Protógenes o que havia se passado. Dizem que, após observar continuamente sua finura, o artifice disse que era Apeles que tinha vindo, que não recaía a outro obra tão perfeita; traçou, então, sobre ela, uma linha ainda mais fina em outra cor e, ausentando-se, instruiu a senhora a mostrar o quadro, caso Apeles retornasse, e a acrescentar que “este aqui” era quem ele buscava. E assim foi. Ele retornou e, enrubescendo por ter sido derrotado, atravessou as linhas com uma terceira cor, não deixando nenhum espaço para maior finura.

83. Protógenes, tendo-se considerado vencido, apressou-se em direção ao porto em busca do visitante e, assim, decidiu que essa tela deveria ser transmitida à posteridade – obra extraordinária a todos, mas, em particular, a artífices. Antes admirada por todos nós, ouço dizer que foi consumida no primeiro incêndio na residência de César no Palatino; nada continha, em sua grande

²¹⁵ 332-329 a.C.

90. Pinxit et Antigoni regis imaginem altero lumine orbati primus excogitata ratione vitia condendi; obliquam namque fecit, ut, quod deerat corpori, picturae deesse potius videretur, tantumque eam partem a facie ostendit, quam totam poterat ostendere. sunt inter opera eius et exspirantium imagines. quae autem nobilissima sint, non est facile dictu.

91. Venerem exeuntem e mari divus Augustus dicavit in delubro patris Caesaris, quae anadyomene vocatur, versibus Graecis tali opere, dum laudatur, victo sed inlustrato. cuius inferiorem partem corruptam qui reficeret non potuit reperiri, verum ipsa iniuria cessit in gloriam artificis. consenuit haec tabula carie, aliamque pro ea substituit Nero in principatu suo Dorothei manu.

92. Apelles inchoaverat et aliam Venerem Coi, superaturus etiam illam suam priorem. invidit mors peracta parte, nec qui succederet operi ad praescripta liniamenta inventus est. pinxit et Alexandrum Magnum fulmen tenentem in templo Ephesiae Dianae viginti talentis auri. digiti eminere videntur et fulmen extra tabulam esse – legentes meminerint omnia ea quattuor coloribus facta; manipretium eius tabulae in nummo aureo mensura accepit, non numero.

93. Pinxit et megabyzi, sacerdotis Dianae Ephesiae, pompam, Clitum cum equo ad bellum festinantem, galeam poscenti armigerum porrigentem. Alexandrum et Philippum quotiens pinxerit, enumerare supervacuum est. mirantur eius Habronem Sami; Menandrum, regem Cariae, Rhodi, item Antaeum; Alexandreae Gorgosthenen tragoedum; Romae Castorem et Pollucem cum Victoria et Alexandro Magno, item Belli imaginem restrictis ad terga manibus, Alexandro in curru triumphante.

94. Quas utrasque tabulas divus Augustus in fori sui celeberrimis partibus dicaverat simplicitate moderata; divus Claudius pluris existimavit utrisque excisa Alexandri facie divi Augusti imagines addere. eiusdem arbitrantur manu esse et in Dianae templo Herculem aversum, ut, quod est difficillimum, faciem eius ostendat verius pictura quam promittat. pinxit et heroa nudum eaque pictura naturam ipsam provocavit.

95. Est et equus eius, sive fuit, pictus in certamine, quo iudicium ad mutas quadripedes provocavit ab hominibus. namque ambitu praevalere aemulos sentiens singulorum picturas inductis equis ostendit: Apellis tantum equo adhinnivere, idque et postea semper evenit, ut experimentum artis illud ostentaretur.

96. Fecit et Neoptolemum ex equo adversus Persas, Archelaum cum uxore et filia, Antigonum thoracatum cum equo incedentem. peritiores artis

superfície, além das linhas quase invisíveis, parecendo um quadro em branco em meio às obras distintas de muitos outros artífices, e, por isso mesmo, atraindo a atenção e sendo mais renomada do que todas as outras.

84. Era uma prática regular de Apeles dedicar-se à arte, nunca sendo tão ocupado um dia, que o passasse sem traçar uma linha, originando um provérbio²¹⁶. Ele também expunha suas obras terminadas em uma galeria aos passantes e, escondido atrás dos quadros, escutava os defeitos que eram apontados, considerando o povo um juiz mais diligente do que ele mesmo.

85. Dizem que foi repreendido por um sapateiro, pois teria feito uma a menos as alças nas sandálias; o sapateiro, no dia seguinte, orgulhoso pela correção da sugestão anterior, fazia críticas à perna, mas Apeles, indignado, ao vê-lo, retrucou-lhe para que ele, um sapateiro, nada apontasse além da sandália, o que também se transformou num provérbio²¹⁷. Apeles era muito afável, motivo pelo qual era muito caro a Alexandre, o Grande, que com frequência costumava ir à sua oficina, pois, como dissemos, por meio de um decreto, proibiu que fosse pintado por qualquer outro; lá, costumava falar muitas coisas sobre pintura, as quais não sabia com propriedade, e Apeles clamava gentilmente por silêncio, dizendo que ele era alvo de riso dos garotos que trituravam as tintas.

86. Tãmanha era a autoridade de Apeles sobre o rei que, normalmente, era irascível. Mas Alexandre concedeu a ele grande honra em um tão conhecido exemplo. Pois, como era particularmente cara a ele sua concubina favorita, de nome Pancaspe, mandou que fosse pintada nua por Apeles pela admiração que tinha por sua beleza; Alexandre percebeu que ele havia se apaixonado por ela enquanto obedecia ao pedido e concedeu-a a ele como um regalo, sendo grande por seu espírito e maior ainda por seu autocontrole, e não sendo menor esse fato do que qualquer outra vitória, (87.) pois, nesse caso, venceu a si mesmo e não apenas concedeu como concubina a sua, mas também concedeu seu afeto ao artífice, nem sequer comovido pela consideração de sua favorita, que, em um momento, havia sido concubina de um rei e, em outro, seria a de um pintor. Há aqueles que pensam ter sido a Vênus Anadiômene pintada por Apeles à sua semelhança. Ele, gentil para com seus êmulos, quem primeiro estabeleceu em Rodes a fama de Protógenes.

88. Este era desprezado pelos ródios, como comumente são as coisas locais, e, quando inquirido sobre quanto cobrava por umas obras terminadas, teria dito um pequeno valor que

²¹⁶ *Nulla dies sine linea*, “nenhum dia sem linha”.

²¹⁷ *Ne sutor ultra crepidam*, “que o sapateiro não vá além da sandália”. Provérbio também mencionado por Valério Máximo (8. 12, ext. 3).

praeferunt omnibus eius operibus eundem regem sedentem in equo et Dianam sacrificantium virginum choro mixtam, quibus vicisse Homeri versus videtur id ipsum describentis. pinxit et quae pingi non possunt, tonitrua, fulgetra fulguraque; Bronten, Astrapen et Ceraunobolian appellat.

97. Inventa eius et ceteris profuere in arte; unum imitari nemo potuit, quod absoluta opera atramento inlinebat ita tenui, ut id ipsum, cum repperis claritates colorum omnium excitaret custodiretque a pulvere et sordibus, ad manum intuenti demum appareret, sed et luminum ratione magna, ne claritas colorum aciem offenderet veluti per lapidem specularem intuentibus et e longinquo eadem res nimis floridis coloribus austeritatem occulte daret.

98. Aequalis eius fuit Aristides Thebanus. is omnium primus animus pinxit et sensus hominis expressit, quae vocant Graeci ἤθη, item perturbationes, durior paulo in coloribus. huius opera . . . oppido capto ad matris morientis ex vulnere mammam adrepens infans, intellegiturque sentire mater et timere, ne emortuo, lacte sanguinem lambat. quam tabulam Alexander Magnus transtulerat Pellam in patriam suam.

99. Idem pinxit proelium cum Persis, centum homines tabula ea complexus pactusque in singulos mnas denas a tyranno Elatensium Mnasone. pinxit et currentes quadrigas et supplicentem paene cum voce et venatores cum captura et Leontion Epicuri et anapauomenen propter fratris amorem, item Liberum et Ariadnen spectatos Romae in aede Cereris, tragoedum et puerum in Apollinis, (100.) cuius tabulae gratia interiit pictoris inscitia, cui tergendam eam mandaverat M. Iunius praetor sub die ludorum Apollinarium. spectata est et in aede Fidei in Capitolio senis cum lyra puerum docentis. pinxit et aegrum sine fine laudatum tantumque arte valuit, ut Attalus rex unam tabulam eius centum talentis emisse tradatur.

101. Simul, ut dictum est, et Protogenes floruit. patria ei Caunus, gentis Rhodiis subiectae. summa paupertas initio artisque summa intentio et ideo minor fertilitas. quis eum docuerit, non putant constare; quidam et naves pinxisse usque ad quinquagesimum annum; argumentum esse, quod cum Athenis celeberrimo loco Minervae delubri propylon pingeret, ubi fecit nobilem Paralum et Hammoniada, quam quidam Nausicaan vocant, adiecerit parvas naves longas in iis, quae pictores parergia appellant, ut appareret, a quibus initiis ad arcem ostentationis opera sua pervenissent.

102. Palmam habet tabularum eius Ialysus, qui est Romae dicatus in templo Pacis. cum pingeret eum, traditur madidis lupinis vixisse, quoniam sic simul et famem sustineret et sitim nec sensus nimia dulcedine obstrueret. huic picturae quater colorem induxit ceu tria subsidia iniuriae et vetustatis, ut decedente superiore inferior succederet. est in ea canis mire factus, ut quem pariter ars et casus

desconheço, mas Apeles requisitou cinquenta talentos e propagou um rumor de que comprava as obras para vendê-las como suas. Esse fato incentivou os ródios a estimarem o artífice, e Apeles não cedeu as obras senão com o aumento de seu valor. Pintou retratos a tal ponto indistinguíveis da realidade, que – o que é extraordinário – o gramático Ápio registrou que uma pessoa capaz de fazer previsões a partir da face, a qual é chamada *metoposcopus*, havia dito, a partir desses retratos, quantos anos de vida ainda restavam a alguém ou quantos já tinha vivido.

89. Na comitiva imperial de Alexandre, Apeles não simpatizava com Ptolomeu; quando este reinava, ele havia sido levado à Alexandria por força de uma tempestade e foi convidado a um jantar por um enganador próximo ao rei, que havia sido subornado devido à malignidade de seus êmulos; ele compareceu, e Ptolomeu, ofendendo-se, mostrou os encarregados dos convidados para que Apeles dissesse por qual deles havia sido chamado. Ele, então, pegou um pedaço de carvão queimado da lareira e fez um esboço do retrato em uma parede, tendo o rei reconhecido a face do enganador logo que havia começado.

90. Pintou também uma imagem do rei Antígono, que não possuía um dos olhos, sendo o primeiro a descobrir uma maneira de ocultar uma imperfeição; pois, na verdade, fez o retrato num ângulo de três quartos, para que, uma vez que estava ausente no corpo, parecesse também ausente na pintura, e expôs somente a parte do rosto que pudera expor por inteira. Encontram-se em meio às suas obras também imagens de pessoas à beira da morte. Contudo, não é fácil dizer quais obras seriam as mais famosas.

91. O divino Augusto dedicou uma Vênus saindo do mar no templo de seu pai, César, que é chamada Anadiômene, obra que teria sido superada ainda que exaltada pelos versos gregos. Não se pôde encontrar quem reparasse a parte inferior dela, que havia sido danificada, mas o dano resultou em maior fama para o artífice. Essa tela desgastou-se pela própria deterioração do tempo e Nero, durante seu principado, colocou outra em seu lugar, feita por Doroteu.

92. Apeles havia também começado uma outra Vênus em Cós, tendo superado até mesmo sua outra, anterior, mas a morte o invejou, tendo sido terminada apenas uma parte, e não foi encontrado quem o sucedesse na obra de acordo com os esboços traçados. Pintou também Alexandre, o Grande, portando um raio no templo de Diana Efésia por vinte talentos de ouro; seus dedos parecem projetar-se e o raio parece saltar para fora da tela – lembrem-se os leitores que essas obras foram feitas com apenas quatro cores. O artífice recebeu por ela um pagamento calculado em moedas de ouro equivalentes ao seu tamanho, não em número.

<p>pinxerit. non iudicabat se in eo exprimere spumam anhelantis, cum in reliqua parte omni, quod difficillimum erat, sibi ipse satisfecisset.</p> <p>103. Displicebat autem ars ipsa: nec minui poterat et videbatur nimia ac longius a veritate discedere, spumaque pingi, non ex ore nasci. anxio animi cruciatu, cum in pictura verum esse, non verisimile vellet, absterserat saepius mutaveratque penicillum, nullo modo sibi adprobans. postremo iratus arti, quod intellegeretur, spongeam inpegit in viso loco tabulae. et illa reposuit ablatos colores qualiter cura optaverat, fecitque in pictura fortuna naturam.</p> <p>104. Hoc exemplo eius similis et Nealcen successus spumae equi similiter spongea inpacta secutus dicitur, cum pingeret poppyzonta retinentem eum. ita Protogenes monstravit et fortunam.</p> <p>propter hunc Ialysum, ne cremaret tabulam, Demetrius rex, cum ab ea parte sola posset Rhodum capere, non incendit, parcentemque picturae fugit occasio victoriae.</p> <p>105. Erat tunc Protogenes in suburbano suo hortulo, hoc est Demetrii castris, neque interpellatus proeliis incohata opera intermisit omnino nisi accitus a rege, interrogatusque, qua fiducia extra muros ageret, respondit scire se cum Rhodiis illi bellum esse, non cum artibus. disposuit rex in tutelam eius stationes, gaudens quod manus servaret, quibus pepercerat, et, ne saepius avocaret, ultro ad eum venit hostis relictisque victoriae suae votis inter arma et murorum ictus spectavit artificem; sequiturque tabulam illius temporis haec fama, quod eam Protogenes sub gladio pinxerit: (106.) Satyrus hic est, quem anapauomenon vocant, ne quid desit temporis eius securitati, tenentem tibias.</p> <p>fecit et Cydippen et Tlepoleum, Philiscum, tragoediarum scriptorem, meditantem et athletam et Antigonum regem, matrem Aristotelis philosophi, qui ei suadebat, ut Alexandri Magni opera pingeret propter aeternitatem rerum; impetus animi et quaedam artis libido in haec potius eum tulere; novissime pinxit Alexandrum ac Pana. fecit et signa ex aere, ut diximus.</p> <p>107. Eadem aetate fuit Asclepiodorus, quem in symmetria mirabatur Apelles. huic Mnaso tyrannus pro duodecim diis dedit in singulos mnas tricenas, idemque Theomnesto in singulos heroas vicens.</p> <p>108. His adnumerari debet et Nicomachus, Aristidis filius ac discipulus. pinxit raptum Proserpinae, quae tabula fuit in Capitolio in Minervae delubro supra aediculam Iuventatis, et in eodem Capitolio, quam Plancus imperator posuerat, Victoria quadrigam in sublime rapiens. Ulixi primus addidit pilleum.</p>	<p>93. Pintou também uma Procissão de Megabizo, sacerdote de Diana em Éfeso, Clito com seu cavalo apressando-se rumo à batalha e um Escudeiro oferecendo um morrião a um outro implorando por um. Quantas vezes teria pintado Alexandre e Felipe é desnecessário dizer. Dele também são admirados o Hábron, em Samos, Menandro, rei da Cária, em Rodes, bem como Anteu, o ator trágico Gorgóstenes, em Alexandria, e, em Roma, seu Castor e Pólux com a Vitória e Alexandre, o Grande, além de uma imagem da Guerra com as mãos atadas às costas, com Alexandre celebrando o Triunfo em uma carruagem.</p> <p>94. O divino Augusto, com a devida simplicidade, havia dedicado essas duas obras em seu fórum nas áreas mais célebres. Já o imperador Cláudio achou devido remover a face de Alexandre das duas e adicionar a do divino Augusto. Julgam ser das mesmas mãos também o Hércules com o rosto virado, no templo de Diana, que – o que é difícilimo na pintura – mostra sua face de modo mais realista do que permitiria a imaginação. Pintou também uma tela de um Herói desnudo, que desafiou a própria natureza.</p> <p>95. Há, ou melhor, havia, um Cavalo seu, pintado em uma competição, em que apelou ao juízo dos tolos quadrúpedes em vez do dos humanos. Ao perceber que seus êmulos prevaleceriam às custas de suborno, expôs aos cavalos que haviam sido trazidos as pinturas de cada um, e eles relincharam apenas ao seu cavalo, o que ocorreu todas as vezes depois, sendo isso uma prova de seu talento artístico.</p> <p>96. Fez também Neoptólemo a cavalo contra os Persas, Arquelau com a esposa e a filha e Antígono armado com um peitoral marchando com seu cavalo. Os mais entendidos na arte preferem, entre todas as suas obras, o mesmo rei Antígono montado em seu cavalo e sua Diana em meio a um coro de virgens fazendo oferendas em sacrifício, com a qual parece ter superado os versos de Homero que descrevem esse mesmo episódio²¹⁸. Pintou ainda coisas que não admitem ser pintadas: trovões, relâmpagos e raios; chamam-se Brontes, <i>Astrape</i> e <i>Ceraunobolia</i>.</p> <p>97. Suas invenções, na pintura, também beneficiaram outros artífices, mas uma delas ninguém pôde imitar: espalhava sobre as obras terminadas uma camada tão fina de atramento, que, uma vez refletido, ressaltando brilho de todas as cores e protegendo-as da poeira e de sujeiras, fosse visível apenas a quem observasse de perto; com a proporção das luzes formidável, fazia com que o brilho das cores não ofendesse a visão, como se fossem observadas através de uma pedra especular, e também à distância, da mesma forma, com que fosse conferida, de modo imperceptível, certa sombra às cores demasiado vivas.</p>
--	--

²¹⁸ Hom., *Od.* 6.102-106.

<p>109. pinxit et Apollinem ac Dianam, deumque matrem in leone sedentem, item nobiles Bacchas obreptantibus Satyris, Scyllamque, quae nunc est Romae in templo Pacis. nec fuit alius in ea arte velocior. tradunt namque conduxisse pingendum ab Aristrato, Sicyoniorum tyranno, quod is faciebat Telesti poetae monumentum praefinito die, intra quem perageretur, nec multo ante venisse, tyranno in poenam accenso, paucisque diebus absolvisse et celeritate et arte mira.</p> <p>110. Discipulos habuit Aristonem fratrem et Aristiden filium et Philoxenum Eretrium, cuius tabula nullis postferenda, Cassandro regi picta, continuit Alexandri proelium cum Dario. idem pinxit et lasciviam, in qua tres Sileni comissantur. hic celeritatem praeceptoris secutus breviores etiamnum quasdam picturae compendiaras invenit.</p> <p>111. Adnumeratur his et Nicophanes, elegans ac concinnus ita, ut venustate ei pauci comparentur; cothurnus et gravitas artis multum a Zeuxide et Apelle abest. Apellis discipulus Perseus, ad quem de hac arte scripsit, huius fuerat aetatis. Aristidis Thebani discipuli fuerunt et filii Niceros et Ariston, cuius est Satyrus cum scypho coronatus, discipuli Antorides et Euphranor, de quo mox dicemus.</p>	<p>98. Foi contemporâneo seu Aristides de Tebas, o primeiro a pintar a alma e exprimir os sentimentos humanos, o que os gregos chamam <i>éthe</i>, caráter, bem como suas inquietações, embora fosse um pouco mais rígido quanto às cores. Obras suas são²¹⁹, em uma cidade tomada, uma Criança engatinhando ao seio de sua mãe, morrendo devido a um fermento, e percebe-se a mãe, sentindo e receando que, tendo seu leite já exaurido, ela lamba seu sangue. Alexandre, o Grande, havia levado esse quadro à Pela, local em que nasceu.</p> <p>99. Ele também pintou a Batalha com os Persas e contemplou, nessa tela, cem homens, tendo sido feito um acordo, pelo tirano Mnáson de Elateia, de dez minas por homem. Pintou também Quadrigas correndo, uma Suplicante que quase parecia falar, Caçadores com uma presa, a Leôncio de Epicuro e uma <i>Anapauomene</i>, “mulher repousando”, graças ao amor de seu irmão, bem como Líbero e Ariadne, vistos em Roma no templo de Ceres, o Ator trágico e o Menino no templo de Apolo, (100.) cuja graça perdeu-se pela inexperiência do artífice a quem o então pretor Marco Júnio havia confiado a obra para que fosse limpa logo antes do dia dos jogos Apolinários. Também foi admirada, no templo da Boa-Fé, no Capitólio, uma tela sua de um Velho com uma lira ensinando um menino. Pintou também uma de um Doente, sempre muito elogiado, e foi tão bem sucedido em sua habilidade artística, que, segundo contam, o rei Átalo comprou uma tela sua por cem talentos.</p> <p>101. No mesmo período, dizem, também Protógenes prosperou. Nasceu em Cauno, em um povoado dominado pelos ródios. A pobreza extrema, no princípio, e sua grande dedicação à arte levaram a uma menor produtividade. Acreditam não constar registro algum sobre quem o teria ensinado; alguns creem que pintou embarcações até seus cinquenta anos e que há evidências disso, pois quando pintava no mais célebre local em Atenas, o propileu do templo de Minerva, onde fez o nobre Páralo e as Amônias, as quais alguns chamam Nausicas, adicionou a eles pequeninos navios de guerra, que os pintores chamam “parergos”, para expor de onde haviam surgido suas obras, que alcançaram o auge da fama.</p> <p>102. De seus quadros, a melhor é o Iáliso, que se encontra em Roma, tendo sido dedicado no Templo da Paz. Quando o pintava, diz-se que viveu de tremoços postos de molho, uma vez que, assim, ao mesmo tempo suportaria fome e a sede e sua sensibilidade não seria obstruída pelo prazer excessivo. Empregou quatro camadas de cor nessa pintura para que fossem três proteções contra danos e contra o desgaste do tempo e, assim, uma vez removida uma camada superior, a inferior assumiria seu lugar. Nela, foi feito um cão</p>
---	---

²¹⁹ Trechos da oração parecem ter sido perdidos.

extraordinariamente, como se a habilidade artística e a sorte o tivessem executado em igual medida, pois Protógenes pensava não ter bem exprimido a espuma do cão ofegante, embora, em todo o restante, o que era difícilimo, tivesse ficado satisfeito consigo mesmo.

103. Mas a própria arte desagradava-lhe: não podia ser diminuída e julgava ser excessiva e ainda muito distante da verdade, como se a espuma fosse pintada, não surgida da própria boca. Angustiado pelo tormento de seu espírito, uma vez que queria que houvesse, em sua pintura, a verdade, não apenas verossimilhança, havia esfregado a pintura muitas vezes e mudado o pincel, nunca se contentando com seu trabalho. Finalmente, enraivecido com sua arte, pois ela seria entendida apenas pela inferência, lançou uma esponja contra a tela no local tão detestado. Ela, então, repôs as cores que haviam sido removidas exatamente como sua angústia o havia preferido, e o acaso reproduziu a natureza na pintura.

104. Parecido com esse exemplo, diz-se que o sucesso em representar a espuma de um cavalo foi alcançado por Nealces de modo semelhante, a partir de uma esponja lançada, quando pintava um Homem estalando a língua contendo o animal. Assim, Protógenes também demonstrou o acaso na pintura. Por causa do Iáliso, o rei Demétrio, para que não incinerasse a tela, uma vez que só poderia conquistar Rodes a partir dessa região, não a deflagrou, e a oportunidade da vitória escapou-lhe ao poupar a pintura.

105. Na ocasião, Protógenes estava em seu pequeno jardim próximo a Roma, isto é, no acampamento militar de Demétrio; não era interrompido pelos combates, nem suspendeu as obras que haviam sido começadas a não ser quando foi convocado pelo rei, e, ao ser interrogado com que confiança trabalhava ele fora dos muros, respondeu àquele que sabia ser a guerra contra os ródios, não contra as artes. O rei, então, dispôs postos para sua proteção, contente por manter a salvo aquelas mãos, que havia poupado; para que não o distraísse com mais frequência, de comum acordo, foi ele, o inimigo, até Protógenes e, abandonando seus desejos de vitória, entre as armas e ataques aos muros, assistiu ao artífice. Um rumor acompanha uma obra dessa época: que Protógenes tê-la-ia pintado sob a espada; (106.) este quadro é um Sátiro portando uma túbia, o qual chamam *Anapauomenos*, “em repouso”, para mostrar que nada faltava à sua segurança no momento. Fez também uma Cidipe, um Tlepólemo, um Filisco, ator de tragédias refletindo, um Atleta, um rei Antígono e a mãe do filósofo Aristóteles; este costumava-lhe aconselhar que pintasse obras de Alexandre, o Grande, pela eterna importância daqueles acontecimentos, mas sua alma impulsiva e um certo capricho artístico levaram-no mais a esses outros temas; por último,

	<p>pintou Alexandre e Pã. Fez também figuras em bronze, conforme dissemos.</p> <p>107. Foi dessa mesma época Asclepiodoro, admirado por Apeles por suas noções de proporção. O tirano Mnáson deu a ele, pela imagem dos Doze deuses, trezentas minas por cada bem como a Teomnesto vinte minas por cada herói em uma pintura.</p> <p>108. Entre esses, deve-se apontar também Nicômaco, filho e discípulo de Aristides. Ele pintou o rapto de Prosérpina, tela que esteve no Capitólio, no templo de Minerva, acima do santuário de Juventa, e, no mesmo Capitólio, obra que o general Planco havia colocado, há a Vitória correndo em uma quadriga às alturas. Foi ele o primeiro a acrescentar um píleo a Ulisses.</p> <p>109. Pintou ainda Apolo e Diana e a Mãe dos Deuses sentada em um leão além das célebres Bacantes, com os sátiros aproximando-se imperceptivelmente, e Cila, que agora se encontra em Roma, no Templo da Paz. E não houve outro mais veloz nessa arte: dizem que havia sido contratado para realizar uma pintura para um dia pré-estabelecido por Arístrato, tirano dos Siciônios, que fazia um monumento ao poeta Telestes; não tendo chegado muito antes da data, o tirano enfurecido quis puni-lo, mas ele terminou a obra em poucos dias e com uma rapidez e talento artístico admiráveis.</p> <p>110. Teve como discípulos seu irmão Aríston, seu filho Aristides e Filóxeno de Erétria, cuja obra pintada ao rei Cassandro, que representava a batalha de Alexandre contra Dario, é uma das mais estimadas. Pintou também uma cena de lascívia, na qual três Silenos festejam. Ao buscar reproduzir a rapidez de seu preceptor, inventou certos métodos de pintura ainda mais breves.</p> <p>111. Entre eles, há ainda Nicófanos, elegante e adequado de tal forma, que poucos se comparam a ele em graça, mas, quanto à tragicidade de estilo e seriedade da arte, muito se afasta de Zêuxis e Apeles. No mesmo período, Apeles teve como discípulo Perseu, a quem dedicou seus escritos sobre a arte da pintura. Foram discípulos de Aristides de Tebas seus filhos Níceros e Aríston, a quem pertence o Sátiro com uma coroa e um cálice, além de Antórides e Eufranor; a respeito deste falaremos logo mais.</p>
<p>XXXVII 112. Namque subtexi par est minoris picturae celebres in penicillo, e quibus fuit Piraicus arte paucis postferendus: proposito nescio an distinxerit se, quoniam humilia quidem secutus humilitatis tamen summam adeptus est gloriam. tonstrinas sutrinisque pinxit et asellos et obsonia ac similia, ob haec cognominatus rhyparographos, in iis consummatae voluptatis, quippe eae pluris veniere quam maximae multorum.</p> <p>113. E diverso Maeniana, inquit Varro, omnia operiebat Serapionis tabula sub Veteribus. hic</p>	<p>XXXVII 112. Pois é apropriado que sejam acrescentados também artífices célebres na prática de uma pintura menor, entre os quais houve Piraico, inferior a poucos quanto a talento artístico, mas não sei se quis diferenciar-se propositalmente por seu estilo: adotou temas baixos, mas alcançou sumo sucesso neste gênero de pintura. Pintou barbearias e sapatarias, pequenos asnos, alimentos e coisas semelhantes, graças aos quais foi chamado <i>rhyparographus</i>, “pintor de temas baixos”, casos esses em que foram levadas ao mais alto grau de</p>

scaenas optime pinxit, sed hominem pingere non potuit. contra Dionysius nihil aliud quam homines pinxit, ob id anthropographos cognominatus.

114. Parva et Callicles fecit, item Calates comicis tabellis, utraque Antiphilus. namque et Hesionam nobilem pinxit et Alexandrum ac Philippum cum Minerva, qui sunt in schola in Octaviae porticibus, et in Philippi Liberum patrem, Alexandrum puerum, Hippolytum tauro emisso expavescentem, in Pompeia vero Cadmum et Europen. idem iocoso nomine Gryllum deridiculi habitus pinxit, unde id genus picturae grylli vocantur. ipse in Aegypto natus didicit a Ctesidemo.

115. Decet non sileri et Ardeatis templi pictorem, praesertim civitate donatum ibi et carmine, quod est in ipsa pictura his versibus: Dignis dignu' loco picturis condecoravit reginae Iunonis supremi coniugis templum Plautius Marcus; cluet Asia lata esse oriundus, quem nunc et post semper ob artem hanc Ardea laudat, (116.) eaque sunt scripta antiquis litteris Latinis; non fraudando et S. Tadio divi Augusti aetate, qui primus instituit amoenissimam parietum picturam, villas et porticus ac topiaria opera, lucos, nemora, colles, piscinas, euripos, amnes, litora, qualia quis optaret, varias ibi obambulantium species aut navigantium terraque villas adeuntium asellis aut vehiculis, iam piscantes, aucupantes aut venantes aut etiam vindemiantes.

117. Sunt in eius exemplaribus nobiles palustri accessu villae, succollatis sponsione mulieribus labantes, trepidis quae feruntur, plurimae praeterea tales argutiae facetissimi salis. idem subdialibus maritimas urbes pingere instituit, blandissimo aspectu minimoque inpendio.

118. Sed nulla gloria artificum est nisi qui tabulas pinxere. eo venerabilior antiquitatis prudentia apparet. non enim parietes excolebant dominis tantum nec domos uno in loco mansuras, quae ex incendiis rapi non possent. casa Protogenes contentus erat in hortulo suo; nulla in Apellis tectoriis pictura erat. nondum libebat parietes totos tinguere; omnium eorum ars urbibus excubabat, pictorque res communis terrarum erat.

119. Fuit et Arellius Romae celebrer paulo ante divum Augustum, ni flagitio insigni corrupisset artem, semper ei lenocinans feminae, cuius amore flagraret, et ob id deas pingens, sed dilectarum imagine. itaque in pictura eius scorta numerabantur.

120. Fuit et nuper gravis ac severus idemque floridis tumidus pictor Famulus. huius erat Minerva spectantem spectans, quacumque aspiceretur. paucis diei horis pingebat, id quoque cum gravitate, quod semper togatus, quamquam in machinis. carcer eius artis domus aurea fuit, et ideo non extant exempla alia magnopere. post eum fuere in auctoritate Cornelius Pinus et Attius

deleite e, de fato, chegaram a um valor mais alto do que as maiores obras de muitos artífices.

113. Ainda, uma tela de Serapião, segundo Varrão, cobria todas as galerias de Mênio abaixo das Velhas lojas. Ele pintou cenários de modo sublime, mas não sabia como pintar pessoas. Ao contrário, Dionísio não pintou nada além de pessoas, e, por isso, foi chamado antropógrafo.

114. Cálicles também fez pequenas pinturas, assim como Calates, com seus quadrinhos cômicos; Antífilo ainda fez pinturas desses dois gêneros; pintou a famosa Hesíone e Alexandre e Felipe com Minerva, que se encontram na escola nos Pórticos de Octávia; no Pórtico de Filipo, há um Pai Líbero, um Alexandre menino e um Hipólito tomado pelo medo devido ao touro enviado contra ele, e, no de Pompeia, um Cadmo e Europa. Ele pintou também uma figura de nome “Grilo”, de aparência ridícula, a partir da qual passou a ser chamada essa espécie de pintura, “de Grilo”²²⁰. Ele nasceu no Egito e aprendeu o ofício de Ctesidemo.

115. É apropriado ainda não deixar de falar sobre o pintor do templo de Árdea, especialmente após ser agraciado com a cidadania no local bem como com uma inscrição, presente na própria pintura, com esses versos: “O Ilustre Marco Pláucio honrou, com pinturas dignas do local, o templo de Juno – rainha suprema dos matrimônios; diz-se ser oriundo da grande Ásia, o qual, hoje e para sempre, toda Árdea louva graças à sua arte”. (116.) Essas linhas foram escritas em letras latinas antigas. Para que também não seja privado de sua glória, há Espúrio Tádio na época do divino Augusto, quem primeiro originou a pintura graciosa de paredes com vilas, pórticos, jardins ornamentais, bosques sagrados, florestas, colinas, lagoas, canais, rios, litorais e o que quer que desejassem, com várias figuras de passantes, navegantes, pessoas na terra, indo rumo às vilas em asnos ou carruagens, e ainda pessoas pescando, apanhando pássaros, caçando ou colhendo uvas.

117. Há em seus trabalhos famosas vilas de acesso pantanoso, com mulheres agitadas que, prestes a cair, são levadas sobre os ombros em troca de algum pagamento, além de muitos outros gracejos humorísticos do tipo. Ele também originou a prática de pintar imagens de cidades litorâneas em terraços abertos, criando um efeito muito agradável e com custo mínimo.

118. Mas, entre os artífices, nenhuma glória é conferida aos que não tenham pintado tão somente telas, o que revela ser ainda mais respeitável o julgamento dos antigos. Pois eles não adornavam as paredes apenas aos senhores nem suas casas, que haveriam de permanecer no mesmo lugar e que não poderiam ser resgatadas de incêndios. Protógenes contentava-se com uma cabana em seu pequeno jardim; não havia nenhuma pintura nos

²²⁰ *Grylli*: representação cômica, caricatural (OLD, p. 778).

<p>Priscus, qui Honoris et Virtutis aedes Imperatori Vespasiano Augusto restituenti pinxerunt, Priscus antiquis similior.</p>	<p>estuques das paredes de Apeles. Ainda não havia o desejo de colorir paredes inteiras; a arte deles todos atentava-se às cidades, e o pintor era um bem comum a todo mundo.</p> <p>119. Foi também célebre, em Roma, Arélio, pouco antes do divino Augusto, mas corrompeu a arte com uma afronta notória: sempre lisonjeava qualquer moça por quem se apaixonasse e, por isso, pintava deusas à imagem de suas amadas. Assim, eram reconhecidas inúmeras meretrizes em suas pinturas.</p> <p>120. Houve ainda o pintor Fâmulo, há não tanto tempo, sério e severo, mas também atraído pelos floreios. Era dele a Minerva que mirava seu espectador de qualquer ângulo que fosse admirada. Pintava durante poucas horas por dia, isso também com seriedade, pois estava sempre vestindo uma toga ainda que sobre os cavaletes. O local que encerrava sua arte era a Casa Áurea e, por isso, não se destacam tanto outros exemplos de obras suas. Depois dele, obtiveram relevância Cornélio Pino e Átio Prisco, que pintaram os templos da Honra e da Virtude quando eram reformados pelo imperador Vespasiano Augusto, sendo Prisco mais semelhante aos antigos em estilo.</p>
<p>XXXVIII 121. Non est omittenda in pictura mentione celebris circa Lepidum fabula, siquidem in triumphatu quodam loco deductus a magistratibus in nemorosum hospitium minaciter cum iis postero die expostulavit somnum ademptum sibi volucrum contentu; at illi draconem in longissima membrana depictum circumdedere luco, eoque terrore aves tunc siluisse narratur et postea posse compesci.</p>	<p>XXXVIII 121. Não se deve deixar de mencionar, na pintura, a famosa história sobre Lépido, uma vez que, durante o triunvirato, após ser conduzido pelos magistrados de um determinado local, a um alojamento coberto por florestas, discutiu com eles em tom ameaçador no dia seguinte por ter sido privado de seu sono pela sinfonia dos pássaros; mas eles posicionaram ao redor de um tronco, um longuíssimo papiro com uma serpente pintada, e conta-se que as aves se mantiveram em silêncio pelo pavor provocado, podendo, então, ser controladas.</p>
<p>XXXIX 122. Ceris pingere ac picturam inurere quis primus excogitaverit, non constat. quidam Aristidis inventum putant, postea consummatum a Praxitele; sed aliquanto vetustiores encaustae picturae exstiterent, ut Polygnoti et Nicanoris, Mnesilai Pariorum. Elasippus quoque Aeginae picturae suae inscripsit ἐνέκαεν, quod profecto non fecisset nisi encaustica inventa.</p>	<p>XXXIX 122. Não se sabe quem primeiro inventou a prática de pintar com ceras e gravar pelo fogo uma pintura. Alguns acreditam ter sido inventada por Aristides e aperfeiçoada mais tarde por Praxíteles, mas existiram pinturas encáusticas um tanto mais antigas, como as de Polignoto, de Nicanor e de Mnasilo de Paros. Também Elasipto de Egina inscreveu em uma pintura sua “<i>enēkaen</i>”, “pintada em encáustica”, o que certamente não faria não tivesse sido já inventada a encáustica.</p>
<p>XL 123. Pamphilus quoque, Apellis praeceptor, non pinxisse solum encausta, sed etiam docuisse traditur Pausian Sicyonium, primum in hoc genere nobilem. Bryetis filius hic fuit eiusdemque primo discipulus. pinxit et ipse penicillo parietes Thespiis, cum reficerentur quondam a Polygnoto picti, multumque comparatione superatus existimabatur, quoniam non suo genere certasset.</p> <p>124. Idem et lacunaria primus pingere instituit, nec camaras ante eum taliter adornari mos fuit; parvas pingebat tabellas maximeque pueros. hoc aemuli interpretabantur facere eum, quoniam tarda picturae ratio esset illi. quam ob rem daturus ei</p>	<p>XL 123. Pânfilo, preceptor de Apeles, não apenas pintara em encáustica, mas, ainda, conta-se que instruiu Páusias de Sícion, o primeiro reconhecido neste gênero de pintura. Este era filho de Briete e foi, no começo, discípulo dele. Também pintou com pincel algumas paredes em Téspias, quando eram reformadas pinturas antes feitas por Polignoto, e, ainda que superado pelo primeiro, em comparação a ele, era reconhecido, uma vez que havia competido em um estilo de pintura que sequer era o seu.</p> <p>124. Páusias também foi o primeiro a estabelecer a pintura de lacunários, e não era habitual decorar</p>

celeritatis famam absolvit uno die tabellam quae vocata est hemeresios, puero picto.

125. Amavit in iuventa Glyceram municipem suam, inventricem coronarum, certoque imitatione eius ad numerosissimam florum varietatem perduxit artem illam. postremo pinxit et ipsam sedentem cum corona, quae e nobilissimis tabula est, appellata stephanoplocos, ab aliis stephanopolis, quoniam Glycera venditanda coronas sustentaverat paupertatem. huius tabulae exemplar, quod apographon vocant, L. Lucullus duobus talentis emit . . . Dionysius Athenis.

126. Pausias autem fecit et grandes tabulas, sicut spectatam in Pompei porticu boum immolationem. eam primus invenit picturam, quam postea imitati sunt multi, aequavit nemo. ante omnia, cum longitudinem bovis ostendi vellet, adversum eum pinxit, non traversum, et abunde intellegitur amplitudo.

127. Dein, cum omnes, quae volunt eminentia videri, candicanti faciant colore, quae condunt, nigro, hic totum bovem atri coloris fecit umbraeque corpus ex ipsa dedit, magna prorsus arte in aequo extantia ostendente et in confracto solida omnia. Sicyone et hic vitam egit, diuque illa fuit patria picturae. tabulas inde e publico omnes propter aes alienum civitatis addictas Scauri aedilitas Romam transtulit.

128. Post eum eminuit longe ante omnes Euphranor Isthmius olympiade CIII, idem qui inter fectores dictus est nobis. fecit et colossos et marmorea et typos scalpsit, docilis ac laboriosus ante omnes et in quocumque genere excellens ac sibi aequalis. hic primus videtur expressisse dignitates heroum et usurpasse symmetriam, sed fuit in universitate corporum exilior et capitibus articulisque grandior.

129. Volumina quoque composuit de symmetria et coloribus. opera eius sunt equestre proelium, XII dei, Theseus, in quod dixit eundem apud Parrhasium rosa pastum esse, suum vero carne. nobilis eius tabula Ephesi est, Ulixes simulata insania bovem cum equo iungens et palliati cogitantes, dux gladium condens.

130. Eodem tempore fuere Cydias, cuius tabulam Argonautas HS CXXXVIII Hortensius orator mercatus est eique aedem fecit in Tusculano suo, Euphranoris autem discipulus Antidotus. huius est clipeo dimicans Athenis et luctator tubicenque inter pauca laudatus. ipse diligentior quam numerosior et in coloribus severus maxime inclaruit discipulo Nicia Atheniense, qui diligentissime mulieres pinxit.

131. Lumen et umbras custodit atque ut eminenter e tabulis picturae maxime curavit. operum eius Nemea advecta ex Asia Romam a Silano, quam in curia diximus positam, item Liber pater in Aede

desse modo as galerias arqueadas antes dele; costumava pintar pequenos quadros e especialmente crianças, e seus êmulos acreditavam que ele fazia isso porque era lento seu processo de pintura. Por esse motivo, foi concedida a ele a fama por sua rapidez após completar, em um dia, um pequeno quadro, em que foi pintado um menino, o qual foi chamado *hemeresios*, “de um dia”.

125. Na juventude, apaixonou-se por Glicera, conterrânea sua, que inventou as guirlandas, e, rivalizando com ela, desenvolveu a pintura encáustica para representar a enorme variedade de flores. Finalmente, ele também a pintou sentada com uma grinalda, quadro que se encontra entre os mais ilustres, chamado por uns *Stephanoplocos*, “Trançadora de grinaldas”, ou *Stephanopolis*, “Vendedora de grinaldas”, por outros, pois Glicera havia suportado a pobreza buscando vender suas grinaldas. Lúcio Luculo comprou uma cópia deste quadro, que chamam apógrafo, por dois talentos; Dionísio fê-la em Atenas.

126. Mas Páusias fez também grandes quadros, como o que podia ser visto no Pórtico de Pompeia – o Sacrifício dos bois. Foi ele o primeiro a inventar uma técnica de pintura que muitos imitaram depois, ninguém igualando-se a ele. O principal é que, embora quisesse mostrar o comprimento do boi, pintou-o de frente, não de lado, e sua extensão é plenamente percebida.

127. Em seguida, enquanto todos os pintores fazem tudo que querem que seja visto em projeção com uma cor mais branca e tudo que querem suprimir com uma cor preta, ele fez todo o boi em preto e conferiu dimensão à sombra a partir dela mesma, com uma habilidade absolutamente formidável, ao destacar o relevo em apenas um plano do quadro e mostrar toda a massa sólida ao confrangê-lo²²¹. Ele passou toda a vida em Sícion, e esta foi por muito tempo a pátria da pintura. Escauro, quando edil, transportou à Roma todas as telas públicas de lá, que haviam sido vendidas por causa da dívida da cidade.

128. Depois dele, Eufranor de Istmo destacou-se muito antes de todos, durante a 104ª Olimpíada²²²; ele foi mencionado por nós entre os escultores, tendo feito também colossos e figuras em mármore e gravado baixos-relevos. Hábil e muito dedicado ao trabalho, sobressaiu-se em todos os gêneros da arte, mantendo sempre o mesmo nível. Parece ter sido o primeiro a exprimir a nobreza dos heróis e a empregar adequadamente as proporções, mas foi demasiado fraco quanto ao aspecto de inteireza dos corpos e excessivo quanto ao tamanho das cabeças e membros menores.

129. Também escreveu volumes sobre proporção e cores. São obras suas a Batalha equestre, os Doze deuses e Teseu – sobre esse, disse ter sido o feito

²²¹ Sobre a pintura de Páusias e a técnica do “*spezzettamento*”, cf. Ferri, 1942, p. 111.

²²² 364-361 a.C.

Concordiae, Hyacinthus, quem Caesar Augustus delectatus eo secum deportavit Alexandria capta, et ob id Tiberius Caesar in templo eius dicavit hanc tabulam et Danae, Ephesi vero est megabyzi, (132.) sacerdotis Ephesiae Dianae, sepulchrum, Athenis necyomantea Homeri. hanc vendere Attalo regi noluit talentis LX potiusque patriae suae donavit abundans opibus. fecit et grandes picturas, in quibus sunt Calypso et Io et Andromeda; Alexander quoque in Pompei porticibus praecellens et Calypso sedens huic eidem adscribuntur.

133. Quadripedum prosperrime canes expressit. hic est Nicias, de quo dicebat Praxiteles interrogatus, quae maxime opera sua probaret in marmoribus: quibus Nicias manum admovisset; tantum circumlitioni eius tribuebat. non satis discernitur, alium eodem nomine an hunc eundem quidam faciunt olympiade CXII.

134. Niciae comparatur et aliquando praefertur Athenion Maronites, Glaucionis Corinthii discipulus, austerior colore et in austeritate iucundior, ut in ipsa pictura eruditio eluceat. pinxit in templo Eleusine phylarchum et Athenis frequentiam, quam vocavere syngenicon, item Achillem virginis habitu occultatum Ulixem dependente et in una tabula VI signa, quae maxime inclaruit, agasonem cum equo. quod nisi in iuventa obiisset, nemo compararetur.

135. Est nomen et Heraclidi Macedoni. initio naves pinxit captoque Perseo rege Athenas commigravit. ubi eodem tempore erat Metrodorus, pictor idemque philosophus, in utraque scientia magnae auctoritatis. itaque cum L. Paulus devicto Perseo petiisset ab Atheniensibus, ut ii sibi quam probatissimum philosophum mitterent ad erudiendos liberos, item pictorem ad triumphum excolendum, Athenienses Metrodorum elegerunt, professi eundem in utroque desiderio praestantissimum, quod ita Paulus quoque iudicavit.

136. Timomachus Byzantius Caesaris dictatoris aetate Aiace et Mediam pinxit, ab eo in Veneris Genetricis aede positas, LXXX talentis venundatas. talentum Atticum $\frac{1}{16}$ taxat M. Varro. Timomachi aequae laudantur Orestes, Iphigenia in Tauris et Lecythion, agilitatis exercitator, cognatio mobilium, palliati, quos dicturos pinxit, alterum stantem, alterum sedentem. praecipue tamen ars ei fuisse in Gorgone visa est.

137. Pausiae filius et discipulus Aristolaus e severissimis pictoribus fuit, cuius sunt Epaminondas, Pericles, Media, Virtus, Theseus, imago Atticae plebis, boum immolatio. Sunt quibus et Nicophanes, eiusdem Pausiae discipulus, placeat diligentia, quam intellegant soli artifices, alias durus in coloribus et sile multus. nam Socrates iure omnibus placet; tales sunt eius cum

por Parrásio alimentado com rosas, enquanto o seu teria sido alimentado com carne. Uma famosa tela sua encontra-se em Éfeso: Ulisses, uma vez fingida sua loucura, unindo um boi a um cavalo, com outros homens vestidos com um pálio refletindo e o Comandante embainhando sua espada.

130. Nesse mesmo período, houve Cídias, de quem o orador Hortênsio adquiriu uma tela – os Argonautas – por cento e quarenta e quatro mil sestércios e a ela erigiu um templo em sua vila tusculana. Houve ainda Antídoto, discípulo de Eufranor. Dele são o Combatente com o escudo, em Atenas, e o Lutador e o Trombeteiro, especialmente elogiado; mais diligente do que prolífero e rigoroso quanto ao emprego das cores, tornou-se famoso principalmente por seu discípulo, Nícias, de Atenas, quem com mais diligência pintou mulheres.

131. Nícias foi cuidadoso em relação à luz e às sombras e em fazer com que suas pinturas se projetassem ao máximo para fora das telas. Obras suas são uma Némea, levada da Ásia até Roma por Silano, a qual dissemos que foi posta na cúria, o Pai Líbero no templo da Concórdia, um Jacinto – o qual César Augusto, encantado, levou consigo após a tomada de Alexandria, e, por isso, Tibério César dedicou-o no Templo de Augusto –, e Dânae; em Éfeso, fez o túmulo de Megabizo, (132.) sacerdote de Diana de Éfeso, e, em Atenas, a Neciomancia de Homero. Esta obra preferiu não vender ao rei Átalo por sessenta talentos, mas dá-la à sua cidade natal, uma vez que já possuía muitas riquezas. Fez também grandes pinturas, entre as quais estão Calipso, uma Io e uma Andrômeda; também o Alexandre, nos Pórticos em Pompeia, eminente, e uma Calipso sentada são atribuídos a ele.

133. Quanto a animais, foi excelente representando cães. Este é o Nícias, a respeito do qual Praxíteles dizia, quando questionado sobre quais obras suas em mármore mais apreciaria: “todas aquelas nas quais Nícias tivesse tocado a mão”, tamanha consideração tinha por sua pintura de estátuas. Não se sabe ao certo se é outro de mesmo nome ou esse Nícias que alguns atribuem à 112ª Olimpíada²²³.

134. Atênion de Maroneia é comparado, e de vez em quando preferido, a Nícias, sendo um discípulo de Gláucio de Corinto, mais sóbrio quanto ao emprego de cor, mas mais agradável em sua sobriedade, de modo que seu conhecimento na arte é manifestado pela própria pintura. Fez um Chefe de cavalaria no templo em Elêusis e, em Atenas, um grupo de vários familiares, que chamaram “singênico”, assim como Aquiles disfarçado, em vestes de virgem, sendo descoberto por Ulisses, e, em uma única tela, seis figuras bem como um Cavaliário com um cavalo pelo qual tornou-se

²²³ 332-329 a.C.

Aesculapio filiae Hygia, Aegle, Panacea, Iaso et piger, qui appellatur Ocnos, spartum torquens, quod asellus adrodit.

138. Hactenus indicatis proceribus in utroque genere non silebuntur et primis proximi: Aristoclides, qui pinxit aedem Apollinis Delphis. Antiphilus puero ignem conflante laudatur ac pulchra alias domo splendescente ipsiusque pueri ore, item lanificio, in quo properant omnium mulierum pensa, Ptolemaeo venante, sed nobilissimo Satyro cum pelle pantherina, quem aposcopeuonta appellant, Aristophon Ancaeo vulnerato ab apro cum socia doloris Astypale numerosaque tabula, in qua sunt Priamus, Helena, Credulitas, Ulixes, Deiphobus, Dolus.

139. Androbios pinxit Scyllum ancoras praecedentem Persicae classis, Artemon Danaen mirantibus eam praedonibus, reginam Stratonicen, Herculem et Deianiram, nobilissimas autem, quae sunt in Octaviae operibus, Herculem ab Oeta monte Doridos exusta mortalitate consensu deorum in caelum euntem, Laomedontis circa Herculem et Neptunum historiam; Alcimachus Dioxippum, qui pancratio Olympiae citra pulveris iactum, quod vocant ἄκοντρί, vicit; Coenus stemmata.

140. Ctesilochus, Apellis discipulus, petulanti pictura innotuit, Iove Liberum parturiente depicto mitrato et muliebriter ingemescente inter obstetricia dearum, Cleon Cadmo, Ctesidemus Oechaliae expugnatione, Laodamia, Ctesicles reginae Stratonices iniuria. nullo enim honore exceptus ab ea pinxit volutantem cum piscatore, quem reginam amare sermo erat, eamque tabulam in portu Ephesi proposuit, ipse velis raptus. regina tolli vetuit, utriusque similitudine mire expressa. Cratinus comoedos Athenis in pompeo pinxit; Eutyichides bigam: regit Victoria.

141. Eudorus scaena spectatur – idem et ex aere signa fecit –, Hippys Neptuno et Victoria. Habron amicitiam et Concordiam pinxit et deorum simulacra, Leontiscus Aratum victorem cum tropaeo, psaltriam, Leon Sappho, Nearchus Venerem inter Gratias et Cupidines, Herculem tristem insaniae paenitentia, Nealces Venerem, (142.) ingeniosus et sollers, . . . ime siquidem, cum proelium navale Persarum et Aegyptiorum pinxisset, quod in Nilo cuius est aqua maris similis factum volebat intellegi, argumento declaravit quod arte non poterat: asellum enim bibentem in litore pinxit et crocodilum insidiantem ei;

143. Oenias syngenicon, Philiscus officinam pictoris ignem conflante puero, Phalerion Scyllum, Simonides Agatharchum et Mnemosynen, Simus iuvenem requiescentem, officinam fullonis quinquatrus celebrantem, (144.) idemque Nemesin egregiam, Theorus se inungentem, idem ab Oreste matrem et Aegisthum interfici, bellumque Iliacum pluribus tabulis, quod est Romae in Philippi poriticibus, et Cassandram, quae est in Concordiae

muito famoso. Não tivesse morrido ainda na juventude, ninguém se compararia a ele.

135. Heraclides da Macedônia é também alguém de renome. No princípio, pintou embarcações, mas, após a captura do rei Perseu, migrou para Atenas. Lá, nesse mesmo período, havia Metrodoro, pintor e também filósofo, tendo a mais alta reputação em ambas as ciências. E assim, quando Lúcio Paulo, após a derrota de Perseu, dirigiu-se aos Atenienses para que lhe enviassem o filósofo mais recomendado para instruir seus filhos bem como um pintor para enobrecer seu triunfo, os atenienses escolheram Metrodoro, declarando, publicamente, ser ele o melhor em ambos os requisitos, e Paulo também concordou com eles.

136. Timômaco de Bizâncio pintou Ajax e Medeia na época do ditador César, postos por ele no templo de Vênus Genetrix, comprados por oitenta talentos. Marco Varrão estima um talento ático em seis mil denários. São igualmente elogiados de Timômaco seu Orestes, Ifigênia na Táurica, Lecítion, mestre de ginástica, sua Família de nobres e seus Dois homens vestidos com pálios prestes a dizerem algo, um em pé e o outro sentado. Mas sua habilidade artística em sua Gorgo, em especial, parece tê-lo favorecido.

137. Filho de Páusias e seu discípulo, Aristolau foi dos mais severos pintores, sendo dele o Epaminondas, Péricles, Medeia, a Virtude, Teseu, uma imagem representando o Povo ático e o Sacrifício do boi. Em meio a esses, há também Nicófanes, discípulo de Páusias, que agrada por seu cuidado, que somente é percebido por artífices, embora seja um tanto rígido quanto à aplicação das cores e excessivo na aplicação de ocre amarelo. Em relação a Sócrates, legitimamente agrada a todos; pertencem a ele os ilustres Esculápio e suas filhas Hígia, Egle, Panaceia e Iaso e seu Preguiçoso, chamado Ocnos, torcendo um esparto que é mordiscado por um asno.

138. Uma vez indicados até aqui os mestres em cada gênero de pintura, não deixarão de ser mencionados também os seguintes aos principais: Aristoclides pintou o templo de Apolo em Delfos; Antífilo é elogiado por seu Menino acendendo o fogo e pelo edifício, belo, por um lado, mas que se torna brilhante pela luminosidade do próprio fogo e pela face do menino, assim como por seu Lanificio, em que rapidamente se movem as tramas de todas as mulheres, por seu Ptolomeu caçando, e, principalmente, por seu Sátiro, o mais reconhecido, com uma pele de pantera, o qual chamam *aposcopeuon*, “olhando algo à distância”; Aristofonte é elogiado por seu Alceu ferido por um javali com Astípale compartilhando de sua dor e por sua pintura com inúmeras pessoas, entre as quais se encontram Príamo, Helena, a Credulidade, Ulisses, Deífobo e Dolo.

139. Andróbio pintou um Cília cortando as âncoras da frota pérsica, Ártemon, uma Dânae sendo

<p>delubro, Leontium Epicuri cogitantem, Demetrium regem, Theon Orestis insaniam, Thamyram citharoedum, Tauriscus discobolum, Clytaemestram, Paniscon, Polynicen regnum repetentem et Capanea.</p> <p>145. Non omittetur inter hos insigne exemplum. namque Erigonus, tritor colorum Nealcae pictoris, in tantum ipse profecit, ut celebrem etiam discipulum reliquerit Pasiam, fratrem Aeginetae pictoris. illud vero perquam rarum ac memoria dignum est, suprema opera artificum imperfectasque tabulas, sicut Irim Aristidis, Tyndaridas Nicomachi, Mediam Timomachi et quam diximus Venerem Apellis, in maiore admiratione esse quam perfecta, quippe in iis liniamenta reliqua ipsa eque cogitationes artificum spectantur, atque in lenocinio commendationis dolor est manus, cum id ageret, exstinctae.</p> <p>146. Sunt etiamnum non ignobiles quidem, in transcurso tamen dicendi Aristocydes, Anaxander, Aristobulus Syrus, Arcesilas, Tisicratis filius, Coroebus, Nicomachi discipulus, Charmantides Euphranoris, Dionysodorus Colophonius, Dicaeogenes, qui cum Demeterio rege vixit, Euthymides, Heraclides Macedo, Milon Soleus, Pyromachi statuarii discipuli, Mnasitheus Sicyonius, Mnasitimus, Aristonidae filius et discipulus, Nessus, Habronis filius, Polemon Alexandrinus, Theodorus Samius et Stadios, Nicosthenis discipuli, Xenon, Neoclis discipulus, Sicyonius.</p> <p>147. Pinxere et mulieres: Timarete, Miconis filia, Dianam, quae in tabula Ephesi est antiquissimae picturae; Irene, Cratini pictoris filia et discipula, puellam, quae est Eleusine, Calypso, senem et praestigiatores Theodorum, Alcisthenen saltatorem; Aristarete, Nearchi filia et discipula, Aesculapium. Iaia Cyzicena, perpetua virgo, M. Varronis iuventa Romae et penicillo pinxit et cestro in ebore imagines mulierum maxime et Neapoli anum in grandi tabula, suam quoque imaginem ad speculum.</p> <p>148. Nec ullius velocius in pictura manus fuit, artis vero tantum, ut multum manipretis antecederet celeberrimos eadem aetate imaginum pictores Sopolim et Dionysium, quorum tabulae pinacothecas implent. pinxit et quaedam Olympias, de qua hoc solum memoratur, discipulum eius fuisse Autobulum.</p>	<p>observada por ladrões, uma rainha Estratonice e Hércules e Dejanira, mas as mais renomadas entre suas obras encontram-se nos prédios de Octávia: Hércules ascendendo ao céu a partir do monte Eta, na Dórida, por unanimidade entre os deuses, após consumida pelo fogo sua existência mortal e a História de Laomedonte, Hércules e Netuno; Alcímaco pintou Dioxipo, que venceu em um pancrácio em Olímpia sem ter sido levantado o mínimo de poeira, o qual chamam <i>akoniti</i>, “sem esforço”; Ceno pintou árvores genealógicas.</p> <p>140. Ctesíloco, discípulo de Apeles, tornou-se conhecido por sua pintura impudente, sendo Júpiter representado parindo Liber, vestindo um turbante e gemendo como uma mulher em meio às deusas parteiras; Cleon, por seu Cadmo; Ctesidemo, por sua expugnação de Ecália e por sua Laodamia, e Ctésicles, pela afronta à rainha Estratonice, uma vez que, após ter sido recebido por ela sem nenhuma honra, pintou-a revirando-se com um pescador por quem, segundo o rumor, ela estaria apaixonada, e expôs esta tela no Porto em Éfeso, após ter zarpado de barco. A rainha proibiu que fosse removida a pintura, pois havia sido maravilhosamente bem exprimida a semelhança dos dois. Ademais, Cratino pintou atores cômicos no <i>Pompeion</i> de Atenas²²⁴ e Eutíquides fez uma biga conduzida pela Vitória.</p> <p>141. Eudoro, que também fez estátuas em bronze, é estimado por seu palco em um teatro, e Hípis o é por seu Netuno e sua Vitória. Abrônio pintou a Amizade e a Concórdia bem como simulacros de deuses, Leontisco, um Arato vitorioso com um troféu e uma Tocadora de cítara, Léon, uma Safo, Nearco, uma Vênus em meio às Graças e Cupidos e um Hércules triste pelo pesar da loucura e Nealces fez uma Vênus. (142.) Este era engenhoso e habilidoso, uma vez que, quando pintava a batalha naval dos persas e egípcios, como queria dar a entender que essa teria ocorrido no Nilo, cujo leito é semelhante ao mar, representou figuradamente o que não podia representar por meio de sua arte: pintou um asno bebendo na margem e um crocodilo espreitando-o²²⁵.</p> <p>143. Ênias pintou outro grupo de familiares, Filisco, uma Oficina de um pintor com um menino acendendo o fogo, Falérion, um Sila, Simônides, um Agatarco e uma Mnemósine, Simo, um Jovem repousando, uma Oficina de um pisoeiro</p>
---	---

²²⁴ *Pompeum*: espécie de armazém em que era guardado o aparato usado em eventos processionais; também era o local de onde partiam esses eventos (OLD, p. 1399).

²²⁵ A pintura de um asno e de um crocodilo para representar a batalha naval entre os persas e egípcios poderia apontar para uma das batalhas de Artaxerxes III Oco (358-337 a.C.) em torno de 350 a.C. contra o Egito, visto que o rei teria sido associado ao deus Seth, cuja reprodução imagética pode estar relacionada à figura de um asno, tendo-lhe sido atribuído o apelido de “asno” entre os egípcios. Segundo Münzer, opiniões populares do inimigo como relacionado a Seth Tifão, representado em forma de asno, fizeram com que fosse atribuído a ele o apelido de “asno” entre os egípcios, e, entre os gregos, propagou-se o trocadilho *Okhos / ónos* (ὄνος-ὄνος). A alusão introduzida por Nealces na pintura teria sido óbvia e direta a seus contemporâneos, embora, posteriormente, seu significado tenha sido esquecido (Münzer, 1895, p. 532 in Jex-Blake; Sellers, 1896, p. 166).

	<p>celebrando os Quinquatros²²⁶ (144.) bem como uma extraordinária Nêmesis. Teoro pintou um Homem unguendo-se assim como a Mãe e Egisto sendo mortos por Orestes, a Guerra de Tróia, em inúmeros quadros, que se encontram em Roma, nos Pórticos de Filipo, uma Cassandra, que se encontra no templo da Concórdia, uma Leôncio – acompanhante de Epicuro – meditando sobre algo e um rei Demétrio; Teão, uma Loucura de Orestes e um Tâmiras – o tocador de cítara; Taurisco, um discóbolo, Clitemnestra, um pequeno Pã, um Polinices retomando o reino e um Capaneu.</p> <p>145. Também não se deve omitir um exemplo extraordinário entre esses. Erígono, o triturador de cores para Nealces, obteve tanto sucesso, que deixou para trás um célebre discípulo, Pásias, irmão do pintor Eginetas. O que, na verdade, é extremamente raro e memorável é que as últimas obras dos artífices e telas incompletas, como a Íris de Aristides, os filhos de Tíndaro de Nicômaco, a Medeia de Timômaco e a Vênus de Apeles, que mencionamos, sejam mais admiradas do que as concluídas, pois nelas são vistos os resquícios dos esboços e as próprias ideias dos artífices; mas em meio à fascinação de tanto louvor, a tristeza é que tenham sido interrompidas suas mãos quando ainda se ocupavam delas.</p> <p>146. Há ainda os artífices não desconhecidos, mas a serem mencionados apenas de passagem: Aristocides, Anaxandro, Aristobulo da Síria, Arcésilas – filho de Tisícates –, Corebo – discípulo de Nicômaco –, Carmântides – discípulo de Eufranor –, Dionisodoro de Cólofon, Diceógenes – que viveu na corte do rei Demétrio –, Eutímides, Heraclides da Macedônia, Mílon de Solos – discípulos do escultor estatuário Pirômaco –, Mnasíteo de Sícion, Mnasítimo – filho e discípulo de Aristônidas –, Nesso – filho de Abrônio –, Pólemon de Alexandria, Teodoro de Samos e Estádio – discípulos de Nicóstenes – e Xénon de Sícion – discípulo de Néocles.</p> <p>147. Também mulheres pintaram: Timárete, filha de Mícon, pintou uma Diana, que, em meio às telas, é uma das mais antigas pinturas em Éfeso; Irene, discípula e filha do pintor Cratino, pintou uma menina, que se encontra em Elêusis, uma Calipso, um Velho, o Enganador Teodoro e o dançarino Alcístenes; Aristárete, filha e discípula de Nearco, pintou um Esculápio. Iaia de Cízico, que se manteve virgem, durante a juventude de Marco Varrão, em Roma, pintou splendidamente com pincel e com um buril em marfim retratos de mulheres, uma Velha senhora em Neápolis em uma grande tela bem como sua própria imagem feita com um espelho.</p>
--	--

²²⁶ Festival de Minerva, ocorrido entre 19 e 23 de março, especialmente celebrado por aqueles que exerciam profissões ou negócios sob sua proteção (OLD, p. 1556).

	148. E não houve mão alguma mais veloz na pintura; na verdade, tão magnífica era sua arte, que em muito superasse, quanto aos valores pagos a artífices, os pintores de retratos mais célebres da época, Sópolis e Dionísio, cujos quadros encheram pinacotecas. Uma certa Olímpia também pintou, sobre a qual a única coisa de que se tem relatos é que Autobulo fora seu discípulo.
XLI 149. Encausto pingendi duo fuere antiquitus genera, cera et in ebore cestro, id est vericulo, donec classes pingi coepere. hoc tertium accessit resolutis igni ceris penicillo utendi, quae pictura navibus nec sole nec sale ventisve corrumpitur.	XLI 149. Antes, duas foram as maneiras de se pintar em encáustica, com cera ou com um buril – isto é, uma pequena haste pontiaguda – em marfim, até que começaram a ser pintadas frotas navais. Isso adicionou uma terceira maneira, a de se empregar o pincel depois de serem derretidas as ceras pelo fogo, uma espécie de pintura que não é desgastada pelo sol, pelo sal nem pelos ventos.
XLII 150. Pingunt et vestes in Aegypto, inter pauca mirabili genere, candida vela, postquam attrivere, inlinentes non coloribus, sed colorem sorbentibus medicamentis. hoc cum fecere, non apparet in velis, sed in cortinam pigmenti ferventis mersa post momentum extrahuntur picta. mirumque, cum sit unus in cortina colos, ex illo alius atque alius fit in veste accipientis medicamenti qualitate mutatus, nec postea ablui potest. ita cortina, non dubie confusura colores, si pictos acciperet, digerit ex uno pingitque, dum coquit, et adustae eae vestes firmiores usibus fiunt quam si non urerentur.	XLII 150. No Egito, também são coloridas as vestes, um processo extraordinário: tecidos brancos, depois de esfregados, são recobertos não com as cores, mas com mordentes que absorvem a cor. Ao fazerem isso, nada aparece nos tecidos, mas, após mergulhados em um caldeirão de pigmento fervente, são retirados, depois de alguns instantes, já tingidos. E é admirável que, embora haja uma cor apenas no caldeirão, a partir dela, são produzidas outras cores nos tecidos, sendo alteradas a cada vez por meio da propriedade do mordente adicionado. Tais cores não podem ser, depois, removidas. Assim, o caldeirão, que certamente haveria de misturar as cores se recebesse tecidos já tingidos, origina várias cores diferentes a partir de uma e tinge-os enquanto ferve; uma vez esquentadas essas vestes, tornam-se mais resistentes ao uso do que se não fossem fervidas.
<p>XLIII 151. De pictura satis superque. contextuisse his et plasticen conveniat. eiusdem opere terrae fingere ex argilla similitudines Butades Sicyonius figulus primus invenit Corinthi filiae opera, quae capta amore iuvenis, abeunte illo peregre, umbram ex facie eius ad lucernam in pariete lineis circumscrispsit, quibus pater eius inpressa argilla typum fecit et cum ceteris fictilibus induratum igni proposuit, eumque servatum in Nymphaeo, donec Mummius Corinthum everterit, tradunt.</p> <p>152. Sunt qui in Samo primos omnium plasticen invenisse Rhoecum et Theodorum tradant multo ante Bacchiadas Corintho pulsos, Damaratum vero ex eadem urbe profugum, qui in Etruria Tarquinius regem populi Romani genuit, comitatos factores Euchira, Diopum, Eugrammum; ab iis Italiae traditam plasticen. Butadis inventum est rubricam addere aut ex rubra creta fingere, primusque personas tegularum extremis imbricibus inposuit, quae inter initia prostypa</p>	<p>XLIII 151. Já foi dito o suficiente sobre a pintura. Agora, convém agregar a essas coisas uma exposição sobre a arte “plástica”²²⁷. O oleiro Butades de Sícion, ao trabalhar também a terra, foi quem primeiro inventou a prática de moldar imagens a partir da argila, em Corinto, graças à sua filha, que, apaixonada por um jovem, depois que ele partiu para o exterior, delineou, a partir dos contornos²²⁸, a sombra da face de seu amado em uma parede com o auxílio de uma lâmparina, a partir da qual seu pai moldou um baixo-relevo ao pressionar argila por cima e expôs a peça ao fogo, junto com suas outras cerâmicas, endurecendo-a; dizem que ela foi mantida no Ninfeu até a destruição de Corinto por Múmio.</p> <p>152. Há quem diga que os primeiros a inventarem a arte plástica foram Roeco e Teodoro, em Samos, muito antes do banimento dos Baquíadas de Corinto, e que Demarato, quem, na Etrúria, deu origem a Tarquínio, rei do povo romano, após a sua expulsão dessa mesma cidade, foi acompanhado</p>

²²⁷ *Plasticen*: *plasticē* refere-se, especificamente, à arte da modelagem (OLD, p. 1388).

²²⁸ *Umbram ex facie eius ad lucernam in pariete lineis circumscrispsit*: trata-se de uma *skiagraphia*, isto é, o delineamento a partir das sombras.

<p>vocavit; postea idem ectypa fecit. hinc et fastigia templorum orta. propter hunc plastae appellati.</p>	<p>pelos modeladores Euquir, Díopo e Eugramo, que teriam transmitido a arte plástica à Itália. Foi inventada por Butades a prática de adicionar rubrica ou esculpir a partir dessa creta vermelha, e ele foi o primeiro a introduzir máscaras às telhas côncavas externas dos telhados, as quais chamou, no começo, <i>prostypa</i>, “em baixo-relevo”; depois, ele mesmo fez também <i>ectypa</i>, obras “em alto-relevo”. E daí surgiram os fastígios dos templos. Graças a ele, são chamados <i>plastae</i> os modeladores.</p>
<p>XLIV 153. Hominis autem imaginem gypso e facie ipsa primus omnium expressit ceraque in eam formam gypsi infusa emendare instituit Lysistratus Sicyonius, frater Lysippi, de quo diximus. hic et similitudines reddere instituit; ante eum quam pulcherrimas facere studebant. idem et de signis effigies exprimere invenit, crevitque res in tantum, ut nulla signa statuave sine argilla fierent. quo apparet antiquiorem hanc fuisse scientiam quam fundendi aeris.</p>	<p>XLIV 153. Mas o primeiro de todos a representar a imagem de uma pessoa em gesso a partir da própria face de alguém e, após derramada a cera neste molde de gesso, determinar que se aperfeiçoasse a peça foi Lisístrato de Sícion, irmão de Lisipo, a respeito do qual já dissemos. Ele também instituiu a prática de conferir similitude às imagens; antes, dedicavam-se a fazê-las sempre tão belas quanto possível. Ademais, inventou que fosse feita uma efígie a partir das estátuas, e, a tal ponto se difundiu a prática, que nenhuma estátua em bronze ou mármore fosse feita mais sem um molde de argila. É evidente, com isso, que essa prática de modelar teria sido mais antiga do que a de fundição do bronze.</p>
<p>XLV 154. Plastae laudatissimi fuere Damophilus et Gorgasus, iidem pictores, qui Cereris aedem Romae ad circum maximum utroque genere artis suae excoluerant, versibus inscriptis Graece, quibus significarent ab dextra opera Damophili esse, ab laeva Gorgasi. ante hanc aedem Tuscanica omnia in aedibus fuisse auctor est Varro, et ex hac, cum reficeretur, crustas parietum excisas tabulis marginatis inclusas esse, item signa ex fastigiis dispersa.</p> <p>155. Fecit et Chalcosthenes cruda opera Athenis, qui locus ab officina eius Ceramicos appellatur. M. Varro tradit sibi cognitum Romae Possim nomine, a quo facta poma et uvas ut non posses aspectu discernere a veris. idem magnificat Arcesilaum, L. Luculli familiarem, cuius proplasmata pluris venire solita artificibus ipsis quam aliorum opera;</p> <p>156. ab hoc factam Venerem Genetricem in foro Caesaris et, priusquam absolveretur, festinatione dedicandi positam; eidem a Lucullo HS \overline{X} signum Felicitatis locatum, cui mors utriusque inviderit; Octavio equiti Romano cratera facere volenti exemplar e gypso factum talento. laudat et Pasitelen, qui plasticen matrem caelaturae et statuariae sculpturaeque dixit et, cum esset in omnibus iis summus, nihil umquam fecit ante quam finxit.</p> <p>157. Praeterea elaboratam hanc artem Italiae et maxime Etruriae; Vulcam Veis accitum, cui locaret Tarquinius Priscus Iovis effigiem in Capitolio dicendam; fictilem eum fuisse et ideo miniari solitum; fictiles in fastigio templi eius quadrigas, de quibus supra diximus; ab hoc eodem factum Herculem, qui hodieque materiae nomen in</p>	<p>XLV 154. Os mais louvados moldadores foram Damófilo e Górgaso, também pintores, que haviam cuidadosamente adornado o templo de Ceres no Circo Máximo, em Roma, fazendo uso dessas duas espécies de arte, com versos inscritos em grego, que indicavam que, à direita, as obras eram de Demófilo, e, à esquerda, de Górgaso. Segundo Varrão, antes desse, todas as obras nos templos eram etruscas; quando era restaurado, os relevos moldados das paredes foram talhados e emoldurados em quadros, e as figuras dos fastígios foram espalhadas.</p> <p>155. Calcóstenes fez também obras em cerâmica não assada em Atenas, local que, a partir de sua oficina, foi chamado Cerâmico. Marco Varrão diz ser um conhecido seu um artífice chamado Póssis, de Roma, por quem foram feitas frutas e uvas indistinguíveis das verdadeiras. Varrão mesmo também admira enormemente Arcesilau, próximo de Lúcio Luculo; apenas seus proplasmas eram vendidos por valores mais altos aos próprios artífices do que obras de outros.</p> <p>156. Diz ainda que foi feita por ele a Vênus Genetrix no fórum de César e que foi posta com rapidez, antes de terminada, para que fosse logo dedicada, e que uma figura da Felicidade foi encomendada a ele por Luculo por um milhão de sestércios – a morte de ambos teria impedido a realização da obra; diz ainda que, um cavaleiro romano, Octávio, queria que fizesse uma cratera, e ele fez um exemplar em gesso por um talento. Ele também elogia Pasíteles, que disse ser a modelagem a mãe da cinzelagem, da estatuária em bronze e da escultura; embora fosse excelente em</p>

<p>urbe retinet. hae enim tum effigies deorum erant lautissimae, nec paenitet nos illorum, qui tales eos coluere; aurum enim et argentum ne diis quidem conficiebant.</p>	<p>todas essas artes, nunca fez nada sem antes fazer os moldes. 157. Além disso, afirma que essa arte também já havia alcançado a perfeição na Itália e especialmente na Etrúria; disse que Vulca foi chamado de Veios, e que Tarquínio Prisco havia-lhe encomendado uma effigie de Júpiter para ser dedicada no Capitólio, a qual foi feita em terracota e, por isso, era pintada com mínio regularmente; que foram feitas também em terracota, no fastígio desse templo, quadrigas, sobre as quais dissemos acima, e que o mesmo artífice fez também um Hércules, que ainda hoje, em Roma, é chamado a partir do material de que é feito. Na época, essas effigies de deuses eram as mais esplêndidas, e não nos envergonham os antigos, que cultuaram imagens desse tipo; não costumavam trabalhar ouro e prata nem mesmo aos deuses.</p>
<p>XLVI 158. Durant etiam nunc plerisque in locis talia simulacra; fastigia quidem templorum etiam in urbe crebra et municipiis, mira caelatura et arte sui que firmitate, sanctiora auro, certe innocentiora. In sacris quidem etiam inter has opes hodie non murrinis crystallinisve, sed fictilibus prolibatur simpulis, inenarrabili Terrae benignitate, si quis singula aestimet, etiam ut omittantur in frugum, (159.) vini, pomorum, herbarum et fructum, medicamentorum, metallorum generibus beneficia eius, quae adhuc diximus. neque adsiduitate satiant figlinarum opera, doliis ad vina excogitatis, ad aquas tubulis, ad balneas mammatis, ad tecta imbricibus, coctilibus laterculis ad parietes fundamentaque aut quae rota fiunt, propter quae Numa rex septimum collegium figulorum instituit. 160. Quin et defunctos sese multi fictilibus soliis condi maluere, sicut M. Varro, Pythagorico modo in myrto et oleae atque populi nigrae foliis. maior pars hominum terrenis utitur vasis. Samia etiam nunc in esculentis laudantur. retinent hanc nobilitatem et Arretium in Italia et calicum tantum Surrentum, Hasta, Pollentia, in Hispania Saguntum, in Asia Pergamum. 161. Habent et Trallis ibi opera sua et in Italia Mutina, quoniam et sic gentes nobilitantur et haec quoque per maria, terras ultro citro portantur, insignibus rotae officinis. Erythris in templo hodieque ostenduntur amphorae duae propter tenuitatem consecratae discipuli magistri que certamine, uter tenuiorem humum duceret. Cois ea laus maxima, Hadrianis firmitas, nonnullis circa hoc severitatis quoque exemplis. 162. Q. Coponium invenimus ambitus damnatum, quia vini amphoram dedisset dono ei, cui suffragi latio erat. atque ut e luxu quoque aliqua contingat auctoritas figlinis: tripatinium, inquit Fenestella, appellabatur summa cenarum lautitia; una erat murenarum, altera luporum, tertia mixti piscis, inclinatis iam scilicet moribus, ut tamen eos praefere Graeciae etiam philosophis possimus,</p>	<p>XLVI 158. Ainda hoje, e em muitos locais, esses simulacros resistem ao tempo; na verdade, há em abundância fastígios de templos até em Roma e em outros municípios, admiráveis pela cinzelagem, pela habilidade artística e pela durabilidade deles, mais venerados que o ouro e certamente mais inocentes. Na verdade, em rituais sagrados, até hoje, mesmo em meio a essas riquezas, é praticada a libação não em murras ou cristais, mas em pequenos vasos de terracota, isso graças à indescritível benevolência da Terra, se alguém levar em conta todos os seus dons, ainda que deixemos de mencionar suas graças quanto aos diferentes tipos de grãos, (159.) vinho, de frutas, ervas, arbustos, medicamentos e metais, sobre os quais dissemos até aqui. E não satisfazem as obras de cerâmica, ainda que seja constante sua presença, nem mesmo após serem inventados largos jarros para os vinhos, canos para as águas, tubos para os banhos, telhas côncavas para os telhados, tijolos queimados para paredes e fundações, ou peças feitas em uma roda, graças às quais o rei Numa estabeleceu uma sétima associação aos moldadores. 160. Na verdade, muitos preferiram ser enterrados depois de mortos em caixões de argila, assim como Marco Varrão, ao modo pitagórico, em folhas de murta, de oliveira e de álamo preto. A maior parte dos homens utiliza receptáculos de barro. As cerâmicas de Samos ainda hoje são muito elogiadas entre as apropriadas para servir alimentos. Também são famosas para isso as cerâmicas de Arécio, na Itália, as de Surrento, mas essas apenas servem como cálices, de Asta, Polência, Sagunto, na Hispânia, e Pérgamo, na Ásia. 161. Também Trales, nessa região, e Múтина, na Itália, têm suas obras regionais, visto que os povos são reconhecidos por elas bem como as peças, também levadas através dos mares, por terras em todos os cantos, tão famosas são as oficinas de cerâmica. Em um templo na Eritreia, ainda hoje</p>

<p>siquidem in Aristotelis heredum auctione septuaginta patinas venisse traditur.</p> <p>163. Nos cum unam Aesopi tragoediarum histrionis in natura avium diceremus HX \bar{C} stetisse, non dubito indignatos legentes. at, Hercules, Vitellius in principatu suo \bar{X} HS condidit patinam, cui faciendae fornax in campis exaedificata erat, quoniam eo pervenit luxuria, ut etiam fictilia pluris constent quam murrina.</p> <p>164. Propter hanc Mucianus altero consulatu suo in conquestione exprobravit patinarum paludes Vitelli memoriae, non illa foediore, cuius veneno Asprenati reo Cassius Severus accusator obiciebat interisse convivas CXXX.</p> <p>165. Nobilitantur his quoque oppida, ut Regium et Cumae. Samia testa Matris deum sacerdotes, qui Galli vocantur, virilitatem amputare nec aliter citra perniciem, M. Caelio credamus, qui linguam sic amputandam obiecit gravi probro, tamquam et ipse iam tunc ediem Vitellio malediceret. quid non excogitat vita fractis etiam testis utendo, sic ut firmius durent, tunsis calce addita, quae vocant Signina! quo genere etiam pavimenta excogitavit.</p>	<p>são exibidas duas ânforas que haviam sido dedicadas graças à sua fineza, após uma competição entre um discípulo e seu mestre acerca de qual dos dois obteria a cerâmica mais fina. As cerâmicas de Cós são as mais famosas por isso e as da Ádria são famosas por sua firmeza; sobre a cerâmica, há também inúmeros exemplos de severidade.</p> <p>162. Descobrimos que Quinto Copônio foi condenado por suborno, pois teria dado uma ânfora de vinho de presente a alguém que tinha o direito de votar. E, para que, quanto ao luxo, alguma autoridade também recaia sobre a arte da cerâmica, segundo Fenestela, chamava-se “de três pratos” o serviço mais luxuoso nos banquetes; um era de moreias, outro de lúcios e o terceiro de uma mistura de peixes. Já se percebe, com isso, o desvio dos costumes, embora ainda possamos preferi-los aos filósofos gregos, visto que, segundo contam, foram vendidos setenta pratos em um leilão público dos herdeiros de Aristóteles.</p> <p>163. Nós, na seção sobre a natureza das aves, dizíamos de um prato de Esopo, ator trágico, que teria custado cem mil sestércios – sem dúvida ficaram os leitores indignados. Mas Vitélio, durante seu principado, mandou que fosse feito um prato de um milhão de sestércios, para o qual um forno teve de ser construído em um campo aberto! O luxo atingiu um ponto tal, que as cerâmicas custam ainda mais que objetos de murra.</p> <p>164. Por causa desse prato, Muciano, em seu segundo consulado, culpou, em um discurso de protesto, a memória de Vitélio por seus pratos do tamanho de paludes, embora este não seja mais detestável do que o prato envenenado que Cássio Severo, ao acusar Asprenate, apontou como tendo levado à morte cento e trinta convivas.</p> <p>165. Cidades também se tornam conhecidas por essas cerâmicas, como Régio e Cumas. Sacerdotes da Mãe dos Deuses, chamados Galos, amputam seus falos com uma peça de terracota de Samos e não o fariam sem maiores ferimentos de outro modo, se acreditarmos no exposto por Marco Célio, que sugeriu que uma língua fosse amputada dessa forma devido a algum ato gravemente ofensivo cometido, como se ele próprio também já repreendesse, desde sua época, Vitélio. O que não inventa a vida prática, empregando até fragmentos de terracota, que são macerados depois de adicionado calcário para que durem mais e sejam mais resistentes – o que chamam Signino! Ainda inventaram pavimentos com esse tipo de calcário.</p>
<p>XLVII 166. Verum et ipsius terrae sunt alia commenta. quis enim satis miretur pessumam eius partem ideoque pulverem appellatam in Puteolanis collibus opponi maris fluctibus, mersumque protinus fieri lapidem unum inexpugnabilem undis et fortiorem cotidie, utique si Cumano misceatur caemento?</p>	<p>XLVII 166. Mas também há outras invenções da própria terra. Pois quem não se admira que a pior porção dela, e por esse motivo chamada poeira, nos montes de Putéolos, ao encontrar as águas do mar, depois de imersa, seja instantaneamente transformada em uma pedra, indestrutível pelas ondas e mais forte a cada dia, principalmente se misturada aos pedregulhos de Cumas?</p>

<p>167. Eadem est terrae natura et in Cyzicena regione, sed ibi non pulvis, verum ipsa terra qua libeat magnitudine excisa et demersa in mare lapidea extrahitur. hoc idem circa Cassandream produnt fieri, et in fonte Cnidio dulci intra octo menses terram lapidescere. ab Oropo quidem Aulida usque quidquid attingitur mari terrae mutatur in saxa. non multum a pulvere Puteolano distat e Nilo harena tenuissima sui parte, non ad sustinenda maria fluctusque frangendos, sed ad debellanda corpora palaestrae studiis.</p> <p>168. Inde certe Patrobio, Neronis principis liberto, advehebatur. quin et Cratero et Leonato ac Meleagro, Alexandri Magni ducibus, sabulum hoc portari cum reliquis militaribus commercii reperio, plura de hac parte non dicturus, non, Hercules, magis quam de terrae usu in ceromatis, quibus exercendo iuventus nostra corporis vires perdit animorum.</p>	<p>167. Também essa é a mesma característica da terra na região de Cízico, mas, lá, não a poeira, e, sim, a própria terra é extraída no tamanho que for desejado; após submersa no mar, é retirada petrificada. Dizem que o mesmo também é feito na região de Cassandreia, e que, em uma fonte de água doce de Cnido, a terra é transformada em pedra dentro de oito meses. Na verdade, de Oropo até Áulide, toda terra tocada pelo mar é transformada em rochas. Não difere tanto da poeira de Putéolos a mais fina areia do Nilo, mas esta não serve para serem barrados os mares e quebradas as ondas, e, sim, para serem subjugados os corpos durante os ensinamentos da academia de luta.</p> <p>168. Certamente, foi trazida areia de lá para Patróbio, liberto do príncipe Nero. Na verdade, venho a descobrir também que esse cascalho foi trazido junto com outros artigos militares por Crátero, Leonato e Meleagro, comandantes de Alexandre, o Grande; nada mais direi sobre essa parte, senão, por Hércules, sobre o uso da terra em unguentos por nossa juventude que, ao exercitar suas forças físicas, desgasta sua mente.</p>
<p>XLVIII 169. Quid? non in Africa Hispaniaque e terra parietes, quos appellant formaceos, quoniam in forma circumdatis II utrimque tabulis inferciuntur verius quam struuntur, aëvis durant, incorrupti imbribus, ventis, ignibus omnique caemento firmiores? spectat etiam nunc speculas Hannibalis Hispania terrenasque turres iugis montium inopitas. hinc et caespitum natura castrorum vallis accommodata contraque fluminum impetus aggeribus. inlini quidem crates parietum luto et lateribus crudis exstrui quis ignorat?</p>	<p>XLVIII 169. Não há, na África e na Hispânia, paredes de terra, que chamam encaixilhadas, uma vez que, em vez de levantadas, são preenchidas após serem postas no formato duas placas por fora, uma de cada lado? E não duram elas por séculos, incólumes diante das fortes chuvas, ventos ou chamas, mais resistentes do que qualquer rocha de pedra? A Hispânia ainda hoje assiste às torres de observação de Aníbal e torres de terra, erigidas nos cumes das montanhas. A constituição dos torrões vindos dessa região também é apropriada a fortificações de acampamentos militares e barragens contra a força dos rios. Todos sabem que sebes são cobertas com barro e erigidas como se com tijolos crus.</p>
<p>XLIX 170. Lateres non sunt ex sabuloso neque harenoso multoque minus calculoso ducendi solo, sed e cretoso et albicante aut ex rubrica vel etiam e sabulo, masculo certe. finguntur optime vere, nam solstitio rimosi fiunt. aedificiis non nisi bimos probant; quin et intritam ipsam eorum, priusquam fingantur, macerari oportet.</p> <p>171. Genera eorum fiunt tria: Lydion²²⁹, quo nos utimur, longum sesquipedem, latum pedem, alterum teradoron, tertium pentadoron. Graeci enim antiqui δῶρον palmum vocabant et ideo δῶρα munera, quia manu darentur; ergo a quattuor et quinque palmis, prout sunt, nominantur. eadem est et latitudo. minore privatis operibus, maiore in publicis utuntur in Graecia. Pitanae in Asia et in ulteriore Hispania civitatibus Maxilua et Callet</p>	<p>XLIX 170. Tijolos também não devem ser produzidos a partir de solo pedregoso nem arenoso e muito menos seixoso, mas de um abundante em argila e esbranquiçado ou de rubrica; pode ser também arenoso, mas que seja uma areia masculina. São melhor moldados pela primavera, pois, no verão, surgem rachaduras e são recomendados para construções somente os de dois anos; ainda, a massa do tijolo deve ser macerada antes que sejam moldados.</p> <p>171. São produzidas três espécies de tijolos: um é o lídio, do qual fazemos uso, com um pé e meio de comprimento e um de largura²³⁰, outro é o <i>tetradoron</i> e o terceiro, <i>pentadoron</i>. Os antigos gregos chamavam <i>doron</i> um palmo²³¹ – e por isso também chamavam <i>doron</i> um presente, uma vez</p>

²²⁹ *Lydion*: As edições de Silvio Ferri e Jean-Michel Croisille foram preferidas, no caso, à de H. Rackham, que, seguindo *Hermolaus Barbarus*, apresenta não *lydion*, mas *didoron*. A fonte de Plínio quanto aos tipos de tijolos é Vitruvius (*De Arch.*, 2,3,3), em que é encontrado o nome *lydium*.

²³⁰ Cerca de 44,4 e 29,6 cm.

²³¹ Cerca de 7,4 cm.

<p>fiunt lateres, qui siccati non merguntur in aqua. sunt enim e terra pumicosa, cum subigi potest, utilissima.</p> <p>172. Graeci, praeterquam ubi e silice fieri poterat structura, latericios parietes praetulere. sunt enim aeterni, si ad perpendicularum fiant. ideo et publica opera et regias domos sic struxere: murum Athenis, qui ad montem Hymettum spectat, Patris aedes Iovis et Herculis, quamvis lapideas columnas et epistylia circumdarent, domum Trallibus regiam Attali, item Sardibus Croesi, quam gerusian fecere, Halicarnasi Mausoli, quae etiam nunc durant.</p> <p>173. Lacedaemone quidem latericiis parietibus excisum opus tectorium propter excellentiam picturae ligneis formis inclusum Romam deportavere in aedilitate ad comitium exornandum Murena et Varro. cum opus per se mirum esset, tralatum tamen magis mirabantur. in Italia quoque latericius murus Arreti et Mevaniae est. Romae non fiunt talia aedificia, quia sesquipedalis paries non plus quam unam contignationem tolerat, cautumque est, ne communis crassior fiat, nec intergerivorum ratio patitur.</p>	<p>que era dado com a mão –, portanto os tijolos são chamados pelos nomes correspondentes a quatro e cinco palmos²³². Também sua largura é a mesma. Na Grécia, são utilizados o menor em obras privadas e o maior em obras públicas. Em Pítane, na Ásia, e na Hispânia ulterior, nas cidades de Maxília e Callet, são produzidos tijolos que, depois de secos, não afundam na água, pois são feitos a partir de terra porosa, muito útil quando permite ser manipulada.</p> <p>172. Os gregos, exceto em locais em que a estrutura podia ser feita de pedra calcária, preferiram paredes de tijolos, pois são eternos se forem feitos perpendicularmente. Por isso, construíram obras públicas e palácios reais dessa forma: o muro de Atenas, que mira em direção ao monte Himeto, o templo de Júpiter e Hércules em Patras, embora fossem de pedra as colunas e o epistílio que o cercavam, e o Palácio real de Atalo em Trales bem como o de Cresos em Sárdis, o qual fizeram numa gerúsia²³³, e o de Mausolo em Halicarnasso; todos ainda hoje resistem ao tempo.</p> <p>173. Na verdade, Murena e Varrão, quando edis, removeram uma obra em estuque de uma parede de tijolos na Lacedemônia pela superioridade da pintura, cercaram-na em molduras de madeira e levaram-na para Roma para que adornasse o local de Assembleia. Embora fosse a obra em si admirável, admiravam mais ainda que tivesse sido transportada. Também na Itália há muros de tijolos em Arécio e em Mevânia. Não são feitas em Roma construções desse tipo, pois uma parede de um pé e meio²³⁴ não suporta mais do que um andar, e, além disso, há uma política de restrição para que não seja feita nenhuma parede de maior espessura; o método para paredes divisórias também não permite seu uso.</p>
<p>L 174. Haec sint dicta de lateribus. in terrae autem reliquis generibus vel maxime mira natura est sulphuris, quo plurima domantur. nascitur in insulis aeoliis inter Siciliam et Italiam, quas ardere diximus, sed nobilissimum in Melo insula. in Italia quoque invenitur in Neapolitano Campanoque agro collibus, qui vocantur Leucogaei. ibi e cuniculis effossum perficitur igni.</p> <p>175. Genera III: vivum, quod Graeci apyron vocant, nascitur solidum solum – cetera enim liquore constant et conficiuntur oleo incocta –; vivum effoditur tralucetque et viret. solo ex omnibus generibus medici utuntur. alterum genus appellant glaebam, fullonum tantum officinis familiare. tertio quoque generi unus tantum est usus ad lanas suffiendas, quoniam candorem mollitiamque confert. Tegula vocatur hoc genus, quartum autem ad ellychnia maxime conficienda; cetero tantum vis est ut morbos comitiales</p>	<p>L 174. Isso é dito a respeito dos tijolos. Por outro lado, quanto aos outros tipos de terras, a de natureza mais extraordinária é o enxofre, que age fortemente sobre muitas outras substâncias. É proveniente das ilhas Eólias, entre a Sicília e a Itália, terras que dissemos serem vulcânicas, mas o mais famoso enxofre encontra-se na ilha de Melo. Também é encontrado na Itália, nas regiões de Neápolis e da Campânia, nas colinas chamadas <i>Leucogaei</i>. Após ser escavado de canais subterrâneos na região, é preparado no fogo.</p> <p>175. São quatro seus tipos: o vivo, que os gregos chamam <i>apyros</i>, “sem contato com fogo”, é encontrado em estado sólido; os outros permanecem em estado líquido e são preparados quando fervidos em óleo. O tipo vivo é escavado e é translúcido e esverdeado além de ser o único, entre todos os tipos, usado por médicos. Chamam o segundo tipo torrão, normalmente encontrado</p>

²³² Cerca de 29,6 e 37 cm.

²³³ Vitrúvio (*De Arch.*, 2, 8, 10) também menciona a gerúsia, casa ou conselho de anciãos.

²³⁴ Cerca de 44,4 cm.

<p>deprehendat nidore inpositum igni. lusit et Anaxilaus eo, addens in calicem vini prunaque subdita circumferens, exardescens repercussu pallorem dirum velut defunctorum effundente in conviviis.</p> <p>176. Natura eius excalfacit, concoquit, sed et discutit collectiones corporum, ob hoc talibus emplastris malagmatisque miscetur. renibus quoque et lumbis in dolore cum adipe mire prodest inpositum. aufert et lichenas faciei cum terebinthi resina et lepras; harpax ita vocatur a celeritate praebendi, avelli enim subinde debet.</p> <p>177. Prodest et suspiriosis linctu, purulenta quoque extussientibus et contra scorpionum ictus. vitiligines vivum nitro mixtum atque ex aceto tritum et inlitum tollit, item lendes, et in palpebris aceto sandaracato admixtum. habet et in religionibus locum ad expiandas suffitu domos. sentitur vis eius et in aquis ferventibus, neque alia res facilius accenditur, quo apparet ignium vim magnam ei inesse. fulmina, fulgura quoque sulphuris odorem habent, ac lux ipsa eorum sulphurea est.</p>	<p>apenas em oficinas de pisoeiros. O terceiro tipo também possui apenas um uso: para fumigar as lãs, uma vez que confere candura e maciez; esse tipo é chamado <i>egula</i>. O quarto serve especialmente para fazer pavios de lampião; de resto, tal é a ação do sulfúrio, que detecta um caso de epilepsia pelo fumo uma vez posto sobre o fogo. Anaxilau também fez dele um esporte, colocando-o em um cálice de vinho e passando ao redor em banquetes com um carvão em brasa posto embaixo; seu reflexo incandescente provocava em todos uma palidez pavorosa como a de defuntos.</p> <p>176. Tem como propriedades aquecer e promover a ebulição; também dissipa tumores pelo corpo, e, por isso, é misturado em emplastos e cataplasmas do tipo. Também é excepcionalmente útil quando aplicado com gordura para dores nos rins e na região dos quadris. Com resina de terebinto, também sana erupções na face e lepras; é chamado <i>harpax</i>, “voraz”, pela rapidez de sua exposição, pois deve ser imediatamente removido.</p> <p>177. É também útil como eletuário em casos de asma bem como tosses purulentas e contra picadas de escorpião. O tipo vivo, quando misturado a natro e triturado com vinagre e unguento, cessa eczemas e lândeas e, quando misturado a vinagre e sandáracaca, é útil para as pálpebras. Ainda, é empregado em cerimônias religiosas para que sejam purgadas as casas pela fumigação. Seu efeito também é sentido em fontes termais, e não há outra matéria que acenda mais facilmente, de onde parece claro que possui em si a maior quantidade do elemento fogo. Raios e relâmpagos também possuem um odor de sulfúrio, e a luz deles é sulfúrea.</p>
<p>LI 178. Et bituminis vicina natura est. aliubi limus, aliubi terra est, limus e Iudaeae lacu, ut diximus, emergens, terra in Syria circa Sidonem oppidum maritimum. spissantur haec utraque et in densitatem coeunt. est vero liquidum bitumen, sicut Zacynthium et quod a Babylone invehitur; ibi quidem et candidum gignitur. liquidum est et Apolloniaticum, quae omnia Graeci pissasphaltum appellant ex argumento picis ac bituminis.</p> <p>179. Gignitur et pingue oleique liquoris in Sicilia Agragantino fonte, inficiens rivum. incolae id harundinum paniculis colligunt, citissime sic adhaerescens, utunturque eo ad lucernarum lumina olei vice, item ad scabiem iumentorum. sunt qui et naphtham, de qua in secundo diximus volume, bituminis generibus adscribant, verum eius ardens natura et ignium cognata procul ab omni usu abest.</p> <p>180. Bituminis probatio ut quam maxime splendeat sitque ponderosum, graveolens; atrum modice, quoniam adulteratur pice. vis quae sulphuri: sistit, discutit, contrahit, glutinat. serpentes accensum nidore fugat. ad suffusiones oculorum et albugines Babylonium efficax traditur, item ad lepras, lichenas pruritusque corporum. inlinitur et</p>	<p>LI 178. De natureza similar, há também o betume. Em alguns locais, é um lodo, em outros, uma terra; o lodo, como dissemos, costuma surgir do lago da Judeia, já a terra, na Síria, próximo à cidade litorânea de Sídon. Eles dois se adensam e formam uma massa compacta, mas há também um betume líquido, como o de Zacinto e aquele trazido da Babilônia; lá, na verdade, ocorre também um branco. É líquido também o escavado nos arredores de Apolônia, e todos esses tipos são chamados pelos gregos pissasfalto, por sua aparência de piche e de betume.</p> <p>179. Ocorre também uma espécie gordurosa, de consistência semelhante ao óleo, na Sicília, em uma fonte Agrigentina, tingindo a nascente. Os habitantes coletam-na em tufo de juncos, uma vez que se aderem a eles rapidamente, e empregam-na em luminárias em vez de óleo bem como para sarnas em animais de carga. Há também aqueles que incluem a nafta, sobre a qual falamos no segundo volume²³⁵, entre os tipos de betume, mas sua natureza inflamável e afinidade com o fogo não são apropriadas a nenhum uso.</p>

²³⁵ HN, II, 235.

<p>podagris. omnia autem eius genera incommodos oculorum pilos replicant, dentium doloribus medentur simul nitro intrito.</p> <p>181. Lenit tussim veterem et anhelitus cum vino potum; dysintericis etiam datur eodem modo sistique alvum. cum aceto vero potum discutit concretum sanguinem ac detrahit. mitigat lumborum dolores, item articulorum, cum farina hordeacia inpositum emplastrum peculiare facit suo nomine. sanguinem sistit, volnera colligit, glutinat nervos. utuntur etiam ad quartanas bituminis drachma et hedyosmi pari pondere cum murrae obolo subacti.</p> <p>182. Comitiales morbos ustum deprendit. volvarum strangulationes olfactu discutit cum vino et castoreo, procidentes suffitu reprimiit, purgationes feminarum in vino potum elicit. in reliquo usu aeramentis inlinitur firmatque ea contra ignes. diximus et tingui solitum aes eo statuasque inlini. calcis quoque usum praebuit ita feruminatis Babylonis muris. placet in ferrariis fabrorum officinis tinguendo ferro clavorum capitibus et multis aliis usibus.</p>	<p>180. Sabe-se que o betume é apropriado se brilhar ao máximo e for pesado, possuindo também um cheiro muito forte; o betume escuro não é muito brilhante, uma vez que é alterado com piche. Sua eficácia é a mesma do enxofre: interrompe secreções, dispersa, coagula e cicatriza. Quando aceso, afasta serpentes pelo fumo. Para cataratas e albugens dos olhos, dizem ser eficaz o tipo Babilônico, assim como para lepras, líquens e coceiras pelo corpo. É ungido também para podagra. Todas as espécies de betume estendem de volta cílios em posição incômoda e curam dores de dente quando espalhado com natro.</p> <p>181. Diminui, quando tomado com vinho, a tosse persistente e dificuldades respiratórias; é dado ainda para disenterias e, do mesmo modo, interrompe diarreias. Na verdade, tomado com vinagre, dispersa e retrai sangue coagulado, alivia dores na região dos quadris e nas articulações e, quando aplicado com farinha de cevada, gera um emplastro com propriedades específicas que leva seu nome. Interrompe sangramentos, fecha ferimentos e religa fibras musculares. São feitos ainda, para malária, uma dracma de betume²³⁶ e o mesmo peso de menta selvagem moídos com um sexto de dracma de murra²³⁷.</p> <p>182. Quando queimado, detecta epilepsias. Pelo cheiro, com vinho e castóreo, cura constrições do útero; pela fumigação, retrai o prolapso; tomado em vinho, libera a menstruação das mulheres. Entre outros usos, é aplicado sobre peças de cobre ou bronze e protege-as contra chamas. Dissemos também que era usual ser aplicado para tingir bronze e sobre estátuas. Foi ainda um substituto para o calcário, tendo sido cimentados os muros de Babilônia dessa forma. Serve também a oficinas de ferreiros, para ser lustrado o ferro e as cabeças de pregos e para muitos outros usos.</p>
<p>LII 183. Nec minor est aut adeo dissimilis aluminis opera, quod intellegitur salsugo terrae. plura et eius genera. in Cypro candidum et nigrius, exigua coloris differentia, cum sit usus magna, quoniam inficiendis claro colore lanis candidum liquidumque utilissimum est contraque fuscis aut obscuris nigrum.</p> <p>184. Et aurum nigro purgatur. fit autem omne ex aqua limoque, hoc est terrae exudantis natura. conrivatum hieme aestivis solibus maturatur. quod fuit ex eo praecox, candidius fit. gignitur autem in Hispania, Aegypto, Armenia, Macedonia, Ponto, Africa, insulis Sardinia, Melo, Lipara, Strongyle. laudatissimum in Aegypto, proximum in Melo. huius quoque duae species, liquidum spissumque. liquidi probatio ut sit limpidum lacteumque, sine offensis fricandi, cum quodam igniculo caloris. hoc phorimon vocant. an sit adulteratum, deprehenditur suco Punici mali; sincerum enim</p>	<p>LII 183. E não é menos importante ou mesmo muito diferente o emprego do alume, que é entendido como a salsugem da terra. Muitos também são seus tipos: em Chipre há o branco e o mais escuro, embora seja mínima a diferença de cor, ainda que enorme a diferença entre seus usos, uma vez que, para tingir lãs com uma cor clara, o branco e líquido é o mais útil, ao contrário do preto, usado para tingi-las fuscas ou escuras. Também o ouro é limpo com o preto.</p> <p>184. Todo alume é feito a partir de água e lodo, isto é, um elemento exsudado pela terra. Após se juntar no inverno, é finalizado pelos raios solares do verão. A parte dele que se formou primeiro torna-se branca. Além disso, tem origem na Hispânia, Egito, Armênia, Macedônia, Ponto, África, ilhas de Sardenha, Melo, Líparis e em Estrôngile, sendo o mais famoso o encontrado no Egito e o segundo melhor em Melo. Deste, há também duas espécies:</p>

²³⁶ Cerca de 4,3 g.

²³⁷ Cerca de 0,7 g.

mixtura ea non nigrescit . alterum genus est pallidi et scabri et quod inficatur et galla, ideoque hoc vocant paraphoron.

185. Liquidi aluminis vis adstringere, indurare, rodere. melle admixto sanat oris ulcera, papulas pruritusque. haec curatio fit in balneis II mellis partibus, tertia aluminis. virus alarum sudorisque sedat. sumitur pilulis contra lienis vitia pellendumque per urinam sanguinem. emendat et scabiem nitro ac melanthio admixtis.

186. Concreti aluminis unum genus σχιστόν appellant Graeci, in capillamenta quaedam canescentia dehiscens, unde quidam trichitim potius appellavere. hoc fit e lapide, ex quo et aes – chalcitim vocant –, ut sudor quidam eius lapidis in spumam coagulatus. hoc genus aluminis minus siccatur minusque sistit umorem inutilem corporum, et auribus magnopere prodest infusum; vel inlitum et oris ulceribus dentibusque et si saliva cum eo contineatur. et oculorum medicamentis inseritur apte verendisque utriusque sexus. coquitur in catinis, donec liquari desinat.

187. Inertioris est alterum generis, quod strongylen vocant. duae et eius species, fungosum atque omni umore dilui facile, quod in totum damnatur. melius pumicosum et foraminum fistulis spongeae simile rotundumque natura, candido propius, cum quadam pinguitudine, sine harenis, friabile, nec inficiens nigritia. hoc coquitur per se carbonibus puris, donec cinis fiat.

188. Optimum ex omnibus quod Melinum vocant ab insula, ut diximus. nulli vis maior neque adstringendi neque denigrandi neque indurandi, nullum spissius. oculorum scabritias extenuat, combustum utilius epiphoris inhibendis, sic et ad pruritus corporis. sanguinem quoque sistit intus potum, foris inlitum. evulsis pilis ex aceto inlinitur renascentesque mollit in languinem.

189. Summa omnium generum vis in adstringendo, unde nomen Graecis. ob id oculorum vitiis aptissima sunt, sanguinis fluctiones inhibent. cum adipe putrescentia ulcerum compescit – sic et infantium ulcera et hydropicorum eruptiones siccatur – et aurium vitia cum succo Punici mali et unguium scabritias cicatricumque duritias et pterygia ac perniones, phagedaenas ulcerum ex aceto aut cum galla pari pondere cremata, lepras cum succo olerum, cum salis vero II partibus vitia, quae serpunt, lendes et alia capillorum animalia aquae permixtum.

190. Sic et ambustis prodest et furfuribus corporum cum sero picis. infunditur et dysintericis uvamque in ore comprimit ac tonsillas. ad omnia, quae in ceteris generibus diximus, efficacius intellegatur ex Melo advectum. Ad reliquos usus vitae in coriis lanisque perficiendis quanti sit momenti, significatum est.

um líquido e um espesso. A condição para o líquido é que seja límpido e leitoso, sem qualquer fricção quando esfregado, e com um certo brilho colorido. Chamam-no *phorimon*, “frutífero”. Caso seja adulterado, é percebido com suco de romã, pois o puro não escurece com essa mistura. O outro tipo tem um aspecto pálido e áspero e também é tingido por nós de galha e, por esse motivo, chamam-no *paraphoron*, “alterado”.

185. O alume líquido tem ação adstringente, endurecedora e corrosiva. Misturado com mel, cura feridas na boca, pústulas e pruridos. A administração é feita em banhos com duas partes de mel em uma de alume. Cessa também o forte odor das axilas e da transpiração. É tomado em forma de pílulas contra doenças do baço e quando sangue é expelido pela urina. Melhora também as coceiras quando misturado com natro e camomila.

186. Os gregos chamam um tipo de alume sólido *schiston*, xisto, que se divide em um certo tipo de filamento esbranquiçado, de onde alguns preferiram chamá-lo *trichitis*, “peludo”. Ele é formado a partir de uma pedra, da qual também é formado o cobre, que chamam *chalcitis*, calcopirita, como uma espécie de fluido dessa rocha coagulado em forma de espuma. Este tipo de alume seca menos e interrompe menos a secreção de humores prejudiciais do corpo, mas é de grande utilidade aos ouvidos quando introduzido ou ainda para feridas na boca e para os dentes quando aplicado e mantido, mesmo com saliva, dentro da boca. Também é apropriado a medicamentos para os olhos e para genitais de ambos os sexos. É esquentado em vasilhas fundas até perder sua consistência líquida.

187. Outro alume é mais inativo, que chamam *strongyle*, “redondo”. Duas são também suas espécies: uma fungosa, facilmente diluída em qualquer líquido, mas, de modo geral, rejeitada, e uma melhor, porosa, com canais abertos como uma esponja e de formato esférico, mais próximo de uma coloração branca; possui uma certa oleosidade, não tem um aspecto arenoso, é friável e não tingem tecidos de preto. Ele é assado sozinho em carvões puros até se transformar em cinzas.

188. O melhor tipo de todos é chamado alume de Melo em razão da ilha, como já dissemos. Nenhum é tão forte como adstringente, mais capaz de tingir de preto ou de endurecer e nenhum é mais denso. Reduz a aspereza dos olhos e, após calcinado, é mais útil para cessar corrimentos e assim também para pruridos pelo corpo. Também interrompe sangramentos quando tomado ou quando aplicado por fora. É aplicado misturado em vinagre sobre a pele quando foram removidos pelos e torna macios os que renascem.

189. A melhor propriedade presente em todas as espécies de alume é a adstringente, daí seu nome

	<p>dado pelos gregos²³⁸. Por isso, é o mais apropriado para problemas dos olhos e inibe hemorragias. Com gordura, contém a putrefação de úlceras e seca feridas em crianças e erupções de hidropisias; misturado com suco de romã, interrompe a propagação de doenças dos ouvidos e cessa a textura desigual nas unhas, o endurecimentos de cicatrizes, pterígio e frieiras; quando calcinado a partir de vinagre ou noz de galha, nos mesmos pesos, também cura fagedenomas; com suco de repolho, contém lepras; com duas partes de sal, feridas que se alastram lentamente, e, quando misturados com água, lêndeas e outros insetos nos cabelos.</p> <p>190. O alume é também útil, dessa forma, para queimaduras e, com soro de piche, para descamações no corpo. É ministrado também para disenterias e, posto na boca, retrai a úvula e as amígdalas. Para todos os propósitos que mencionamos relativos aos outros tipos, o considerado mais eficaz é o alume trazido de Melo. Já foi apontada sua relevância no cotidiano para outras finalidades, sendo também usado na finalização de couros e lãs.</p>
<p>LIII 191. Ab his per se ad medicinam pertinentia terrae genera tractabimus. Samiae II sunt, quae collyrium et quae aster appellantur. prioris laus ut recens sit ac lenissima linguaeque glutinosa, altera glaeosior; candida utraque. uritur, lavatur. sunt qui praeferant priorem. prosunt sanguinem expuentibus; emplastrisque, quae siccandi causa componuntur, oculorum quoque medicamentis miscentur.</p>	<p>LIII 191. Em seguida, trataremos das espécies de terra propriamente ligadas à medicina. São duas as de Samos, chamadas “colírio” e “áster”. A recomendação da primeira é que seja fresca e lisa e se torne viscosa em contato com a língua; a segunda é mais parecida com torrões. Ambas possuem coloração branca e devem ser calcinadas e então enxaguadas. Há quem prefira a primeira espécie. São úteis àqueles expelindo sangue e em emplastos secativos; também são misturadas em medicamentos para os olhos.</p>
<p>LIV 192. Eretria totidem differentias habet, namque est alba et cinerea, quae praefertur in medicina. probatur mollitia et quod, si aere perducatur, violacium reddit colorem. vis et ratio eius in medendo dicta est inter pigmenta.</p>	<p>LIV 192. A terra de Erétria possui as mesmas variedades, pois é ou branca ou acinzentada, esta sendo preferida àquela na medicina. Sua qualidade é atestada por sua maleabilidade e pela coloração violeta que revela quando esfregada com cobre. Já foram ditas sua eficácia e sua administração em tratamentos em meio aos pigmentos.</p>
<p>LV 193. Lavatur omnis terra – in hoc enim loco dicemus – perfusa aqua siccataque solibus, iterum ex aqua trita ac reposita, donec considat et digeri possit in pastillos. coquitur in calicibus crebro concussis.</p>	<p>LV 193. Toda terra – diremos nesta seção – é lavada jogando-se água e é seca ao sol; é, então, triturada uma segunda vez com água e posta de lado novamente até que se deposite e possa ser separada em tabletes; é também fervida em cálices, chacoalhados repetidas vezes.</p>
<p>LVI 194. Est in medicaminibus et Chia ita candicans. effectus eius idem qui Samiae; usus ad mulierum maxime cutem. idem et Selinusiae. lactei coloris haec et aqua dilui celerrima; eadem lacte diluta tectoriorum albaria interpolantur. pnigitis Eretriae simillima est, grandioribus tantum glaeis glutinosaque. effectus eius idem qui Cimoliae, infirmior tantum. bitumini simillima est ampelitis. experimentum eius, si cerae modo accepto oleo liquescat et si nigricans colos maneat</p>	<p>LVI 194. Também a terra esbranquiçada de Quios está entre os medicamentos. Seu efeito é semelhante ao da terra de Samos e é especialmente empregada para a pele por mulheres. Também o é a terra de Selinunte. Esta, de coloração leitosa, é a mais rapidamente diluída em água e, após diluída em leite do mesmo modo, é usada para alterar albários em paredes com estuque. A terra <i>pnigitis</i>, “sufocante”, é a mais semelhante à de Erétria, mas ocorre em torrões bem maiores e possui uma</p>

²³⁸ Στυπτηρία (LSJ, p. 1658).

<p>tostae. usus ad molliendum discutiendumque, et ad haec medicamentis additur, praecipue in calliblepharis et inficiendis capillis.</p>	<p>textura grudenta. Seu efeito é o mesmo do da terra de Cimolo, mas bem mais fraco. A terra mais semelhante ao betume é a ampelito. É testada pelo contato com óleo, devendo-se tornar líquida, como ocorre com a cera, e pelo processo de crestamento, de modo que a terra deve apresentar ainda uma cor escura. É usada para suavizar e dispersar e é adicionada em medicamentos com esse propósito, principalmente para pálpebras e cílios e para tingir cabelos.</p>
<p>LVII 195. Cretae plura genera. ex iis Cimoliae duo ad medicos pertinentia, candidum et ad purpurissum inclinans. vis utriusque ad discutiendos tumores, sistendas fluctiones aceto adsumpto. panos quoque et parotidas cohibet et lienem inlita pusulasque, si vero aphronitrum et cyprum adiciatur et acetum, pedum tumores ita, ut in sole curatio haec fiat et post VI horas aqua salsa abluatur.</p> <p>196. Testium tumoribus cypro et cera addita prodest. et refrigerandi quoque natura cretae est, sudoresque inmodicos sistit inlita atque ita papulas cohibet ex vino adsumpta in balineis. laudatur maxime Thessalica. nascitur et in Lycia circa Bubonem. Est et alius Cimoliae usus in vestibus. nam Sarda, quae adfertur e Sardinia, candidis tantum adsumitur, inutilis versicoloribus, et est vilissima omnium Cimoliae generum; pretiosior Umbrica et quam vocant saxum.</p> <p>197. Proprietas saxi quod crescit in macerando; itaque pondere emitur, illa mensura. Umbrica non nisi poliendis vestibus adsumitur. neque enim pigebit hanc quoque partem attingere, cum lex Metilia extet fullonibus dicta, quam C. Flaminius L. Aemilius censores dedere ad populum ferendam.</p> <p>198. Adeo omnia maioribus curae fuere. ergo ordo hic est: primum abluatur vestis Sarda, dein sulphure suffitur, mox desquamatur Cimolia quae est coloris veri. fucatus enim deprehenditur nigrescitque et funditur sulphure, veros autem et pretiosos colores emollit Cimolia et quodam nitore exhilarat contristatos sulphure. candidis vestibus saxum utilius a sulphure, inimicum coloribus. Graecia pro Cimolia Tymphaico utitur gypso.</p>	<p>LVII 195. Há muitas espécies de creta. Entre elas, há duas da creta de Cimolo que interessam aos médicos, uma branca e uma que tende ao <i>purpurissum</i>. Ambas são eficazes na dispersão de tumores e, quando tomadas com vinagre, na interrupção de secreções. Também contêm inchaços e problemas nas parótidas; quando aplicadas sobre a região, também contêm problemas no baço, espinhas e inchaços nos pés, se adicionado afrônito, óleo de hena e vinagre; a administração deve ser feita sob o sol e, após seis horas, deve ser enxaguada com água salgada.</p> <p>196. Adicionados óleo de hena e cera, a creta de Cimolo é útil para tumores dos testículos. A creta também possui como propriedades resfriar, cessar a sudorese excessiva quando aplicada sobre a região e conter pústulas quando aplicada com vinho por meio de banhos. É especialmente elogiada a creta da Tessália; ela surge também na Lícia próximo a Búbôn. Ainda outro emprego da de Cimolo é para uso em tecidos. A creta sarda, que é trazida da Sardenha, é apenas empregada em vestes brancas, não sendo usada para as de várias cores, e é a mais barata de todas as espécies de Cimolo; a mais cara é a úmbria e a que chamam “pedra”.</p> <p>197. A propriedade desta é aumentar quando umedecida; por isso, é comprada por peso, e aquela, por tamanho. A úmbria é empregada apenas para conferir brilho aos tecidos. E não será inapropriado abordar o polimento de vestes, uma vez que ainda há a lei Metília, que regulamenta o trabalho de pisoeiros, a qual os censores Caio Flamínio e Lúcio Emílio propuseram que fosse instaurada.</p> <p>198. A tal ponto nossos antepassados se preocuparam com tudo. Esse processo é realizado da seguinte forma: primeiro, é lavado o tecido com a creta sarda; em seguida, é fumigado com enxofre e, depois, é esfregado com creta de Cimolo cuja cor seja genuína; caso contrário, é detectada e escurece e se espalha após o contato com enxofre. A creta de Cimolo suaviza os pigmentos verdadeiros e de valor e torna-os brilhantes, com um certo lustro, depois de escurecidos os tecidos pelo enxofre. Para vestes brancas, a creta chamada “pedra” é mais útil, depois da aplicação do enxofre, embora seja danosa às de outras cores. Na Grécia, utilizam o gesso de Tinfeia em vez da creta de Cimolo.</p>

<p>LVIII 199. Alia creta argentaria appellatur nitorem argento reddens, set vilissima qua circum praeducere ad victoriae notam pedesque venalium trans maria advectorum denotare instituerunt maiores; talemque Publilium Antiochium, mimicae scenae conditorem, et astrologiae consobrinum eius Manilium Antiochum, item grammaticae Staberium Erotem eadem nave advectos videre proavi.</p> <p>200. Sed quid hos referat aliquis, litterarum honore commendatos? talem in catasta videre Chrysogonum Sullae, Amphionem Q. Catuli, Hectorem L. Luculli, Demetrium Pompei, Augenque Demetri, quamquam et ipsa Pompei credita est, Hipparchum M. Antoni, Menam et Menecraten Sexti Pompei aliosque deinceps, quos enumerare iam non est, sanguine Quiritium et proscriptionum licentia ditatos.</p> <p>201. Hoc est insigne venaliciis gregibus obprobriumque insolentis fortunae. quos et nos adeo potiri rerum vidimus, ut praetoria quoque ornamenta decerni a senatu iubente Agrippina Claudi Caesaris videremus tantumque non cum laureatis fascibus remitti illo, unde cretatis pedibus advenissent.</p>	<p>LVIII 199. Outra creta é chamada argêntea²³⁹ e confere brilho à prata; a de menor valor é aquela com a qual nossos antepassados estabeleceram que fosse traçada a linha de chegada ao vencedor no Circo e que fossem marcados os pés de escravos a serem vendidos que haviam sido trazidos pelo mar; foram esses Públio Antíoco, fundador do teatro de mimos, e seu primo, que estabeleceu a astronomia, Manílio Antíoco, e Estabério Eros, que estabeleceu a gramática, os quais nossos antepassados viram chegar em um mesmo navio.</p> <p>200. Mas por que motivo alguém se referiria a eles, agraciados pela honra de seus escritos? Já viram, em uma catasta, Crisógono, de Sula, Anfíon, de Quinto Cátulo, Heitor de Lúcio Luculo, Demétrio, de Pompeu e Auge, de Demétrio, embora se acredite ter sido ela também de Pompeu, Hiparco de Marco Antônio, Mena e Menécraates de Sexto Pompeu e inúmeros outros, não é a ocasião enumerá-los, que enriqueceram pelo sangue dos antigos Sabinos e pela licença de proscições.</p> <p>201. Essa é a marca deixada por esses escravos gregos a serem vendidos e a desonra associada ao acúmulo excessivo de fortuna. Vimo-los alcançarem tamanhas vitórias, que contemplamos ser determinada a eles a distinta pretoria pelo senado por ordem de Agripina, esposa de Cláudio César; e só os vimos serem enviados de volta aos seus respectivos lugares de origem com uma coleção de louros, de onde chegaram com os pés de creta.</p>
<p>LIX 202. Praeterea sunt genera terrae proprietatis suae, de quibus iam diximus, sed et hoc loco reddenda natura: ex Galata insula et circa Clupeam Africae scorpiones necat, Baliaris et Ebusitana serpentes.</p>	<p>LIX 202. Além disso, há outras espécies de terra com suas respectivas propriedades sobre as quais já dissemos, mas, também nesta seção, sua natureza deve ser retomada: a terra da Ilha de Gálata e perto de Clúpea, na África, mata escorpiões; já a das Baleares e a de Ébuso mata serpentes.</p>

4.3. Livro XXXVI

<p>I 1. Lapidum natura restat, hoc est praecipua morum insania, etiam ut gemmae cum sucinis atque crystallinis murrinisque sileantur. omnia namque, quae usque ad hoc volumen tractavimus, hominum genita causa videri possunt: montes natura sibi fecerat ut quasdam compages telluris visceribus densandis, simul ad fluminum impetus domandos fluctusque frangendos ac minime quietas partes coercendas durissima sui matéria. caedimus hos trahimusque nulla alia quam deliciarum causa, quos transcendisse quoque mirum fuit.</p> <p>2. In portento prope maiores habuere Alps ab Hannibale exsuperatas et postea a Cimbris: nunc ipsae caeduntur in mille genera marmorum. promunturia</p>	<p>I 1. Resta-nos ainda a natureza das pedras, isto é, a principal extravagância dos nossos costumes ainda que não sejam mencionados as gemas e o âmbar, os vasos de cristal de rocha e os de murra²⁴⁰. Com efeito, todas as coisas de que tratamos até este volume podem ser consideradas como tendo sido geradas em benefício dos homens; já as montanhas, foi a natureza que as fizera para si mesma, como se fossem armações comprimindo os interiores da terra, para, ao mesmo tempo, refrear as correntezas dos rios e aquebrantar as ondas dos mares e conter suas partes mais revoltas por meio de sua própria matéria mais rígida. Mas as fendemos e transportamos sem nenhuma outra razão</p>
--	--

²³⁹ Cf. nota 155.

²⁴⁰ *Murrinis*: minério de origem asiática usado na confecção de vasos; corresponde à fluorita ou talvez à pedra de ágata (OLD, p. 1148).

<p>aperiuntur mari, et rerum natura agitur in planum; evehimus ea, quae separandis gentibus pro terminis constituta erant, navesque marmorum causa fiunt, ac per fluctus, saevissimam rerum naturae partem, huc illuc portantur iuga, maiore etiamnum venia quam cum ad frigidos potus vas petitur in nubila caeloque proximae rupes cavantur, ut bibatur glacie.</p> <p>3. Secum quisque cogitet, et quae pretia horum audiat, quas vehi trahique moles videat, et quam sine iis multorum sit beator vita. ista facere, immo verius pati mortales quos ob usus quasve ad voluptates alias nisi ut inter maculas lapidum iaceant, ceu vero non tenebris noctium, dimidia parte vitae cuiusque, gaudia haec auferentibus!</p>	<p>senão a dos bel-prazeres; tê-las cruzado já foi, um dia, admirável.</p> <p>2. Nossos antepassados consideraram a ultrapassagem dos Alpes por Aníbal e depois pelos Cimbros quase como um fenômeno extraordinário; agora, os próprios Alpes são espedaçados em mil variedades de mármore. Os promontórios são expostos ao mar, e a natureza é levada ao aplanamento. Arrancamos as estruturas que foram criadas como fronteiras para separar os povos, e até navios são feitos para transportar os mármore, e, pelas ondas dos mares – elemento mais violento da natureza –, são transportados, para lá e para cá, cumes de montanhas, mas com uma desculpa ainda melhor do que quando se busca até as nuvens por um vasilhame para bebidas geladas ou se escava montanhas tão próximas do céu para se beber em gelo²⁴¹.</p> <p>3. Que cada um pondere, ao ouvir os preços dessas peças, ao ver as estruturas massivas serem transportadas e arrastadas, sobre o quão mais feliz seria a vida de tantas pessoas sem tais objetos. Os homens fazem essas coisas, ou melhor, suportam-nas, mas para que usos ou para que outros prazeres, se não para que jazam em meio a rochas maculadas, como se a escuridão das noites – metade de toda a vida de qualquer um – não roubasse esses deleites?</p>
<p>II 4. Ingens ista reputantem subit etiam antiquitatis rubor. exstant censoriae leges Claudianae in cenis glires et alia dictu minora adponi vetantes: marmora invehi, maria huius rei causa transiri quae vetaret, lex nulla lata est.</p> <p>5. Dicat fortassis aliquis: non enim invehebantur. id quidem falso. CCCLX columnas M. Scauri aedilitate ad scaenam theatri temporari et vix mense uno futuri in usu viderunt portari silentio legum. sed publicis nimirum indulgentes voluptatibus. id ipsum cur? aut qua magis via inrepunt vitia quam publica? quo enim alio modo in privatos usus venere ebor, aurum, gemmae? aut quid omnino diis reliquimus?</p> <p>6. Verum esto, indulserint publicis voluptatibus. etiamne tacuerunt, maximas earum atque adeo duodequadragesimum pedum Lucullei marmoris in atrio Scauri conlocari? nec clam id occulteque factum est. satisfacere sibi damni infecti coegit redemptor cloacarum, cum in Palatium eae traherentur. non ergo in tam malo exemplo moribus caveri utilius fuerat? tacuere tantas moles in privatam domum trahi praeter fictilia deorum fastigia!</p>	<p>II 4. Um enorme rubor frente à antiguidade sobrevém considerando essas coisas. Existem as leis do censor Cláudio, que proíbem arganazes e outras coisas que não valem a menção de serem servidos em jantares; mas quanto a importar mármore, atravessar mares por causa disso, nenhuma lei foi proposta que o proibisse.</p> <p>5. Possivelmente alguém diria: “pois não costumavam ser importados”. Seguramente, isso não é verdade. Viram serem transportadas trezentas e sessenta colunas, quando ainda Marco Escauro era edil, para o palco de um teatro temporário, e que haveria de ser usado por um mês apenas – isso com o silêncio das leis. Sem dúvida foram indulgentes com o divertimento do povo; mas por que razão isso mesmo? Por que via mais se introduzem os erros do que pela via pública? Pois de que outra forma os marfins, o ouro e as pedras preciosas chegaram ao uso privado? Ou o que deixamos inteiramente apenas aos deuses?</p> <p>6. De fato, teriam sido complacentes com os divertimentos públicos, mas também não se mantiveram caladas sobre as maiores colunas dentre essas, de até trinta e oito pés²⁴², de mármore de Luculo, que foram postas no átrio de Escauro? Isso nem foi feito furtivamente ou às ocultas. O contratante das cloacas o obrigou a dar uma caução a ele para o caso de possíveis danos enquanto as colunas eram carregadas até o monte Palatino. Pois não teria sido mais benéfico, em meio a um exemplo já tão ruim, que os costumes fossem preservados? Nada disseram,</p>

²⁴¹ Trata-se do cristal de rocha, que acreditavam ser um tipo de gelo, em que a congelação provocava a petrificação (HN, XXXVII, 23). A palavra *crystallum*, do grego *κρύσταλλος*, significa tanto gelo como cristal de rocha (OLD, p. 463).

²⁴² Cerca de 11,2 m.

	contudo, sobre as enormes estruturas de mármore que eram carregadas até a casa privada diante dos frontões de argila dos deuses.
<p>III 7. Nec potest videri Scaurus rudi et huius mali improvidae civitati obrepisse quodam vitii rudimento. iam L. Crassum oratorem illum, qui primus peregrini marmoris columnas habuit in eodem Palatio, Hymettias tamen nec plures sex aut longiores duodenum pedum, M. Brutus in iurgiis ob id Venerem Palatinam appellaverat.</p> <p>8. Nimirum ista omisere moribus victis, frustra quae interdicta quae vetuerant, cernentes nullas potius quam inritas esse leges maluerunt. haec atque quae secuntur meliores esse nos probabunt. quis enim hodie tantarum columnarum atrium habet? sed priusquam de marmoribus dicamus, hominum in iis praeferenda iudicamus pretia. ante igitur artifices percensebimus.</p>	<p>III 7. E Escauro não pode ser tido como quem surpreendeu uma cidade tola e incauta desse mal com os primeiros ensinamentos de um vício. Já antes houve o orador Lúcio Crasso, o primeiro a possuir colunas de mármore estrangeiro no mesmo Palatino. Embora fossem colunas de mármore de Himeto e não mais do que seis ou mais compridas do que doze pés²⁴³, por esse motivo, Marco Bruto, em meio a disputas, chamou-o de “Vênus Palatina”.</p> <p>8. Certamente, deixaram essas coisas de lado depois de derrotados os costumes, e, vendo as proibições que em vão haviam sido proscritas, preferiram não ter lei nenhuma a ter leis ineficazes. Essas coisas e as que se seguem provarão que nós somos melhores. Pois quem, hoje, possui um átrio com tamanhas colunas? Mas, antes de falarmos sobre os mármore, pensamos que o valor daqueles que os esculpíram deve ser exposto. Portanto, percorramos, primeiro, os artífices.</p>
<p>IV 9. Marmore scalpendo primi omnium inclaruerunt Dipoenus et Scyllis, geniti in Creta insula etiamnum Medis imperantibus priusque quam Cyrus in Persis regnare inciperet. hoc est Olympiade circiter quinquagensima. hi Sicyonem se contulere, quae diu fuit officinarum omnium talium patria. deorum simulacra publice locaverant iis Sicyonii, quae priusquam absolventur, artifices iniuriam questi abiere in Aetolos.</p> <p>10. Protinus Sicyonem fames invasit ac sterilitas maerorque dirus. remedium petentibus Apollo Pythius respondit: si Dipoenus et Scyllis deorum simulacra perfecissent. quod magnis mercedibus obsequisque impetratum est. fuere autem simulacra ea Apollinis, Dianae, Herculis, Minervae, quod de caelo postea tactum est.</p> <p>11. Cum hi essent, iam fuerat in Chio insula Melas sculptor, dein filius eius Micciades ac deinde nepos Archermus, cuius filii Bupalus et Athenis vel clarissimi in ea scientia fuere Hipponactis poetae aetate, quem certum est LX olympiade fuisse. quodsi quis horum familiam ad proavum usque retro agat, inveniatur artis eius originem cum olympiadum initio coepisse.</p> <p>12. Hipponacti notabilis foeditas voltus erat; quam ob rem imaginem eius lascivia iocorum hi proposuere ridentium circulis, quod Hipponax indignatus destrinxit amaritudine carminum in tantum, ut credatur aliquis ad laqueum eos compulisse. quod falsum est. complura enim in finitimis insulis simulacra postea fecere, sicut in Delo, quibus subiecerunt carmen non vitibus tantum censerit Chion, sed et</p>	<p>IV 9. Os que ficaram famosos esculpindo em mármore, os mais importantes, foram Dipeno e Escílís, nascidos na ilha de Creta quando os Medos²⁴⁴ ainda comandavam e antes que Ciro começasse a reinar na Pérsia. Isso foi em torno da 50ª Olimpíada²⁴⁵. Eles se dirigiram para Sícion, que foi, por muito tempo, pátria de todas as oficinas do tipo. Os Siciônios haviam encomendado publicamente a eles alguns simulacros de deuses, mas, antes que fossem terminadas, os artífices, tendo se queixado diante de uma injustiça, partiram para a Etólia.</p> <p>10. Logo depois, a fome acometeu Sícion e então a escassez e o medo terrível. Ao rogarem a Apolo Pítio por um remédio para a situação, ele respondeu: somente se Dipeno e Escílís terminassem os simulacros dos deuses. Isso só foi obtido com maiores recompensas e aquiescências. Esses simulacros foram de Apolo, Diana, Hércules e de Minerva – esta foi, depois, atingida por um raio.</p> <p>11. Quando viviam Dipeno e Escílís, já antes havia existido na ilha de Quios um escultor, Melas, e, depois dele, seu filho Micíades e, em seguida, seu neto Arquermo, cujos filhos, Búpalo e Atenis, foram seguramente os mais ilustres nessa arte na época do poeta Hipônax, o qual é certo ter vivido durante a 60ª Olimpíada²⁴⁶. E se alguém fizer recuar no tempo a família deles até seu bisavô, descobrirá que a origem dessa arte coincide com o início das Olimpíadas²⁴⁷.</p> <p>12. A feiura do rosto de Hipônax era notável e, por isso, expuseram, com zombarias petulantes, uma imagem sua a um círculo de pessoas que riam, o que Hipônax, indignado, criticou a tal ponto, com desgosto, em um poema, que, segundo alguns</p>

²⁴³ Cerca de 3,5 m.

²⁴⁴ *Medis*: povo habitante da antiga região da Média, na Ásia, entre a Armênia, a Pérsia, a Pártia e a Assíria.

²⁴⁵ 580-577 a.C.

²⁴⁶ 540-537 a.C.

²⁴⁷ Em torno de 776 a.C.

operibus Archermi filiorum. ostendunt et Iasii Dianam manibus eorum factam.

13. In ipsa Chio narrata est operis eorum Dianae facies in sublimi posita, cuius voltum intrantes tristem, abeuntes exhilaratum putant. Romae eorum signa sunt in Palatina aede Apollinis in fastigio et omnibus fere quae fecit divus Augustus. patris quoque eorum et Deli fuere opera et in Lesbo insula.

14. Dipoeni quidem Ambracia, Argos, Cleonae operibus refertae fuere.

Omnes autem candido tantum marmore usi sunt e Paro insula, quem lapidem coepere lychniten appellare, quoniam ad lucernas in cuniculis caederetur, ut auctor est Varro, multis postea candidioribus repertis, nuper vero etiam in Lunensium lapicidinibus. sed in Pariorum mirabile proditur, glaeba lapidis unius cuneis dividendum soluta, imaginem Sileni intus extitisse.

15. Non omittendum hanc artem tanto vetustiore fuisse quam picturam aut statuariam, quarum utraque cum Phidia coepit octogensima tertia olympiade, post annos circiter CCCXXXII. et ipsum Phidian tradunt scalpsisse marmora, Veneremque eius esse Romae in Octaviae operibus eximia pulchritudinis.

16. Alcamenen Atheniensem, quod certum est, docuit in primis nobilem, cuius sunt opera Athenis complura in aedibus sacris praeclarumque Veneris extra muros, quae appellatur Ἀφροδίτη ἐν κήποις. huic summam manum ipse Phidias inposuisse dicitur.

17. Eiusdem discipulus fuit Agoracritus Parius, et aetate gratus, itaque e suis operibus pleraque nomini eius donasse fertur. certavere autem inter se ambo discipuli Venere facienda, vicitque Alcámenes non opere, sed civitatis suffragiis contra peregrinum suo faventis. quare Agoracritus ea lege signum suum vendidisse traditur, ne Athenis esset, et appellasse Nemesin. id positum est Rhamnunte pago Atticae, quod M. Varro omnibus signis praetulit. est et in Matris Magnae delubro eadem civitate Agoracriti opus.

18. Phidian clarissimum esse per omnes gentes, quae Iovis Olympii famam intellegunt, nemo dubitat, sed ut laudari merito sciant etiam qui opera eius non videre, proferemus argumenta parva et ingenii tantum. neque ad hoc Iovis Olympii pulchritudine utemur, non Minervae Athenis factae amplitudine, cum sit ea cubitorum XXVI – ebore haec et auro constat – sed in scuto eius Amazonum proelium caelavit intumescere ambitu, in parvae eiusdem concava parte deorum et Gigantum dimicationes, in soleis vero Lapitharum et Centaurorum. adeo momenta omnia capacia artis illi fuere.

19. In basi autem quod caelatum est, Πανδώρας γένεσις appellant: dii adsunt nascenti XX numero. Victoria praecipue mirabili, periti mirantur et serpentem ac sub ipsa cuspidate aeream sphingem. haec

acreditam, fez com que eles se enforcassem. Mas isso é falso, pois eles, depois, fizeram, em ilhas vizinhas, como em Delos, inúmeros simulacros, aos quais inscreveram, embaixo, um epigrama que dizia ser Quios reconhecida não apenas pelos vinhos, mas também pelas obras dos filhos de Arquermo. O povo de Iasso também ostenta uma Diana feita por eles.

13. Em Quios mesmo, foi dito que havia entre as obras deles uma face de Diana posicionada no alto, cujo semblante aqueles que entram julgam ser melancólico, enquanto os que saem julgam ser alegre. Em Roma, no monte Palatino, há algumas esculturas deles no frontão no templo de Apolo e em quase todos os outros templos feitos pelo divino Augusto. Também houve obras do pai deles em Delos e na ilha de Lesbos.

14. Quanto a Dipeno, Ambrácia, Argos e Cleonas foram repletas de obras suas. Todos eles fizeram uso apenas do mármore branco extraído da ilha de Paros, pedra que começaram a chamar licnité²⁴⁸, uma vez que, segundo Varrão, era extraída nas minas graças às lâmpadas a óleo. Depois, muitas outras pedras mais brancas foram descobertas, e, na verdade, há pouco também nas pedreiras de Luna. Mas, sobre as de Paros, conta-se um feito extraordinário: quando partiram um único bloco de pedra com as cunhas, surgiu de dentro uma imagem de Sileno.

15. Não se deve omitir que essa arte foi muito mais antiga do que a pintura ou do que a escultura em bronze²⁴⁹, cada uma delas tendo começado com Fídias na 83ª Olimpíada²⁵⁰, por volta de trezentos e trinta e dois anos mais tarde. Dizem que Fídias também esculpiu em mármore, e que há uma Vênus dele em Roma, nos edifícios de Octávia, de exímia beleza.

16. O que é certo é que ele ensinou Alcâmenes de Atenas, famoso entre os primeiros escultores. Várias obras suas encontram-se em Atenas, em templos sagrados, e ele também possui uma estátua de Vênus, ilustre, do lado de fora dos muros, que é chamada “Afrodite nos jardins”. Diz-se que o próprio Fídias encarregou-se do retoque final da obra.

17. Foi também seu discípulo Agorácrito de Paros, seu favorito por sua juventude, e, por isso, dizem que Fídias concedeu a ele a autoria de grande parte de suas obras. Os dois discípulos competiram entre si criando uma Vênus, e Alcâmenes venceu não por sua obra, mas porque o voto da cidade foi contrário ao estrangeiro, favorecendo-o. Por isso, conta-se que Agorácrito vendeu sua obra sob a condição de que não permanecesse em Atenas e chamou-a Nêmesis. Ela foi posta em Rhamnunte, povoado ático, e Marco Varrão preferiu-a em meio a todas as outras esculturas. Há também, na mesma cidade, no templo de Cibele, outra obra de Agorácrito.

²⁴⁸ *Lychniten*: tipo de mármore branco encontrado em Paros (OLD, p. 1055).

²⁴⁹ *Statuariam*: no caso significando a arte de esculpir em bronze; o termo contudo não designa unicamente estátuas em bronze, sendo também utilizado para esculturas em mármore, como em XXXVI, 57, 58 ou 88.

²⁵⁰ 448-445 a.C.

sint obiter dicta de artifice numquam satis laudato, simul ut noscatur illam magnificentiam aequalem fuisse et in parvis.

20. Praxitelis aetatem inter statuarios diximus, qui marmoris gloria superavit etiam semet. opera eius sunt Athenis in Ceramico, sed ante omnia est non solum Praxitelis, verum in toto orbe terrarum Venus, quam ut viderent, multi navigaverunt Cnidum. duas fecerat simulque vendebat, alteram velata specie, quam ob id praetulerunt quorum condicio erat, Coi, cum eodem pretio detulisset, severum id ac pudicum arbitantes; reiectam Cnidii emerunt, immensa differentia famae.

21. Voluit eam a Cnidiis postea mercari rex Nicomedes, totum aes alienum, quod erat ingens, civitatis dissoluturum se promittens. omnia perpeti maluere, nec inmerito; illo enim signo Praxiteles nobilitavit Cnidum. aedicula eius tota aperitur, ut conspici possit undique effigies deae, favente ipsa, ut creditur, facta. nec minor ex quacumque parte admiratio est. ferunt amore captum quendam, cum delituisset noctu, simulacro cohaesisse, eiusque cupiditatis esse indicem maculam.

22. Sunt in Cnido et alia signa marmorea inlustrum artificum, Liber pater Bryaxidis et alter Scopae et Minerva, nec maius aliud Veneris Praxiteliae specimen quam quod inter haec sola memoratur. eiusdem est et Cupido, obiectus a Cicerone Verri ille, propter quem Thespieae visebantur, nunc in Octaviae scholis positus; eiusdem et alter nudus in Pario colonia Propontidis, par Veneri Cnidiae nobilitate et iniuria; adamavit enim Alcetas Rhodius atque in eo quoque simile amoris vestigium reliquit.

23. Romae Praxitelis opera sunt Flora, Triptolemus, Ceres in hortis Servilianis, Boni Eventus et Bonae Fortunae simulacra in Capitolio, item Maenades et quas Thyiadas vocant et Caryatidas, et Sileni in Pollionis Asini monumentis et Apollo et Neptunus.

24. Praxitelis filius Cephisodotus et artis heres fuit. cuius laudatum est Pergami symplegma nobile digitis corpori verius quam marmoris impressis. Romae eius opera sunt Latona in Palatii delubro, Venus in Pollionis Asini monumentis et intra Octaviae porticus in Iunonis aede Aesculapius ac Diana.

25. Scopae laus cum his certat. is fecit Venerem et Pothon, qui Samothrace sanctissimis caerimoniis coluntur, item Apollinem Palatinum, Vestam sedentem laudatam in Servilianis hortis duosque campteras circa eam, quorum pares in Asini monumentis sunt, ubi et canophoros eiusdem.

26. Sed in maxima dignatione delubro Cn. Domitii in circo Flaminio Neptunus ipse et Thetis atque Achilles, Nereides supra delphinos et cete aut hippocampas sedentes, item Tritones chorusque Phorci et pistrices ac multa alia marina, omnia eiusdem manu, praeclarum opus, etiam si totius vitae fuisset. nunc vero praeter supra dicta quaeque nescimus Mars etiamnum est sedens colossiaeus eiusdem manu in templo Bruti Callaeci apud circum eundem, praeterea

18. Em meio a todos os povos que estimam a glória de seu Júpiter Olímpio, ninguém duvida de que Fídias seja o mais renomado escultor, mas, para que aqueles que ainda não viram suas obras saibam que é merecidamente louvado, exporemos algumas evidências, pouco relevantes e que tão somente revelam seu engenho. E não usaremos, para isso, da beleza de seu Júpiter Olímpio ou da grandeza de sua Minerva feita em Atenas, embora tenha vinte e seis côvados de altura²⁵¹, composta de ouro e marfim; no escudo desta, gravou a batalha das Amazonas na face convexa, na parte côncava da mesma parma, os combates de Deuses e Gigantes, e, também nas sandálias, os dos Centauros e dos Lápitais. De fato, todos os mínimos espaços foram, para ele, aptos à arte.

19. Foi gravado, ainda, na base, o que chamam “Nascimento de Pandora”, com os vinte deuses também presentes. Além de ser a deusa Vitória particularmente admirável, os versados no assunto contemplam também a serpente e, sob a lança, a esfinge brônzea. E essas são as coisas ditas sobre esse escultor, nunca suficientemente louvado, apenas de passagem, para que, ao mesmo tempo, tome-se conhecimento de que essa sua magnificência artística foi igual também nos menores detalhes.

20. Falamos, em meio às esculturas em bronze, da época de Praxíteles, mas, no que diz respeito à glória de suas próprias obras em mármore, até mesmo se superou. Há obras suas em Atenas, no Cerâmico, mas, acima de todas elas, não só de Praxíteles, mas também em todo o mundo, há a Vênus, a qual muitos navegaram até Cnido para ver. Havia feito duas e ao mesmo tempo as vendia, uma delas com a figura coberta, a qual, por isso, foi preferida pelos habitantes de Cós, dos quais já era o acordo de compra – ainda que tivesse oferecido as obras pelo mesmo preço –, pois acreditavam ser isso o mais rigoroso e pudico a ser feito; os habitantes de Cnido, assim, compraram a estátua rejeitada, que alcançou muito mais renome.

21. O rei da Bitínia, Nicomedes, quis, depois, comprá-la, prometendo quitar toda a dívida da cidade, que era enorme, mas eles preferiram arcar com tudo, e não sem razão, pois, com essa escultura, Praxíteles tornou Cnido famosa. O templo em que se encontra é todo aberto, para que possa ser vista de todos os ângulos a efígie da deusa, sendo ela própria favorável, como se acredita, a que fosse feita assim. E não é menor a admiração de qualquer um dos lados. Dizem que um homem, tomado de amor pelo simulacro, escondido durante a noite, uniu-se a ele, e que há uma mancha – o indício de seu ato de luxúria.

22. Também há, em Cnido, outras estátuas em mármore de artistas ilustres – o Pai Líbero de Briáxis, outro de Escopas e uma Minerva –, mas não há indicativo maior da excelência da Vênus de Praxíteles do que ser, dentre essas, mencionada exclusivamente. Também é dele o Cupido, que foi

²⁵¹ Cerca de 11,54 m.

Venus in eodem loco nuda, Praxiteliam illam antecedens et quemcumque alium locum nobilitatura. 27. Romae quidem multitudo operum et iam oblitteratio ac magis officiorum negotiorumque acervi omnes a contemplatione tamen abducunt, quoniam otiosorum et in magno loci silentio talis admiratio est. qua de causa ignoratur artifex eius quoque Veneris, quam Vespasianus imperator in operibus Pacis suae dicavit antiquorum dignam fama.

28. Par haesitatio est in templo Apollinis Sosiani, Niobae liberos morientes Scopas an Praxiteles fecerit; item Ianus pater, in suo templo dicatus ab Augusto ex Aegypto advectus, utrius manu sit, iam quidem et auro occultatus. similiter in curia Octaviae quaeritur de Cupidine fulmen tenente; id demum adfirmatur, Alcibiaden esse, principem forma in ea aetate.

29. Multa in eadem schola sine auctoribus placent: Satyri quattuor, ex quibus unus Liberum patrem palla velatum meris praefert, alter Liberam similiter, tertius ploratum infantis cohibet, quartus craterem alterius sitim sedat, duaeque Aurae velificantes sua veste. nec minor quaestio est in Saepis, Olympum et Pana, Chironem cum Achille qui fecerint, praesertim cum capitali satisfactione fama iudicet dignos.

30. Scopas habuit aemulos eadem aetate Bryaxim et Timotheum et Leocharen, de quibus simul dicendum est, quoniam pariter caelavere Mausoleum. sepulchrum hoc est ab uxore Artemisia factum Mausolo, Cariae regulo, qui obiit olympiadis CVII anno secundo. opus id ut esset inter septem miracula, hi maxime fecere artifices. patet ab austro et septentrione sexagenos ternos pedes, brevius a frontibus, toto circumitu pedes CCCCXXXX, attollitur in altitudinem XXV cubitis, cingitur columnis XXXVI. pteron vocavere circumitum.

31. Ab oriente caelavit Scopas, a septentrione Bryaxis, a meridie Timotheus, ab occasu Leochares, priusque quam peragerent, regina obiit. non tamen recesserunt nisi absoluto, iam id gloriae ipsorum artisque monumentum iudicantes; hodieque certant manus. accessit et quintus artifex. namque supra pteron pyramis altitudinem inferiorem aequat, viginti quattuor gradibus in metae cacumen se contrahens; in summo est quadriga marmorea, quam fecit Pythis. haec adiecta CXXXX pedum altitudine totum opus includit.

32. Timothei manu Diana Romae est in Palatio Apollinis delubro, cui signo caput reposuit Avianius Evander.

In magna admiratione est Hercules Menestrati et Hecate Ephesi in templo Dianae post aedem, in cuius contemplatione admonent aeditui parcere oculis; tanta marmoris radiatio est. non postferuntur et Charites in propylo Atheniensium, quas Socrates fecit, alius ille quam pictor, idem ut aliqui putant. nam Myronis illius,

exposto por Cícero contra Verres, e pelo qual Téspias era visitada, estando, hoje, exposto nas “galerias” de Octávia; é dele também um outro, desnudo, em Pário, colônia de Propôntida, igual à Vênus de Cnido quanto ao renome bem como quanto à violação sofrida, pois Alcetas de Rodes também se apaixonou e deixou nele vestígio semelhante de seu desejo.

23. Há, em Roma, as seguintes obras de Praxíteles: Flora, Triptólemo e Ceres, nos jardins Servilianos; os simulacros do Bom Êxito e da Boa Fortuna no Capitólio, assim como as Mênades e aquelas que chamam Tíades e Cariátides e também os Silenos, em meio aos monumentos de Asínio Polião, um Apolo e um Netuno.

24. O filho de Praxíteles, Cefisódoto, foi herdeiro de sua arte; foi exaltado em Pérgamo seu entrelaçamento²⁵², célebre pelos dedos, que mais parecem fincados na carne do que em mármore. Em Roma, estão suas obras Latona, no templo do Palatino, Vênus, em meio aos monumentos de Asínio Polião, e, dentro dos Pórticos de Octávia, no templo de Juno, o Esculápio e Diana.

25. A glória de Escopas também rivaliza com esses escultores. Ele fez uma Vênus e um Desejo que são cultuados na Samotrácia em meio aos mais sagrados rituais. Fez também um Apolo Palatino, uma Vesta sentada, muito louvada, nos jardins Servilianos, e dois pilares em curva²⁵³ ao redor dela, aos quais há semelhantes entre os monumentos de Asínio Polião, em que há ainda uma Canéfora²⁵⁴ dele.

26. Mas sua obra de maior reputação, no templo de Gneu Domício, no circo Flamínio, é o próprio Netuno com Tétis, Aquiles e as Nereidas, montadas sobre golfinhos e grandes peixes ou cavalos marinhos, e também Tritões e um grupo de Fórcidas, além de muitos outros peixes e animais marinhos, todos feitos pelas mesmas mãos, obra ilustre ainda que fosse a obra de toda uma vida. E, além de todas as obras ditas acima e as que não conhecemos, há ainda uma estátua colossal de Marte sentado, obra sua, no templo construído por Bruto Calaico no circo Flamínio, além de uma Vênus desnuda no mesmo local, que sobressai àquela de Praxíteles e que tornaria famoso qualquer outro lugar.

27. De fato, em Roma, a multidão de obras e já agora o esquecimento e também a grande quantidade de deveres e ocupações afastam as pessoas da verdadeira contemplação, uma vez que a apreciação de uma obra requer um momento de ócio e o absoluto silêncio do entorno. Por essa razão, também é desconhecido o artífice da Vênus que o imperador Vespasiano dedicou em seu Templo da Paz, obra digna de reconhecimento entre os antigos.

28. Igualmente, são incertos, no templo de Apolo Sosiano, os Filhos de Níobe morrendo, se os teria feito

²⁵² *Symplegma*: em escultura, representação de um grupo de indivíduos ou lutadores agarrando-se (OLD, p. 1895). Pode assumir ainda sentido erótico. Do grego *σύμπλεγμα*, também em escultura significando “entrelaçamento”.

²⁵³ *Campteras*: *campter*, curva ou sinuosidade ao final de uma corrida (OLD, p. 263).

²⁵⁴ *Canephoros*: estátua de uma moça carregando sobre a cabeça uma cesta com objetos sagrados (OLD, p. 265).

<p>qui in aere laudatur, anus ebria est Zmyrnae in primis incluta.</p> <p>33. Pollio Asinius, ut fuit acris vehementiae, sic quoque spectari monumenta sua voluit. in iis sunt Centauri Nymphas gerentes Arcesilae, Thespiades Cleomenis, Oceanus et Iuppiter Heniochi, Appiades Stephani, Hermerotes Taurisci, non caelatoris illius, (34.) sed Tralliani, Iuppiter hospitalis Papyli, Praxitelis discipuli, Zethus et Amphion ac Dirce et taurus vinculumque ex eodem lapide, a Rhodo advecta opera Apollonii et Taurisci. parentum hi certamen de se fecere, Menecraten videri professi, sed esse naturalem Artemidorum. eodem loco Liber pater Eutyichidis laudatur, ad Octaviae vero porticum Apollo Philisci Rhodii in delubro suo, item Latona et Diana et Musae novem et alter Apollo nudus.</p> <p>35. Eum, qui citharam in eodem templo tenet, Timarchides fecit, intra Octaviae vero porticum aedem Iunonis ipsam deam Dionysius et Polycles aliam, Venerem eodem loco Philiscus, cetera signa Praxiteles. iidem Polycles et Dionysius, Timarchidis filii, Iovem, qui est in proxima aede, fecerunt, Pana et Olympum luctantes eodem loco Heliodorus, quod est alterum in terris symplegma nobile, Venerem lavantem sese Daedalsas, stantem Polycharmus.</p> <p>36. Ex honore apparet, in magna auctoritate habitum Lysiae opus quod in Palatio super arcum divus Augustus honori Octavi patris sui dicavit in aedícula columnis adornata, id est quadriga currusque et Apollo ac Diana ex uno lapide. in hortis Servilianis reperio laudatos Calamidis Apollinem illius caelatoris, Dercylidis pycetas, Amphistrati Callisthenen historiarum scriptorem.</p> <p>37. Nec deinde multo plurimum fama est, quorundam claritati in operibus eximiis obstante numero artificum, quoniam nec unus occupat gloriam nec plures pariter nuncupari possunt, sicut in Laocoonte, qui est in Titi imperatoris domo, opus omnibus et picturae et statuariae artis praefendum. ex uno lapide eum ac liberos draconumque mirabiles nexus de consilii sententia fecere summi artifices Hagesander et Polydorus et Athenodorus Rhodii</p> <p>38. Similiter Palatinas domos Caesarum replevere probatissimis signis Craterus cum Pythodoro, Polydeuces cum Hermolao, Pythorodus alias cum Artemone, at singularis Aphrodisius Trallianus. Agrippae Pantheum decoravit Diogenes Atheniensis; in columnis templi eius Caryatides probantur inter</p>	<p>Escopas ou Praxíteles; é também esse o caso do pai Jano, no templo que leva seu nome, dedicado por Augusto e trazido do Egito, que seria de um dos dois, e que foi, ainda, escondido pelo ouro de que é recoberto. Do mesmo modo, procura-se saber sobre o Cupido segurando um raio na cúria de Octávia; afirma-se apenas que a estátua seja a figura de Alcibíades, o mais belo nessa época.</p> <p>29. E muitas são as obras sem autores que agradam nessa mesma “galeria” de Octávia, como os Quatro Sátiros; deles, um carrega o pai Líbero coberto com um manto sobre os ombros, outro da mesma forma com Líbera, o terceiro impede o choro de uma criança e o quarto mata a sede de outra com uma cratera de vinho, além das duas Auras, com sua vestes, abanando-as como velas. E a disputa não é menor sobre quem teria feito o Olimpo e Pã e o Quíron com Aquiles no local de votações, mas a fama deles, em especial, os considera dignos de que respondam por sua segurança com a vida.</p> <p>30. Escopas teve como êmulos, na mesma época, Briáxis, Timóteo e Leócares, sobre os quais se deve falar ao mesmo tempo, uma vez que, junto com ele, gravaram o Mausoléu. Esse sepulcro foi pedido por Artemísia, esposa de Mausolo, a ele, vice-rei da Cária, que faleceu no segundo ano da 107ª Olimpíada²⁵⁵. Esses artifices, em especial, executaram essa obra, que figura entre as sete maravilhas do mundo. Ao Sul e ao Norte, ela se estende por sessenta e três pés²⁵⁶, menor na fachada, com todo o perímetro ao redor medindo quatrocentos e quarenta pés²⁵⁷; eleva-se a vinte e cinco côvados de altura²⁵⁸ e é cingida por trinta e seis colunas. Os gregos chamaram <i>pteron</i> – <i>pteroma</i> – o entorno da construção²⁵⁹.</p> <p>31. Escopas gravou a partir do Leste, Briáxis do Norte, Timóteo pelo Sul e Leócares pelo Oeste, mas, antes que terminassem, a rainha faleceu. Eles, contudo, não se retiraram senão depois de acabado o trabalho, uma vez que já pensavam ser esse um monumento à glória deles próprios e também à sua arte; e ainda hoje seus trabalhos competem pelo posto de melhor. Também um quinto artífice somou-se. Com efeito, pois, acima do <i>pteroma</i>, uma pirâmide atinge a mesma altura de tudo que está abaixo, com vinte e quatro andares estreitando-se até o topo; no alto, há uma quadriga de mármore feita por Pítis. Uma</p>
--	--

²⁵⁵ 351 a.C.

²⁵⁶ Cerca de 18,6 m.

²⁵⁷ Cerca de 130,2 m.

²⁵⁸ Cerca de 11,1 m.

²⁵⁹ *Pteron*: do grego *πτερόν*, usado majoritariamente no plural, significando penas, asas ou qualquer coisa que tenha aparência ou estrutura semelhante à de asas (LSJ, p. 1547). Em português, *ptero-* sufixo de origem grega que significa pena, pluma, penacho, asa etc. (Houaiss, p. 2329). A arquitetura do *pteron* pode ser caracterizada como um edifício cercado por uma colunata ou uma construção, ou parte de uma construção, que se estende para fora (OLD, p. 1511). Vitruvius ainda distingue diferentes espécies de *pteron* (*De Arch.*, 3, 2, 1) – *peripteros*, *dipteros*, *pseudodipteros* – de outras maneiras de estruturar um templo. Porém Plínio se refere à disposição de colunas de modo geral.

pauca operum, sicut in fastigio posita signa, sed propter altitudinem loci minus celebrata.

39. Inhonorus est nec in templo ullo Hercules, ad quem Poeni omnibus annis humana sacrificaverant victima, humi stans ante aditum porticus ad nationes. sitae fuere et Thespiades ad aedem Felicitatis, quarum unam amavit eques Romanus Iunius Pisciculus, ut tradit Varro, admirator et Pasitelis, qui et quinque volumina scripsit nobilium operum in toto orbe.

40. Natus hic in Graeca Italiae ora et civitate Romana donatus cum iis oppidis, Iovem fecit eboreum in Metelli aede, qua campus petitur. accidit ei cum in navalibus, ubi ferae Africanae erant, per caveam intuens leonem caelaret, ut ex alia cavea panthera erumperet, non levi periculo diligentissimi artificis. fecisse opera complura dicitur; quae fecerit, nominatim non refertur.

41. Arcesilaum quoque magnificat Varro, cuius se marmoream habuisse leaenam aligerosque ludentes cum ea Cupidines, quorum alii religatam tenerent, alii cornu cogent bibere, alii calciarent soccis, omnes ex uno lapide. idem et a Coponio quattuordecim nationes, quae sunt circa Pompeium, factas auctor est.

42. Invenio et Canachum laudatum inter statuarios fecisse marmorea. nec Sauram atque Batrachum obliterari convenit, qui fecere templa Octaviae porticibus inclusa, natione ipsi Lacones. quidam et opibus praepotentes fuisse eos putant ac sua impensa construxisse, inscriptionem sperantes, qua negata hoc tamen alio modo usurpasse. sunt certe etiam nunc in columnarum spiris inscalptae nomina eorum argumento lacerta atque rana.

43. In Iovis aede ex iis pictura cultusque reliquos omnis femineis argumentis constat; erat enim facta Iunoni, sed, cum inferrentur signa, permutasse geruli traduntur, et id religione custoditum, velut ipsis diis sedem ita partitis. ergo et in Iunonis aede cultus est qui Iovis esse debuit. Sunt et in parvolis marmoreis famam consecuti Myrmecides, cuius quadrigam cum agitatore operuit alis musca, et Callicrates, cuius formicarum pedes atque alia membra pervidere non est.

vez adicionada essa parte, toda a obra foi concluída com uma altura de cento e quarenta pés²⁶⁰.

32. Há uma Diana feita por Timóteo em Roma, no templo de Apolo no Palatino, escultura cuja cabeça Aviânio Evandro repôs. Muito admirado, há um Hércules de Menéstrato e também uma Hécate em Éfeso, no templo de Diana atrás do santuário; os guardiões do local aconselham que se poupe os olhos ao contemplar a obra, tal é o brilho luminoso do mármore. E não são menos estimadas também as Cárites, no propileu dos atenienses, de Sócrates, outro que não o pintor, embora alguns julguem se tratar do mesmo. Quanto a Míron, louvado por seu trabalho em bronze, há em Esmirna uma obra sua, uma Velha ébria, especialmente ilustre.

33. Asínio Polião, que foi de um ávido entusiasmo, assim também quis que seus monumentos fossem vistos. Em meio às obras, há os Centauros carregando as Ninfas de Arcésilas; as Tespiades de Cleómenes; o Oceano e Júpiter, de Henfoco; as Apiades, de Estéfano; os bustos de Mercúrio e Amor de Taurisco, não o célebre cinzelador, mas Taurisco de Trales; o Júpiter hospitaleiro, de Pápilo, discípulo de Praxíteles; Zeto e Anfião e também Dirce e o touro e as algemas – tudo esculpido a partir de uma mesma peça de mármore –, obras transportadas de Rodes, de Apolônio e Taurisco.

34. Estes últimos provocaram uma disputa parental sobre eles, declarando publicamente que Menécrates parecia o pai deles, mas que eram filhos naturais de Artemidoro. No mesmo local, é muito elogiado um Pai Líbero, de Eutíquides, um Apolo, de Filisco de Rodes, em seu templo próximo ao Pórtico de Octávia, assim como uma Latona, uma Diana, as nove Musas e um outro Apolo desnudo.

35. O Apolo que segura uma cítara, nesse mesmo templo, foi feito por Timárquides, e, no templo de Juno, dentro do Pórtico de Octávia, a própria deusa foi feita por Dionísio além de uma outra por Pólicles, uma Vênus, no mesmo local, por Filisco e as outras esculturas foram feitas por Praxíteles. Pólicles e Dionísio, filhos de Timárquides, fizeram um Júpiter no templo seguinte, e Heliodoro fez, no mesmo local, um Pã e Olimpo combatendo, o segundo célebre entrelaçamento no mundo; Dedalsas fez uma Vênus banhando-se e Policarmo uma Vênus em pé.

36. Por toda a estima da qual é objeto, destaca-se uma obra de Lísias tida com o maior prestígio, a qual, sobre o arco no monte Palatino, o divino Augusto dedicou em honra a seu pai Otávio, em uma edícula adornada com colunas: trata-se de uma quadriga com um carro e Apolo e Diana esculpidos a partir de um único bloco de mármore. Já nos jardins Servilianos, encontro os célebres Apolo, do famoso escultor Cálamis, os boxeadores de Dercíldas e o historiógrafo Calístenes de Anfrato.

37. Além desses, não há muitos outros detentores de fama, uma vez que o número de artífices trabalhando

²⁶⁰ Cerca de 41,4 m.

em conjunto prejudicou o reconhecimento de alguns deles, ainda que fossem extraordinárias suas obras, pois, no caso, nem um se apodera de toda a glória pelo trabalho nem muitos podem ser proclamados igualmente. Assim se deu com o Laocoonte, que se encontra na residência do general Tito, obra mais estimada do que todas as outras – sejam pinturas ou esculturas em bronze. De um só bloco de mármore, os mais ilustres artífices – Agesandro, Polidoro e Atenodoro, de Rodes – fizeram o próprio Laocoonte, seus filhos e os enlaçamentos admiráveis das serpentes a partir de um projeto acordado entre eles.

38. Da mesma forma, preencheram os Palácios Imperiais no Palatino com as mais estimadas esculturas os artífices Crátero e Pitodoro; Polideuces e Hermolau; outro Pitodoro e Ártemon, e Afrodísio de Trales sozinho. O ateniense Diógenes ornou o Panteão de Agripa e, em meio às colunas deste templo, são estimadas como poucas outras obras as Cariátides assim como as esculturas postas no frontão, embora estas sejam menos famosas devido à altura do lugar.

39. Há ainda um Hércules, que não é estimado nem está em templo nenhum, ao qual os Cartagineses, todos os anos, haviam sacrificado uma vítima humana. Ele encontra-se em pé, no solo, em frente à entrada do Pórtico às Nações. Foram erigidas também Téspíades junto ao templo da deusa Felicidade, por uma das quais se apaixonou o equestre romano Júnio Piscículo, segundo transmitido por Varrão, o qual foi também admirador de Pasíteles, que escreveu cinco volumes sobre obras famosas em todo o mundo.

40. Nascido na costa grega da Itália e agraciado, junto com os habitantes dessas localidades, com a cidadania romana, ele fez um Júpiter em marfim no templo de Metelo, ao qual é próximo o Campo de Marte. Ocorreu-lhe, certa vez, quando gravava um leão, que, enquanto observava através de uma jaula, nos estaleiros – onde havia animais selvagens africanos – , de dentro de outra jaula, escapasse uma pantera, não sendo irrelevante o risco ao qual foi exposto o mais diligente dos artífices. Diz-se que ele produziu inúmeras obras, mas não há registro delas.

41. Varrão também exalta Arcesilau e diz ter possuído dele uma leoa de mármore e os Cupidos alados brincando com ela, dos quais uns seguravam-na amarrada, outros forçavam-na a beber de um corno e outros calçavam-na com socos²⁶¹, todos de um só bloco de mármore. Varrão também diz sobre as catorze Nações, que ficam ao redor do teatro de Pompeu, feitas por Copônio.

42. Também venho a descobrir que Cânaco, louvado entre os escultores de bronze, esculpiu ainda obras em mármore. E não cabe esquecer de Sauras e Batraco, que fizeram os templos dentro dos Pórticos de Octávia, eles próprios espartanos por nascimento. Alguns ainda pensam que eles foram riquíssimos e que construíram às suas custas porque esperavam por

²⁶¹ *Soccis*: tipo de sapato de origem grega, solto e sem saltos tipicamente usados por atores em comédias, símbolo do gênero; em Roma, usado comumente por mulheres, associado à feminilidade (OLD, p. 1777).

	<p>uma inscrição nas obras; uma vez que teria sido negada, obtiveram isso de um outro modo. Certamente, ainda agora há, gravados nas bases das colunas, um lagarto e uma rã²⁶², representação figurada de seus nomes.</p> <p>43. Desses templos, no de Júpiter, a pintura e todo o restante dos ornamentos correspondem a símbolos femininos, pois era, na verdade, feito a Juno. Contudo, quando eram transportadas as esculturas, dizem que os carregadores fizeram a troca, e isso foi mantido devido à superstição religiosa, como se os próprios deuses tivessem dividido a morada dessa forma. Consequentemente, também no templo de Juno, a ornamentação é a que deveria ser de Júpiter. Alcançaram também a fama por pequenas esculturas em mármore Mirmécides, cuja quadriga com condutor escondeu-se atrás das asas de uma mosca, e Calícrates, de cujas formigas os pés e as outras partes não é possível distinguir.</p>
<p>V 44. Haec sint dicta de marmoris scalptoribus summaque claritate artificum, quo in tractatu subit mentem non fuisse tum auctoritatem maculoso marmori. fecere et e Thasio, Cycladum insularum aemulo, et e Lesbio; lividius hoc paulo. versicolores quidem maculas et in totum marmorum apparatus etiam Menander, diligentissimus luxuriae interpres, primus et raro attigit.</p> <p>45. Columnis demum utebantur in templis, nec lautitiae causa – nondum enim ista intellegebantur – sed quia firmiores aliter statui non poterant. sic est inchoatum Athenis templum Iovis Olympii, ex quo Sulla Capitolinis aedibus advexerat columnas. fuit tamen inter lapidem atque marmor differentia iam et apud Homerum;</p> <p>46. dicit enim marmoreo saxo percussum, sed hactenus, regias quoque domus, cum lautissime, praeter aes, aurum, electrum, argentum ebore tantum adornans. primum, ut arbitror, versicolores istas maculas Chiorum lapicidinae ostenderunt, cum exstruerent muros, faceto in id M. Ciceronis sale – omnibus enim ostentabant ut magnificum: multo, inquit, magis mirarer, si Tiburtino lapide fecissetis. et, Hercules, non fuisset picturis honos ullus, non modo tantus, aliqua marmorum auctoritate.</p>	<p>V 44. Isso é dito sobre os escultores em mármore e sobre a grande fama dos artífices, o que me lembra, ao tratar do assunto, que o mármore com manchas não possuiu, à época, nenhum prestígio. Esculpiu-se em mármore de Tasos, que emula com o das ilhas Cíclades, e em mármore de Lesbos, este de cor pouco mais azulada. Na verdade, foi Menandro, o mais diligente comentador do luxo, quem abordou primeiro, mas, ainda assim, raras vezes, as manchas de diferentes cores e ornamentos de mármore de modo geral.</p> <p>45. Nos templos, costumava-se usar colunas de mármore, mas não pelo esplendor, pois essas coisas ainda não eram apreciadas, e, sim, porque não conseguiam ser fixadas em pé com mais estabilidade de outra maneira. Assim é o templo incompleto de Júpiter Olímpico em Atenas, cujas colunas Sula trouxe para os templos capitolinos. No entanto, a diferença entre o mármore e uma pedra comum já existiu em Homero, uma vez que ele menciona alguém atingido por um rochedo de mármore, embora mencione somente isso.</p> <p>46. Mesmo os palácios reais, adorna o mais suntuosamente possível, mas apenas com marfim, além de bronze, ouro, eletro²⁶³ e prata. Penso que foram as pedreiras de Quios que primeiro expuseram essas manchas de diferentes cores quando os habitantes construía seus muros, donde há o gracejo espirituoso de Cícero, pois eles exibiam a todos como era magnífica a construção: “admiraria muito mais se tivessem feito com o mármore travertino”, disse. E a pintura não teria glória nenhuma, certamente não tanta, fosse algum o valor dos mármore!</p>
<p>VI 47. Secandi in crustas nescio an Cariae fuerit inventum. antiquissima, quod equidem inveniam, Halicarnasi domus Mausoli Proconnesio marmore</p>	<p>VI 47. Não sei dizer se a prática de os cortar em placas surgiu na Cária. O que encontro com certeza de mais antigo é que o palácio de Mausolo em Halicarnasso foi</p>

²⁶² *Sauram atque Batrachum*: significam, em grego, respectivamente lagarto (LSJ, p. 1586) e rã ou sapo (LSJ, p. 311).

²⁶³ *Electrum*: parece referir-se não ao âmbar, mas a uma liga metálica de ouro e prata cuja cor lembra o âmbar (OLD, p. 598).

<p>exculpta est latericiis parietibus. is obiit olympiadis CVII anno secundo, urbis Romae CDIII.</p>	<p>decorado com mármore proconésio nas paredes de ladrilhos. Ele faleceu no segundo ano da 107ª Olimpíada e no 403º ano da cidade de Roma²⁶⁴.</p>
<p>VII 48. Primum Romae parietes crusta marmoris operuisse totos domus suae in Caelio monte Cornelius Nepos tradit Mamurram, Formiis natum equitem Romanum, praefectum fabrum C. Caesaris in Gallia, ne quid indignitati desit, tali auctore inventa re. hic namque est Mamurra Catulli Veroniensis carminibus proscissus, quem, ut res est, domus ipsius clarius quam Catullus dixit habere quidquid habuisset Comata Gallia. namque adicit idem Nepos primum totis aedibus nullam nisi e marmore columnam habuisse et omnes solidas e Carystio aut Luniensi.</p>	<p>VII 48. Cornélio Nepos conta que quem, pela primeira vez, em Roma, cobriu em placas de mármore paredes inteiras de sua casa no monte Célio, foi Mamurra, equestre romano nascido em Fórmias, engenheiro chefe do exército de César na Gália; essa foi a pessoa responsável pela descoberta dessa prática, apenas para que nada falte à imoralidade de tal ato. E, de fato, esse é o Mamurra vituperado por Catulo de Verona em seus poemas, cuja própria casa, na verdade, declarou abertamente, mais até do que Catulo mesmo, que ele possuía, de fato, tudo aquilo que antes a Gália Comata havia possuído. Nepos ainda acrescenta que ele mesmo, antes de todos, não possuiu nenhuma coluna senão feita de mármore em toda sua casa, e todas elas maciças com mármore de Caristo ou Luna.</p>
<p>VIII 49. M. Lepidus Q. Catuli in consulatu conlega primus omnium limina ex Numidico marmore in domo posuit magna reprehensione. is fuit consul anno urbis DCLXXVI. hoc primum invecti Numidici marmoris vestigium invenio, non in columnis tamen crustisve, ut supra Carystii, sed in massa ac vilissimo liminum usu. post hunc Lepidum quadriennio L. Lucullus consul fuit, qui nomen, ut ex re apparet, Luculleo marmoris dedit, admodum delectatus illo, primusque Romam invexit, atrum alioqui, cum cetera maculis aut coloribus commendentur.</p> <p>50. Nascitur autem in Chio insula, solumque paene hoc marmor ab amatore nomen accepit. inter hos primum, ut arbitror, marmoreos parietes habuit scaena M. Scauri, non facile dixerim secto an solidis glaebis polito, sicuti est hodie Iovis Tonantis aedis in Capitolio. nondum enim secti marmoris vestigia invenio in Italia.</p>	<p>VIII 49. Marco Lépidio, colega de Quinto Cátulo durante o consulado, foi o primeiro a pôr em sua casa soleiras em mármore numídico e, por isso, sofreu muitas críticas. Ele foi cônsul no 676º ano de Roma²⁶⁵. Esse é o primeiro indício que encontro de mármore trazido da Numídia, e, no caso, foi utilizado não em colunas ou em placas, como os mármore de Caristo mencionados acima, mas em forma de bloco para soleiras, o uso mais vulgar. Quatro anos depois de Lépidio, Lúcio Luculo foi o novo cônsul, cujo nome, como parece, foi dado ao mármore de Luculo, e, tendo-se encantado completamente com ele, primeiro o introduziu em Roma, embora seja um mármore preto, e outros mármore são valorizados por suas marcas ou cores.</p> <p>50. É proveniente da ilha de Quios e foi praticamente o único mármore que recebeu o nome de um admirador seu. Entre esses homens, creio que foi Marco Escauro quem primeiro teve, em seu teatro, um palco com as paredes em mármore. Não saberia dizer prontamente se cortado em lâminas ou polido a partir de blocos maciços, assim como é hoje o templo de Júpiter Tonante no Capitólio, pois ainda não encontro indícios de mármore cortado em lâminas na Itália.</p>
<p>IX 51. Sed quisquis primus invenit secare luxuriamque dividere, inportuni ingenii fuit. harena hoc fit et ferro videtur fieri, serra in praetenui linea premente harenas versandoque tractu ipso secante. Aethiopica haec maxime probatur, nam id quoque accessit, ut ab Aethiopia usque peteretur quod secreta marmora, immo vero etiam in Indos, quo margaritas quoque peti severis moribus indignum erat.</p> <p>52. Haec proxime laudatur; mollior tamen quae Aethiopica. illa nulla scabritie secat, Indica non aeque levat, sed combusta ea polientes marmora fricare iubentur. simile et Naxiae vitium est et Coptitidi, quae vocatur Aegyptia. haec fuere antiqua genera marmoribus secandis. postea reperta est non minus</p>	<p>IX 51. Mas quem quer que tenha sido o primeiro a descobrir a prática de fender o mármore e repartir o luxo foi alguém de um engenho desarrazoado. Isso é feito com areia, embora aparente ser com ferro; uma serra sobre um traço muito fino pressiona os grãos de areia e corta pela própria ação de arrastá-la, empurrando de um lado para o outro. A areia etíope é a mais apreciada. Pois ainda há também isso: ir até a Etiópia em busca de areia para cortar mármore, e, na verdade, até a Índia, algo que era vergonhoso aos severos costumes até mesmo para ir em busca de pérolas.</p> <p>52. Essa areia é a seguinte mais elogiada; contudo, a etíope é mais delicada e é capaz de cortar sem nenhuma aspereza. Já a índica não alisa de maneira</p>

²⁶⁴ 351 a.C.

²⁶⁵ 78 a.C.

<p>probanda ex quodam Hadriatici maris vado, aestu nudante, observatione non facili.</p> <p>53. Iam quidem quacumque harena secare e fluviis omnibus fraus artificum ausa est, quod dispendium admodum pauci intellegunt. crassior enim harena laxioribus segmentis terit et plus erodit marmoris maiusque opus scabritia politurae relinquit; ita sectae attenuantur crustae. rursus Thebaica polituris accommodatur et quae fit e poro lapide aut e pumice.</p>	<p>uniforme. Ainda assim, mandam que quem quer que esteja polindo os mármorees esfregue-os com ela, depois de calcinada. E o mesmo problema ocorre com a de Naxo e de Copto, a chamada areia egípcia. Esses foram os antigos tipos de areia para se cortar mármorees. Depois, foi descoberta a areia de um certo vau do mar Adriático, não menos apreciada, mas revelada apenas pela maré e, por isso, difícil de ser observada.</p> <p>53. Já agora, na verdade, a perfídia dos artífices ousou cortar pedras de mármore com qualquer tipo de areia de qualquer rio, o que é um desperdício que poucos realmente percebem, pois a areia mais grossa corta em pedaços sem precisão e erode mais o mármore, e, devido à sua aspereza, resulta em um maior trabalho de polimento. Assim, as placas são cortadas mais finas. Além dessas, a areia tebana é apropriada para polir, bem como a que é obtida a partir de tufo²⁶⁶ calcário ou de pedra-pomes.</p>
<p>X 54. Signis e marmore poliendis gemmisque etiam scalpendis atque limandis Naxium diu placuit ante alia. ita vocantur cotes in supra <dicta> insula genitae. vicere postea ex Armenia invectae.</p>	<p>X 54. Para se polir esculturas feitas de mármore e ainda lapidar pedras preciosas e limá-las, durante muito tempo, a pedra de Naxo foi preferida a todas as outras. Assim são chamadas as pedras de amolar geradas na ilha mencionada acima. Depois, foram superadas pelas trazidas da Armênia.</p>
<p>XI 55. Marmorum genera et colores non attinet dicere in tanta notitia nec facile est enumerare in tanta multitudine. quoto cuique enim loco non suum marmor invenitur? et tamen celeberrimi generis dicta sunt in ambitu terrarum cum gentibus suis. non omnia autem in lapidicinis gignuntur, sed multa et sub terra sparsa, pretiosissimi quidem generis, sicut Lacedaemonium viride cunctisque hilarius, sicut et Augusteum ac deinde Tibereum, in Aegypto Augusti ac Tiberii primum principatu reperta. differentia eorum est ab ophite, cum sit illud serpentium maculis simile, unde et nomen accepit, quod haec maculas diverso modo colligunt, Augusteum undatim crispum in vertices, Tibereum sparsa, non convoluta, canitie.</p> <p>56. Neque ex ophite columnae nisi parvae admodum inveniuntur. duo eius genera: molle candidi, nigricantis durum. dicuntur ambo capitis dolores sedare adalligati et serpentium ictus. quidam phreneticis ac lethargicis adalligari iubent candicantem. contra serpentes autem a quibusdam praecipue laudatur ex iis quem tephrian appellant a colore cineris. vocatur et Memphites a loco, gemmantis naturae. huius usus conteri et iis quae urenda sint aut secanda, ex aceto inlini; obstupescit ita corpus nec sentit cruciatum.</p> <p>57. Rubet prophyrites in eadem Aegypto; ex eodem candidis in intervenientibus punctis leptosephos vocatur. quantislibet molibus caedendis sufficiunt lapidicinae. statuas ex eo Claudio Caesari procurator eius in urbem ex Aegypto advexit Vitrasius Pollio, non admodum probata novitate; nemo certe postea imitatus est.</p>	<p>XI 55. Não é importante dizer sobre os já tão conhecidos diferentes tipos de mármorees ou suas cores, nem é fácil enumerá-los uma vez que são tantos. Pois em que lugar não se pode encontrar um mármore típico da região? E, ainda, os tipos mais conhecidos já foram mencionados em nossa periegesis do mundo bem como os povos associados a eles. Nem todos os tipos de pedras são obtidos em pedreiras, muitos também estão dispersos sob a superfície da terra e, na verdade, estes são os tipos mais valiosos, tal como a pedra verde da Lacedemônia, mais brilhante do que todas, ou como a pedra Augustana e, depois, a de Tibério, encontradas primeiro no Egito durante os principados de Augusto e Tibério. Elas diferem da pedra serpentina, que recebeu esse nome por sua semelhança com manchas de serpentes, porque suas marcas se cruzam de forma diferente: na Augustana, as marcas são como ondas, enroladas em redemoinhos, já na de Tibério, são acinzentadas e esparsas, não enroladas.</p> <p>56. Também não são encontradas colunas de serpentina senão as menores possíveis. Há dois tipos dela: um flexível de cor branca e um outro tipo rígido de cor preta. Dizem que ambos aliviam as dores de cabeça, quando usados junto ao corpo como um amuleto, e também ferimentos de serpentes. Alguns aconselham que a pedra branca seja usada por aqueles que sofrem de delírios ou letargia. Contra serpentes, porém, é muito recomendada por certas pessoas principalmente o que, entre esses tipos, chamam <i>tephrias</i>²⁶⁷ por sua cor de cinzas. Ainda, é chamada em razão do local em que se encontra a pedra de Mênfis,</p>

²⁶⁶ *Poro lapide*: tipo de calcário poroso (OLD, p. 1409).

²⁶⁷ *Tephrian*: espécie de serpentina de cor cinza (gr. *τεφρία*; *τέφρα* significa “cinzas”) (LSJ, p. 1784).

<p>58. Invenit eadem Aegyptus in Aethiopia quem vocant basaniten, ferrei coloris atque duritiae, unde et nomen ei dedit. numquam hic maior repertus est quam in templo Pacis ab imperatore Vespasiano Augusto dicatus argumento Nili, sedecim liberis circa ludentibus, per quos totidem cubita summi incrementi augmentis se amnis eius intelleguntur. non absimilis illi narratur in Thebis delubro Serapis, ut putant, Memnonis statuae dicatus, quem cotidiano solis ortu contactum radiis crepare tradunt.</p>	<p>de natureza semelhante a uma gema. Para usá-la, deve ser triturada e, em locais que devem ser cauterizados ou amputados, espalhada com vinagre; dessa forma, o corpo fica dormente e não sente a dor excruciante.</p> <p>57. Já no Egito, as rochas de pórfiro²⁶⁸ são avermelhadas; dessas, aquela em que ocorrem pontos esbranquiçados, é chamada <i>leptopsephos</i>²⁶⁹. As pedreiras são capazes de fornecer rochas de quaisquer tamanhos para serem cortadas. Vitrásio Polião, procurador do imperador Cláudio, levou para ele, em Roma, estátuas feitas dessa rocha, trazidas do Egito, novidade que não foi completamente aprovada; ao menos, ninguém o imitou depois.</p> <p>58. Também os egípcios encontraram uma rocha na Etiópia, que chamam basanita²⁷⁰, de cor e dureza férreas, donde advém o nome dado a ela. Nunca foi vista rocha de basanita maior do que a dedicada pelo imperador Vespasiano Augusto no templo da Paz, uma representação figurada do deus Nilo, com seus dezesseis filhos brincando ao redor, através dos quais são interpretados precisamente o tanto de côvados alcançados pelo rio do ponto mais alto de elevação quando transborda. Não diferente dessa, conta-se sobre a rocha em Tebas, no templo de Serápis²⁷¹, que acreditam ter sido destinada a uma estátua de Mêmnon e que dizem crepitar ao amanhecer, todos os dias, pelo contato com os raios do sol.</p>
<p>XII 59. Onychem in Arabiae tantum montibus nec usquam aliubi nasci putavere nostri veteres, Sudines in Carmania. potioriis primum vasis inde factis, dein pedibus lectorum sellisque, Nepos Cornelius tradit magno fuisse miraculo, cum P. Lentulus Spinther amphoras ex eo Chiorum magnitudine cadorum ostendisset, post quinquennium deinde XXXII pedum longitudinis columnas vidisse se.</p> <p>60. Variatum in hoc lapide et postea est, namque pro miraculo insigni quattuor modicas in teatro suo Cornelius Balbus posuit; nos ampliores XXX vidimus in cenatione, quam Callistus Caesaris Claudi libertorum, potentia notus, sibi exaedificaverat. hunc aliqui lapidem alabastriten vocant, quem cavant et ad vasa unguentaria, quoniam optime servare incorrupta dicatur.</p> <p>61. Idem et ustus emplastris convenit. nascitur circa Thebas Aegyptias et Damascum Syriae. hic ceteris candidior, probatissimus vero in Carmania, mox in India, iam quidem et in Syria Asiaque, vilissimus autem et sine ullo nitore in Cappadocia. probantur quam maxime mellei coloris, in vertices maculosi</p>	<p>XII 59. Nossos antepassados acreditaram que o mármore ônix²⁷² surgia apenas nos montes da Arábia e em nenhum outro lugar, embora Sudines²⁷³ tenha pensado haver também na Carmânia. Num primeiro momento, foram feitos apenas vasos para beber dessa rocha, e depois pés de leitos de descanso e assentos. Cornélio Nepos relata como algo extraordinário o momento em que Públio Lêntulo Espínter exibiu ânforas feitas de ônix do tamanho de cados de Quios²⁷⁴; apenas cinco anos depois ele pôde ver por si mesmo colunas de trinta e dois pés de altura²⁷⁵.</p> <p>60. E também houve mudanças no que concerne a essa pedra depois, pois foi também considerado como algo extraordinário o momento em que Cornélio Balbo instalou quatro pequenas colunas em seu teatro, mas nós mesmos já vimos trinta bem maiores em uma sala de jantar que Calisto, um dos libertos pelo imperador Cláudio, reconhecido por sua influência, construía para si. Algumas pessoas também chamam essa pedra</p>

²⁶⁸ *Porphyrites*: qualquer espécie de rocha extrusiva; pórfiro (OLD, p. 1405).

²⁶⁹ *Leptopsephos*: “pedra delicada” (OLD, p. 1018).

²⁷⁰ *Basaniten*: pedra de toque ou de tocar metais; rocha ígnea semelhante ao basalto, porém o prefixo “basalt(o)-” revela-se como uma falsa leitura de *basanites* (HOUAISS, p. 410).

²⁷¹ *Serapis*: divindade egípcia também cultuada pelos gregos e romanos.

²⁷² *Onychem*: mármore ônix, espécie de calcita normalmente translúcida e de coloração amarelada, também conhecida como alabastro (OLD, p. 1250).

²⁷³ *Sudines*: mineralogista grego.

²⁷⁴ Cerca de 34 L.

²⁷⁵ Cerca de 9,4 m.

<p>atque non tralucidi. vitia in iis corneus colos aut candidus et quidquid simile vitro est.</p>	<p>alabastro²⁷⁶, a qual escavam e destinam para vasos de unguento, porque dizem conservá-lo muito bem sem que pereça. 61. Após ser queimada, também é apropriada para emplastos. É encontrada ao redor de Tebas, no Egito, e de Damasco, na Síria, sendo este tipo mais esbranquiçado do que os outros. Na verdade, o tipo mais apreciado encontra-se na Carmânia, logo depois na Índia e já agora também na Síria e na Ásia, enquanto a de menor valor é a encontrada na Capadócia, a qual não possui nenhum lustro. São as mais apreciadas as de cor de mel, com manchas em redemoinhos e não translúcidas. A cor córnea ou esbranquiçada e qualquer característica semelhante ao vidro são consideradas imperfeições dessas pedras.</p>
<p>XIII 62. Paulum distare ab eo in unguentorum fide multi existimant lygdinos, in Paro repertos amplitudine qua lances craterasque non excedant, antea ex Arabia tantum advehi solitos, candoris eximii. magnus et duobus contrariae inter se naturae honos, corallitico in Asia reperto mensurae non ultra bina cubita, candore proximo ebori et quadam similitudine. e diverso niger est Alabandicus terrae suae nomine, quamquam et Mileti nascens, ad purpuram tamen magis aspectu declinante. idem liquatur igni funditurque ad usum vitri. 63. Thebaicus lapis interstinctus aureis guttis invenitur in Africae parte Aegyptio adscripta, coticulis ad terenda collyria quadam utilitate naturali conveniens, circa Syenen vero Thebaidis syenites, quem antea pyrrhopoecilon vocabant.</p>	<p>XIII 62. Muitas pessoas acham que pouco difere do mármore ônix, para guardar os unguentos, a pedra <i>lygdinus</i>²⁷⁷, encontrada em Paros e de tamanho tal que não excede pratos ou tigelas. Eram, antes, habitualmente trazidas apenas da Arábia e são de excepcional candura. Também possuem grande estima duas pedras de naturezas opostas entre si; o mármore coral²⁷⁸ é encontrado na Ásia, cada um medindo no máximo dois côvados²⁷⁹, de brancura semelhante ao marfim e também guardando certa semelhança com este. Por outro lado, a alabanda, nome que provém de seu lugar de origem, embora seja encontrada também em Mileto, é preta, embora, à vista, desvie mais para a púrpura. Ainda, essa pedra é derretida pelo fogo e fundida para o uso como vidro. 63. A pedra Tebana, matizada por pontos áureos, é encontrada em uma região da África atribuída ao Egito e é apropriada, com uma certa utilidade natural, para pequenos almofarizes para triturar colírios. Também é encontrado ao redor de Siene, em Tebas, o sienito²⁸⁰, que antes chamavam <i>pyrrhopoecilos</i>²⁸¹.</p>
<p>XIV 64. Trabes ex eo fecere reges quodam certamine, obeliscos vocantes Solis numini sacratos. radiorum eius argumentum in effigie est, et ita significatur nomine Aegyptio. primus omnium id instituit Mesphres, qui regnabat in Solis urbe, somnio iussus; hoc ipsum inscriptum in eo, etenim sculpturae illae effigiesque quas videmus Aegyptiae sunt litterae. 65. Postea et alii excidere reges. statuit eos in supra dicta urbe Sesoths quattuor numero, quadragenum octonum cubitorum longitudine, Rhamsesis autem, quo regante Ilium captum est, CXXXX cubitorum. idem digressis inde, ubi fuit Mnevidis regia posuit alium, longitudine quidem CXX cubitorum, sed prodigiosa crassitudine, undenis per latera cubitis.</p>	<p>XIV 64. Os reis fizeram grandes vigas dele, como numa disputa, os chamados obeliscos, dedicados à divindade do Sol. Trata-se da representação figurada dos raios solares, e seu nome egípcio significa isso. O primeiro de todos a erigir uma escultura do tipo foi Mesfres, que reinava na cidade do Sol, após ter sido mandado que o fizesse num sonho; isso mesmo foi inscrito na obra, pois, na verdade, os entalhes e figuras que vimos são letras egípcias. 65. Depois, também outros reis trincharam obeliscos. Sesotes construiu-os na cidade mencionada acima, quatro exemplares de quarenta e oito côvados de altura²⁸², enquanto o de Ramsés, que ainda reinava quando Troia foi tomada, possuía cento e quarenta</p>

²⁷⁶ *Alabastriten*: cf. XXXVI, 59. *Alabastrites* teria originado a palavra alabastrita, diferente de *alabaster*-alabastro, porém a rocha alabastrita refere-se a uma espécie de gipsita semelhante ao alabastro e por vezes também translúcida. Plínio parece referir-se ao alabastro, espécie de calcita estalagmítica (HOUAISS, p.133).

²⁷⁷ *Lygdinos*: pedaço de uma pedra de *lygdos*, espécie de mármore branco de Paros (OLD, p. 1055).

²⁷⁸ *Corallitico*: provavelmente calcário recifal, espécie de rocha sedimentar (OLD, p. 444).

²⁷⁹ Cerca de 88,8 cm.

²⁸⁰ *Syenites*: rocha plutônica ou intrusiva semelhante ao granito (OLD, p. 1895).

²⁸¹ *Pyrrhopoecilon*: pedra com manchas vermelhas ou granito vermelho (OLD, p. 1528).

²⁸² Cerca de 21,3 m.

<p>66. Opus id fecisse dicuntur <u>CXX</u> hominum. ipse rex, cum surrecturus esset verereturque ne machinae ponderi non sufficerent, quo maius periculum curae artificum denuntiaret, filium suum adalligavit cacumini, ut salus eius apud molientes prodesset et lapidi. hac admiratione operis effectum est, ut, cum oppidum id expugnaret Cambyses rex ventumque esset incendiis ad crepidines obelisci, extingui iuberet molis reverentia qui nullam habuerat urbis.</p> <p>67. Sunt et alii duo, unus a Zmarre positus, alter a Phio sine notis, quadragenum octonum cubitorum. Alexandriae statuit unum Ptolemaeus Philadelphus octoginta cubitorum. ceciderat eum Necthebis rex purum, maiusque opus in devehendo statuendove multo extitit quam in excidendo. a Satyro architecto aliqui devectum tradunt rate, Callixenus a Phoenice, fossa perducto usque ad iacentem obeliscum Nilo, (68.) navesque duas in latitudinem patulas pedalibus ex eodem lapide ad rationem geminati per duplicem mensuram ponderis oneratas ita, ut subirent obeliscum pendentem extremitatibus suis in ripis utrimque; postea egestis laterculis adlevatas naves excepisse onus; statutum autem in sex taleis e monte eodem, et artificem donatum talentis L. hic fuit in Arsioneo positus a rege supra dicto munus amoris in coniuge eademque sorore Arsinoe.</p> <p>69. Inde eum navalibus incommodum Maximus quidam praefectus Aegypti transtulit in forum, reciso cacumine, dum vult fastigium addere auratum, quod postea omisit. et alii duo sunt Alexandriae ad portum in Caesaris templo, quos excidit Mesphres rex, quadragenum binum cubitorum. Super omnia accessit difficultas mari Romam devehendi, spectatis admodum navibus.</p> <p>70. Divus Augustus eam, quae priorem advexerat, miraculi gratia Puteolis perpetuis navalibus dicaverat; incendio consumpta ea est. divus Claudius aliquot per annos adservatam qua C. Caesar inportaverat, omnibus quae umquam in mari visa sunt mirabiliorem, in ipsa turribus Puteolis e pulvere exaedificatis, perductam Ostiam portus gratia mersit. alia ex hoc cura navium quae Tiberi subvehant, quo experimento patuit non minus aquarum huic amni esse quam Nilo.</p> <p>71. Is autem obeliscus, quem divus Augustus in circo magno statuit excisus est a rege Psemetnepserphreo, quo regnante Pythagoras in Aegypto fuit, LXXXV pedum et dodrantis praeter basim eiusdem lapidis; is vero, quem in campo Martio, novem pedibus minor, a Sesothide. inscripti ambo rerum naturae interpretationem Aegyptiorum philosophia continent.</p>	<p>côvados de altura²⁸³. Ramsés também erigiu um outro na saída do local onde antes havia o palácio de Mnévis, com cento e vinte côvados de altura²⁸⁴, mas com uma espessura extraordinária, com cada face medindo onze côvados²⁸⁵.</p> <p>66. Dizem que esta foi feita pelas mãos de cento e vinte mil homens. O próprio rei, quando havia de levantar a obra, temeu que a maquinaria não seria suficiente para o peso e, para ameaçar a atenção dos artífices com um risco ainda maior, atou seu filho ao topo, para que a segurança dele, nas mãos daqueles que executavam o trabalho, garantisse também a segurança da própria escultura. A obra foi concluída com tamanha admiração ao trabalho, que, quando o rei Cambises tomava essa cidade, no momento em que as conflagrações avançaram até a base do obelisco, ele ordenou que fossem extintas em respeito à grande rocha, respeito que não tinha pela própria cidade.</p> <p>67. Há também outros dois, um construído por <i>Zmarres</i>²⁸⁶ e outro por Fio, mas sem inscrições e medindo quarenta e oito côvados cada²⁸⁷. Ptolemeu Filadelfo erigiu um em Alexandria de oitenta côvados²⁸⁸, que o rei Néctebis havia entalhado sem nenhuma inscrição, e mostrou-se ser um trabalho maior transportá-lo ou erigi-lo do que escavá-lo. Alguns contam que foi transportado pelo arquiteto Sático em uma barca, mas Calixeno afirma que ele foi trazido por Fênix, tendo sido reconduzidas as águas do Nilo através de um canal até o obelisco, que jazia estendido, (68.) e dois barcos extensos foram carregados com pesos de um pé da mesma rocha²⁸⁹ até resultar no dobro do peso por meio da duplicação da carga do obelisco. Fizeram-no, assim, vir por baixo do obelisco, que foi suspenso por suas extremidades entre as margens do canal dos dois lados; depois, removidos os pequenos blocos, elevados os barcos, teriam recebido o peso; ele foi fixado entre seis estacas de pedra provenientes do mesmo monte, e foi concedido ao artífice cinquenta talentos. Esse obelisco foi posto em Arsínoe pelo rei mencionado acima como um tributo ao seu amor por sua esposa e também irmã, Arsínoe.</p> <p>69. De lá, Máximo, um certo governador do Egito, transportou-o ao fórum, uma vez que era importuno aos estaleiros, e removeu o topo para adicionar um fastígio de ouro, ideia que, depois, acabou por abandonar. Há também outros dois obeliscos alexandrinos de quarenta e dois côvados²⁹⁰ junto à entrada do porto, no templo de César, que foram trinchados pelo rei Mesfres. Acima de tudo, somou-se</p>
--	--

²⁸³ Cerca de 62,1 m.

²⁸⁴ Cerca de 53,2 m.

²⁸⁵ Cerca de 4,8 m.

²⁸⁶ *Zmarre*: Ramsés II, *Usermaatre*.

²⁸⁷ Cerca de 21,3 m.

²⁸⁸ Cerca de 35,5 m.

²⁸⁹ Cerca de 29,6 cm.

²⁹⁰ Cerca de 18,6 m.

	<p>a dificuldade de se transportar obeliscos pelo mar a Roma, sendo absolutamente notáveis os barcos.</p> <p>70. O divino Augusto dedicou a embarcação que havia trazido o primeiro dos obeliscos, pelo feito extraordinário, em um estaleiro permanente em Putéolos, mas o barco foi consumido por um incêndio. Foi também conservada durante vários anos a embarcação com que Caio César havia importado outro obelisco, mais extraordinária do que tudo já visto no mar, sobre a qual haviam sido construídas torres de pozolana em Putéolos. Divino Cláudio, após tê-la conduzido a Óstia, afundou-a por causa do porto. Outra dificuldade do transporte é a preocupação com os navios que ascendem o Tibre, sendo isso a prova, o que evidenciou que não há menos água neste rio do que há no Nilo.</p> <p>71. Ainda, o obelisco que o divino Augusto dispôs no Circo Máximo foi trinchado pelo rei Psemetnepserphreus, que reinava quando Pitágoras esteve no Egito, medindo de 85,75 pés além da base²⁹¹, feita da mesma pedra; também foi trinchado o obelisco, cerca de nove pés mais baixo, no Campo de Marte, por Sesotes²⁹². Em ambos há inscritos, contendo uma exposição sobre a natureza segundo a filosofia dos egípcios.</p>
<p>XV 72. Ei qui est in campo divus Augustus addidit mirabilem usum ad deprendendas solis umbras dierumque ac noctium ita magnitudines, strato lapide ad longitudinem obelisci, cui par fieret umbra brumae confectae die sexta hora paulatimque per regulas, quae sunt ex aere inclusae, singulis diebus decresceret ac rursus augesceret, digna cognitu res, ingenio Facundi Novi mathematici. is apici auratam pilam addidit, cuius vertice umbra colligeretur in se ipsam, alias enormiter iaculante apice, ratione, ut ferunt, a capite hominis intellecta.</p> <p>73. Haec observatio XXX iam fere annis non congruit, sive solis ipsius dissono cursu et caeli aliqua ratione mutato sive universa tellure a centro suo aliquid emota (ut deprehendi et aliis in locis accipio) sive urbis tremoribus ibi tantum gnomone intorto sive inundationibus Tiberis sedimento molis facto, quamquam ad altitudinem inpositi oneris in terram quoque dicuntur acta fundamenta.</p> <p>74. Tertius est Romae in Vaticano Gai et Neronis principum circo – ex omnibus unus omnino fractus est in molitione – quem fecerat Sesosidis filius Nencoreus. eiusdem remanet et alius centum cubitorum, quem post caecitatem visu reddito ex oraculo Soli sacravit.</p>	<p>XV 72. A esse que está no Campo de Marte, o divino Augusto deu um outro uso extraordinário com o objetivo de compreender as sombras do sol e, assim, as extensões dos dias e das noites. Por meio de uma plataforma de pedra de medida proporcional à altura do obelisco, seria feita uma sombra igual a ele no solstício de inverno, na sexta hora do dia, medida a partir de réguas feitas de bronze que haviam sido dispostas, de modo que a sombra pouco a pouco diminuía a cada dia e então aumentava novamente. Tal objeto, digno de estudo, foi feito pelo matemático Nívio Facundo, que adicionou ao topo do obelisco uma esfera áurea no alto da qual uma sombra seria projetada sobre si mesma, pois, de outro modo, projetaria o topo da estrutura irregularmente, raciocínio, segundo dizem, desenvolvido a partir da imagem da própria cabeça humana.</p> <p>73. Essas verificações, contudo, já não são mais adequadas há cerca de trinta anos ou devido à órbita diferente do próprio sol, alterada por algum motivo de ordem celeste, ou porque a terra como um todo foi, até certo ponto, movida de sua posição central da órbita (o que ouvi dizer que foi observado também em outros locais), ou porque o gnômon foi entortado devido aos tremores provenientes de Roma na região, ou devido ao afundamento da estrutura provocado pelas cheias do rio Tibre, embora também se diga que as fundações foram feitas, em profundidade, com a medida máxima da altura do obelisco posto acima da terra.</p> <p>74. Já o terceiro se encontra em Roma, no circo do Vaticano, dos imperadores Gaio e Nero, o único dentre todos a ter sido inteiramente quebrado na remoção e</p>

²⁹¹ Cerca de 25,3 m.

²⁹² Cerca de 22,7 m.

	<p>que havia sido feito por Nencoreo, filho de Sesósis. Também nos restou um outro de cem côvados²⁹³ feito por ele, que, depois de ter se tornado cego e então ter recuperado sua visão, dedicou o obelisco ao deus Sol conforme a previsão de um oráculo.</p>
<p>XVI 75. Dicantur obiter et pyramides in eadem Aegypto, regum pecuniae otiosa ac stulta ostentatio, quippe cum faciendi eas causa a plerisque tradatur, ne pecuniam successoribus aut aemulis insidiantibus praeberent aut ne plebs esset otiosa. multa circa hoc vanitas hominum illorum fuit.</p> <p>76. Vestigia complurium incohatarum extant. una est in Arsinoite nomo, duae in Memphite, non procul labyrintho, de quo et ipso dicemus, totidem ubi fuit Moeridis lacus, hoc est fossa grandis, sed Aegyptiis inter mira ac memoranda narrata. harum cacumina extra aquam eminere dicuntur. reliquae tres, quae orbem terrarum inplevere fama, sane conspicuae undique adnavigantibus, sitae sunt in parte Africae monte saxeo sterilique inter Memphim oppidum et quod appellari diximus Delta, a Nilo minus III milia passuum, a Memphi VII D, vico adposito quem vocant Busirin; in eo sunt adsueta scandere illas.</p>	<p>XVI 75. Que sejam comentadas ainda, de passagem, as pirâmides no Egito, a própria exibição tola e vã da riqueza dos reis, porque é transmitido por muitos que o motivo de as fazerem era para que não fornecessem o dinheiro a seus sucessores ou a êmulos insidiosos ou só para que o povo não permanecesse desocupado. Muita da vaidade desses homens se deu em torno das pirâmides.</p> <p>76. E ainda há vestígios de muitas incompletas. Uma encontra-se no nomo de Arsínoe, duas em Mênfis, não tão distante do labirinto acerca do qual também falaremos, e o mesmo número de pirâmides também se encontra no local onde antes havia o lago Méris, que é um grande fosso, mas que, para os egípcios, está entre as maravilhas e as coisas que devem ser lembradas. Os picos dessas pirâmides, dizem, estendem-se por cima da água. As três restantes que alcançaram fama em todo mundo, razoavelmente vistas de qualquer ângulo pelos que chegam navegando, estão situadas na região da África, num monte rochoso e infértil entre a cidade de Mênfis e a região que chamamos Delta, a menos de quatro mil passos do Nilo²⁹⁴, e sete mil e quinhentos passos de Mênfis²⁹⁵, próximo a uma vila que chamam Busíris; no local, há pessoas acostumadas a escalá-las.</p>
<p>XVII 77. Ante est sphinx vel magis narranda, de qua siluere, numen accolentium. Harmain regem putant in ea conditum et volunt invectam videri; est autem saxo naturali elaborata. rubrica facies monstri colitur. capitis per frontem ambitus centum duos pedes colligit, longitudo pedum CCXLIII est, altitudo a ventre ad summam aspidem in capite, LXIS.</p> <p>78. Pyramis amplissima ex Arabicis lapidicinis constat. CCCLX milia hominum annis XX eam construxisse produntur. tres vero factae annis LXXXVIII, mensibus III.</p> <p>79. Qui de iis scripserunt – sunt Herodotus, Euhemerus, Duris Samius, Aristagoras, Dionysius, Artemidorus, Alexander polyhistor, Butoridas, Antisthenes, Demeterius, Demoteles, Apion – inter omnes eos non constat, a quibus factae sint, iustissimo casu oblitteratis tantae vanitatis auctoribus. aliqui ex iis prodiderunt in raphanos et alium ac cepas MDC talenta erogata. amplissima septem iugera optinet soli.</p> <p>80. Quattuor angulorum paribus intervallis DCCLXXXIII pedes singulorum laterum, altitudo a cacumine ad solum pedes DCCXXV colligit, ambitus cacuminis pedes XVIS. alterius intervalla singula per</p>	<p>XVII 77. Em frente a elas, deve ser mencionada, e até mais do que elas, a esfinge, sobre a qual os egípcios nada disseram, e que era uma divindade aos que moravam nas imediações. Pensam que o rei <i>Harmais</i> foi sepultado dentro dela e querem que pensem que ela foi levada até o local, mas ela foi, na verdade, construída a partir de um grande bloco de rocha da região. A face do monstro é adornada com ocre vermelho como parte da prática de veneração e, a partir da testa, a medida da circunferência da cabeça é de cento e dois pés²⁹⁶, sua altura total é de duzentos e quarenta e três pés²⁹⁷ e a medida do ventre até o topo da áspide em sua cabeça é de sessenta e um pés e meio²⁹⁸.</p> <p>78. A pirâmide de maior tamanho é feita de rochas da Arábia. Dizem que sua construção durou vinte anos, com o auxílio de trezentos e sessenta mil homens. Todas as três foram feitas em oitenta e oito anos e quatro meses.</p> <p>79. Aqueles que escreveram sobre elas foram Heródoto, Evêmero, Dúris de Samos, Aristágoras, Dionísio, Artemidoro, Alexandre Poliistor, Butórides, Antístenes, Demétrio, Demóteles e Ápion, mas não há</p>

²⁹³ Cerca de 44,4 m.

²⁹⁴ Cerca de 5,9 km.

²⁹⁵ Cerca de 11,1 km.

²⁹⁶ Cerca de 30,1 m.

²⁹⁷ Cerca de 71,9 m.

²⁹⁸ Cerca de 18,2 m.

<p>quattuor angulos pedes DCCLVIIS comprehendunt. tertia minor quidem praedictis, sed multo spectatior, Aethiopicis lapidibus adsurgit CCCLXIII pedibus inter angulos.</p> <p>81. Vestigia aedificationum nulla exstant, harena late pura circa, lentis similitudine, qualis in maiore parte Africae. quaestionum summa est, quanam ratione in tantam altitudinem subiecta sint caementa. alii nitro ac sale adaggeratis cum crescente opere et peracto fluminis inrigatione dilutis; alii lateribus e luto factis exstructos pontes, peracto opere lateribus in privatas domos distributis, Nilum enim non putant rigare potuisse multo humiliorem. in pyramide maxima est intus puteus LXXXVI cubitorum; flumen illo admissum arbitrantur.</p> <p>82. Mensuram altitudinis earum omnemque similem deprehendere invenit Thales Milesius umbram metiundo, qua hora par esse corpori solet. haec sunt pyramidum miracula, supremumque illud, ne quis regum opes miretur, minimam ex iis, sed laudatissimam, a Rhodopide meretricula factam. Aesopi fabellarum philosophi conserva quondam et contubernalis haec fuit, maiore miraculo, tantas opes meretricio esse conquisitas.</p>	<p>acordo entre eles sobre por quem teriam sido feitas, tendo o acaso – o mais justo – feito com que fossem esquecidos os autores de tamanha frivolidade. Alguns deles expuseram que mil e seiscentos talentos foram gastos em rábanos, alho e cebolas. A maior das pirâmides ocupa sete jeiras de solo.</p> <p>80. Com distâncias iguais entre os quatro cantos, de setecentos e oitenta e três pés em cada lado da pirâmide²⁹⁹, a altura do topo ao solo atinge setecentos e vinte e cinco pés³⁰⁰ e a circunferência do topo, dezesseis pés e meio³⁰¹. As distâncias de cada lado entre as quatro pontas da segunda pirâmide são de setecentos e cinquenta e sete pés e meio³⁰². A terceira é menor do que as mencionadas acima, mas muito mais admirada, com suas pedras etíopes; ela alcança trezentos e sessenta e três pés entre cada canto³⁰³.</p> <p>81. Não há nenhum vestígio das edificações, apenas areia em toda a vastidão ao redor, grãos semelhantes a lentilhas, tal qual na maior parte da África. O maior dos questionamentos é de que forma os blocos de pedra teriam sido dispostos até tamanha altura. Uns dizem que se deu tendo-se empilhado natro e sal conforme o levantamento da obra que, uma vez acabada, foram diluídos pela cheia do rio; outros, que pontes foram construídas com tijolos feitos de barro e que, depois de concluída a obra, esses foram distribuídos como tijolos para moradias, pois não acreditavam que o Nilo, que flui num nível muito mais baixo, pudesse ter inundado a região. Na maior das pirâmides, há, no interior, um poço de oitenta e seis côvados³⁰⁴, e acreditam que a água do rio foi conduzida até o local.</p> <p>82. A medida da altura delas e todas as medições semelhantes foram descobertas por Tales de Mileto ao medir a sombra projetada no momento em que ela costuma ser igual ao corpo que a produz. Esses são os fatos extraordinários sobre as pirâmides, e este o mais significativo, para que não se admire a opulência dos reis: a menor dessas pirâmides, mas a mais elogiada, foi feita pela cortesã Rodópolis. Ela foi, em dado momento, serva e acompanhante de Esopo, o pensador das fábulas. É ainda mais extraordinário que tantas fortunas tenham sido obtidas pelo meretrício.</p>
<p>XVIII 83. Magnificatur et alia turris a rege facta in insula Pharo portum optinente Alexandriae, quam constitisse DCCC talentis tradunt, magno animo, ne quid omittamus, Ptolemaei regis, quo in ea permiserit Sostrati Cnidii architecti structura ipsa nomen inscribi. usus eius nocturno navium cursu ignes ostendere ad praenuntianda vada portusque introitum, quales iam compluribus locis flagrant, sicut Ostiae ac Ravennae. periculum in continuatione ignium, ne sidus existimetur, quoniam e longinquo similis flammaram</p>	<p>XVIII 83. Também é muito estimada uma outra torre, feita por um rei, na ilha de Faros, que guarda o porto de Alexandria, a qual dizem ter custado oitocentos talentos; sobre ela, não devemos omitir o mais nobre espírito do rei Ptolomeu, que teria permitido que fosse inscrito na própria estrutura da obra o nome do arquiteto Sótrato de Cnido. É utilizada durante a noite acendendo suas chamas conforme o percurso dos navios para avisá-los de algum baixio e da entrada do porto, assim como já utilizam as chamas acesas em</p>

²⁹⁹ Cerca de 231,7 m.

³⁰⁰ Cerca de 214,6 m.

³⁰¹ Cerca de 4,8 m.

³⁰² Cerca de 224,2 m.

³⁰³ Cerca de 107,4 m.

³⁰⁴ Cerca de 38,1 m.

<p>aspectus est. hic idem architectus primus omnium pensilem ambulationem Cnidi fecisse traduntur.</p>	<p>vários locais, como Óstia e Ravena. O risco, com o fogo continuamente aceso, é pensarem se tratar de estrelas, já que, à distância, a aparência de chamas é semelhante. Diz-se que esse mesmo arquiteto foi o primeiro de todos a ter feito um passeio suspenso em Cnido.</p>
<p>XIX 84. Dicamus et labyrinthos, vel portentosissimum humani inpendii opus, sed non, ut existimari potest, falsum. durat etiam nunc in Aegypto in Heracleopolite nomo qui primus factus est ante annos, ut tradunt, <i>III DC</i> a Petesuchi rege sive Tithoe, quamquam Herodotus totum opus XII regum esse dicit novissimique Psammetichi. causas faciendi varie interpretantur, Demoteles regiam Moteridis fuisse, Lyceas sepulchrum Moeridis, plures Soli sacrum id exstructum, quod maxime creditur.</p> <p>85. Hinc utique sumpsisse Daedalum exemplar eius labyrinthi quem fecit in Creta non est dubium, sed centesimam tantum portionem eius imitatum, quae itinerum ambages occursusque ac recursus inexplicabiles continet, non – ut in pavimentis puerorumve ludicris campestribus videmus – brevi lacinia milia passuum plura ambulationis continente, sed crebris foribus inditis ad fallendos occursus redeundumque in errores eosdem.</p> <p>86. Secundus hic fuit ab Aegypto labyrinthus, tertius in Lemno, quartus in Italia, omnes lapide polito fornicibus tecti, Aegyptius, quod miror equidem, introitu lapidibus e Paro columnisque, reliqua e syenite molibus compositis, quas dissolvere ne saecula quidem possint, adiuvantibus Heracleopolitis, quod opus invisum mire respectavere.</p> <p>87. Positionem operis eius singulasque partes enarrare non est, cum sit in regiones divisum atque praefecturas, quas vocant nomos, XXI nominibus eorum totidem vastis domibus adtributis, praeterea templa omnium Aegypti deorum contineat superque Nemesis XL aediculis incluserit pyramides complures quadragenarum ulnarum senas radice ἀρούραζ optinentes. fessi iam eundo perveniunt ad viarum illum inexplicabilem errorem, (88.) quin et cenacula clivis excelsa, porticusque descenduntur nonagenis gradibus; intus columnae porphyrite lapide, deorum simulacra, regum statuae, monstrificae effigies. quarundam domuum talis est situs ut adaperientibus fores tonitrum intus terribile existat, maiore autem in parte transitus est per tenebras. aliae rursus extra murum labyrinthi aedificiorum moles; pteron appellant. inde aliae perfossis cuniculis subterranea domus.</p> <p>89. Refecit unus omnino pauca ibi Chaeremon, spado Necthebis regis, D ante Alexandrum Magnum annis. id quoque traditur, fulsisse trabibus spinae oleo incoctae, dum in fornices quadrati lapides adsurgerent.</p> <p>90. Et de Cretico labyrintho satis dictum est. Lemnius similis illi columnis tantum CL memorabilior fuit, quarum in officina turbines ita librati pependerunt ut</p>	<p>XIX 84. Falemos também sobre os labirintos, a mais abominável obra humana em termos de gasto, mas não, como se pode pensar, fictícia. Ainda hoje resiste ao tempo no Egito, no nomo de Heracleópolis, o primeiro a ser feito, há três mil e seiscentos anos, segundo contam, pelo rei Petesuco ou Títoes, embora Heródoto tenha dito que a obra completa tenha sido dos doze reis, sendo o mais recente Psamético. Inferem inúmeros motivos para sua construção: Demóteles diz ter sido o Palácio real de Moteris, Líceas, o mausoléu de Méris, e outros muitos dizem ter sido erguido como templo sagrado ao Sol, o que é tido como senso comum.</p> <p>85. Qualquer que seja a razão, não há dúvidas de que Dédalo tomou-o como exemplo para o labirinto que fez em Creta, mas que reproduziu apenas a centésima parte dele, que contém as reviravoltas dos caminhos, encontros e desencontros inexplicáveis e não apenas uma estreita via contendo muitas milhas de caminhada, como vemos nas calçadas ladrilhadas ou nas brincadeiras dos meninos no Campo de Marte, mas inúmeras portas colocadas para enganar sobre os caminhos e fazer retornar aos mesmos caminhos errados novamente.</p> <p>86. Este foi o segundo labirinto desde o egípcio; o terceiro foi o de Lemnos e o quarto na Itália, todos protegidos por abóbodas em mármore trabalhado. O egípcio – o que realmente estranho – possui a entrada e as colunas construídas em mármore de Paros, e o restante de sua estrutura em sienito, para que nem os séculos possam destruí-las, com o auxílio dos habitantes de Heracleópolis, que admiravelmente respeitaram a obra tão odiada.</p> <p>87. Não é possível explicar completamente a disposição dessa obra e suas partes estruturais, pois está dividida entre regiões administrativas e províncias, as quais se chamam nomos, havendo vinte e um com seus respectivos nomes e, associado a cada um, há vastos edifícios; além disso, o labirinto contém templos a todos os deuses do Egito e, ainda mais, Nêmesis teria disposto, nos quarenta templos, inúmeras pirâmides de quarenta ulnas de altura³⁰⁵, ocupando na base seis <i>àrourai</i> cada³⁰⁶. Já fatigados, caminhando, chegam àquele erro inexplicável dos caminhos, (88.) com frequência também sendo elevados os planos superiores por meio de colinas e sendo conduzidos aos pórticos noventa degraus para baixo; no interior, há colunas de pórfiro, simulacros de deuses, estátuas de reis e efígies monstruosas. São construídos de tal forma, que irrompa um espantoso som de trovão do lado de dentro das portas de algumas</p>

³⁰⁵ Cerca de 17,7 m.

³⁰⁶ Cerca de 16500 m².

<p>puero circumagente tornarentur. architecti fecere Zmilis et Rhoecus et Theodorus indigenae. exstantque adhuc reliquiae eius, cum Cretici Italicique nulla vestigia exstent.</p> <p>91. Namque et Italicum dici convenit, quem fecit sibi Porsina, rex Etruriae, sepulchri causa, simul ut externorum regum vanitas quoque Italis superetur. sed cum excedat omnia fabulositas, utemur ipsius M. Varronis in expositione ea verbis: Sepultus sub urbe Clusio, in quo loco monumentum reliquit lapide quadrato quadratum, singula latera pedum trecenum, alta quinquagenum. in qua basi quadrata intus labyrinthum inextricabile, quo si quis introierit sine glomere lini, exitum invenire nequeat.</p> <p>92. Supra id quadratum pyramides stant quinque, quattuor in angulis et in medio una, imae latae pedum quinum septuagenum, altae centenum quinquagenum, ita fastigatae ut in summo orbis aeneus et petasus unus omnibus sit inpositus, ex quo pendeant exapta catenis tintinabula, quae vento agitata longe sonitus referant, ut Dodonae olim factum.</p> <p>93. Supra quem orbem quattuor pyramides insuper singulae stant altae pedum centenum. supra quas uno solo quinque pyramides. quarum altitudinem Varronem puduit adicere; fabulae Etruscae tradunt eandem fuisse quam totius operis ad eas, vesana dementia, quaesisse gloriam inpendio nulli profuturo, praeterea fatigasse regni vires, ut tamen laus maior artificis esset.</p>	<p>construções, quando abertas, e, na maior parte, o caminho pelo labirinto se dá em meio à escuridão. Ainda, há algumas grandes obras fora dos muros do labirinto; chamam-nas pteroma. Há também outras construções subterrâneas escavadas através de buracos.</p> <p>89. Querémon, eunuco do rei Néctebis, restaurou, sozinho, algumas poucas coisas da construção quinhentos anos antes do tempo de Alexandre, o Grande. Também se conta que sustentou a estrutura com troncos de espinheiro fervidos em óleo enquanto pedras quadradas eram suspensas em arcos.</p> <p>90. Sobre o labirinto cretense também já se disse o suficiente. Semelhante a ele, o de Lemnos foi mais notável apenas por suas cento e cinquenta colunas, cujos tambores haviam sido suspensos tão equilibrados na oficina, que poderiam ser acabados no torno por uma criança. Os arquitetos que o fizeram foram Zmílis, Reco e Teodoro, todos nativos de Lemnos. Suas ruínas ainda resistem até hoje, embora, dos labirintos de Creta e do italiano, não haja nenhum vestígio.</p> <p>91. Na verdade, convém dizer também sobre o italiano, feito pelo rei da Etrúria, Porsina, a fim de que fosse seu próprio mausoléu e, ao mesmo tempo, fazendo com que a frivolidade dos reis estrangeiros fosse superada pela italiana. Mas como a incredibilidade, nesse caso, ultrapassa todos limites, faremos uso das próprias palavras de Marco Varrão nesta exposição: “foi sepultado sob a cidade de Clúsiu, local em que deixou um monumento quadrado em blocos de pedra quadrados, com cada lado medindo trezentos pés³⁰⁷ e com cinquenta de altura³⁰⁸. Nessa fundação quadrada, o labirinto, do lado de dentro, é inextricável, razão pela qual, se alguém tivesse entrado sem um rolo de linha, não seria capaz de descobrir a saída”.</p> <p>92. Sobre esse quadrado, há cinco pirâmides, quatro em cada uma das pontas e uma no meio, medindo setenta e cinco pés de comprimento na base³⁰⁹ e cento e cinquenta de altura³¹⁰, de tal forma acuminando-se que, no topo, um disco³¹¹ de bronze e uma única cúpula cônica fora colocada sobre todas elas, da qual pendem sinos atados por correntes, cujos sons ressoam ao longe quando balançados pelo vento, como antes feito em Dodona.</p> <p>93. Acima do disco, há quatro pirâmides de cem pés de altura cada uma³¹² e ainda, acima delas, há mais cinco sobre uma base. Quanto à altura dessas, Varrão envergonhou-se em dizê-la, mas as histórias etruscas contam que ela teria sido a mesma altura de toda a obra construída até elas. Insano desvario ter buscado</p>
---	---

³⁰⁷ Cerca de 88,8 m.

³⁰⁸ Cerca de 14,8 m.

³⁰⁹ Cerca de 22,2 m.

³¹⁰ Cerca de 14,8 m.

³¹¹ *Orbis*: pode significar uma forma circular, seja um anel ou um disco, ou uma forma esférica como um globo (OLD, p. 1263).

³¹² Cerca de 29,6 m.

	tamanha glória com um custo que não haveria de beneficiar ninguém, além de desgastar a força do reino, apenas para que a glória maior ainda fosse ao artífice.
XX 94. Legitur et pensilis hortus, immo vero totum oppidum Aegyptiae Thebae, exercitus armatos subter educere solitis regibus nullo oppidanorum sentiente; etiamnum hoc minus mirum quam quod flumine medium oppidum interfluente. quae si fuissent, non dubium est Homerum dicturum fuisse, cum centum portas ibi praedicaret.	XX 94. Também se lê sobre um jardim suspenso, ou melhor, toda a cidade egípcia de Tebas, e sobre os exércitos armados, que costumavam ser conduzidos pelos reis por baixo dela sem serem percebidos pelos seus cidadãos. Ainda assim, isto é menos extraordinário do que a existência de um rio correndo em meio à cidade. Mas se tais coisas tivessem existido, Homero certamente as teria dito quando mencionou os cem portões da cidade.
XXI 95. Graecae magnificentiae vera admiratio exstat templum Ephesiae Dianae CXX annis factum a tota Asia. in solo id palustri fecere, ne terrae motus sentiret aut hiatus timeret, rursus ne in lubrico atque instabili fundamenta tantae molis locarentur, calcatis ea substravere carbonibus, dein velleribus lanae. universo templo longitudo est CCCCXXV pedum, latitudo CCXXV, columnae CXXVII a singulis regibus factae LX pedum altitudine, ex iis XXXVI caelatae, una a Scopae. operi praefuit Chersiphron architectus. 96. Summa miraculi epistylia tantae molis attolli potuisse; id consecutus ille est aeronibus harenae plenis, molli clivo super capita columnarum exaggerato, paulatim exinaniens imos ut sensim opus in loco sederet. difficillime hoc contigit in limine ipso quod foribus inponebat; etenim ea maxima moles fuit nec sedit in cubili, anxio artifice mortis destinatione suprema. 97. Tradunt in ea cogitatione fessum nocturno tempore in quiete vidisse praesentem deam, cui templum fieret hortantem ut viveret: se composuisse lapidem. atque ita postera luce apparuit; pondere ipso correctus videbatur. cetera eius operis ornamenta plurium librorum instar optinent, nihil ad specimen naturae pertinentia.	XXI 95. Com uma genuína admiração à grandeza grega, há ainda o templo de Diana em Éfeso, feito ao longo de cento e vinte anos por toda a Ásia. Fizeram isso em solo pantanoso, para que não sentisse os movimentos da terra ou fosse exposto ao risco de uma fissura, e, por outro lado, para que não fossem posicionadas as fundações de tamanha estrutura em um local escorregadio e instável, espalhou-se por baixo dela uma camada de carvão pisado, e então de peliças de lã. Considerando todo o templo, são quatrocentos e vinte e cinco pés de comprimento ³¹³ , duzentos e vinte e cinco de largura ³¹⁴ , cento e vinte e sete colunas, cada uma feita por um dos reis, e com sessenta pés de altura ³¹⁵ , e, dentre elas, trinta e seis foram gravadas em relevo, uma delas por Escopas. O arquiteto Quérsifron geriu a obra. 96. O principal da façanha foi ter conseguido levantar as arquitraves de tamanha estrutura; ele o conseguiu por meio de cestas trançadas cheias de areia e uma suave rampa, elevada acima do topo das colunas. Assim, pouco a pouco eram esvaziados os mais baixos, o que gradualmente fixava a peça no local. Entretanto, isso foi alcançado com grande dificuldade quando se chegou no próprio dintel que posicionava a porta, pois, de fato, aquele era o maior bloco e não se fixava às articulações. Por essa razão, o artífice, angustiado, considerou o suicídio como sua última resolução. 97. Mas contam que, durante essa reflexão, abatido, à noite, enquanto dormia, teria visto a deusa em pessoa, a quem seria feito o templo, exortando-o de que vivesse, uma vez que a pedra já havia sido posta por ela. E assim se deu no dia seguinte, parecia ter sido ajeitada pelo próprio peso. Os restantes ornatos dessa obra ocupariam muitos outros livros, mas não pertencem à esfera da natureza.
XXII 98. Durat et Cyzici delubrum, in quo tubulum aureum commissuris omnibus politi lapidis subiecit artifex, eboreum Iovem dicaturus intus coronante eum marmoreo Apolline. translucent ergo iuncturae tenuissimis capillamentis lenique adflatu simulacra refovent, et praeter ingenium artificis ipsa materia ingenii quamvis occulta in pretio operis intellegitur.	XXII 98. Também perdura um templo, em Cízico, no interior do qual foi dedicado um Júpiter em marfim com um Apolo de mármore coroando-o, obra na qual o artífice posicionou um tubo de ouro sob todas as junções de mármore polido. Assim, elas reluzem por meio dos tênues filamentos e, com uma brisa suave, revivem os simulacros. Além do talento do artífice, a

³¹³ Cerca de 125,8 m.

³¹⁴ Cerca de 66,6 m.

³¹⁵ Cerca de 17,7 m.

	própria matéria de sua invenção, embora escondida, é levada em conta no valor da obra.
<p>XXIII 99. Eodem in oppido est lapis fugitivus appellatus; Argonautae eum pro ancora usi reliquerant ibi. hunc e prytaneo – ita vocatur locus – saepe profugum vinxere plumbo. Eadem in urbe iuxta portam quae Thracia vocatur turre septem acceptas voces numero repercussu multiplicant. nomen huic miraculo Echo est a Graecis datum.</p> <p>100. Et hoc quidem locorum natura evenit ac plerumque convallium; ibi casu accidit, Olympiae autem arte, mirabili modo, in porticu, quam ob id heptaphonon appellant, quoniam septiens eadem vox redditur. Cyzici et buleuterium vocant aedificium amplum, sine ferreo calvo ita disposita contignatione ut eximantur trabes sine fulturis ac reponantur. quod item Romae in ponte sublicio religiosum est, posteaquam Coclite Horatio defendente aegre revolsus est.</p>	<p>XXIII 99. Há também, na mesma cidade, uma pedra chamada “desertora”; os argonautas deixaram-na no local após ser usada como âncora. A pedra foi atada a uma bola de chumbo após ter “escapado” tantas vezes do prytaneu, como é chamado o local em que estava. Na mesma localidade, próximo às portas que chamam trácias, há sete torres, que amplificam os sons recebidos a partir de uma reverberação múltipla. O nome desse fenômeno extraordinário é eco, tendo sido dado pelos gregos.</p> <p>100. E isso, na verdade, ocorre devido à constituição natural de diversos lugares, normalmente, de vales cobertos por colinas. Embora, nesse local, o fenômeno ocorra por acaso, em Olímpia, de modo formidável, ele é propositadamente projetado no pórtico que, por isso, chamam heptafono, uma vez que o mesmo som é reproduzido sete vezes. Há, também, em Cízico um grande edifício que chamam <i>buleuterium</i>³¹⁶, sem um prego de ferro, sendo arranjado o assoalho para que as vigas fossem removidas e repostas sem suportes. Esse método também é empregado religiosamente na Ponte Sublícia, em Roma, depois que foi arrancada com tamanha dificuldade enquanto Horácio Cocles a defendia.</p>
<p>XXIV 101. Verum et ad urbis nostrae miracula transire conveniat DCCCque annorum dociles scrutari vires et sic quoque terrarum orbem victum ostendere. quod accidisse totiens paene, quot referentur miracula, apparebit; universitate vero acervata et in quendam unum cumulum coiecta non alia magnitudo exurget quam si mundus alius quidam in uno loco narretur.</p> <p>102. Nec ut circum maximum a Caesare dictatore exstructum longitudine stadiorum trium, latitudine unius, sed cum aedificiis iugerum quaternum, ad sedem CCL, inter magna opera dicamus: non inter magnifica basilicam Pauli columnis e Phrygibus mirabilem forumque divi Augusti et templum Pacis Vespasiani Imp. Aug., pulcherrima operum quae umquam vidit orbis? non et tectum diribitori ab Agrippa facti, cum theatrum ante texerit Romae Valerius Ostiensis architectus ludis Libonis?</p> <p>103. Pyramidas regum miramur, cum solum tantum foro exstruendo HS \overline{M} Caesar dictator emerit et, si quem inpena moveat captis avaritia animis, HS $\overline{CXLVIII}$ domo empta Clodius, quem Milo occidit, habitaverit.</p> <p>104. Quod equidem non secus ac regum insaniam miror; itaque et ipsum Milonem HS \overline{DCC} aeris alieni debuisse inter prodigia animi humani duco. sed tum senes aggeris vastum spatium, substructiones Capitolii mirabantur, praeterea cloacas, opus omnium dictu maximum, subfossis montibus atque, ut paullo ante retulimus, urbe pensili subterque navigata M. Agrippae in aedilicate post consulatum.</p>	<p>XXIV 101. Mas convém agora passar às maravilhas de nossa cidade e explorar todas as capacidades adquiridas em oitocentos anos, e assim também exibir um mundo todo dominado por nós. Ficará evidente que isso ocorreu quase tantas vezes quanto o número de maravilhas que serão relatadas; na verdade, fosse tudo juntado e acumulado em uma única pilha, não ascenderia grandeza maior, como se fosse narrado todo um outro mundo, reunido em um único lugar.</p> <p>102. E ainda que não mencionemos entre as maiores obras o Circo Máximo, construído pelo ditador César, com três estádios de comprimento e um de largura³¹⁷, mas com quase quatro jeiras³¹⁸ de edifícios para duzentos e cinquenta mil assentos, não deveríamos elencar em meio as mais magníficas a Basílica de Paulo, admirada por suas colunas de Frígia, ou o Fórum do divino Augusto, ou o Templo da Paz do imperador Vespasiano Augusto – as mais belas obras que o mundo já viu? Ou também elencar o teto do diribitório feito por Agripa, embora, antes disso, em Roma, o arquiteto Valério Ostiense já tivesse coberto com um telhado um teatro para os jogos de Libon?</p> <p>103. Admiramos as pirâmides dos reis, enquanto o ditador César teria comprado apenas o terreno para a construção do fórum por cem milhões de sestércios, e, se é que esse gasto ainda comova alguém nestes tempos em que a ganância já subjugou a razão, enquanto Clódio, morto por Milão, teria morado em uma casa comprada por catorze milhões e oitocentos mil sestércios.</p>

³¹⁶ *Buleuterium*: câmara do conselho (OLD, p. 244).

³¹⁷ Cerca de 576 e 192 m.

³¹⁸ Cerca de 1008 m².

105. Permeant conrivati septem amnes cursuque praecipiti torrentium modo rapere atque auferre omnia coacti, insuper imbrium mole concitati vada ac latera quatiunt, aliquando Tiberis retro infusus recipitur, pugnanteque diversi aquarum impetus intus, et tamen obnixa firmitas resistit.

106. Trahuntur moles superne tantae non succumbentibus cavis operis, pulsant ruinae sponte praecipites aut inpactae incendiis, quatur solum terrae motibus, durant tamen a Tarquinio Prisco annis DCC prope inexpugnabiles, non omittendo memorabili exemplo vel magis, quoniam celeberrimis rerum conditoribus omissum est.

107. Cum id opus Tarquinius Priscus plebis manibus faceret, essetque labor incertum maior an longior, passim conscita nece Quiritibus taedium fugientibus, novum, inexcogitatum ante posteaque remedium invenit ille rex, ut omnium ita defunctorum corpora figeret cruci spectanda civibus simul et feris volucrisque laceranda.

108. Quam ob rem pudor Romani nominis proprius, qui saepe res perditas servavit in proeliis, tunc quoque subvenit, sed illo tempore inposuit iam erubescens, cum puderet vivos, tamquam puditorum esset extinctos. amplitudinem cavis eam fecisse proditur, ut vehem faeni large onustam transmitteret.

109. Parva sunt cuncta, quae diximus, et omnia uni comparanda miraculo, antequam nova attingam. M. Lepido Q. Catulo cos., ut constat inter diligentissimos auctores, domus pulchrior non fuit Romae quam Lepidi ipsius, at, Hercules, intra annos XXXV eadem centesimum locum non optinuit.

110. Computet in hac aestimatione qui volet marmorum molem, opera pictorum, inpendia regalia et cum pulcherrima laudatissimaque certantes centum domus posteaque ab innumerabilibus aliis in hunc diem victas. profecto incendia puniunt luxum, nec tamen effici potest ut mores aliquid ipso homine mortalius esse intellegant.

111. Sed omnes eas duae domus vicerunt. bis vidimus urbem totam cingi domibus principum Gai et Neronis, huius quidem, ne quid deesset, aurea. nimirum sic habitaverant illi qui hoc imperium fecere tantum, ad devincendas gentes triumphosque referendos ab aratro aut foco exeuntes, quorum agri quoque minorem modum optinuere quam sellaria istorum!

112. Subit vero cogitatio, quota portio harum fuerint areae illae quas invictis imperatoribus decernebant publice ad exaedificandas domos; summusque illarum honos erat, sicut in P. Valerio Publicola, primo consule cum L. Bruto, post tot merita et fratre eius, qui bis in eodem magistratu Sabinos devicerat, adici decreto ut domus eorum fores extra aperirentur et ianua in publicum reiceretur. hoc erat clarissimum insigne inter triumphales quoque domos.

113. Non patiar istos duos Gaios vel duos Neronis in hac quidem gloria famae frui, docebimusque etiam insaniam eorum victam privatis opibus M. Scauri, cuius nescio an aedilitas maxime prostraverit mores

104. Realmente, admiro-me disso não menos do que da insanidade dos reis, e, por isso, considero em meio às perversidades do caráter humano o fato de Milão ter possuído setenta milhões de sestércios em dívidas. Mas, naquele momento, os antigos ainda admiravam o vasto espaço do áger, as fundações do capitólio e até as cloacas, a maior obra segundo a opinião de todos, uma vez que as montanhas foram escavadas por dentro, e, como reportamos pouco antes, Roma tornou-se suspensa, tendo-se navegado por baixo dela no tempo em que Marco Agripa foi edil após seu consulado.

105. Atravessam a cidade sete rios reunidos em uma corrente e, com o rápido curso como de torrentes, acabam por arrancar e levar todas as coisas, além de, quando agitados pelo volume de chuvas, abalarem o fundo e as margens do córrego. Em outros momentos, são recebidas águas provenientes do Tibre no sentido contrário, e as diferentes forças das correntes de água combatem do lado de dentro e, ainda assim, a firmeza resolvida da estrutura resiste.

106. Em cima, grandes blocos de pedra são trazidos sem que os arcos da obra cedam; violentos desmoronamentos a golpeiam, naturais ou depois de serem tomados por incêndios; o solo é sacudido pelos movimentos da terra, mas, apesar disso, por setecentos anos, desde Tarquínio Prisco, resistem quase inexpugnáveis. Não se deve deixar de mencionar, contudo, um exemplo memorável, ou ainda mais que memorável, uma vez que foi esquecido pelos mais célebres historiógrafos.

107. Quando Tarquínio Prisco realizava essa construção usando como mão de obra trabalhadores plebeus, uma vez que o trabalho se tornava incerto, fosse por sua extensão ou por sua duração, por todos os cantos passaram os Quirites a se suicidar para fugirem à exaustão. Frente a isso, o rei encontrou um novo remédio, nunca pensado antes ou depois dele: crucificou os corpos de todos aqueles que haviam morrido para serem vistos pelos cidadãos e, ao mesmo tempo, dilacerados por aves e outros animais.

108. Por essa razão, a particular vergonha da designação romano, nome que com frequência serviu a situações desesperadoras em combates, então, veio também à tona, mas, naquele momento, se impôs aos romanos, que já enrubesciam, uma vez que envergonhava os vivos do mesmo modo que havê-los-ia de envergonhar depois de mortos. Diz-se que Tarquínio teria feito a altura dos túneis de forma que pudesse passar através deles uma carroça cheia de feno em abundância.

109. Todas juntas, são poucas as obras que mencionamos, e todas comparáveis a uma única maravilha, que mencionarei antes de passar a novas questões. Quando Marco Lépido e Quinto Cátulo eram cônsules, o que consta em meio aos mais atentos autores é que não houve mais bela casa em Roma do que a do próprio Lépido. Mas essa mesma casa, dentro de trinta e cinco anos, nem sequer se colocou entre as cem mais belas!

maiusque sit Sullae malum tanta privigni potentia quam proscriptio tot milium.

114. In aedilitate hic sua fecit opus maximum omnium quae umquam fuere humana manu facta non temporaria mora, verum etiam aeternitatis destinatione. theatrum hoc fuit; scaena ei triplex in altitudinem CCCLX columnarum in ea civitate quae sex Hymettias non tulerat sine probro civis amplissimi. ima pars scaenae e marmore fuit, media e vitro, inaudito etiam postea genere luxuriae, summa e tabulis inauratis; columnae, ut diximus, imae duodequadragenum pedum.

115. Signa aerea inter columnas, ut indicavimus, fuerunt III numero; cavea ipsa cepit hominum LXXX, cum Pompeiani theatri totiens multiplicata urbe tantoque maiore populo sufficiat large XXXX sedere. relicus apparatus tantus Attalica veste, tabulis pictis, cetero choragio fuit ut, in Tusculanam villam reportatis quae superfluebant quotidiani usus deliciis, incensa villa ab iratis servis concremarentur HS [CCC].

116. Aufert animum et a destinato itinere degredi cogit contemplatio tam prodigae mentis aliamque conectit maiorem insaniam e ligno. C. Curio, qui bello civili in Caesarianis partibus obiit, funebri patris munere cum opibus apparatuque non posset superare Scaurum – unde enim illi vitricus Sulla et Metella mater proscriptionum sectrix? unde M. Scaurus pater, totiens princeps civitatis et Mariani sodalicii rapinarum provincialium sinus? cum iam ne ipse quidem Scaurus sibi par esse posset, quando hoc certe incendi illius praemium habuit convectis ex orbe terrarum rebus, ut nemo postea par esset (117.) insaniae illi – ingenio ergo utendum suo Curioni et aliquid excogitandum fuit. operae pretium est scire, quid invenerit, et gaudere moribus nostris ac verso modo nos vocare maiores. theatra iuxta duo fecit amplissima ligno, cardinum singulorum versatili suspensa libramento, in quibus utrisque antemeridiano ludorum spectaculo edito inter sese aversis, ne invicem obstreperent scaenae, repente circumactis – ut constat, post primos dies etiam sedentibus aliquis – cornibus in se coeuntibus faciebat amphytheatrum gladiatorumque proelia edebat, ipsum magis auctoritatum populum Romanum circumferens.

118. Quid enim miretur quisque in hoc primum, inventorem an inventum, artificem an auctorem, ausum aliquem hoc excogitare an suscipere an iubere? super omnia erit populi sedere ausi furor tam infida instabilique sede. en hic est ille terrarum victor et totius domitor orbis, qui gentes, regna diribet, iura exteris mittit, deorum quaedam immortalium generi humano portio, in machina pendens et ad periculum suum plaudens!

119. Quae vilitas animarum ista aut quae querela de Cannis! quantum mali potuit accidere! hauriri urbes terrae hiatis publicis mortalium dolor est: ecce populus Romanus universus, veluti duobus navigiis inpositus, binis cardinibus sustinetur et se ipsum

110. Faça quem queira a estimativa da grande quantidade de mármore, pinturas, as despesas dignas da realeza, e com cem casas batalhando contra a mais bela e mais elogiada e depois vencidas por incontáveis outras até este dia. Os incêndios de fato punem o luxo, e, contudo, não se consegue fazer com que nossos costumes compreendam que haja algo mais mortal do que o próprio homem.

111. Mas duas casas venceram todas as outras. Por duas vezes vimos toda a cidade ser cercada por residências imperiais: as de Calígula e Nero – cujo palácio, para que nada faltasse, fez áureo. Sem dúvida haviam vivido assim aqueles que tanto fizeram pelo império, partindo do lar e do arado para conquistar povos e reivindicar triunfos, mas suas terras, ainda assim, ocuparam um espaço menor do que as salas de estar deles!

112. De fato, vem à mente a consideração: que fração desses palácios teriam sido os terrenos que determinavam oficialmente aos generais invencíveis para que construíssem suas casas; e a mais alta glória delas, o que foi acrescentado através de um decreto, era que os portões de suas casas fossem abertos para fora e a porta fosse lançada ao espaço público, como no caso de Públio Valério Públicola, primeiro cônsul junto com Lúcio Bruto, após tantos méritos, e também como no caso de seu irmão, que, na mesma magistratura, conquistou os Sabinos por duas vezes. Esse era o mais conhecido símbolo entre as casas até daqueles que haviam conquistado um triunfo.

113. Mas não permitirei que esses dois, Calígulas ou Neros, ainda usufruam dessa fama; mostraremos que suas atitudes insensatas foram ainda superadas pelos negócios privados de Marco Escauro, cujo cargo como edil não sei dizer se não teria arruinado completamente os costumes, e se o grande poder de seu filho postiço não seria um mal provocado por Sula maior do que a proscricção de tantos milhares de indivíduos.

114. Em seu governo como edil, erigiu a maior obra de todas que já foram feitas por mãos humanas – e não só as temporárias, mas ainda as que tinham o propósito de durar pela eternidade. Essa obra foi um teatro; seu palco possuía três diferentes alturas com trezentas e sessenta colunas, isso em meio a um povo que não havia tolerado seis colunas de Himeto sem censuras a um cidadão importante. A parte mais baixa do palco foi feita em mármore, a do meio em vidro – mesmo depois não se ouviu dizer sobre esse tipo de luxo –, e a superior em tábuas douradas; as colunas da parte inferior, como dissemos, possuíam cada uma trinta e oito pés de altura³¹⁹.

115. As esculturas de bronze entre as colunas, que já mencionamos, contabilizavam três mil e a plateia propriamente comportava oitenta mil homens. Mesmo o teatro de Pompeu, apesar de a cidade ter se multiplicado e a população ser um tanto maior, seria suficiente para acomodar espaçosamente quarenta mil homens. Tamanho foi o restante da preparação, com

³¹⁹ Cerca de 11,2 m.

depugnantem spectat, periturus momento aliquo luxatis machinis!

120. Et per hoc quaeritur tribuniciiis contionibus gratia, ut pensiles tribus quatiat, in rostris quid non ausurus apud eos quibus hoc persuaserit! vere namque confitentibus populus Romanus funebri munere ad tumulum patris eius depugnavit universus. variavit hanc suam magnificentiam fessis turbatisque cardinibus et amphitheatri forma custodita novissimo die diversis duabus per medium scaenis athletas edidit raptisque e contrario repente pulpitis eodem die victores e gladiatoribus suis produxit. nec fuit rex Curio aut gentium imperator, non opibus insignis, ut qui nihil in censu habuerit praeter discordiam principum.

121. Sed dicantur vera aestimatione invicta miracula. Q. Marcius Rex, iussus a senatu aquarum Appiae, Anienis, Tepulae ductus reficere, novam a nomine suo appellatam cuniculis per montes actis intra praeturae suae tempus adduxit; Agrippa vero in aedilitate adiecta Virgine aqua ceterisque conrivatis atque emendatis lacus DCC fecit, praeterea salientes D, castella CXXX, complura et cultu magnifica, operibus iis signa CCC aerea aut marmorea inposuit, columnas e marmore CCCC, eaque omnia annuo spatio. adicit ipse aedilitatis suae commemoratione et ludos diebus undexaginta factos et gratuita praebita balinea CLXX, quae nunc Romae ad infinitum auxere numerum.

122. Vicit antecedentes aquarum ductus novissimum inpendium operis incohati a C. Caesare et peracti a Claudio, quippe a XXXX lapide ad eam excelsitatem, ut omnes urbis montes lavarentur, influxere Curtius atque Caeruleus fontes et Anien novus, erogatis in id opus HS MMMMD.

123. Quod si quis diligentius aestumaverit abundantiam aquarum in publico, balineis, piscinis, euripis, domibus, hortis, suburbanis villis, spatia aquae venientis, exstructos arcus, montes perfossos, convalles aequatas, fatebitur nil magis mirandum fuisse in toto orbe terrarum.

124. Eiusdem Claudii inter maxime memoranda equidem duxerim, quamvis destitutum successoris odio, montem perfossum ad lacum Fucinum emittendum inenarrabili profecto inpendio et operarum multitudine per tot annos, cum aut conrivatio aquarum, qua terrenus mons erat, egereretur in verticem machinis aut silex caederetur quantaque intus in tenebris fierent, quae neque concipi animo nisi ab iis qui videre neque enarrari humano sermone possunt!

125. Nam portus Ostiensis opus praetereo, item vias per montes excisas, mare Tyrrhenum a Lucrino molibus seclusum, tot pontes tantis inpendiis factos. et inter plurima alia Italiae ipsius miracula marmora in lapidinis crescere auctor est Papirius Fabianus, naturae rerum peritissimus, exemptores quoque

tecidos bordados em ouro, painéis pintados e outros objetos de palco, que teria sido consumido pelo fogo o equivalente a trinta milhões de sestércios depois de serem levados os ornamentos de uso cotidiano que sobravam à cidade de Túsculo, pois a mesma cidade acabou sendo incendiada por servos enraivecidos.

116. Observar uma mente tão inclinada aos excessos desvia a atenção e obriga que nos afastemos de nosso caminho já determinado, uma vez que se associa a ele uma outra insânia, e maior ainda, relativa à madeira. Gaio Curião, que morreu na guerra civil ao lado de César, na cerimônia fúnebre ao seu pai, não poderia superar Escauro em relação a todas as pompas e suas preparações esplendorosas, pois de onde arranjaria um padrao como Sula e uma mãe como Metela, que comprava bens confiscados? Onde arranjaria um pai como Marco Escauro, por tantas vezes o principal magistrado além de receptor de bens advindos de pilhagens das províncias do conluio de Mário? Escauro mesmo já não poderia, na verdade, agir como antes, já que foram coletados objetos em todos os lugares do mundo. Nesse momento, de fato obteve uma grande vantagem com esse incêndio: que ninguém, depois disso, se comparasse ao seu delírio. (117.) Curião, portanto, fazendo uso de seu engenho, teve de inventar algo novo. É válido sabermos o que ele teria descoberto e ficarmos contentes por nossos costumes e por nos chamarmos “maiores”, embora num outro sentido³²⁰. Ele construiu dois teatros enormes em madeira próximos um do outro, suspensos, cada um sobre o contrapeso giratório das dobradiças; antes do meio dia, quando era exibido um espetáculo com performances, cada um deles era virado de costas um para o outro, para que os sons de um palco não ressoassem contra o palco do outro e vice-versa; então, de repente, eram girados – sabe-se que, após os primeiros dias, faziam isso até mesmo com alguns espectadores sentados –, e, com as extremidades se encontrando, formava um anfiteatro e exibia combates entre gladiadores, carregando ao redor o próprio povo romano, que corria mais perigo do que os lutadores.

118. O que alguém admiraria em primeiro lugar nessa obra: seu inventor ou a própria invenção? O artífice ou fomentador? Alguém ter ousado projetar, assumir ou ordenar essa obra? Mas a maior loucura de todas será sempre que as pessoas tenham se arriscado a sentar em bancos tão inseguros e instáveis. Veja só! Esse é o conquistador da terra, o que governa todo o mundo, o que arranja povos e reinos, o que emite ordens ao exterior, o que representa uma fração do que são os deuses imortais em meio à raça humana, pendendo em uma engenhoca e ainda aplaudindo o perigo a que está sendo sujeito!

119. Que falta de consideração por essas vidas! Por que lamentamos tanto após Canas?! Que infortúnio não poderia ocorrer! O sofrimento coletivo se instaura

³²⁰ *Maiores*: “maiores” refere-se, aqui, não a gerações anteriores, mas a uma superioridade relativa aos costumes aprovados e benquistos por Plínio.

adfirmant compleri sponte illa montium ulcera. quae si vera sunt, spes est numquam defutura luxuriae.

ao ver cidades desaparecendo sob os abismos da terra. Mas vejam! Todo o povo romano, aqui, disposto como se em duas canoas, sustentado por uns dois eixos e assistindo a si mesmo em uma violenta batalha, prestes a morrer a qualquer momento caso a engenhoca se deslocasse!

120. E, por meio disso, Curião estaria buscando tão somente a estima em reuniões de tribuno, para que balançasse as pessoas em assentos móveis; pessoas que teria convencido a fazer isso, mas em meio às quais não ousaria aparecer no rosto! Pois, honestamente, foi todo o povo romano que lutou durante a cerimônia fúnebre para a sepultura de seu pai. Mudou essa sua ostentação apenas devido aos eixos, quando estavam desgastados e deslocados, e, mantida a forma do anfiteatro, no último dia, exibiu atletas em dois palcos diferentes pelo meio e, então, repentinamente, retiradas as plataformas opostas, no mesmo dia, conduziu adiante os vencedores entre seus gladiadores. Curião nem foi rei ou imperador, nem reconhecido por suas posses, de forma que não teria tido nada em fortunas além da discordância de cidadãos importantes.

121. Mas falemos aqui sobre as maravilhas invictas quanto ao seu real valor. Quinto Márcio Rei, durante o período em que era pretor, uma vez que foi ordenado pelo senado que restaurasse os aquedutos de Ápia, de Ânio e de Tépula, fez um novo, que levou seu nome, conduzido por canais subterrâneos através das montanhas; na verdade, Agripa, quando no cargo de edil, depois de acrescentada a Água Virgem e redirecionados e reformados os outros canais, construiu setecentas cisternas, quinhentas fontes e cento e trinta castelos d'água, muitos também magníficos quanto aos adornos; nessas construções, erigiu trezentas esculturas de bronze ou mármore e quatrocentas colunas feitas em mármore – todas essas obras no espaço de um ano. Ele próprio acrescenta, na comemoração de sua edilidade, que foram estabelecidos jogos por cinquenta e nove dias e concedidas cento e setenta termas gratuitas, embora, atualmente, este número seja infinitamente maior em Roma.

122. Mas o custo do último aqueduto superou todos os já existentes, uma obra iniciada por Gaio César e levada adiante por Cláudio, uma vez que as fontes de Cúrcio e Cerúlea, assim como o Novo Ânio, fizeram fluir da 40ª milha³²¹ até tal altura para que banhassem todas as colinas da cidade, tendo sido pagos nessa obra trezentos e cinquenta milhões de sestércios.

123. Se alguém mais diligente estimasse a grande quantidade de águas públicas, em termas, piscinas, canais, em residências, jardins e cidades ao redor de Roma, e o percurso feito pelas águas até chegarem a seus destinos, os arcos construídos, montanhas perfuradas, vales aplainados, esse alguém

³²¹ *Lapide*: nesse caso, assume o sentido de marco miliário e, portanto, equivale a uma distância em milhas (OLD, p. 1001).

	<p>reconheceria que nada houve de mais admirável em todo o mundo.</p> <p>124. Considero, em meio às mais admiráveis obras de Cláudio, apesar de ter sido abandonada pelo ódio de seu sucessor, o monte que fora escavado para escoar as águas do lago Fúicino, obra realizada com um gasto indizível e um grande número de trabalhadores por muitos anos, uma vez que ou a corrente de água, por onde a montanha era de terra, era drenada para o topo por meio das máquinas, ou a rocha deveria ser fendida; e todo o trabalho era feito do lado de dentro, no escuro, o que nem a mente pode imaginar, senão a daqueles que o viram, nem pode ser narrado pelo discurso humano.</p> <p>125. Pois não me atento à obra do porto de Óstia, nem aos caminhos recortados por dentro dos montes, nem ao mar Tirreno sendo separado do lago Lucrino por estruturas massivas, ou a tantas pontes construídas com um custo tão grande. Mas em meio a muitas outras maravilhas da própria Itália, o autor Papírio Fabiano, maior conhecedor dos fenômenos naturais, constata que mármore, na verdade, nasce nas pedreiras, e os mineradores também afirmam que os cortes provocados nas montanhas são preenchidos espontaneamente. Se isso for verdade, há esperança de que nunca falte mármore aos luxos dos homens.</p>
<p>XXV 126. A marmoribus degredienti ad reliquorum lapidum insignes naturas quis dubitet in primis magnetem occurrere? quid enim mirabilius aut qua in parte naturae maior improbitas? dederat vocem saxis, ut diximus, respondentem homini, immo vero et obloquentem. quid lapidis rigore pigrius? ecce sensus manusque tribuit illi. quid ferri duritia pugnacius?</p> <p>127. Pedes ei inpertivit et mores trahitur namque magnete lapide, domitrixque illa rerum omnium materia ad inane nescio quid currit atque, ut propius venit, adsilit, tenetur amplexuque haeret. sideritim ob id alio nomine vocant, quidam Heraclian. magnes appellatus est ab inventore, ut auctor est Nicander – in Ida repertus, namque et passim inveniuntur, in Hispania quoque; invenisse autem fertur clavus crepidarum, baculi cuspidis haerentibus, cum armenta pasceret. quinque genera magnetis Sotacus demonstrat: (128.) Aethiopicum et a Magnesia Macedoniae contermina a Boebe Iolcum petentibus dextra, tertium in Hyetto Boeotiae, quartum circa Alexandriam Troadem, quintum in Magnesia Asiae. differentia prima, mas sit an femina, proxima in colore. nam qui in Magnesia Macedonica reperiuntur rufi nigrique sunt, Boeoti vero rufi coloris plus habent quam nigri. is qui Troade invenitur niger est et feminei sexus ideoque sine viribus, deterrimus autem in Magnesia Asiae, candidus neque attrahens ferrum similisque pumici. conpertum tanto meliores esse, quanto sint magis caerulei. Aethiopico palma datur pondusque argento rependitur.</p> <p>129. Invenitur hic in Aethiopiae Zmiri; ita vocatur regio harenosa. ibi et haematites magnes sanguinei</p>	<p>XXV 126. Mas desviando-nos dos mármore para os aspectos notáveis das outras pedras, quem ficaria surpreso por encontrar em primeiro lugar o ímã? Pois o que há de mais extraordinário ou em que domínio da natureza há maior malícia? De fato, dera voz às pedras, como já mencionamos, que ressoam a do próprio homem, isso quando não a interrompem. Mas o que é mais obstinado do que a dureza de uma rocha? Pois concedeu, ainda, ao ímã percepções e mãos para moverem. O que é mais pertinaz que a dureza do ferro?</p> <p>127. Pois concedeu a ele, ainda, pés e vontades próprias. Ele é atraído pela pedra-ímã, e, então, o metal que subjuga tudo que há move-se rapidamente, por ação dessa substância, para um vácuo imperceptível e, indo cada vez mais para perto, ele salta, é retido por um abraçamento e se gruda. Por isso, chamam-no um outro nome, siderita³²², e alguns até “pedra de Hércules”. Foi chamado ímã por seu descobridor, segundo o autor Nicandro, que a encontrou no monte Ida, mas, na verdade, elas são vistas em diferentes lugares e também na Hispânia. Conta-se, contudo, que ele a teria descoberto devido aos pinos de suas sandálias e à ponta de seu cajado, que grudaram nela enquanto alimentava seu rebanho. Sótaco identifica cinco tipos de ímãs: (128.) o etíope; também o da Magnésia, na fronteira com a Macedônia, ao lado direito daquele que ruma para Iolco a partir de Bebe; um terceiro em Hieto, na Beócia; um quarto ao redor da Alexandria troiana e um quinto tipo na Magnésia, na Ásia. A principal diferença é a existência de uma espécie feminina e outra masculina; a segunda distinção diz respeito à coloração. Pois aqueles que</p>

³²² Cf. nota 60.

<p>coloris sanguinemque reddens, si teratur, sed et crocum. in adtrahendo ferro non eadem haematiti natura quae magneti. Aethiopici argumentum est, quod magneti quoque alium ad se trahit.</p> <p>130. Omnes autem hi oculorum medicamentis prosunt ad suam quisque portionem, maximeque epiphoras sistunt. sanant et adusta cremati tritique. alius rursus in eadem Aethiopia non procul mons ferrum omne abigit respuitque. de utraque natura saepius diximus.</p>	<p>são encontrados na Magnésia macedônica são vermelhos e pretos, e os beócios possuem coloração mais avermelhada que preta. Aquele descoberto na Tróade é preto e do sexo feminino, e, por essa razão, não possui força de atração; o pior, porém, é o encontrado na Magnésia Asiática, que é branco e não atrai ferro, sendo semelhante a uma pedra-pomes. Descobriu-se que quanto mais azulados fossem, melhor seriam, e o prêmio de melhor variedade é concedido ao etíope, que equivale ao valor de seu peso em prata.</p> <p>129. Este é encontrado na região arenosa, chamada <i>Zmiris</i>, na Etiópia. Nesse local, também há hematitas magnéticas de cor de sangue e que produzem um pigmento da mesma cor quando trituradas e ainda um de cor de açafrão. Quanto à atração do ferro, a natureza da hematita não é a mesma do ímã. A comprovação do ímã etíope é que ele também atrai outro ímã até si.</p> <p>130. Porém, todos esses são úteis na preparação de remédios para os olhos, cada um em uma proporção, e fazem cessar lacrimações³²³ com grande eficácia, além de curarem também queimaduras quando calcinados e triturados. Ainda, há, na Etiópia, e não tão distante, uma montanha que repele e lança para trás todo ferro, mas já dissemos sobre cada uma dessas propriedades muitas vezes.</p>
<p>(XXVI) Lapidem e Syro insula fluctuari tradunt, eundem comminutum mergi.</p>	<p>(XXVI) Também dizem que uma rocha da ilha de Siro é capaz de flutuar na água, mas a mesma pedra afunda ao ser partida em pequenos pedaços.</p>
<p>XXVII 131. In Asso Troadis sarcophagus lapis fissili vena scinditur. corpora defunctorum condita in eo absumi constat intra XL diem exceptis dentibus. Mucianus specula quoque et strigiles et vestes et calciamenta inlata mortuis lapidea fieri auctor est. eiusdem generis et in Lycia saxa sunt et in oriente, quae viventibus quoque adalligata erodunt corpora.</p>	<p>XXVII 131. Em Asso de Troia, há uma pedra sarcófaga que se divide em uma fissura a partir de um veio. Sabe-se que os corpos de defuntos que foram enterrados sob essa rocha são consumidos dentro de quarenta dias à exceção dos dentes. Muciano afirma que também espelhos, raspadores, vestes e sapatos enterrados junto com os mortos tornam-se pétreos. Igualmente, na Lícia, há rochas desse mesmo tipo, bem como no Oriente, que também corroem os corpos até mesmo quando em contato com os vivos.</p>
<p>XXVIII 132. Mitiores autem servandis corporibus nec absumendis chernites ebori simillimus, in quo Darium conditum ferunt, Parioque similis candore et duritia, minus tantum ponderosus, qui porus vocatur. Theophrastus auctor est et tralucidi lapidis in Aegypto, quem Chio similem ait. fortassis tunc fuerit, quoniam et desinunt et novi reperiuntur. Assius gustatu salsus podagras lenit, pedibus in vas ex eo cavatum inditis. praeterea omnia crurum vitia in iis lapidinis sanantur, cum in metallis omnibus crura vitientur.</p> <p>133. Eiusdem lapidis flos appellatur, in farinam mollis ad quaedam perinde efficax. est autem similis pumici rufo. admixtus cerae Cypriae mammaram vitia sanat, pici autem resinaeve strumas et panos discutit. prodest et phthisicis linctu. cum melle vetera ulcera ad cicatrices perducit, excrescentia erodit et a bestiarum</p>	<p>XXVIII 132. Contudo, há pedras mais suaves para que os corpos sejam preservados e não consumidos, como a <i>chernites</i>³²⁴, pedra muito semelhante ao marfim, sob a qual, dizem, Dario foi enterrado, ou outra, semelhante em alvura e dureza à pedra de Paros, mas não tão pesada, que chamam <i>porus</i>³²⁵. Teofrasto também menciona uma rocha translúcida no Egito que diz ser parecida com a de Quios. Na ocasião, talvez tenha sido, já que as pedras se esgotam e então novas são descobertas. A pedra de Assos, que possui um sabor salgado, alivia podagras, quando se introduz os pés em uma vasilha cavoucada feita da pedra. Além disso, todos os problemas das pernas são curados nas pedreiras dessa rocha, enquanto todas as outras minas são nocivas às pernas.</p>

³²³ *Epiphoras*: termo médico da oftalmologia, “epífora” (gr. *ἐπιφορά*) em português, significando “lacrimejamento involuntário e contínuo devido à obstrução das vias lacrimais” (HOUAISS, 1178).

³²⁴ *Chernites*: espécie de mármore branco (OLD, p. 310).

³²⁵ *Porus*: referência ao tufo calcário (cf. XXXVI, 53).

<p>morsu repugnantia curationi suppurata siccatur. fit cataplasma ex eo podagricis mixto fabae lomento.</p>	<p>133. Dessa mesma pedra, há o que chamam “flor”, suave quando transformada em um pó e tão eficaz quanto a pedra para certos problemas, sendo semelhante à pedra-pomes vermelha. Quando misturada à cera de Chipre, cura disfunções nas mamas, mas se combinada a piche ou resina, dissipa estrumas e tumores. Quando em forma de eletuário³²⁶, também é apropriada ao consumo. Se misturada com mel, leva feridas a cicatrizarem, diminui excrescências e seca o pus expelido por mordidas de animais quando resistem a outros métodos de cura. É feito também um emplastro podágrico a partir dela combinando-a a uma mistura de feijão-fava.</p>
<p>XXIX 134. Idem Theophrastus et Mucianus esse aliquos lapides qui pariant credunt; Theophrastus et ebur fossile e candido et nigro colore inveniri et ossa e terra nasci inveniri que lapides osseos. Palmati circa Mundam in Hispania, ubi Caesar dictator Pompeium vicit, reperiuntur idque quotiens freris. 135. Sunt et nigri quorum auctoritas venit in marmora, sicut Taenarius. Varro nigros ex Africa firmiores esse tradit quam in Italia, e diverso albos Coranos duriores quam Parios, idem Luniensem silicem serra secari, Tusculanum dissilire igni, Sabinum fuscum addito oleo etiam lucere. idem molas versatiles Volsinis inventas; aliquas et sponte motas invenimus in prodigiis.</p>	<p>XXIX 134. Teofrasto e também Muciano acreditam haver pedras que originam outras pedras; Teofrasto afirma também que se pode encontrar marfim fóssil tanto de coloração branca como preta, que ossos provêm da terra e que também se pode encontrar pedras ósseas. Ao redor de Munda, na Hispânia, onde o comandante César derrotou Pompeu, são encontradas, sempre que quebradas, pedras semelhantes a um galho de palmeira. 135. Há também pedras pretas como as de Tênaros cuja relevância é semelhante à dos mármore. Varrão afirma que as pedras pretas da África são mais resistentes do que as da Itália, mas que, ao contrário, as pedras brancas de Cora são mais duras do que as de Paros, assim como o mármore de Luna, que pode ser atravessado por uma serra; ainda, que a pedra de Túsculo se parte quando em contato com fogo e que a pedra fúscula sabina, quando coberta por óleo, ainda brilha. Ele também diz que os moínhos que se movem foram descobertos em Volsínios, e também sabemos de outros, em meio aos eventos prodigiosos, que se movem sozinhos.</p>
<p>XXX 136. Nusquam hic utilior quam in Italia gignitur lapisque, non saxum, est. in quibusdam vero provinciis omnino non invenitur. sunt quidam in eo genere molliores, qui et cote levantur, ut procul intuentibus ophites videri possit, neque est alius firmior, quando et lapidis natura ligno similiter imbres solesque aut hiemes non patitur in aliis generibus atque aliis. sunt et qui lunam non tolerant et qui vetustate robiginem trahant coloremve candidum oleo mutent. 137. Molarem quidam pyriten vocant, quoniam plurimus sit ignis illi, sed est alius spongiosior tantum et alius etiamnum pyrites similitudine aeris. in Cypro eum reperiri volunt metallis quae sint circa Acamanta, unum argenteo colore, alterum aureo. cocuntur varie, ab aliis iterum tertiumque in melle donec consumatur liquor, ab aliis pruna prius, dein in melle, ac postea lavantur ut aes. usus eorum in medicina excalfacere, siccare, discutere, extenuare et duritias in pus vertere. utuntur et crudis tuisque ad strumas atque furunculos.</p>	<p>XXX 136. Em nenhum lugar se encontra mó mais aproveitável do que na Itália, uma vez que seriam pedras e não apenas fragmentos de rochas. Em certas províncias, contudo, nem sequer são encontrados. Certas pedras desse tipo são mais macias e também são polidas com outra pedra de amolar, de modo que, quando observadas à distância, podem se parecer com uma serpentina. E nenhuma outra rocha é mais resistente do que a de amolar, enquanto, por outro lado, a constituição de uma rocha, assim como se dá com a madeira, em algumas espécies de pedra, não suporta chuvas nem o calor do sol ou os invernos. Há, ainda, as que não aguentam os efeitos da lua e as que atraem um tipo de sedimento ao longo do tempo ou alteram sua cor branca quando em contato com óleo. 137. Algumas pessoas chamam a mó pirita³²⁷, uma vez que possuiria muito fogo em si, mas há uma outra pirita, mais porosa, e ainda uma outra que se parece com bronze. Em Chipre, dizem encontrá-la em minas</p>

³²⁶ *Linctu*: referência à prática antiga de administrar um medicamento feito em pasta lambendo-o de uma colher ou espátula. O preparado recebe o nome de eletuário (gr. *ἐκλεκτικός*, do verbo *λείχω*, significando “lamber” [LSJ, p. 1037]) (Zebroski, 2016, p. 57).

³²⁷ *Pyriten*: provavelmente o que hoje conhecemos como algumas espécies de pirita, pedras que produziam faíscas quando golpeadas para a extração (OLD, p. 1528), daí seu nome, que significa “de fogo”.

<p>138. Pyritarum etiamnum unum genus aliqui faciunt plurimum ignis habentis. quos vivos appellamus, ponderosissimi sunt, hi exploratoribus castrorum maxime necessarii. qui clavo vel altero lapide percussi scintillam edunt, quae excepta sulphure aut fungis aridis vel foliis dicto celerius praebet ignem.</p>	<p>ao redor de Acamantis, e elas seriam de dois tipos: uma de coloração prata e outra áurea. Elas também são calcinadas de diferentes formas: por uns, duas ou três vezes no mel até o líquido ser consumido; por outros, primeiro em carvão aceso, depois no mel e então são lavadas como bronze. São usadas na medicina para esquentar, secar, dispersar, atenuar e reduzir endureções ao liberarem pus. Também são empregadas cruas e moídas no tratamento de inchaços e furúnculos.</p> <p>138. Algumas pessoas consideram ainda como piritá uma outra espécie que contém grande quantidade de fogo. Chamamos essas pedras “vivas”; elas são as mais pesadas e são extremamente necessárias às tropas de reconhecimento de terras. Quando golpeadas por um prego ou outra pedra, elas exibem um brilho, que, se capturado com enxofre ou fungos secos ou folhas, segundo dito, produz chamas ainda mais rapidamente.</p>
<p>XXXI 139. Ostracitae similitudinem testae habent. usus eorum pro pumice ad levandam cutem. poti sanguinem sistunt et inliti cum melle ulcera doloresque mammarum sanant. Amiantus alumini similis nihil igni deperdit. hic veneficiis resistit omnibus, privatim Magorum.</p>	<p>XXXI 139. As <i>ostracitae</i>³²⁸ parecem-se muito com um fragmento de terracota. Elas são usadas no lugar de uma pedra-pomes para esfoliar a pele. Quando bebidas, elas interrompem sangramentos e, se espalhadas com mel, curam úlceras e dores nas mamas. O amianto, semelhante ao alume, nem mesmo é destruído pelo fogo. Ele também resiste a todos os feitiços, em particular os dos magos³²⁹.</p>
<p>XXXII 140. Geoden ex argumento appellant, quoniam complexus est terram, oculorum medicamentis utilissimum, item mammarum ac testium vitiis. (XXXIII) Melitinus lapis sucum remittit dulcem melleumque. tunsus et cerae mixtus eruptionibus pituitae maculisque corporis medetur et faucium exulcerationi, epinyctidas tollit, volvarum dolores inpositus vellere.</p>	<p>XXXII 140. Chamam as rochas geodo devido ao fato de que há terra em seu interior. O geodo é também o mais eficaz para tratamentos dos olhos bem como para problemas das mamas e dos testículos. (XXXIII) A pedra <i>melitinus</i>³³⁰ expele um líquido doce e semelhante a mel. Quando moída e misturada com cera, alivia a secreção de catarro, manchas no corpo, ulceração da garganta e também cessa feridas nos olhos. Se posta sobre o ventre em um tecido de lã, elimina ainda dores no útero.</p>
<p>XXXIV 141. Gagates lapis nomen habet loci et amnis Gagis Lyciae. aiunt et in Leucolla expelli mari atque intra XII stadia colligi. niger est, planus, pumicosus, levis, non multum a ligno differens, fragilis, odore si teratur gravis. fictilia ex eo inscripta non delentur; cum uritur, odorem sulphureum reddit; mirumque, accenditur aqua, oleo restinguitur.</p> <p>142. Fugatur serpentes ita recreaturque volvae strangulationes. deprendit soticum morbum et virginitatem suffitus. idem ex vino decoctus dentibus medetur strumisque cerae permixtus. hoc dicuntur uti Magi in ea quam vocant axinomantiam, et peruri negant si eventurum sit quod aliquis optet.</p>	<p>XXXIV 141. A rocha gagata possui o nome de um local e de um rio: Gages, na Lícia. Dizem também que são expelidas pelo mar em Leucola e que são coletadas em sítios de até doze estádios³³¹. É uma pedra preta, lisa, porosa, leve, não muito diferente de uma madeira, frágil e com um cheiro forte quando esfregada. Incrições em vasos feitos a partir dela não podem ser apagadas e, quando queimada, emite um odor sulfúreo. Surpreendentemente, ela pega fogo a partir da água e o fogo é extinto com óleo.</p> <p>142. Ela afasta serpentes e, assim, ajuda na recuperação de sufocamentos do útero. Com a fumaça obtida dela, descobre-se a veracidade de doenças graves e a virgindade. Essa mesma pedra, quando fervida em vinho, sana problemas nos dentes e, quando misturada com cera, tumores. Dizem que os magos fazem uso disso para a prática que chamam</p>

³²⁸ *Ostracitae*: pedra de composição desconhecida, talvez uma gema ou alguma variedade de cadmia ou calcedônia; no caso, provavelmente alguma pedra semelhante a cacos de cerâmica ou barro (OLD, p. 1276).

³²⁹ *Magorum*: classe de adivinhos e sacerdotes na Pérsia (OLD, p. 1065).

³³⁰ *Melitinus*: espécie de pedra preciosa (OLD, p. 1094).

³³¹ Cerca de 2,3 km.

	axinomancia e dizem que ela não é consumida pelo fogo se o destino for aquele que alguém deseje.
XXXV 143. Spongitae lapides inveniuntur in spongeis et sunt marini. quidam eos tecolithos vocant, quoniam vesicis medentur, calculos rumpunt in vino poti.	XXXV 143. As pedras esponjas são encontradas em esponjas do mar. Alguns chamam-nas tecólito ³³² , uma vez que curaria problemas na bexiga, rompendo os cálculos se bebida junto com vinho.
(XXXVI) Phrygius lapis gentis habet nomen; est autem glaeba pumicosa. uritur ante vino perfusus, flaturque follibus donec rufescat, ac rursus dulci vino extinguitur ternis vicibus, tinguendis vestibis tantum utilis.	(XXXVI) A pedra frígia possui o nome do povo da Frígia, mas é apenas um torrão poroso. Antes, é ensopada em vinho e, depois, queimada; então, é assoprada com foles até que fique avermelhada, e de novo é extinta com vinho doce e tudo feito três vezes por ciclo, sendo útil apenas para tingir roupas.
XXXVII 144. Schistos et haematites cognationem habent. haematites invenitur in metallis, ustus minii colorem imitatur, uritur ut Phrygius, sed non restinguitur vino. adulteratur haematites; discernunt venae rubentes et friabilis natura. 145. Oculis cruore suffusis mire convenit. sistit profluvia mulierum potus. bibunt et qui sanguinem reiecerunt cum suco Punici mali. et in vesicae vitiis efficax bibitur et in vino contra serpentium ictus. infirmiora omnia eadem in eo quem schiston appellat. in iis commodior croco similis, peculiaris explendis ulcerum lacunis in lacte muliebri, procidentesque oculos praeclare cohibet. haec est sententia eorum qui nuperrime scripsere;	XXXVII 144. Os xistos ³³³ e as hematitas possuem uma certa semelhança. A hematita é encontrada em minas e, quando queimada, reproduz uma cor de mínio ³³⁴ , ela é queimada como a pedra frígia, mas não é extinta com vinho. A hematita também costuma ser adulterada e são seus veios vermelhos e seu aspecto quebradiço que a distinguem. 145. São admiravelmente convenientes para olhos vermelhos e inflamados. Se bebida, suspende o fluxo menstrual das mulheres. Também a bebem junto com suco de romã aqueles que expeliram sangue, e, quando bebida, também é eficaz contra problemas na bexiga e, se misturada com vinho, contra picadas de serpentes. Todas essas características estão presentes da mesma forma, mas mais amenas, na rocha que chamam xisto. Em meio a essas, a mais apropriada é semelhante a açafão, especialmente adequada para que sejam fechados ferimentos advindos de úlceras quando misturada a leite materno; reconhecidamente também impede o prolapso dos olhos. Essa é a opinião daqueles que escreveram mais recentemente.
XXXVIII 146. Sotacus e vetustissimis auctoribus quinque genera haematitarum tradit praeter magnetem. principatum dat ex iis Aethiopico, oculorum medicamentis utilissimo et iis quae panchresta appellat, item ambustis. alterum androdamanta dicit vocari, colore nigrum, pondere ac duritia insignem, et inde nomen traxisse praecipueque in Africa repertum; trahere autem in se argentum, aes, ferrum. 147. Experimentum eius esse in cote ex lapide basanite – reddere enim sucum sanguineum – et esse ad iocineris vitia praecipui remedii. tertium genus Arabici facit, simili duritia, vis reddentis sucum ad cotem aquariam, aliquando croco similem. quarti generis hepatiten vocari quamdiu crudus sit, coctum vero miltiten, utilem ambustis, ad omnia utiliore rubrica; quinti generis schiston, haemorroidas reprimentem in potu. 148. Omnes autem haematitas tritos in oleo III drachmarum pondere a ieiunis bibendos ad vitia	XXXVIII 146. Sótaco, entre os autores mais antigos, reporta cinco espécies diferentes de hematitas além do ímã. Ele confere o posto de principal delas à etiópe, a mais eficiente em tratamentos para os olhos e para medicamentos que chama pancrestos, além de útil também contra queimaduras. Outra diz ser chamada androdamante ³³⁵ , de cor preta, notável por seu peso e dureza, daí seu nome, sendo encontrada principalmente na África; também atrai até si prata, bronze e ferro. 147. Para testá-la, deve-se desgastá-la em uma rocha de basanita, pois ela solta um líquido sanguíneo; essa pedra também é o mais importante remédio para problemas do fígado. Sótaco reconhece a terceira espécie de hematita como sendo a arábica, similar em dureza, mas que dificilmente expele qualquer líquido para a rocha de basanita quando desgastada com água, embora algumas vezes solte um líquido de coloração semelhante ao açafão. Ele afirma ser o quarto tipo

³³² *Tecolithos*: “que dissolve pedras” (OLD, p. 1909).

³³³ *Schistos*: grupo de rochas metamórficas capazes de se dividir em finas lâminas. Provavelmente, a aproximação se dá a partir de alguma espécie xistosa de hematita (OLD, p. 1702).

³³⁴ *Minii*: termo referente a cinabre (sulfureto de mercúrio) ou a óxido de chumbo, ambos vermelhos e empregados na preparação de tintas ou pigmentos avermelhados (OLD, p. 1112).

³³⁵ *Androdamanta*: “que subjuga os homens”, por ser muito rígida e pesada segundo o autor (OLD, p. 128).

<p>sanguinis. idem schiston et alterius generis quam haematiten tradit, quem vocat anthraciten; nasci in Africa nigrum, attritum aquariis cotibus reddere ab ea parte quae fuerit ab radice nigrum colorem, ab altera parte croci. ipsum utilem esse oculorum medicamentis.</p>	<p>chamado “hepatita”³³⁶, em seu estado natural, e <i>miltites</i>³³⁷ após cozida, sendo útil contra queimaduras e ainda mais útil do que ocre vermelho para qualquer finalidade; a quinta espécie chama-se xisto e, quando em bebidas, retrai hemorroidas.</p> <p>148. Mas qualquer uma das hematitas, quando triturada em óleo, três dracmas em peso³³⁸, deve ser tomada em jejum para combater problemas sanguíneos segundo ele. Sótaco também menciona um xisto de um tipo diferente da hematita, que chama “antracito”³³⁹; é uma rocha preta originada na África, e o atrito com rochas de amolar e água libera, de um lado, que seria a base, uma coloração preta, e de outro uma cor de açafraão. Ela própria já é útil em medicamentos para os olhos.</p>
<p>XXXIX 149. Aëtitae lapides ex argumento nominis magnam famam habent. reperiuntur in nidis aquilarum, sicut in decumo volumine diximus. aiunt binos inveniri, marem ac feminam, nec sine iis parere quas diximus aquilas, et ideo binos tantum; genera eorum quattuor: in Africa nascentem pusillum ac mollem, intra se velut in alvo habentem argillam suavem, candidam. ipsum friabilem feminei sexus putant, marem autem qui in Arabia nascatur, durum, gallae similem aut subrutillum, in alvo habentem durum lapidem.</p> <p>150. Tertius in Cypro invenitur colore illis in Africa nascentibus similis, amplior tamen atque dilatatus; ceteris enim globosa facies. habet in alvo harenam iucundam et lapillos, ipse tam mollis ut etiam digitis frietur. quarti generis Taphiusius appellatur, nascens iuxta Leucada in Taphiusa, qui locus est dextra navigantibus ex Ithaca Leucadem. invenitur in fluminibus candidus ac rotundus. huic est in alvo lapis qui vocatur callimus, nec quicquam terreni.</p> <p>151. Aëtitae gravidis adalligati mulieribus vel quadripedibus pelliculis sacrificatorum animalium continent partus, non nisi parturiant removendi; alioqui volvae excidunt. sed nisi parturientibus auferantur, omnino non pariant.</p>	<p>XXXIX 149. As rochas aetitas³⁴⁰ possuem grande fama em razão de seu nome, uma vez que são encontradas em ninhos de águias, como mencionamos no décimo volume³⁴¹. Dizem que são encontradas sempre aos pares, uma masculina e uma feminina, e, sem elas, as águias não são capazes de procriar, e, por esse motivo, há somente um par. São quatro as espécies dessa pedra: a proveniente da África é muito pequena e flexível, possuindo no lado de dentro, como se em seu ventre, uma argila suave e branca. Ela própria, facilmente quebradiça, julgam que seja a do sexo feminino; já a masculina, proveniente da Arábia, é dura, parecida com uma noz de galha ou avermelhada, possuindo no centro uma pedra rígida.</p> <p>150. A terceira espécie é encontrada em Chipre, de coloração semelhante à daquelas provenientes da África, porém maior e achatada, enquanto o formato do restante é arredondado. Possui, no centro, uma areia agradável e seixos, e ela própria é tão frágil, que se despedaça até com os dedos. O quarto tipo é chamado <i>taphiusius</i> e é encontrado próximo a Leucas, na Tafiúsa, local à direita daqueles que navegam vindos de Ítaca rumo a Leucas. É uma pedra encontrada em rios, branca e arredondada. No interior dela, há uma pedra que chamamos <i>callimus</i>, mas nada de natureza terrosa.</p> <p>151. As aetitas, quando usadas por mulheres ou animais quadrúpedes durante a gestação junto à pele de animais sacrificados, previnem abortos, não devendo ser removidos senão quando estiverem dando à luz, caso contrário, o útero pode vir a desprender-se; mas, se não forem removidos quando estiverem dando à luz, podem não conseguir sequer parir.</p>
<p>XL 152. Est et lapis Samius in eadem insula, ubi terram laudavimus, poliendo auro utilis, in medicina oculorum ulceribus cum lacte quo supra dictum est modo et contra veteres lacrimationes. prodest et contra</p>	<p>XL 152. Há também a pedra de Samos, encontrada nessa ilha, cuja terra já elogiamos, sendo útil para polir ouro, e, na medicina, para úlceras nos olhos quando combinada a um pouco de leite do mesmo modo como</p>

³³⁶ *Hepatiten*: “pedra do fígado” (OLD, p. 790).

³³⁷ *Miltiten*: espécie de “pedra de sangue”, pedra preciosa avermelhada como ocre vermelho (OLD, p. 1110).

³³⁸ Cerca de 13,1 g.

³³⁹ *Anthraciten*: não o carvão fóssil, mas uma espécie de pedra preciosa ou gema (OLD, p. 141).

³⁴⁰ *Aëtitae*: espécie de geodo de hidrato de ferro que se torna mais mole conforme se aproxima de seu centro (OLD, p. 75).

³⁴¹ Seu nome deriva de *ἀετός*, que significa águia (LSJ, p. 29).

<p>vitia stomachi potus, vertigines sedat mentesque commotas restituit. quidam et morbis comitialibus utiliter dari putant et ad urinae difficultates. et acopis miscetur. probatur gravitate, candore.</p>	<p>descrito acima, além de tratar lacrimações persistentes. É também benéfica para problemas do estômago quando tomada, atenua vertigens e recobra a mente de agitações nervosas. Algumas pessoas consideram que pode ser empregada com sucesso também no tratamento de epilepsias e para problemas urinários e é, ainda, misturada em medicamentos tônicos. Sua autenticidade é comprovada por seu peso e brancura. Também acreditam que, quando usada como um amuleto, previne abortos.</p>
<p>XLI 153. Volunt et partus contineri adalligato eo. arabus lapis, ebori similis, dentifriciis adcommoatur crematus. privatim haemorrhoidas sanat cum lanugine linteorum aut super linteolis inpositis.</p>	<p>XLI 153. A pedra arábica, semelhante ao marfim, depois de calcinada, pode ser usada em dentifrícios. Cura especialmente hemorroidas quando com lanugem de linho ou sobre tecidos de linho aplicados no local.</p>
<p>XLII 154. Non praetermittenda est et pumicum natura. appellantur quidem ita erosa saxa in aedificiis, quae musaea vocant, dependentia ad imaginem specus arte reddendam, sed ii pumices, qui sunt in usu corporum levandorum feminis, iam quidem et viris, atque, ut ait Catullus, libris, laudatissimi sunt in Melo, Nisyro et Aeoliis insulis.</p> <p>155. Probatio in candore minimoque pondere et ut quam maxime spongiosi aridique sint, teri faciles nec harenosi in fricando. vis eorum in medicina extenuare, siccare, trina ustione ita, uti torreantur carbone puro, totiens vino restinguantur albo. lavantur deinde ut cadmia et siccati conduntur quam minime uliginoso loco. Usus (156.) farinae eius oculorum maxime medicamentis: ulcera purgant eorum leniter explentque, cicatrices emendant. Quidam a tertia ustione refrigeratos potius quam restinctos terere malunt ex vino. adduntur et in malagmata capitum verendorumque ulceribus utilissimi. fiunt ex iis et dentifricia. Theophrastus auctor est potiores in certamine bibendi praesumere farinam eam, sed, nisi universo potu inpleantur, periclitari, tantumque refrigerandi naturam esse, ut musta fervere desinant pumice addito.</p>	<p>XLII 154. Não se deve ignorar também a natureza das pedras-pomes. Assim são denominadas, na verdade, as grandes rochas erodidas em edifícios chamados “templos das Musas”³⁴², suspensas no alto para que de imediato evoque a imagem de uma gruta. Também são usadas para a esfoliação do corpo por mulheres, e, na verdade, já também por homens e, como diz Catulo, também para livros; as mais valorizadas encontram-se em Melo, em Nisiros e nas ilhas Eólias.</p> <p>155. A evidência de sua autenticidade está em sua brancura e em seu peso minuto, e elas devem ser tão porosas e áridas quanto possível, fáceis de se triturar e não areentas quando esfregadas. Sua eficácia na medicina está em atenuar e secar. Elas passam pelo processo de calcinação três vezes de tal forma que sejam queimadas em carvão puro e extintas o mesmo número de vezes com vinho branco. São, em seguida, lavadas como a cadmia³⁴³ e, uma vez secas, são colocadas no local menos úmido possível. (156.) O uso de seu pó em medicamentos para os olhos é bastante notável, uma vez que limpam suavemente úlceras oculares e preenchem-nas, corrigindo as cicatrizes. Algumas pessoas, a partir da terceira calcinação, preferem triturá-las com vinho depois de resfriadas a extingui-las. Também são adicionadas a cataplasmas, sendo extremamente eficazes contra úlceras na cabeça e nas regiões íntimas. A partir delas também se faz dentifrícios. Teofrasto afirma que os participantes em disputas de beber tomam antes essa farinha, mas, se não se encherem completamente com alguma bebida, correm grande perigo; afirma também que tamanha é a sua capacidade de refrigerar, que interrompem a fervura do mosto assim que adicionadas.</p>
<p>XLIII 157. Auctoribus curae fuere lapides mortariorum quoque, nec medicinalium tantum aut ad pigmenta pertinentium. Etesium lapidem in iis praetulere ceteris, mox Thebaicum, quem pyrropoecilum appellavimus – aliqui psaron vocant – tertium ex chalazio chrysitum, medicis autem</p>	<p>XLIII 157. Os autores também se ocuparam das pedras para almofarizes, e não apenas daqueles para uso na medicina ou dos usados para mistura de pigmentos. Em meio a essas, preferiram a pedra etésia às outras, e, logo em seguida, a tebana, a qual chamamos</p>

³⁴² *Musaea*: templo ou abrigo das Musas, também o nome dado aos centros de estudos na Antiguidade, que envolviam espaços como bibliotecas e observatórios. Nesse caso, trata-se de um templo feito à semelhança de uma gruta (OLD, p. 1148).

³⁴³ *Cadmia*: neste caso, calamina, que contém óxido de zinco, um dos componentes da cadmia (OLD, p. 247).

<p>ex basanite. hic enim lapis nihil ex sese remittit. ii lapides qui sucum reddunt oculorum medicamentis utiles existimantur; ideo Aethiopici ad ea maxime probantur.</p> <p>158. Taenarium lapidem et Phoeniceum et haematiten iis medicamentis prodesse tradunt quae ex croco componantur; ex alio Taenario, qui niger est, et ex Pario lapide non aeque medicis utilem, potioreque ex alabastrite Aegyptio vel ex ophite albo. est enim hoc genus ophitis, ex quo vasa et cados etiam faciunt.</p>	<p><i>pyrrhopoecilos</i> quando a mencionamos³⁴⁴ (alguns ainda dão o nome de <i>psaros</i>³⁴⁵); a terceira é a pedra <i>chrysites</i>³⁴⁶, obtida do <i>chalazio</i>³⁴⁷, embora, para uso em medicamentos, seja uma proveniente da basanita, pois essa pedra não solta nenhuma substância sua. As que soltam líquidos, contudo, são consideradas muito eficazes em medicamentos para os olhos e, por esse motivo, as etíopes são as mais aprovadas para esses propósitos.</p> <p>158. Dizem que a pedra de Tênaro, a fenícia e também a hematita são muito úteis na elaboração desses medicamentos que contenham açafraão; quanto a um almofariz feito de uma outra pedra de Tênaro, que é preta, ou feito da pedra de Paros, não é igualmente útil aos médicos, sendo preferível um feito a partir do alabastro encontrado no Egito ou da serpentina branca. Pois há essa espécie de serpentina a partir da qual ainda fazem vasos e urnas.</p>
<p>XLIV 159. In Siphno lapis est qui cavatur tornaturque in vasa vel coquendis cibis utilia vel ad esculentorum usus, quod et in Comensi Italiae lapide viridi accidere scimus, sed in Siphnio singulare quod excafactus oleo nigrescit durescitque natura mollissimus. tanta qualitatum differentia est. nam mollitiae trans Alpis praecipua sunt exempla. in Belgica provincia candidum lapidem serra, qua lignum, faciliusque etiam secari aiunt ad tegularum et imbricum vicem vel, si libeat, quae vocant pavonacea tegendi genera.</p>	<p>XLIV 159. Em Sifnos, há uma pedra que é escavada e arredondada em forma de vasos úteis nas preparações de alimentos ou para servi-los, o que também sabemos que ocorre na Itália com a pedra verde de Como, mas a particularidade da pedra de Sifnos, bastante macia por natureza, é que, quando esquentada com óleo, torna-se preta e enrijece. Tamanha é a diferença entre essas duas características. Os principais exemplares em termos de maciez encontram-se para além dos Alpes. Na província da Gália Bélgica, há uma pedra branca que, dizem, pode ser cortada como a madeira – e ainda mais facilmente – com uma serra para o uso em telhas simples e côncavas para imbricação ou, se for do agrado, para certos tipos de telhado chamados “de pavão”.</p>
<p>XLV 160. Et hi quidem sectiles sunt, specularis vero, quoniam et hic lapidis nomen optinet, faciliore multo natura finditur in quamlibet tenues crustas. Hispania hunc tantum citerior olim dabat, nec tota, sed intra \bar{C} passuum circa Segobrigam urbem, iam et Cypros et Cappadocia et Sicilia et nuper inventum Africa, postferendos tamen omnes Hispaniae, Cappadocia amplissimos magnitudine, sed obscuros.</p> <p>161. Sunt et in Bononiensi Italiae parte breves maculae complexu silicis alligatae, quarum tamen appareat natura similis. puteis in Hispania effoditur e profunda altitudine, nec non et saxo inclusus sub terra invenitur extrahiturque aut exciditur, sed maiore parte fossili natura, absolutus in se caementi modo, numquam adhuc quinque pedum longitudine amplior. umorem hunc terrae quadam anima crystalli modo glaciari et in lapidem concrecere manifesto apparet, quod cum ferae decidere in puteos tales, medullae in ossibus earum post unam hiemem in eandem lapidis naturam figurantur.</p>	<p>XLV 160. Essas pedras, de fato, podem ser cortadas, mas a pedra especular³⁴⁸, uma vez que ela também possui a classificação de pedra, naturalmente pode ser partida muito mais facilmente em placas tão finas quanto se queira. Outrora, somente a Hispânia Citerior fornecia essa pedra, e não toda a região, mas apenas dentro de um raio de cem mil passos em torno da cidade de Segóbriga; hoje, é fornecida por Chipre, pela Capadócia, pela Sicília e pela África, onde foi mais recentemente descoberta; todas essas são, contudo, menos valorizadas do que a da Hispânia; a Capadócia gera as maiores em dimensão, mas foscas.</p> <p>161. Há também na região da Bonônia na Itália pequenas manchas presas no entorno da rocha, embora seja evidente a similaridade entre elas. Na Hispânia, ela é escavada em fossas a partir de uma grande profundidade e também é encontrada abaixo da terra, circunvalada por uma grande rocha, e é extraída ou cortada dela, embora, em sua maioria, seja de natureza tal que possa ser escavada, ocorrendo separada como</p>

³⁴⁴ *Pyrrhopoecilon*: cf. XXXVI, 63.

³⁴⁵ *Psaron*: (gr. ψάρω) mosqueado, rajado, pintado, manchado (LSJ, p. 2018).

³⁴⁶ *Chrysiton*: talvez uma pedra preciosa de coloração dourada, mas possivelmente uma pedra de toque para testar ouro (OLD, p. 312).

³⁴⁷ *Chalazio*: pedra preciosa de aparência semelhante a uma pedra de granizo (OLD, p. 308).

³⁴⁸ *Specularis*: pedra transparente, provavelmente tipos de mica, utilizada em janelas (OLD, p. 1802).

<p>162. Invenitur et niger aliquando, sed candido natura mira, cum sit mollitia nota, perpetiendi soles rigoresque, nec senescit, si modo iniuria absit, cum hoc etiam in caementis multorum generum accidat. invenere et alium usum in ramentis squamaque, Circum maximum ludis Circensibus sternendi ut sit in commendatione candor.</p>	<p>uma rocha bruta, nunca, até então, mais larga do que cinco pés de comprimento³⁴⁹. É claro que esse fluido é congelado ao modo de um cristal por alguma exalação da terra e que evidentemente se solidifica em uma pedra, pois, quando os animais caem em tais poços, as medulas de seus ossos assumem a mesma característica dessa pedra após um inverno.</p> <p>162. Por vezes é encontrada também preta, mas, quando branca, é extraordinária sua natureza: conquanto seja reconhecida por sua maciez, é capaz de suportar a ação do sol e do frio, e não se desgasta se não houver nenhum golpe violento, embora isso também ocorra com rochas de muitos tipos. Descobriram também um outro uso em lascas e pedaços em forma de escamas, espalhadas no Circo Máximo durante os jogos para que fosse produzido um efeito de brancor, muito apreciado.</p>
<p>XLVI 163. Nerone principe in Cappadocia repertus est lapis duritia marmoris, candidus atque tralucens etiam qua parte fulvae inciderant venae, ex argumento phengites appellatus. hoc construxerat aedem Fortunae quam Seiani appellant, a Servio rege sacratam, amplexus aurea domo; quare etiam foribus opertis interdiu claritas ibi diurna erat alio quam specularium modo tamquam inclusa luce, non transmissa. in Arabia quoque esse lapidem vitri modo tralucidum, quo utantur pro specularibus, Iuba auctor est.</p>	<p>XLVI 163. Foi descoberta na Capadócia, nos tempos do imperador Nero, uma pedra com a dureza do mármore, branca e translúcida até mesmo na parte em que veios fulvos haviam se formado, fato pelo qual foi chamada <i>phengites</i>³⁵⁰. A partir dela ele construiu o templo da Fortuna, que chamam “templo de Sejano”, dedicado, antes, pelo rei Sêrvio Tulio, e envolvido por sua Casa Áurea; por esse motivo, ainda que com as portas fechadas durante a manhã, era claro como o dia no local, mas de modo diferente das construções de pedra especular, como se a luz fosse confinada do lado de dentro, e não transpassasse o local. Segundo Juba, há também na Arábia uma pedra translúcida do mesmo modo que o vidro que usam como vidros de janelas.</p>
<p>XLVII 164. Nunc ad operarios lapides transisse conveniat primumque cotes ferro acuendo. multa earum genera: Creticae diu maximam laudem habuere, secundam Laconicae e Taygeto monte, oleo utraeque indigentes. inter aquarias Naxiae laus maxima fuit, mox Armeniaca, de quibus diximus. ex oleo et aqua Ciliciae pollut, ex aqua Arsinoiticae.</p> <p>165. Repertae sunt et in Italia aqua trahentes aciem acerrimae effectum, nec non et trans Alpibus, quas passernices vocant. quarta ratio est saliva hominis proficientium in tonstrinarum officinis. Laminitanae ex Hispania citeriore in eo genere praecipuae.</p>	<p>XLVII 164. É conveniente agora passar às pedras utilizadas em outros trabalhos e, primeiro, à pedra usada para afiar ferro. Há muitos tipos delas: as de Creta, por muito tempo, possuíam o maior reconhecimento e as segundas seriam as lacônicas provenientes do monte Taígeto – as duas requerendo a utilização de óleo para amolação. Entre as que requerem água, a fama da pedra de Naxo foi superior a todas, seguida pela da pedra armênia, sobre as quais já dissemos. Com óleo e água, também se pode usar as pedras da Cilícia, e, apenas com água, as de Arsínoe.</p> <p>165. Também foram encontradas na Itália pedras que, com água, empuxam uma ponta extremamente afiada. Para além dos Alpes são chamadas <i>passernices</i>. O quarto meio para umedecer uma pedra é saliva humana, muito útil, empregada em lojas de barbearia. As de Lamínio, advindas da Hispânia Citerior, são as principais pedras desse tipo.</p>
<p>XLVIII 166. E reliqua multitidine lapidum tofus aedificiis inutilis est mortalitate, mollitia. quaedam tamen loca non alium habent, sicuti Carthago in Africa. exestur halitu maris, fricatur vento, everberatur imbri. sed cura tuentur picando parietes, quoniam et tectorii calce eroditur, sciteque dictum est ad tecta eos pice, ad vina calce uti, quoniam sic musta condiunt.</p>	<p>XLVIII 166. De todas as outras muitas pedras, o tufo³⁵¹ é impróprio para a utilização em edifícios por sua fácil deterioração e maciez. Certos lugares, contudo, não possuem outra pedra, como Cartago, na África. Ela é corroída pelo vapor do mar, sofre atrito pelo vento e é golpeada pela chuva, mas eles, com cuidado, mantêm suas paredes aplicando piche, já que</p>

³⁴⁹ Cerca de 1,48 m.

³⁵⁰ *Phengites*: possivelmente uma espécie de mármore ônix (OLD, p. 1373).

³⁵¹ *Tofus*: tipo de pedra porosa e flexível, mas distinta do tufo calcário (OLD, p. 1945).

<p>167. Alia mollitia circa Romam Fidenati et Albano. in Umbria quoque et Venetia albus lapis dentata serra secatur. hi tractabiles in opere laborem quoque tolerant, sub tecto dumtaxat; aspergine et gelu pruinisque rumpuntur in testas, nec contra auram maris robusti. Tiburtini, ad reliqua fortes, vapore dissiliunt.</p>	<p>o tufo também é erodido pelo calcário do revestimento. Por isso, astutamente, afirmou-se que eles usavam piche para as coberturas, mas que, para os vinhos, era usado calcário, uma vez que assim dão sabor ao mosto.</p> <p>167. Outras pedras macias ao redor de Roma são as de Fidena e de Alba. Na Úmbria e também em Venécia, uma pedra branca pode ser cortada apenas com uma serra dentada. Essas pedras, de fácil manuseio, também são resistentes ao desgaste contanto que embaixo de uma cobertura; em contato com algum respingo, com o frio ou com geadas, elas se rompem em vários pedaços e também não se mantêm robustas quando em contato com o vento marítimo; já as pedras travertinas, resistentes às outras adversidades, se partem com o ar quente.</p>
<p>XLIX 168. Nigri silices optimi, quibusdam in locis et rubentes. nonnusquam vero et albi, sicut in Tarquiniensi Anicianis lapicidinibus circa lacum Volsiniensem et in Statoniensi, quibus ne ignis quidem nocent. iidem et in monumentis scalpti contra vetustatem quoque incorrupti permanent; ex iis formae fiunt in quibus aera funduntur.</p> <p>169. Est et viridis lapis vehementer igni resistens, sed nusquam copiosus et, ubi invenitur, lapis, non saxum, est. e reliquis pallidus in caemento raro utilis, globosus contra iniurias fortis, sed structurae infidelis, nisi multa suffrenatione devinctus. nec certior fluviatilis, semper veluti madens.</p>	<p>XLIX 168. Os melhores tipos de sílex são os pretos, embora, em determinados locais, sejam os vermelhos. Na verdade, em alguns lugares, são os brancos, como nas pedreiras de Anício, em Tarquínios, ao redor do lago de Volsínios, ou como os da região de Estatônia, os quais nem o fogo é capaz de ferir. Essas mesmas pedras, quando esculpidas em monumentos, permanecem incólumes até diante do passar do tempo. Também são feitas a partir delas as fôrmas nas quais os bronzes são fundidos.</p> <p>169. Há ainda uma pedra verde muito resistente ao fogo, mas em nenhum lugar é abundante e, onde é encontrada, trata-se de uma pedra e não um grande bloco de rocha. Das outras pedras, o sílex pálido é útil vez ou outra em alvenaria de pedra, enquanto o esférico resiste contra fortes impactos, mas não é confiável para uso em construções a não ser que seja fixado com muita massa. E o sílex de rio não é mais certo, sempre como se estivesse úmido.</p>
<p>L 170. Remedium est in lapide dubio aestate eum eximere nec ante biennium inserere tecto, domitum tempestatibus. quae ex eo laesa fuerint, subterraneae structurae aptentur utilius; quae restiterint, tutum est vel caelo committere.</p>	<p>L 170. Com uma pedra de origem incerta, o remédio é extraí-la no verão e colocá-la como cobertura não antes de dois anos, apenas depois de ser submetida aos diferentes climas. Delas, as espécies que tenham sido danificadas, servem de forma mais apropriada a construções subterrâneas, já as que tenham resistido, é seguro até mesmo sujeitá-las ao ar livre.</p>
<p>LI 171. Graeci e lapide duro aut silice aequato struunt veluti latericios parietes. cum ita fecerunt, isodomon vocant genus structurae; at cum inaequali crassitudine structa sunt coria, pseudisodomon. tertium est emplecton; tantummodo frontibus politis reliqua fortuita conlocant.</p> <p>172. Alternas coagmentationes fieri, ut commissuras antecedentium medii lapides optineant, necessarium est, in medio quoque pariete, si res patiat; si minus, utque a lateribus. medios parietes farcire fractis caementis diatonicon vocant. reticulata structura, qua</p>	<p>LI 171. Os gregos levantam paredes a partir de pedra rígida ou sílex, nivelado, como se fossem feitas de tijolos. Quando feito dessa maneira, chamam esse tipo de estrutura <i>isodomos</i>³⁵²; mas quando as camadas são arranjadas com espessuras irregulares, chamam essa estrutura <i>pseudisodomos</i>³⁵³. Um terceiro tipo é chamado <i>emplecton</i>³⁵⁴, apenas com as frentes uniformes e o restante da estrutura disposta ao acaso.</p> <p>172. É preciso que as junções sejam alternadas, de modo que os meios das pedras sejam posicionados sobre as comissuras das pedras das camadas</p>

³⁵² *Isodomon*: espécie de alvenaria em que as fileiras de “tijolos” ou pedras são dispostas de modo a formar uma parede uniforme, sempre com a mesma espessura (OLD, p. 971).

³⁵³ *Pseudisodomon*: espécie de alvenaria em que as fileiras de “tijolos” são dispostas de forma irregular (OLD, p. 1510).

³⁵⁴ *Emplectos*: estilo “entrelaçado” de alvenaria, com o interior entre duas paredes preenchido com cimento e pedaços de pedras (OLD, p. 606).

<p>frequentissime Romae struunt, rimis opportuna est. structuram ad normam et libellam fieri, ad perpendiculum respondere oportet.</p>	<p>anteriores; isso deve ser feito também no meio da parede, se a estrutura permitir, mas, se não, necessariamente nas duas faces dela. Chamam <i>diatonicos</i> a prática de preencher os meios das paredes com pedregulhos. A construção reticulada, que com tanta frequência erguem em Roma, é apropriada contra rachaduras³⁵⁵. A alvenaria deve ser submetida à medição dos ângulos e a um nível e corresponder ao indicado pelo prumo.</p>
<p>LII 173. Cisternas harenae purae asperae V partibus, calcis quam vehementissimae II construi, fragmentis silicis non excedentibus libras; ita ferratis vectibus calcari solum parietesque similiter. utilius geminas esse, ut in priore vitia considunt atque per colum in proximam transeat pura aqua.</p>	<p>LII 173. Cisternas devem ser construídas em cinco partes de areia pura e grossa e duas partes de calcário mais forte possível, com fragmentos de sílex não excedendo uma libra cada; o piso e as paredes devem ser batidos de modo semelhante com barras de ferro, e é mais útil que haja duas cisternas interligadas para que na primeira se depositem os resíduos e que, por meio de um filtro, na cisterna seguinte, passe apenas água limpa.</p>
<p>LIII 174. Calcem e vario lapide Cato censorius inprobat; ex albo melior. quae ex duro, structurae utilior; quae ex fistuloso, tectoriis; ad utrumque damnatur ex silice. Utilior eadem effosso lapide quam ex ripis fluminum collecto, utilior e molari, quia est quaedam pinguior natura eius. mirum aliquid, postquam arserit, accendi aquis.</p>	<p>LIII 174. Catão, o censor, desaprova o calcário feito a partir de pedras variegadas, sendo melhor o feito a partir de uma branca. Os calcários feitos de uma pedra rígida são mais apropriados para uma construção enquanto os feitos de uma pedra porosa são mais apropriados para estuques; para qualquer um desses propósitos, é rejeitado o feito de sílex. Igualmente, são mais proveitosos os feitos com uma pedra escavada do que com uma apanhada das margens dos rios, e ainda mais proveitoso é um feito de mó, pois seu aspecto é mais gorduroso. Algo extraordinário é que, depois queimado, seria novamente esquentado com água.</p>
<p>LIV 175. Harenae tria genera: fossicia, cui quarta pars calcis addi debet, fluviatili aut marinae tertia. si et testae tusae tertia pars addatur, melior materia erit. ab Appennino ad Padum non invenitur fossicia, nec trans maria.</p>	<p>LIV 175. Há três tipos de areia: a escavada do solo, à qual deve ser adicionado um quarto de calcário, a fluvial e a marinha, às quais deve ser acrescentado um terço de calcário e, se for também adicionado um terço de terracota espedaçada, será um material ainda melhor. A areia escavada do solo não é encontrada desde os Apeninos até o rio Pó nem além-mar.</p>
<p>LV 176. Ruinarum urbis ea maxime causa, quod furto calcis sine ferumine suo caementa componuntur. intrita quoque ea quo vetustior, eo melior. in antiquorum aedium legibus invenitur, ne recentiore trima uteretur redemptor; ideo nullae tectoria eorum rimae foedavere. tectorium, nisi quod ter harenato et bis marmorato inductum est, numquam satis splendoris habet. uliginosa et ubi salsugo vitiet testaceo sublini utilius.</p> <p>177. In Graecia tectoriis etiam harenatum quo inducturi sunt prius in mortario ligneis vectibus subigunt. experimentum marmorati est in subigendo, donec rutro non cohaereat; contra in albario opere, ut macerata calx ceu glutinum haereat; macerari non nisi ex glaeba oportet. Elide aedis est Minervae, in qua frater Phidiae Panaenus tectorium induxit lacte et croco subactum, ut ferunt; ideo, si teratur hodie in eo saliva pollice, odorem croci saporemque reddit.</p>	<p>LV 176. O principal motivo das ruínas em Roma é que, com o furto de calcário, as rochas brutas são posicionadas sem seu cimento. Também é melhor o reboco de calcário mais antigo possível. Encontra-se, em meio às leis das construções antigas, uma para que o contratante não empregasse um mais novo do que três anos e, por isso, nenhuma rachadura deformou seus estuques. Este, exceto o que foi aplicado com três camadas de uma argamassa de areia e com duas de uma argamassa de mármore, nunca possui brilho suficiente. Já em locais úmidos e também onde a salinidade o estragaria, é mais vantajoso que seja forrado por baixo com uma espécie de ladrilho.</p> <p>177. Na Grécia, ainda quando os estuques arenosos vão ser aplicados, são antes sulcados num almofariz com barras de madeira. O teste para o estuque de mármore é, ao sulcá-lo, continuar até que ele não grude mais na trolha; ao contrário, com o albário, deve ser sulcado até que o calcário macerado grude como uma cola e convém que não seja macerado senão a</p>

³⁵⁵ *Reticulata structura*: distribuição dos tijolos ou pedras formando um padrão de rede. Também mencionada por Vitruvius (*De Arch.*, 2, 8, 1).

	partir de torrões. Em Élide, há um templo de Minerva, no qual o irmão de Fídias, Paneno, aplicou o estuque que havia sido sulcado com leite e açafão, segundo dizem, e, por isso, se hoje for esfregado com um polegar úmido de saliva, ele ainda libera um odor e sabor de açafão.
<p>LVI 178. Columnae eadem densius positae crassiores videntur. genera earum quattuor: quae sextam partem altitudinis in crassitudine ima habent, Doricae vocantur; quae nonam, Ionicae; quae septimam, Tuscanicae; Corinthiis eadem ratio quae Ionicis, set differentia, quoniam capitulis Corinthiarum eadem est altitudo quae colligitur crassitudine ima, ideoque graciliores videntur; Ionicis enim capituli altitudo tertia pars est crassitudinis.</p> <p>179. Antiqua ratio erat columnarum altitudinis tertia pars latitudinum delubri. in Ephesiae Dianae aede, quae prius fuit, primum columnis spirae subditae et capitula addita, placuitque altitudinis octava pars in crassitudine et ut spirae haberent crassitudinis dimidium septimaeque partes detraherentur summarum crassitudine. praeter haec sunt quae vocantur Atticae columnae quaternis angulis, pari laterum intervallo.</p>	<p>LVI 178. As mesmas colunas parecem mais grossas quando posicionadas de modo mais próximo. São quatro as espécies delas: aquelas que possuem um sexto de sua altura como valor do diâmetro mais baixo são chamadas dóricas; as que possuem um nono são as jônicas; as que possuem um sétimo são as toscanas; as coríntias possuem a mesma proporção das jônicas, mas com uma diferença, pois quanto aos capiteis das coríntias, sua altura é a mesma medida da obtida a partir do diâmetro mais baixo, e, por isso, parecem mais delgadas; quanto às jônicas, a altura do capitel corresponde a um terço do diâmetro mais baixo.</p> <p>179. Uma antiga proporção era a medida da altura das colunas igual a um terço da largura do templo. No templo anterior de Diana em Éfeso, pela primeira vez, bases esculpidas foram postas sob as colunas e capitéis foram acrescentados, e decidiu-se que um oitavo da altura seria a medida do diâmetro, que as bases teriam metade desse diâmetro e que um sétimo da medida do diâmetro seria diminuído no topo da coluna. Além dessas, há as colunas chamadas áticas, cada uma com quatro ângulos e com as mesmas medidas dos lados.</p>
<p>LVII 180. Calcis et in medicina magnus usus. eligitur recens nec aspersa aquis. urit, discutit, extrahit incipientesque serpere ulcerum impetus coerctet; aceto et rosaceo mixta atque inlita, mox cera ac rosaceo temperata perducit ad cicatricem. luxatis quoque cum liquida resina aut adipe suillo ex melle medetur, eadem compositione et strumis.</p>	<p>LVII 180. O uso do calcário é também extenso na medicina; é escolhido sempre mais fresco e não espirrado com água. Ele cauteriza, dissipa, remove e impede que ataques incipientes de úlceras se espalhem rapidamente; quando misturado e espalhado com vinagre e óleo de rosas e então combinado com cera e óleo de rosas, leva à cicatrização. Cura também luxações quando em uma mistura de mel com resina líquida ou gordura suína, sendo essa mesma combinação também apropriada para estrumas.</p>
<p>LVIII 181. Maltha e calce fit recenti. glaeba vino restinguitur, mox tunditur cum adipe suillo et fico, duplici lenimento. quae res omnium tenacissima et duritiam lapidis antecedens. quod malthatur, oleo perfricatur ante.</p>	<p>LVIII 181. A malta é produzida a partir de calcário fresco. Um torrão é extinto com vinho e, então, moído com gordura suína e figos, ambos meios de amolecimento. Essa substância é a mais aderente de todas, sendo também mais dura do que uma pedra. Tudo que é cimentado com ela é, antes, completamente esfregado com óleo.</p>
<p>LIX 182. Cognata calci res gypsum est. plura eius genera. nam et e lapide coquitur, ut in Syria ac Thuriis, et e terra foditur, ut in Cypro ac Perrhaebia; e summa tellure et Tymphaicum est. qui coquitur lapis non dissimilis alabastritae esse debet aut marmoroso. in Syria durissimos ad id eligunt cocuntque cum fimo bubulo, ut celerius urantur. omnium autem optimum fieri compertum est e lapide speculari squamamve talem habente.</p> <p>183. Gypso madido statim utendum est, quoniam celerrime coit; tamen rursus tundi se et in farinam resolvi patitur. usus gypsi in albariis, sigillis aedificiorum et coronis gratissimus. exemplum inlustre C. Proculeium, Augusti Caesaris familiaritate</p>	<p>LIX 182. O material similar ao calcário é o gesso, e há inúmeras variedades dele. Pois também é obtido calcinado a partir de uma pedra, como feito na Síria e em Túrio, ou escavado da terra, como em Chipre ou na Perrébia e há ainda o da Tinfeia, extraído da superfície. Uma pedra que seja calcinada não deve ser diferente do alabastro ou do mármore. Na Síria, para isso, escolhem as mais rígidas e as calcinam com estrume bovino para que sejam queimadas mais rapidamente. Contudo, foi descoberto que o melhor gesso de todos é feito da pedra especular ou uma que possua lascas.</p> <p>183. O gesso, uma vez úmido, deve ser usado imediatamente, pois é o que mais rapidamente se solidifica; entretanto, ele permite ser novamente moído e desfeito em um pó. O uso do gesso em</p>

<p>subnixum, in stomachi dolore gypso potio conscivisse sibi mortem.</p>	<p>albários, em estatuetas nas construções e em cornijas é o mais apreciado. Um caso reconhecido é o de Gaio Proculeio, apoiado por sua familiaridade com César Augusto, que, devido a dores no estômago, suicidou-se tendo tomado gesso.</p>
<p>LX 184. Pavimenta originem apud Graecos habent elaborata arte picturae ratione, donec lithostrota expulere eam. celeberrimus fuit in hoc genere Sosus, qui Pergami stravit quem vocant asaroton oecon, quoniam purgamenta cenae in pavimentis quaeque everri solent velut relictas fecerat parvis e tessellis tinctisque in varios colores. mirabilis ibi columba bibens et aquam umbra capitis infuscans; apricantur aliae scabentes sese in canthari labro.</p>	<p>LX 184. Os pavimentos têm sua origem entre os gregos, tendo sido aperfeiçoada a arte ao modo da pintura, até que os litostrotos, pisos em mosaico, os substituíram. O mais célebre nessa arte foi Soso, que, em Pérgamo, elaborou o que chamam “cômodo não varrido”³⁵⁶, já que havia representado, a partir de pequenos quadrados pintados em várias cores, como se tivessem sido deixadas, sujeiras da refeição no piso e outras que costumam ser varridas. Algo extraordinário no espaço é um pombo bebendo e também encoberto a água com a sombra de sua cabeça; outros também se aquecem sob o sol enquanto se esfregam com o bico na beira de um cântaro.</p>
<p>LXI 185. Pavimenta credo primum facta quae nunc vocamus barbarica atque subtegulanea, in Italia festucis pavita. hoc certe ex nomine ipso intellegi potest. Romae scutulatum in Iovis Capitolini aede primum factum est post tertium bellum Punicum initum, frequentata vero pavimenta ante Cimbricum magna gratia animorum indicio est Lucilianus ille versus: Arte pavimenti atque emblemate vermiculato.</p>	<p>LXI 185. Acredito que os pavimentos feitos primeiro, que hoje chamamos “estrangeiros” e “interiores”, eram fixados na Itália com macetas. Isso facilmente pode ser depreendido a partir do próprio nome “pavimento”³⁵⁷. Em Roma, foi feito, pela primeira vez, no templo de Júpiter Capitolino, um piso com formas losânicas logo após o início da terceira guerra Púnica, mas, na verdade, os pisos já eram utilizados antes da guerra dos Cimbrós, e com grande apreço entre todos, como se pode constatar por aquele verso de Lucílio: “com a arte do pavimento e o mosaico vermiculado”.</p>
<p>LXII 186. Subdialia Graeci invenere talibus domos contegentes, facile tractu tepente, sed fallax ubicumque imbres gelant. necessarium binas per diversum coaxationes substerni et capita earum praefigi, ne torqueantur, et ruderi novo tertiam partem testae tusae addi, dein rudus, in quo II quintae calcis misceantur, pedali crassitudine festucari, (187.) tunc nucleo crasso VI digitos induci, tessella grandi non minus alta II digitos strui, fastigium vero servari in pedes denos rescunciae ac diligenter cote despumari. quernis axibus contabulari, quia torquentur, inutile putant, immo et felice aut palea substerni melius esse, quo minor vis calcis perveniat. necessarium et globosum lapidem subici. similiter fiunt spicata testacea.</p>	<p>LXII 186. Os gregos inventaram os terraços ao entelharem suas casas de uma determinada maneira, algo facilmente aplicável em um lugar quente, mas falaz em qualquer lugar em que as chuvas congelem. É preciso que duas camadas de tábuas sejam colocadas por baixo em sentidos diferentes e que suas pontas sejam fixadas para que não se arqueiem. Deve ser também adicionado um terço de terracota moída a um pedregulho novo, e, em seguida, o pedregulho, ao qual seriam misturados dois quintos de calcário, deve ser forçado a uma grossura de um pé³⁵⁸. (187.) Em seguida, deve ser posta a camada mais firme, com seis dedos de grossura³⁵⁹, e arranjada uma pedra quadrada, que seja grande, não menos alta do que dois dedos³⁶⁰, devendo ser mantida uma inclinação de um oitavo de pé em cada dez e ser esfregado cuidadosamente com uma pedra de polir. Julgam que não é algo apropriado que seja assoalhado com tábuas de carvalho, pois elas podem ser arqueadas, e, na verdade, é melhor que seja colocada embaixo uma camada de folhas de samambaia ou palha, para que a própria natureza do calcário o atinja com menos intensidade. É também necessário que uma pedra esférica seja distribuída por</p>

³⁵⁶ *Asaroton oecon*: (gr. ἀσάρωτος οἶκος) literalmente, “cômodo não varrido”; estilo de piso em mosaico feito de peças muito pequenas para que pareça como se ainda houvesse migalhas espalhadas (OLD, p.179).

³⁵⁷ Pavimento origina-se do verbo *pavio*, “macetar” (OLD, p.1313).

³⁵⁸ Cerca de 29,6 cm.

³⁵⁹ Cerca de 11,1 cm.

³⁶⁰ Cerca de 3,7 cm.

	baixo do assoalho. Da mesma forma são feitos os pisos ladrilhados em forma de espiga.
LXIII 188. Non neglegendum est etiamnum unum genus Graecanici: solo festucato inicitur rudus aut testaceum pavementum, dein spisse calcatis carbonibus inducitur ex sabulo et calce ac favilla mixtis materia crassitudine semipedali, ad regulam et libellam exigitur, et est forma terrena; si vero cote depolitum est, nigri pavimenti usum optinet.	LXIII 188. Além disso, também não se deve negligenciar uma espécie de pavimento grecânico: com o solo já batido, é disposto o pedregulho ou um pavimento de ladrilhos; então, com o carvão esfacelado em uma camada compacta, é espalhada uma massa de areia grossa, calcário e cinzas misturados com meio pé de espessura, sendo submetido à régua e ao nível, que também assume uma aparência terrosa; mas se é alisado com uma pedra de polir, tem o mesmo emprego de um piso preto.
LXIV 189. Lithostrota coeptavere iam sub Sulla; parvulis certe crustis exstat hodieque quod in Fortunae delubro Praeneste fecit. pulsa deinde ex humo pavimenta in camaras transiere vitro. novicium et hoc inventum; Agrippa certe in thermis quas Romae fecit figlinum opus encausto pinxit in calidis, reliqua albario adornavit, non dubie vitreas facturum camaras, si prius inventum id fuisset aut a parietibus scaenae, ut diximus, Scauri pervenisset in camaras. quam ob rem et vitri natura indicanda est.	LXIV 189. Os litostrotos tiveram início já sob o regime de Sula; decerto há, e ainda hoje, um com peças muito pequenas, que erigiu no templo da Fortuna em Preneste. Depois, impelidos do chão, os ladrilhos passaram às abóbadas utilizando-se vidro. Mas, em Roma, essa é também uma invenção recente; de fato, Agripa, nas termas que construiu em Roma, pintou à encáustica a construção em barro no caldário, e o restante decorou com albario, mas não há dúvida de que faria coberturas com vidro se esse invento tivesse surgido antes, ou, então, se tivesse chegado das paredes até as coberturas do teatro de Escauro que mencionamos. Em razão disso, também a natureza do vidro deve ser apontada.
LXV 190. Pars Syriae, quae Phoenice vocatur, finitima Iudaeae intra montis Carmeli radices paludem habet, quae vocatur Candebia. ex ea creditur nasci Belus amnis quinque milium passuum spatio in mare perfluens iuxta Ptolemaidem coloniam. lentus hic cursu, insaluber potu, sed caerimoniis sacer, limosus, vado profundus, non nisi refuso mari harenas fatetur; fluctibus enim volutatae nitescunt detritis sordibus. 191. Tunc et marino creduntur adstringi morsu, non prius utiles. quingentorum est passuum non amplius litoris spatium, idque tantum multa per saecula gignendo fuit vitro. fama est adpulsa nave mercatorum nitri, cum sparsi per litus epulas pararent nec esset cortinis attollendis lapidum occasio, glaebas nitri e nave subdidisse, quibus accensis, permixta arena litoris, tralucetes novi liquoris fluxisse rivos, et hanc fuisse originem vitri.	LXV 190. Uma região da Síria, chamada Fenícia, região fronteira com a Judeia, possui, em meio aos pés do monte Carmel, um pântano que chamam Candebia. Acreditam que nasce a partir dele o rio Belo, que após uma extensão de cinco mil passos ³⁶¹ , deságua no mar próximo à colônia de Ptolemais. Sua corrente é lenta e sua água insalubre para beber, mas é dedicado a usos religiosos; é lamacento e com grande profundidade, e, somente quando o mar flui no sentido oposto, revela suas areias. Apenas depois de levadas pelas ondulações e limpas de todas as sujeiras, elas brilham. 191. Acreditam, então, que elas sejam sujeitas à ação adstringente do mar, e não são muito úteis antes disso. A extensão do litoral não é maior do que quinhentos passos ³⁶² , e, por muitos séculos, apenas lá foi possível produzir o vidro. A história é que, certa vez, atracado um barco de comerciantes de natro, como preparavam as comidas espalhados ao longo da costa e não havia um suporte de pedras para que os caldeirões fossem levantados, teriam colocado embaixo deles os torrões de natro do barco, os quais, uma vez em chamas, misturados à areia da praia, fluíram nascentes translúcidas de um líquido desconhecido, e essa teria sido a origem do vidro.
LXVI 192. Mox, ut est ingeniosa sollertia, non fuit contenta nitrum miscuisse; coeptus addi et magnes lapis, quoniam in se liquorem vitri quoque ut ferrum trahere creditur. simili modo et calculi splendentes multifariam coepti uri, dein conchae ac fossiles	LXVI 192. Logo, como é engenhosa a astúcia, não ficou satisfeita tendo misturado apenas natro; começou-se a adicionar também a pedra-ímã, já que se acreditou que ela atrairia a si o líquido do vidro assim como ferro. Do mesmo modo, também começaram a ser queimados, em muitos lugares, pedregulhos

³⁶¹ Cerca de 7,4 km.

³⁶² Cerca de 740 m.

<p>harenae. auctores sunt in India et crystallo fracta fieri et ob id nullum comparari Indico.</p> <p>193. Levibus autem aridisque lignis coquitur addito Cyprio ac nitro, maxime Aegyptio. continuis fornacibus ut aes liquatur, massaeque fiunt colore pingui nigricantes. acies tanta est quacumque ut citra sensum ullum ad ossa consecet quidquid adflaverit corporis. ex massis rursus funditur in officinis tingiturque, et aliud flatu figuratur, aliud torno teritur, aliud argenti modo caelatur, Sidone quondam his officinis nobili, siquidem etiam specula excogitaverat.</p> <p>194. Haec fuit antiqua ratio vitri. iam vero et in Volturno amne Italiae harena alba nascens sex milium passuum inter Cumas atque Liternum, qua mollissima est, pila molave teritur. dein miscetur III partibus nitri pondere vel mensura ac liquata in alias fornaces transfunditur. ibi fit massa, quae vocatur hammonitrum atque haec recoquitur et fit vitrum purum ac massa vitri candidi. iam vero et per Gallias Hispaniasque simili modo harena temperatur.</p> <p>195. Ferunt Tiberio principe excogitato vitri temperamento, ut flexile esset, totam officinam artificis eius abolitam ne aeris, argenti, auri metallis pretia detraherentur, eaque fama crebrior diu quam certior fuit. sed quid refert, Neronis principatu reperta vitri arte quae modicos calices duos quos appellabant petrotos HS \overline{VI} venderet?</p>	<p>brilhantes, e então conchas e areia escavada. Algumas autoridades afirmam ser feito na Índia também com cristal de rocha quebrado em vários pedaços, e, por isso, nenhum vidro se compararia ao indiano.</p> <p>193. No fogo a partir de madeiras leves e secas, é derretido, sendo adicionados cobre e natro, idealmente egípcio³⁶³. É derretido, assim como cobre, em um conjunto de fornos, e surgem amontoados pretos de coloração opaca. A ponta é tão afiada em toda a extensão, que cortaria até o osso qualquer membro do corpo que tocasse de leve sem que se sinta qualquer coisa. A partir desses amontoados, é novamente fundido nas oficinas e tingido, de modo que uma parte é moldada pelo sopro, outra é desgastada com um torno e outra é gravada como prata. Outrora, Sídon foi reconhecida por essas oficinas, uma vez que haviam inventado os espelhos.</p> <p>194. Esse foi o antigo procedimento do vidro. Agora, também no rio Volturno, na Itália, há uma areia branca numa extensão de seis mil passos do litoral entre Cumas e Literno³⁶⁴, sendo a areia mais macia triturada num almofariz ou num moinho. Em seguida, é misturada a três partes de sódio em peso ou volume e transferida já derretida aos outros fornos. Nesse local é feita a massa chamada <i>hammonitrum</i>³⁶⁵, que é novamente derretida e forma o vidro puro, como uma massa de vidro clara. Já hoje, pelas províncias Gálicas e na Hispânia, a areia é combinada de modo similar.</p> <p>195. Dizem ter sido inventada, durante o principado de Tibério, uma nova combinação de vidro que seria flexível, e, para que os preços dos metais – bronze, prata ou ouro – não sofressem queda, a oficina inteira desse artífice foi destruída. Essa história foi, contudo, por muito tempo, mais reproduzida do que provada verdadeira. Mas de que importa isso diante da técnica de produção de vidro descoberta no principado de Nero, a qual seria responsável pela venda de duas pequenas taças, que chamavam <i>petroti</i> – “pétreas” –, por seis mil sestércios?</p>
<p>LXVII 196. In genere vitri et obsiana numerantur ad similitudinem lapidis quem in Aethiopia invenit Obsius, nigerrimi coloris, aliquando et tralucidi, crassiore visu atque in speculis parietum pro imagine umbras reddente. gemmas multi ex eo faciunt; vidimus et solidas imagines divi Augusti capaci materia huius crassitudinis, dicavitque ipse pro miraculo in templo Concordiae obsianos IIII elephantos.</p> <p>197. Remisit et Tiberius Caesar Heliopolitarum caerimoniis repertam in hereditate Sei eius qui praefuerat Aegyptio obsianam imaginem Menelai, ex qua apparet antiquior materiae origo, nunc vitri similitudine interpolata. Xenocrates obsianum lapidem in India et in Samnio Italiae et ad oceanum in Hispania tradit nasci.</p>	<p>LXVII 196. Na categoria do vidro, também é contada a obsidiana, nomeada após a semelhança com a pedra que Óbsio descobriu na Etiópia, da cor preta mais escura, por vezes também translúcidas, mas menos transparentes que vidro, de modo que, quando empregada em espelhos de paredes, reflete sombras em vez de uma imagem. Costumam fazer inúmeras gemas a partir dela, e vimos também esculturas maciças – pois o material é apropriado para uma espessura do tipo – do imperador Augusto. Ele próprio também dedicou, como um objeto admirável, quatro elefantes de obsidiana no templo da Concórdia.</p> <p>197. Também o imperador Tibério devolveu às cerimônias de Heliópolis uma estátua encontrada em meio à herança de um certo Seio, que comandava o Egito, uma imagem em obsidiana de Menelau, a partir</p>

³⁶³ Leitura incerta. Pode-se tratar do natro de Ofir.

³⁶⁴ Cerca de 8,8 km.

³⁶⁵ *Hammonitrum*: massa composta por areia e salitre que se forma durante o processo de fabricação de vidro (OLD, p.785).

<p>198. Fit et tincturae genere obsianum ad escaria vasa et totum rubens vitrum atque non tralucens, haematinum appellatum. fit et album et murrina aut hyacinthos sappirosque imitatum et omnibus aliis coloribus, neque est alia nunc sequacior materia aut etiam picturae accommodatior. maximus tamen honos in candido tralucentibus, quam proxima crystalli similitudine.</p> <p>199. Usus vero ad potandum argenti metalla et auri pepulit. est autem caloris inpatiens, ni praecedat frigidus liquor, cum addita aqua vitreae pilae sole adverso in tantum candescant ut vestes exurant. fragmenta teporata adglutinantur tantum, rursus tota fundi non queunt praeterquam abruptas sibimet in guttas, veluti cum calculi fiunt quos quidam ab oculis appellant, aliquos et pluribus modis versicolores. Vitrum sulphuri concoctum feruminatur in lapidem.</p>	<p>da qual é evidente a origem mais antiga do material, origem que, por sua semelhança com vidro, comumente, hoje, foi deturpada. Xenócrates afirma que a pedra obsidiana é encontrada na Índia, em Sâmnio, na Itália, e junto do oceano na Hispânia.</p> <p>198. Também é feito por uma espécie de tingimento um vidro obsidiano para uso em pratos e jarros bem como um vidro completamente vermelho e não translúcido chamado “sanguíneo”³⁶⁶. É feito ainda um vidro branco e também um imitando vasos de murra³⁶⁷ ou safiras e lápis-lazúlis e com todas as outras cores. Hoje, nenhum outro material é mais dúctil ou mais apropriado até mesmo à pintura. Contudo, a maior estima é conferida ao vidro claro translúcido, de aparência a mais próxima possível à do cristal.</p> <p>199. Seu uso para servir bebidas superou o de metais como prata e ouro, mas não resiste ao calor se um líquido gelado não for posto antes; apesar disso, esferas de vidro com água, quando posicionadas contra o sol, incendem a tal ponto que queimam roupas. Fragmentos de vidro, quando aquecidos, se grudam, mas não podem ser completamente derretidos de novo; formam apenas gotas desconexas entre si, como as pedrinhas de vidro que alguns chamam “olhos”, e que podem ser também multicoloridas de diferentes formas. Vidro, uma vez fervido com enxofre, é condensado, endurecendo como uma pedra.</p>
<p>LXVIII 200. Et peractis omnibus quae constant ingenio arte naturam faciente, succurrit mirari nihil paene non igni perfici. accipit harenas, ex quibus aliubi vitrum, aliubi argentum, aliubi minium, aliubi plumbi genera, aliubi pigmenta, aliubi medicamenta fundit. igni lapides in aes solvuntur, igni ferrum gignitur ac domatur, igni aurum perficitur, igni cremato lapide caementa in tectis ligantur.</p> <p>201. Alia saepius uri prodest, eademque materia aliud gignit primis ignibus, aliud secundis, aliud tertiis, quando ipse carbo vires habere incipit restinctus atque interisse creditus maioris fit virtutis. inmensa, inproba rerum naturae portio et in qua dubium sit, plura absumat an pariat.</p>	<p>LXVIII 200. Uma vez descritas todas as obras baseadas no engenho humano, uma vez que arte reproduz a natureza, ocorre-me admirar que quase nada é plenamente executado sem o uso do fogo. Toma as areias, a partir das quais funde, em um local, o vidro, em outro, a prata, em outro, o mínio, em outro, diferentes tipos de chumbo, em outro, pigmentos, em outro, medicamentos. Minérios são derretidos originando o cobre por meio do fogo; por meio do fogo, o ferro é forjado e moldado; por meio do fogo, o ouro é purificado; blocos de rocha são presos juntos em construções a partir de uma pedra calcinada pelo fogo.</p> <p>201. É também vantajoso a outros materiais que sejam queimados mais vezes, e uma mesma matéria produz ainda outra após o primeiro contato com as chamas, e outra após o segundo, e outra após o terceiro; o próprio carvão começa a possuir seus vigores apenas depois de extintas as chamas, e, quando se acredita ter sido completamente perdido, torna-se um material de ainda mais excelência. É um elemento da natureza vasto e ingovernável, e, sobre ele, seria incerto afirmar se mais destrói ou gera.</p>
<p>LXIX 202. Est et ipsis ignibus medica vis. pestilentiae quae obscuracione solis contrahitur, ignes si fiant, multifariam auxiliari certum est. Empedocles et Hippocrates id demonstravere diversis locis. ad convolsa interiora viscera aut contusa, M. Varro – (203.) ipsis enim verbis eius utar – pyxis sit, inquit, focus. inde enim cinis lixivus potus medetur.</p>	<p>LXIX 202. Há também um poder medicinal nas chamas. Contra uma possível peste contraída devido a um eclipse solar, se são feitas fogueiras, é certo que será de grande auxílio de diferentes formas. Empédocles e Hipócrates demonstraram isso em diversas passagens. Para dores nas vísceras ou contusões, Marco Varrão – e farei uso de suas próprias</p>

³⁶⁶ *Haematinum*: de cor de sangue, cor vermelho-sangue (OLD, p. 783).

³⁶⁷ *Murrina*: cf. XXXVI, 1.

<p>licet videre gladiatores, cum deluserunt hac iuvari potione. quin et carbunculum, genus morbi quo duos consulares nuper absumptos indicavimus, querneus carbo tritus cum melle sanat. adeo in rebus damnatis quoque ac iam nullis sunt aliqua commoda, ut carbone ecce atque cinere.</p>	<p>palavras (203.) – diz que “uma lareira seria a melhor caixinha de medicamentos. Pois as cinzas de uma fogueira feitas em lixívia e bebidas são o remédio. Pode-se ver os gladiadores, quando acabaram de combater, serem tratados com essa bebida”. Na verdade, carvão obtido de carvalho, quando triturado com mel, também remedia o carbúnculo, um tipo de doença da qual dois antigos cônsules foram mortos recentemente, como dissemos. A tal ponto há algumas oportunidades favoráveis até em materiais já sentenciados e de nenhum valor, que vejamos só: temos materiais como o carvão e as cinzas.</p>
<p>LXX 204. Non praeteribo et unum foci exemplum Romanis litteris clarum: Tarquinio Prisco regnante tradunt repente in foco eius comparuisse genitale e cinere masculi sexus eamque quae insederat ibi, Tanaquilis reginae ancillam Ocrésiam captivam consurrexisse gravidam. ita Servium Tullium natum, qui regno successit. inde et in regia cubanti ei puero caput arsisse, creditumque Laris familiaris filium. ob id Compitalia ludos Laribus primum instituisse.</p>	<p>LXX 204. Também não passarei sem comentar um caso sobre fogueiras famoso na literatura romana: dizem que, durante o reinado de Tarquínio Prisco, de repente, em uma fogueira sua, teria aparecido das cinzas um órgão genital do sexo masculino, e aquela que havia se sentado no local, a cativa Ocrísia, criada da rainha Tanaquil, levantou-se grávida. Assim nasceu Sérvio Túlio, que o sucedeu. Desde então, também no palácio, a cabeça de um menino teria estado em chamas enquanto ele dormia, e, portanto, acreditou-se que ele seria filho dos Lares daquela casa. Por isso, e, pela primeira vez, ele teria estabelecido os Compitais – jogos dedicados aos deuses Lares.</p>

BIBLIOGRAFIA

Autores antigos

ARISTÓTELES. *Retórica a Alexandre*. Trad. Edson Bini. São Paulo, Edipro, 2012.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. Edson Bini. São Paulo, Edipro, 2019.

ARISTOTLE. *Problems, Volume II: Books 20-38. Rhetoric to Alexander*. Ed. e Trad. Robert Mayhew, David C. Mirhady. Loeb Classical Library 317. Cambridge, MA, Harvard University Press, 2011.

CALLISTRATUS. *Descriptions*. Trad. Arthur Fairbanks. Cambridge/London, Harvard University Press, 1931.

CICERO, *On the Orator*, Book III. Trad. H. Rackham. Cambridge/London, Harvard University Press, 1997.

CÍCERO. “O orador (II, 7)”. In: Lichtenstein, Jacqueline. *A pintura – Vol. 4: O belo*. São Paulo, Ed. 34, 2004.

[CÍCERO]. *Retórica a Herênio*. Trad. e Introd. Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo, Hedra, 2005.

DIOGENES LAERTIUS, *Lives of Eminent Philosophers, Volume II: Books 6-10*. Trad. R. D. Hicks. Cambridge, MA, Harvard University Press, 1925.

HOMERO. *Ilíada*. Trad. Christian Werner. São Paulo, Ubu Editora/SESI-SP Editora, 2018.

HOMERO. *Odisseia*. Trad. Christian Werner. São Paulo, Ubu Editora/SESI-SP Editora, 2018.

PHILOSTRATUS THE ELDER. *Imagines*. Trad. Arthur Fairbanks. Cambridge/London, Harvard University Press, 1931.

PHILOSTRATUS THE YOUNGER. *Imagines*. Trad. Arthur Fairbanks. Cambridge/London, Harvard University Press, 1931.

PLATÃO, “O Banquete (210a, 210d)”. In: Lichtenstein, Jacqueline. *A pintura – Vol. 4: O belo*. São Paulo, Ed. 34, 2004.

PLATÃO, *A República*. Trad. Carlos Alberto Nunes. 4. ed. Belém, EDUFPA, 2016.

PLINE L’ANCIEN. *Histoire Naturelle. Livre XXXIV*. Trad. H. le Bonniec. Comentários de H. Gallet de Santerre e H. le Bonniec. Paris: Les Belles Lettres, 1953.

PLINE L’ANCIEN. *Histoire Naturelle. Livre XXXV*. Trad. Jean-Michel Croisille. Introdução e notas de Pierre-Emmanuel Dauzat. Paris: Les Belles Lettres, 1997.

PLINE L’ANCIEN. *Histoire Naturelle. Livre XXXVI*. Trad. R. Bloch. Comentários de A. Rouveret. Paris: Les Belles Lettres, 1981.

PLINIO IL VECCHIO. *Storia delle Arti Antiche*. Introd. Maurizio Harari. Organização, tradução e notas de Silvio Ferri. 6. ed. Milão, BUR Rizzoli, 2018.

PLINY. *Natural History*, Vol. I. Trad. H. Rackham. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1938.

PLINY. *Natural History*. Vol. IX. Trad. Rackham, H. Cambridge, Harvard University Press, 1984.

PLINY. *Natural History*. Vol. X. Trad. D. E. Eichholz. Cambridge, Harvard University Press, 1989.

Progymnasmata. Greek textbooks of prose composition and rhetoric. Translated with introductions and notes by George A. Kennedy. Atlanta, Ga.: Society of Biblical Literature, 2003.

QUINTILIAN. *Institutio Oratoria: Books 1-3*. Trad. H. E. Butler. Ed. G. P. Goold. Cambridge, MA, Harvard University Press, 1980.

QUINTILIAN. *Institutio Oratoria: Books 11-12*. Trad. Donald A. Russell. Cambridge, MA, Harvard University Press, 2002.

QUINTILIANO. *Instituição Oratória: Tomo II*. Tradução, apresentação e notas de Bruno Fregni Bassetto. Campinas, SP, Editora da Unicamp, 2015.

SÊNECA. *Sobre a ira, Sobre a tranquilidade da alma*. Trad. José Eduardo S. Lohner. São Paulo, Companhia das Letras, 2014.

VALERIUS MAXIMUS. *Memorable Doings and Sayings, Volume II: Books 6-9*. Trad. D. R. Shackleton Bailey. Cambridge, MA, Harvard University Press, 2000.

VITRÚVIO. *Tratado de arquitetura*. Trad. M. Justino Maciel. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

Autores modernos

ANGELIS, F. de. "Pliny the Elder and the Identity of Roman Art". *RES: Anthropology and Aesthetics*, vol. 53/54: 79-92, 2008. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/25608810>.

AUSTIN, R. G. "Quintilian on Painting and Statuary". *The Classical Quarterly*, vol. 38, n. 1/2: 17-26, 1944. Disponível em: www.jstor.org/stable/636873.

BALDWIN, Barry. "Stylistic Notes on the Elder Pliny's Preface". *Latomus*, T. 64, n. 1: 91-95, 2005. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41544786>.

BARROW, Rosemary, "The Body, Human and Divine in Greek Sculpture", in Destrée; Murray, *A Companion to Ancient Aesthetics*. John Wiley & Sons, 2015.

BEAGON, M. *Roman nature: the thought of Pliny the Elder*. Oxford, Clarendon Press, 1992.

BENVENISTE, E. "Le Sens du Mot KOLOSSOS". *Revue de Philologie*. Paris, Klincksieck, 1932.

BURNS, Mary Ann T. "Pliny's Ideal Roman". *The Classical Journal*, n. 6: 253-58, 1964. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3294599>.

CAIRUS, H. "A arte de curar na cura pela arte: ainda a catarse". In: *Anais de Filosofia Clássica*, v. 2, nº 3, 2008.

CHANOTIS, Angelos. "The Life of Statues of Gods in the Greek World". *Kernos*, 30: 91-112, 2017. Disponível em: <http://journals.openedition.org/kernos/2492>.

COULSON, William D. E. "The Reliability of Pliny's Chapters on Greek and Roman Sculpture". *The Classical World*, n. 6: 361-72, 1976. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4348466>

D. STANSBURY-O'DONNELL, Mark. *A History of Greek Art*. Malden, Mass./Oxford: Wiley Blackwell, 2015.

DARAB, Á. “Corinthium aes versus electrum: The Anecdote as an Expression of Roman Identity in Pliny the Elder’s *Naturalis Historia*”. *Hermes*, vol. 140(2): 149-159, 2012. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/23251922>.

DARAB, Á. “Natura, Ars, Historia: Anecdotic History of Art in Pliny the Elder’s *Naturalis Historia*: Part I”. *Hermes*, vol. 142/2: 206-224, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/6527835/Natura_ars_historia_Anecdotic_History_of_Art_in_Pliny_the_Elders_Naturalis_Historia_Part_I_Natura_and_Ars_the_Place_of_Art_History_in_the_Naturalis_Historia.

DARAB, Á. “Natura, Ars, Historia: Anecdotic History of Art in Pliny the Elder’s *Naturalis Historia*: Part II”. *Hermes*, vol. 142/3: 279-297, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/7590223/Natura_Ars_Historia_The_Anecdotic_History_of_Art_in_Plinys_Naturalis_Historia_Part_II.

DEMAND, N. “Plato and the painters”. *Phoenix*, vol. 29, n. 1: 1-20, 1975. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/1087580>.

DEMIRALP, D. “Aristotle’s Thoughts on Art”. *Arkeoidea*: 119-129, 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/340355/ARISTOTLES_THOUGHTS_ON_ART.

DESTRÉE, Pierre; MURRAY, Penelope. *A Companion to Ancient Aesthetics*. John Wiley & Sons, 2015.

DOODY, A. *Pliny’s Encyclopedia: The Reception of the Natural History*. Cambridge, Cambridge University Press, 2010.

ELSNER, Jás; MEYER, Michel. *Art and Rhetoric in Roman Culture*. Cambridge, Cambridge University Press, 2014.

FABRIS, A. “Plínio, o velho: uma história material da pintura”. *Locus: Revista de História*, 10 (2), 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20626>.

FANTHAM, Elaine. “Imitation and Evolution: The Discussion of Rhetorical Imitation in Cicero De Oratore 2. 87-97 and Some Related Problems of Ciceronian Theory”. *Classical Philology*, vol. 73, n. 1: 1-16, 1978. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/269311>.

FERRI, Silvio. “Note esegetiche ai giudizi d’arte di Plinio il Vecchio”. *Annali Della R. Scuola Normale Superiore Di Pisa. Lettere, Storia e Filosofia*, vol. 11, n. 2/3: 69-116, 1942. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/24299087>.

FERRI, Silvio. “Nuovi contributi esegetici al ‘cànone’ dela scultura greca”. *Rivista del Reale Istituto d’Archeologia e Storia dell’Arte*, vol. VI: 117-152, 1939. Disponível em: <https://www.inasaroma.org/patrimonio>.

FRENCH, R. *Ancient Natural History, Histories of nature*. London/New York, Routledge, 1994.

FRENCH, R. *Ancient Natural History*. London/New York, Routledge, 1994.

FRENCH, Roger; GREENWAY, Frank. *Science in the Early Roman Empire: Pliny the Elder, his Sources and Influence*. Australia, Croom Helm, 1986.

GAZONI, Ferando Maciel. *A Poética de Aristóteles: tradução e comentários*. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006, 132 p. (Dissertação de Mestrado).

GRAND-CLÉMENT, Adeline, “Poikilia”, in Destrée; Murray, *A Companion to Ancient Aesthetics*. John Wiley & Sons, 2015.

GRIFFIN, Miriam. “The Elder Pliny on philosophers”. *Bulletin of the Institute of Classical Studies*. Supplement, n. 100: 85-101, 2007. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/43767662>.

GRIMAL, P. “Pline et les philosophes”. *Helmantica: Revista de filología clásica y hebrea*, t. 37, n. 112-114: 239-249, 1986. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=654016>.

HAFNER, German. *Art of Rome, Etruria, and Magna Graecia*. Trad. Ann E. Keep. New York, Harry N. Abrams, Inc., 1969.

HEALY, John F. “Pliny on Metals and Coinage”. *The Classical Review*, New Series, 35, n. 1 (1985): 36-37. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3063672>.

HOWE, Nicholas Phillis. “In Defense of the Encyclopedic Mode: On Pliny's ‘Preface’ to the ‘Natural History’”. *Latomus*, 44, n. 3: 561-76, 1985. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41535082>.

ISAGER, J. *Pliny on art and society: the Elder Pliny's chapters on the history of art*. London/New York, Routledge, 1991.

JACOBSON, D. M.; WEITZMAN, M. P. “What was Corinthian Bronze?”. *American Journal of Archaeology*, vol. 96 (n. 2), abr. 1992 (Archaeological Institute of America).

JEX-BLAKE, K.; SELLERS, E. *The Elder Pliny's chapters of the History of Art*. London, Macmillan, 1896.

KENNEDY, George. *The Art of Rhetoric in the Roman World*. Princeton, New Jersey, Princeton University Press, 1972.

LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de Retórica Literária*. Tradução, prefácio e aditamentos de R. M. Rosado Fernandes. 2. ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

LEEN, A. “Cicero and the rhetoric of art”. *The American journal of philology*, vol. 112, n. 2: 229-245, 1991.

LESSING, “Gotthold Ephraim. Laocoonte (II, XXIV e XXV)”. In: Lichtenstein, Jacqueline. *A pintura – Vol. 4: O belo*. São Paulo, Ed. 34, 2004.

MARTINS, P. “Polignoto, Páuson, Dionísio e Zêuxis: uma leitura da pintura clássica grega”. *Phaos*, vol. 8: 75-98, 2008 (Campinas).

MARTINS, P. *Imagem e poder: considerações sobre a representação de Otávio Augusto*. São Paulo, Edusp, 2011.

MARTINS, P. *A Representação e seus Limites: Pictura Loquens, Poesis Tacens*. 1. ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2021.

MARTINS, P.; AMATO, R. S. S. “Imagens Antigas Retoricamente Referenciadas”. In: MUHANA, A.; BAGOLIN, L. A.; LAUDANNA, M. (Eds.). *Retórica*. São Paulo, Annablume, 2012.

MARTINS, Paulo. "Constructing Cicero". *Nuntius Antiquus*, [S.l.], vol. 9, n. 2: 221-237, dez. 2013. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/4317/5038.

MARTINS, Paulo. "Sobre a Metapoesia em Propércio e na poesia erótica romana: o poeta rufião". *Revista Classica*, vol. 28, n. 1: 125-159, 2015.

MAYER, Roland. "Pliny and 'gloria dicendi'". *Arethusa*, 36, n. 2: 227-34, 2003. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/44578908>.

MCCARTNEY, Eugene S. "Pliny the Elder and Benjamin Franklin on the Art of Not Contradicting". *The Classical Weekly*, 25, n. 7: 55, 1931. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4389650>.

MELO, Marcelo José de. *Mosaic as an experimental system in contemporary fine art practice and criticism*. Brighton, University of Brighton, 2019, 292 p. (Tese de Doutorado).

MENDONÇA, A. DA S. "Seleção e tradução da *Naturalis Historia* de Plínio, o Velho". *Revista de História da Arte e Arqueologia*. n. 2: 317-330, 1996 (Campinas, SP). Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/rhac/article/view/15692>.

MURPHY, Trevor Morgan. *Pliny the Elder's Natural history: the Empire in the encyclopedia*. Oxford, Oxford University Press, 2004.

NAAS, V. *Le projet encyclopédique de Pline l'Ancien*. Rome, École Française de Rome, 2002.

PAPARAZZO, Ernesto. "Pliny the Elder on Metals: Philosophical and Scientific Issues". *Classical Philology*, 103, n. 1: 40-54, 2008. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.1086/590093>.

PAPPALARDO, Umberto; Ciardiello, Rosaria. *Greek and Roman mosaics*. Trad. Ceil Friedman. New York, Abbeville Press, 2012.

PERNOT, Laurent. *Rhetoric in Antiquity*. Translated by W. E. Higgins. Washington D. C.: The Catholic University of America Press, 2005.

PERRY, Ellen E. "Notes on Diligentia as a Term of Roman Art Criticism". *Classical Philology*, vol. 95, n. 4: 445-458, 2000. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/270516>.

RICHTER, G. M. A. *A handbook of greek art: A survey of the visual arts of Ancient Greece*. London, Phaidon, 1987.

RODOLPHO, Melina. *Écfrase e Evidência nas Letras Latinas: Doutrina e Práxis*. São Paulo, Humanitas, 2012.

SCATOLIN, Adriano. *A invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23*. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009, 313 p. (Tese de Doutorado).

SCHEFOLD, Karl. "Roman Visions and Greek Inventions at the Foot of Mount Vesuvius". *Art Institute of Chicago Museum Studies*, 10: 21-39, 1983. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4104328>.

STEWART, Peter. *Statues in Roman Society: Representation and Response*. New York, Oxford University Press, 2003.

TEIXEIRA, I. L. “Plínio, o Antigo, e a Descrição de Roma como Capital do Mundo (Mediterrâneo?)”. *Mare Nostrum*, vol. 2, n. 2: 1-19, 2011. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/marenostrum/article/view/105770>.

TEIXEIRA, I. L. *Romanidade em Plínio, o Antigo, e a Naturalis Historia como um ‘projeto’ político-pedagógico*. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2012, 206 p. (Tese de Doutorado).
v. 10 n. 2, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20626>.

THOMAS, Edmund, “The Beauties of Architecture” in Destrée; Murray, *A Companion to Ancient Aesthetics*. John Wiley & Sons, 2015.

VERMEULE, Emily. *Greece in the Bronze Age*. Chicago, The University of Chicago Press, 1972.

VIEIRA, A. T. “O conceito de natureza em Plínio o velho”. *Anais de Filosofia Clássica*, vol. IV n. 8: 60-70, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/FilosofiaClassica/article/download/304/2303>.

WALLACE-HADRILL, A. “Pliny the Elder and Man’s Unnatural History”. *Greece & Rome*, vol. 37, n. 1: 80-96, 1990. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/643244>.

WINCKELMANN, Johann Joachim. “Reflexões sobre a imitação das obras gregas em pintura e em escultura”. In: Lichtenstein, Jacqueline. *A pintura – Vol. 4: O belo*. São Paulo, Ed. 34, 2004.

ZANKER, G. “Aristotle’s ‘Poetics’ and Painters”. *The American Journal of Philology*, Vol. 121, n. 2.: 225-235, Summer, 2000. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1561981>.

ZEBROSKI, Bob. *A Brief History of Pharmacy: Humanity's Search for Wellness*. New York, Routledge, 2016.

Dicionários e Índices

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Dicionário Latino-Português. Ernesto Faria. Vol. 17. Belo Horizonte, Livraria Garnier, 2003.

Harper’s Dictionary of Classical Literature and Antiquities. Ed. Harry Thurston Peck. New York, Harper & Brothers Publishers, 1898.

Índices de Nomes Próprios Gregos e Latinos. Maria Helena de Teves Costa Ureña Prieto, João Maria de Teves Costa Ureña Prieto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

Liddell-Scott Jones, A Greek-English Lexicon. Compiled by Henry George Liddell and Robert Scott. Revised and augmented by Henry Stuart Jones. Oxford, University Press, 1996.

Oxford Latin Dictionary. Ed. by G. M. Lee. Oxford, University Press, 1968.

Banco de Dados

Museu de Minerais, Minérios e Rochas Heinz Ebert. Administração e Moderação de Conteúdo Dra. Cibele Carolina Montibeller. Departamento de Petrologia e Metalogenia (DPM) do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) da **Universidade Estadual Paulista**. Rio Claro-SP, UNESP. Disponível em: <https://museuhe.com.br/>.

ÍNDICE DE ARTÍFICES

Livro XXXIV

- Alcâmenes, 49, 72
 Álcon, 141
 Alevas, 86
 Aléxis, 50
 Andróbulo, 86
 Anfícrates, 72
 Anteu, 52
 Antignoto, 86
 Antígono, 84
 Antímaco, 86
 Apelas, 86
 Apolodoro, 86
 Argeu, 50
 Aristides, 50, 72
 Aristodemo, 86
 Aríston, 85
 Aristônidas, 140
 Asclepiodoro, 86
 Asopodoro, 50
 Ateneu, 52
 Atenodoro, 50, 86
 Báton, 73, 91
 Beda, 66, 73
 Boeto, 84
 Briáxis, 42, 73
 Cálamis, 47, 71
 Calcóstenes, 87
 Cálicles, 87
 Cálides, 85
 Calímaco, 92
 Calístrato, 52
 Calíxeno, 52
 Cálón, 49
 Cânaco, 50, 75
 Cântaro, 85
 Cares, 41, 44
 Cárias, 75
 Cefisodoro, 74
 Cefisódoto, 50, 51, 87
 Cêncramis, 87
 Cepis, 87
 Cídon, 53
 Cléon, 87
 Colotes, 87
 Crésilas, 53, 74
 Crícias, 49, 85
 Ctésias, 85
 Ctesilau, 76
 Daifron, 87
 Daipo, 87
 Damócrito, 87
 Dédalo, 76
 Delíades, 85
 Démeas, 50
 Demétrio, 76
 Démon, 87
 Dinómenes, 50, 76
 Dínon, 50
 Diodoro, 85
 Dionísio, 85
 Eécion, 50
 Epígono, 88
 Escopas, 49, 90
 Esquimno, 85
 Esténis, 51, 90
 Estípax, 81
 Estratonico, 84, 85, 90
 Estrongílion, 82
 Eubúlides, 88
 Eubulo, 88
 Eufóron, 85
 Eufranor, 50, 77
 Êufron, 51
 Eunico, 85
 Eupompo, 61
 Euquir, 91
 Eutícrates, 51, 66, 83
 Eutíquides, 51, 78
 Fanes, 80
 Fídias, 49, 53, 54, 56, 72, 87
 Fílon, 91
 Frádmon, 49, 53
 Frínon, 50
 Gláucides, 91
 Górgias, 49
 Hagelades, 49, 55, 57
 Hagesias, 78
 Hecateu, 85
 Hégeas, 49, 78
 Heliodoro, 91
 Hicano, 91
 Hipatodoro, 50
 Iofonte, 91
 Íon, 51
 Isidoto, 78
 Isígono, 84
 Laipo, 51, 66
 Leócares, 50, 79
 Leonte, 91
 Lésbocles, 85
 Lício, 50, 79
 Licisco, 79
 Lisipo, 37, 40, 41, 51, 61-67, 80
 Lisístrato, 51
 Líson, 91
 Menecmo, 80
 Menodoro, 91
 Menógenes, 88
 Míagro, 91
 Mícon, 88

Míron, 10, 49, 50, 57-59, 68, 79
 Naucero, 80
 Náucides, 50, 80
 Nesiotes, 49
 Nicérato, 80, 88
 Pátrocles, 50, 91
 Pátroclo, 50
 Perelo, 49
 Periclímene, 91
 Perilo, 89
 Pirômaco, 51, 80, 84
 Pirro, 80
 Píston, 89
 Pitágoras, 49, 59, 60, 68
 Pítias, 52
 Pítocles, 52
 Pitócrito, 91
 Pitódico, 85
 Pólicles, 50, 52, 80
 Policleto, 10, 49, 50, 53, 55, 56, 58, 68, 72
 Polícrates, 91
 Polignoto, 85
 Poliido, 91
 Pólis, 91
 Posidônio, 91

Livro XXXV

Abrônio, 141, 146
 Aécion, 50, 78
 Aglaofonte, 60
 Alcímaco, 139
 Anaxandro, 146
 Andróbio, 139
 Androcides, 64
 Antídoto, 130
 Antífilo, 114, 138
 Antórides, 111
 Apeles, 50, 75, 76, 79-97, 107, 111, 118, 123, 140, 145
 Apolodoro, 60, 61
 Arcésilas, 146
 Arcesilau, 155, 156
 Arélio, 119
 Arídice, 16
 Aristárete, 147
 Aristides, 24, 75, 98-100, 108, 110, 111, 122
 Aristobulo, 146
 Aristocides, 146
 Aristoclides, 138
 Aristofonte, 138
 Aristolau, 137
 Aríston, 110, 111
 Aristônidas, 146
 Ártemon, 139
 Asclepiodoro, 80, 107
 Atênion, 134
 Átio Prisco, 120
 Autobulo, 148
 Briete, 123

Praxíteles, 50, 69-71
 Proodoro, 85
 Protógenes, 91
 Silânion, 51, 81, 82
 Simeno, 91
 Símon, 90
 Sófocles, 51
 Sóstrato, 51, 60
 Teléfanos, 68
 Teodoro, 83
 Teomnesto, 91
 Terímaco, 50
 Timarco, 51
 Timárquides, 91
 Timócares, 148
 Tímocles, 51
 Tímon, 91
 Timóteo, 91
 Tísias, 91
 Tisícrates, 67, 83, 89
 Tráson, 91
 Xenocrates, 83
 Zenodoro, 45-47
 Zexíades, 51

Bularco, 55
 Butades, 151, 152
 Calates, 114
 Calcóstenes, 155
 Cálicles, 114
 Cármadas, 56
 Carmântides, 146
 Cefisodoro, 60
 Ceno, 139
 Cídias, 130
 Címon, 56
 Cleantes, 16
 Cleon, 140
 Colotes, 55
 Corebo, 146
 Cornélio Pino, 120
 Cratino, 140, 147
 Ctésicles, 140
 Ctesidemo, 114, 140
 Ctesíloco, 150
 Damófilo, 154
 Demófilo, 61
 Diceógenes, 146
 Dínias, 56
 Dionísio, 113, 125, 148
 Dionisodoro, 146
 Díopo, 152
 Doroteu, 91
 Ecfanto, 16
 Eginetas, 145
 Elasipo, 122
 Ênias, 143

- Erígono, 145
 Ériilo, 60
 Espúrio Tádio, 116
 Estádio, 146
 Eudoro, 141
 Eufranor, 111, 128-130, 146
 Eugramo, 152
 Êumaro, 56
 Eupompo, 64, 75
 Euquir, 152
 Eutímides, 146
 Eutíquides, 141
 Euxínidas, 75
 Evenor, 60
 Fábio Pictor, 19
 Falérion, 143
 Fâmulo, 120
 Fídias, 54, 55, 57
 Filisco, 143
 Filócares, 28
 Fílocles, 16
 Filóxeno, 110
 Gláucio, 134
 Górgaso, 154
 Heraclides, 135, 146
 Higienon, 56
 Hípis, 141
 Iaia, 147, 148
 Irene, 147
 Léon, 141
 Leontisco, 141
 Lisipo, 153
 Lisístrato, 153
 Marco Pláucio, 115
 Melântio, 50, 76, 80
 Metrodoro, 135
 Mícon, 42, 59
 Mílon, 146
 Mnasilau, 122
 Mnasíteo, 146
 Mnasítimo, 146
 Nealces, 104, 142, 145, 146
 Nearco, 141, 147
 Néocles, 146
 Neseu, 61
 Nesso, 146
 Nicanor, 122
 Níceros, 111
 Nícias, 27, 130-134
 Nicófanos, 111, 137
 Nicômaco, 50, 108-109, 145, 146
 Nicóstenes, 146
 Olímpia, 148
 Pacúvio, 19
 Paneno, 54-58, 177
 Pânfilo, 75-77, 122
 Parrásio, 60, 64, 65, 67-72, 129
 Pásias, 145
 Pasíteles, 156
 Páusias, 123-127, 128, 137
 Piraico, 112
 Perseu, 111
 Pirômaco, 146
 Pólemon, 146
 Polignoto, 42, 58, 59, 122, 123
 Póssis, 155
 Praxíteles, 122, 123
 Protógenes, 80, 81-83, 88, 101-106, 118
 Quinto Pédio, 21
 Roeco, 152
 Serapião, 113
 Simo, 143
 Simônides, 143
 Sócrates, 137
 Sópolis, 148
 Taurisco, 144
 Teão, 144
 Teléfanos, 16
 Teodoro, 146, 152
 Teomnesto, 107
 Teoro, 144
 Terímaco, 78
 Timágoras, 58
 Timantes, 64, 72-74
 Timárete, 59, 147
 Timômaco, 136, 145
 Titédio Labeão, 20
 Turpílio, 20
 Vulca, 157
 Xénon, 146
 Zêuxis, 61-66, 111

Livro XXXVI

- Afrodísio, 38
 Agesandro, 37
 Agorácrito, 17
 Alcâmenes, 16, 17
 Anfistrato, 36
 Apolônio, 34
 Arcésilas, 33
 Arcesilau, 33, 41
 Arquerino, 11, 12
 Ártemon, 38
 Atenis, 11-13
 Atenodoro, 37
 Batraco, 42
 Briáxis, 22, 30-31
 Búpalo, 11-13
 Cálamis, 36
 Calícrates, 43
 Cânaco, 42
 Cefisódoto, 24
 Cleómenes, 33

Copônio, 41
Crátero, 38
Dedalsas, 35
Dercílidas, 36
Diógenes, 38
Dionísio, 35
Dipeno, 9-11, 14
Escflís, 9-11
Escopas, 22, 25-26, 28, 30-31, 95
Estéfano, 33
Eutíquides, 34
Fídias, 15-16, 18-19
Filisco, 34, 35
Heliodoro, 35
Heníoco, 33
Hermolau, 38
Leócares, 30-31
Lísias, 36
Melas, 11
Menétrato, 32
Miciádes, 11
Mirmécides, 42
Míron, 32
Pápilo, 33
Pasíteles, 39-40
Pítis, 31
Pitodoro, 38
Policarmo, 35
Pólicles, 35
Pólicles, 35
Polideuces, 38
Polidoro, 37
Praxíteles, 20-24, 26, 28, 34, 35
Quérsifron, 95-97
Reco, 90
Sauras, 42
Sócrates, 32
Soso, 184
Sótrato, 83
Taurisco, 33, 34
Teodoro, 90
Timárquides, 35
Timárquides, 35
Timóteo, 30-31
Valério Ostiense, 102
Zmílís, 90

ÍNDICE DE TERMOS REFERENTES A OBRAS, TEMPLOS, LOCAIS E CONSTRUÇÕES RELEVANTES

Livro XXXIV

Alexandre Páris, 77
 Alexandre, o Grande, 63, 64, 66, 75, 78
 Amazona, 48, 53, 54, 75, 82
 Apolo Delfico, 14
 Apolo diademado, 79
 Apolo etrusco, 43
 Apolo Filésio, 75
 Apolo Palatino, 14
 Apolo Píio, 26
 Apolo, 39, 58, 59, 68, 70, 73, 77
 Aquileia (estátuas), 18
 Aquiles, 82
 Argonautas, 79
 Assembleia, 21, 26
 Atleta, 78, 82, 87, 88, 91
 Bigas, 71, 72, 78, 86, 89
 Bom Êxito, 77
 Campo de Marte, 40
 Capitólio, 22, 29, 39, 40, 43, 44, 77
 Casa Áurea, 84
 Castor, 78
 Ceres, 15, 90
 Circo Flamínio, 13
 Circo Máximo, 57
 Diana, 77
 Discóbolo, 57, 80
 Embriaguez, 69
 Esculápio, 73, 80
 Fórum Boário, 10, 33
 Fórum de César, 18
 Grécia, 78
 Helena, 77
 Hércules, 33, 40, 56, 57, 66, 78, 93, 141
 Jano, 33
 Juno, 38, 73
 Júpiter Lacial, 43
 Júpiter Olímpio, 49, 54, 87
 Júpiter Tonante, 79
 Júpiter, 10, 40, 43, 90
 Latona, 77
 Marte, 89
 Mercúrio, 45, 55, 80, 87, 89
 Minerva, 54, 57, 74, 76, 77, 78, 80, 90
 Octávia (prédios), 31
 Pai Líbero, 69, 87
 Panteão, 13
 Pólux, 78
 Pompeu, (teatro) 40, (Templo de Pompeu Magno) 57
 Porta Trigêmea, 21
 Pórtico de Metelo, 31
 Pórtico de Octávio, 13

Quadriga, 63, 64, 67, 71, 72, 78, 80, 83, 88
 Rosto, 20, 22, 23, 24, 93
 Sacrificador/Sacrificante/Sacrifício, 78, 80, 88, 90, 91
 Sol, 41, 45, 63
 Templo da Concórdia, 73, 77, 80, 89, 90
 Templo da Felicidade, 69
 Templo da Fortuna do Dia, 54, 60
 Templo da Paz, 84
 Templo da Terra, 30
 Templo das Camenas, 19
 Templo de Apolo Palatino, 14
 Templo de Augusto, 43
 Templo de Diana em Éfeso, 53
 Templo de Júpiter Estator, 29
 Templo de Júpiter Salvador, 74
 Templo de Júpiter Tonante no Capitólio, 10, 78
 Templo de Marte Vingador, 48, 141
 Templo dos Castores, 23
 Termas de Agripa, 62
 Tiranicidas, 17, 70, 86
 Virtude, 78

Livro XXXV

Ânfora, 161, 162
 Antropógrafo, 113
 Apógrafo, 125
 Apolo, 109
 Biblioteca, 9, 10
 Capitólio, 14, 22, 69, 100, 108, 157
Catagrapha, 56
 Cerâmica, 66, 151, 155, 159-165
 Cerâmico, 155
 Circo Máximo, 154
 Clípeo, 4, 12-14
 Cúria, 22, 27, 59, 131
 Diana, 96, 109, 147
Ectypa, 152
 Encáustica, 27, 49, 122, 123, 125, 149
 Fastígio, 152, 154, 157, 158
 Felicidade, 156
 Fórum Boário, 19
 Fórum de Augusto, 94
 Fórum de César, 156
 Hércules, 63, 69, 71, 94, 139, 141, 157
 Júpiter, 63, 140, 157
 Linear, 16
 Mãe dos Deuses (Cibele), 109, 165
 Monocromático, 15, 29, 56, 64
pentadoron, 171
 Pinacoteca, 4, 148
 Plástica, 151

Poecile, cf. Pórtico de Atenas
 Pórtico de Atenas, 59
 Pórtico de Octávia, 114
 Pórtico de Pompeia, 126, 132
 Pórtico de Pompeu, 59
 Pórticos de Filipo, 66, 114, 144
 Proplasma, 155
Prostypa, 152
Rhyparographus, 112
 Templo Capitolino, 14
 Templo da Boa-Fé, 100
 Templo da Concórdia, 66, 131, 144
 Templo da Paz, 74, 102, 109
 Templo da Saúde, 19
 Templo de Apolo em Delfos, 138
 Templo de Apolo, 99
 Templo de Augusto, 28, 131
 Templo de Ceres, 24, 99, 154
 Templo de César, 27, 91
 Templo de Diana, 92, 94
 Templo de Hércules, 19, 172
 Templo de Juno Lacínia, 64
 Templo de Juno, 64, 115
 Templo de Júpiter, 172
 Templo de Minerva, 101, 108
 Templo de Vênus Genetriz, 26, 136
 Templos da Honra e da Virtude, 120
 Termas de Agripa, 26
Tetradoron, 171
 Tipo, 63

Livro XXXVI

Abóbadas, 86, 189
 Apolo, 10, 23, 25, 34, 35, 36, 98
 Aqueduto, 121-123
 Aquiles, 26, 29
 Arco Palatino, 36
 Base de coluna, 42, 95, 179
 Canéfora, 25
 Capiteis, 96, 178-179
 Capitólio, 23
 Casa Áurea, 111, 113
 Circo Flamínio, 26
 Circo Máximo, 71, 102, 162
 Cloaca, 6, 104-108
 Coluna, 5, 6, 7, 30, 45, 48, 49, 56, 59, 60, 86, 88, 90, 95, 121, 178-179
 Diana, 10, 11, 13, 24, 32, 34, 36
 Diribitório, 102
 Esfinge, 77

Fórum, 69, 102, 103
 Frontão, 6, 13, 38
 Hércules, 10, 32, 39
 Jano, 28
 Jardins Servilianos, 23, 25, 36
 Júpiter, 18, 33, 35, 40, 98
 Labirinto de Creta, 85
 Labirinto de Lemnos, 86, 90
 Labirinto egípcio, 84, 86-89
 Labirinto italiano, 86, 91-93
 Laocoonte, 37
 Litostroto, 185, 189
 Mausoléu, 30
 Minerva, 10, 18, 22, 177
 Monumentos de Asínio Polião, 23, 24, 25, 33
 Mosaico, 184, 185
 Netuno, 23, 26
 Obelisco, 64-74
 Octávia, (prédios) 15, (“galerias”) 22, 29, (Pórtico) 24, 34, 35, 42, (cúria) 28
 Pai Líbero, 22, 29, 34
 Palácio, (Imperial) 38, (de Mausolo) 47
 Panteão, 38
 Pirâmide, 31, 75-82, 87, 91-93
 Piso, 184-189
 Ponte Sublícia, 100
 Pórtico às Nações, 39
 Pteroma, 30, 31, 88
 Quadriga, 31, 36, 43
 Teatro de Curião, 116, 117-120
 Teatro de Escauro, 5, 50, 113-115, 116, 189
 Teatro de Pompeu, 41, 115
 Templo da Concórdia, 196
 Templo da deusa Felicidade, 39
 Templo da Fortuna, 163, 189
 Templo da Paz, 27, 58, 102
 Templo da Paz, 27, 58, 102
 Templo de Apolo Palatino, 13, 24, 25, 32
 Templo de Apolo Sosiano, 28
 Templo de Apolo, 34-35
 Templo de Cibele, 17
 Templo de Diana, 32, 95, 179
 Templo de Jano, 28
 Templo de Juno, 24, 35, 42, 43
 Templo de Júpiter Tonante no Capitólio, 45, 50
 Templo de Júpiter, 35, 42, 43, 185
 Templo de Marte, 26
 Templo de Minerva, 177
 Templo de Netuno, 26
 Templo de Serápis, 58
 Termas, 121, 123, 189